

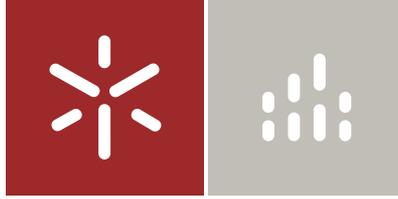


Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Sara Filipa Ramos Martins

O Castelo de Portuzelo:  
Análise interpretativa de uma construção  
romântica





Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Sara Filipa Ramos Martins

O Castelo de Portuzelo:  
Análise interpretativa de uma construção  
romântica

Dissertação de Mestrado  
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao  
Grau de Mestre em Arquitectura  
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Professor Doutor João Paulo Cabeleira Marques Coelho

## Declaração

Nome: Sara Filipa Ramos Martins

Endereço eletrónico: sara13filipa@hotmail.com

Telefone: 965211434

Número do Bilhete de Identidade: 14925613

Título da dissertação: O Castelo de Portuzelo:

Análise interpretativa de uma construção romântica

Orientador: Professor Doutor Paulo Cabeleira Marques Coelho

Ano de conclusão: 2019

Designação do Mestrado: Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura

Área de Especialização: Cultura Arquitetónica

Escola: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura Sara Martins

## **Agradecimentos**

Aos meus pais e irmã, por todo o apoio.

Ao Professor João Paulo Cabeleira,  
pela disponibilidade e orientação.

À minha família e amigos,  
principalmente à Sofia Ramos, Marisa Ramos,

Rita Braz e João Queirós  
por toda a ajuda.

À D. Ana e ao Sr. Manuel  
por toda a simpatia e confiança.



## Resumo

O objeto de estudo da presente dissertação é o Castelo de Portuzelo, trata-se de uma residência rural de uma família da alta sociedade de Viana do Castelo. A propriedade em que este se implanta passou por várias transformações desde o século XIII até aos dias de hoje, considerando-se esse mesmo arco cronológico para o reconhecimento do objeto.

Incidindo o trabalho sobre uma obra arquitetónica do século XIX, visa-se aqui reconhecer a importância arquitetónica do Castelo de Portuzelo, bem como no contexto cultural da sua formalização, enquadrando-o no panorama da produção romântica não só em Portugal, mas também na Europa.

A partir da pesquisa de informação documental e com a realização do levantamento métrico e fotográfico permite formar uma narrativa sobre o objeto de estudo. Assim sendo, pretende-se interpretar o material construído e identificar o papel do Castelo de Portuzelo no período em que se inseriu.

Em seguida será investigada a viagem de António Pereira da Cunha, autor do desenho da sua residência que, segundo várias fontes, serviu como um meio de contacto, assimilação e transferência de novos referentes culturais, podendo assim relacionar com elementos e formas arquitetónicas análogas existentes noutros contextos, identificando possíveis modelos que interferiram na concretização do projeto de arquitetura ao nível da conformação imagética.

Por fim, considerando a história e valor arquitetónico do Castelo de Portuzelo, pretende-se que este documento reclame o lugar deste objeto entre os bens patrimoniais de uma época ainda pouco explorada pela historiografia e pouco reclamada ao nível do legado patrimonial.

Palavras-chave: Espírito da época, Romantismo, Viagem, Modelos, Residências Acasteladas



## Abstract

The object of study of this dissertation is the Castle of Portuzelo, it is a rural residence of a high society family of Viana do Castelo. The property in which it is implanted has undergone several transformations since the thirteenth century until the present day, considering the same chronological arc for the recognition of the object.

Focusing the research on a 19th century architectural building, it aims to recognize the architectural importance of the Castle of Portuzelo, as well as the cultural context of its formalization, integrating it in the panorama of the romantic production not only in Portugal but also in Europe.

From the research and analyzing of the documentary information and with the accomplishment of the metric and photographic survey, it was possible to form a narrative about the object of study. Thus, it is intended to interpret the constructed material and to identify the role of the Castle of Portuzelo in the period in which it was included.

Then, the trip made by António Pereira da Cunha will be investigated, author of the design of his residence that, according to various sources, served as a means of contact, assimilation and transfer of new cultural references, therefore being able to relate with similar architectural elements and forms in other contexts, identifying possible models that interfered in the concretization of the architecture project at the level of the conformation of the image.

Finally, considering the history and architectural value of the Castle of Portuzelo, it is intended that this document reclaims the place of this object among the patrimonial assets of an era still barely explored by the historiography and hardly recognize at the level of the patrimonial legacy.

Keywords: Spirit of the Ages, Romanticism, Travel, Models, Seasonal Homes



## Índice

Agradecimentos	p.iii
Resumo	p.v
Abstract	p.vii
Índice de Figuras	p.xii
<b>INTRODUÇÃO</b>	
Identificação	p.25
Objetivos	p.29
Metodologia e estrutura	p.31
Recursos e material	p.35
<b>PREÂMBULO</b>	
O Espírito Romântico	p.43
As Transformações do século XIX	p.47
O Homem Romântico	p.53
<b>CAPÍTULO I   Portozello</b>	
O Lugar de Portuzelo	p.63
Os Proprietários	p.65
A Viagem, no encalce de um percurso possível	p.71
A Viagens no Romantismo	p.75
<b>CAPÍTULO II   Castelo de Portuzelo</b>	
O Romantismo da Paisagem	p.85
O Estado atual do Palacete	p.99
Palácio de António Pereira da Cunha   Análise	p.115
O Castelo de Portuzelo	p.117



A Casa-torre de Portuzelo	p.127
Contexto	p.127
Análise	p.131
Comparação	p.139
Harmonia Espacial	p.145
<b>CAPÍTULO III   O Espírito Romântico</b>	
Influências Arquitetura Militar Medieval	p.153
Influências Internacionais	p.161
Alemanha e Áustria	p.161
Itália   Veneza	p.169
Influências Nacionais	p.173
Sintra   Palácio Nacional da Pena	p.173
Viana do Castelo   Casas Senhoriais	p.181
Santa Marta de Portuzelo   Quinta da Estrela e da Boavista	p.187
Edifícios Acastelados Revivalistas em Portugal	p.189
<b>NOTAS FINAIS   CONCLUSÃO</b>	
Considerações finais	p.201
Referências Bibliográficas	p.205
Anexos	p.209



### INTRODUÇÃO

Fig. 1. Fotografia da janela em forma de cruz.

Fig.2. Planta de localização do caso de estudo no território de Viana do Castelo.

Fig.3. Postal com vista do Castelo de Portuzelo; Fonte:

Fonte:[https://www.delcampe.net/en\\_GB/collectables/?fbclid=IwAR21MTTqZpPheeXglEfGvZb3ZHpdB\\_UugTpDAuvI53PADwqBO8DxcTQSUVY](https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/?fbclid=IwAR21MTTqZpPheeXglEfGvZb3ZHpdB_UugTpDAuvI53PADwqBO8DxcTQSUVY)

Fig.4. Esquema com a metodologia utilizada para a realização da presente dissertação.

Fig.5. Montagem de alguns documentos que foram os recursos para a presente dissertação; Fontes: Realizada pelo autor do trabalho mas com informação dos seguintes documentos, SORDO, Albano, “Nacos do Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo”, c.1990; “Processo Castelo Souto da Silva”, processo arquivado na Câmara de Viana do Castelo, peças desenhadas e fotografias, 1990.

Fig. 6. Fotografia do pátio de entrada captada da passagem abobadada existente na propriedade do Castelo de Portuzelo.

### PREÂMBULO

Fig.7. Pintura que retrata o Castelo de Portuzelo, realizada por João Cristiano da Silva, “Paisagem Fluvial com casa e figuras a cavalo”, 1877, óleo sobre madeira, dim. 37x48 cm.

Fig.8. Mapa com representação das transferências de personalidades e de conhecimento entre Portugal e a Europa.

Fig.9. Cronologia com os acontecimentos que ocorreram na época a ser estudada nesta dissertação, identificando o contexto histórico relacionado com o contexto artístico; Fontes: Realizada pelo autor do trabalho mas com informação dos seguintes documentos, Marques, A. H. de O. (1972). História de Portugal: desde os tempos mais antigos até ao governo de Sr. Marcelo Caetano. (Agora, Ed.). Lisboa; Pereira, Paulo, História da arte Portuguesa, Vol.8, Círculo de Leitores, pág. 179-191.

Fig.10. Palácio da Pena, Sintra, 1840-1847 (romantismo com conhecimento)

Fig.11. Palácio de Monserrate, Sintra, inícios de 1863 (romantismo com conhecimento)

Fig.12. Quinta da Regaleira, Sintra, 1904-1912 (romantismo tardio)

Fig.13. Fotografia da Janela da torre inserida no muro exterior da propriedade do Castelo de Portuzelo.

### CAPÍTULO I | Portozello

Fig.14. Planta dos lugares que constituem a Freguesia de Santa Marta de Portuzelo e perfil fotográfico da freguesia

Fig.15. Retrato de António Pereira da Cunha, autor do desenho do palácio; Fonte: ABREU, Alberto Antunes de, Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo, 2017, pág. 169, pintura a óleo na Casa Grande de Paredes de Coura.

Fig.16. Retrato de Sebastião Pereira da Cunha; Fonte: ABREU, Alberto Antunes de, Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo, 2017, pág. 170, pintura a óleo na Casa Grande de Paredes de Coura.

Fig.17. Exposição evocativa de el-rei D. Miguel I: retrato de grupo. D.Miguel I, sentado, tendo à volta um grupo de legitimistas. Vêm-se as seguintes individualidades, da esquerda para a direita: João de Lemos Seixas Castelo Branco; Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho; Conde de Avintes; Conde de Bobadela; Marquês de Abrantes; José Izidoro Mousinho; Francisco de Lemos; António Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu; António Pereira da Cunha; Conde de São Martinho e António Pinto

Saraiva. Londres, 1862; Fonte: [www.gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/297368/](http://www.gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/297368/)

Fig.18. Árvore genológica dos proprietários do lugar onde se localiza o Castelo de Portuzelo; da autoria do autor do trabalho a partir de Albano Sordo, no texto O castelo de Portuzelo, datado de 1974.

Fig.19. Mapa especulativo da rota da viagem de António Pereira da Cunha

Fig.20. Esquema especulativo das paragens, quilómetros e tempo de viagem

Fig.21. Mapa com rota que se realizava no Grand Tour

Fig.22. Pintura da autoria de Johann Heinrich Wilhelm Tischbein, "Goethe na paisagem romana", pintura a óleo sobre tela, 1787; Fonte: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/1156-grand-tour-ed-especial-viagens-fev2017?showall=1>

Fig.23. Pintura da autoria de Augustus Leopold Egg, "The Travelling Companions", pintura a óleo sobre tela, datada de 1862; Fonte: <https://www.bmagprints.org.uk/image/407332/augustus-leopold-egg-the-travelling-companions>

Fig.24. Fotografia de uma abertura de uma guarita

## **CAPÍTULO II | Castelo de Portuzelo**

Fig.25. Fotografias aéreas da propriedade em estudo. Fotografias da autoria de Paulo Mainha.

Fig.26. Localização das fotografias do percurso de acesso à propriedade.

Fig.27. Fotografias aéreas da propriedade em estudo. Fotografias de autoria de Paulo Mainha.

Fig.28. Localização dos muros e elementos singulares representados nos alçados seguintes.

Fig.29. Alçados dos muros que acompanham o percurso de entrada na propriedade.

Fig.30. Alçados dos muros que acompanham o percurso de entrada na propriedade.

Fig.31. Corte da Passagem Abobadada

Fig.32. Esquemas tridimensionais da passagem abobadada

Fig.33. Planta da Passagem Abobadada

Fig.34. Ortofotomapa da localização da propriedade em estudo

Fig.35. Planta de Implantação

Fig.36. Planta Piso 0

Fig.37. Alçado AA'

Fig.38. Planta Piso 1

Fig.39. Alçado BB'

Fig.40. Planta Piso 2

Fig.41. Alçado CC'

Fig.42. Planta Piso 3

Fig.43. Alçado DD'

Fig.44. Fotomontagem Alçado AA'

Fig.45. Fotomontagem Alçado BB'

Fig.46. Fotomontagem Alçado CC'

Fig.47. Fotomontagem Alçado DD'

Fig.48. Corte EE'

Fig.49. Fotomontagem Corte EE'

Fig.50. Corte FF'

Fig.51. Fotomontagem Corte FF'

Fig.52. Planta e Perfil com localização de elementos que pertenciam do Convento do Carmo

Fig.53. Fotografia do Castelo de Portuzelo antes da reabilitação; Fonte:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.54. Fotografia da praça alta antes da reabilitação; Fonte:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.55. Fotografia do pátio de entrada antes da reabilitação; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.56. Fotografia do portão de entrada antes da reabilitação; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.57. Fotografia da fachada antes da reabilitação; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.58. Fotografia do pátio de entrada antes da reabilitação; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2254)

Fig.59. Fotografia de cachorros de pedra com vigas de madeira

Fig.60. Fotografia anterior à intervenção de 1990 onde é evidente as paredes rebocadas; Fonte: Processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles

Figura 61. Fotografia da fachada principal do Castelo de Portuzelo onde é observável a pintura de um aparelho fingido; Fonte: Processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles

Fig.62. Fotografia das caixilharias originais; Fonte: Processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles

Fig.63. Planta Piso 0; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.64. Alçado AA'; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.65. Planta Piso 1; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.66. Alçado BB'; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.67. Planta Piso 2; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.68. Alçado CC'; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.69. Planta Piso 3; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.70. Alçado DD'; Fonte: realizada pelo autor do trabalho, a partir dos desenhos do processo no arquivo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, desenho datado de 1990, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.71. Planta de Localização das fotografias seguintes; Fonte das Fotografias: Processo em arquivo na Câmara Municipal de Viana do Castelo, datado de 1990. Autoria: Arquiteto Fernando Meireles.

Fig.72. Evolução demográfica da cidade Viana do castelo.

Fig.73. Torre de Menagem (Fase1)

Fig.74. Planta Piso 0

Fig.75. Corte AA'

Fig.76. Planta Piso 1  
Fig.77. Corte BB'  
Fig.78. Fotografias demonstrativa da estrutura autónoma da torra.  
Fig.79. Planta piso 0 | 1:100  
Fig.79. Alçado CC'  
Fig.80. Alçado DD'  
Fig.81. Alçado EE'  
Fig.82. Alçado FF'  
Fig.83. Fotografia da Torre de Malheiros/Refóios; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6215](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6215)  
Fig.84. Fotografia do Paço da Giela; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3605](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3605)  
Fig.85. Fotografia da Torre de Grade/Faro; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4098](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4098)  
Fig.87. Esquema comparativo | 1:200  
Fig.88. Planta do Castelo de Portuzelo com a sobreposição de vários esquemas geométricos  
Fig.89. Planta da propriedade em estudo com estudo de alinhamentos visuais  
Fig.90. Fotografia da vista da janela do último piso da torre central do Castelo de Portuzelo

### **CAPÍTULO III | O Espírito Romântico**

Fig.91. Localização dos elementos com influência da arquitetura militar  
Fig.92. Elementos com influência da arquitetura militar medieval  
Fig.93. Elementos com influência da arquitetura militar medieval  
Fig.94. Elementos com influência da arquitetura militar medieval  
Fig.95. Mapa com a localização dos possíveis modelos germânicos  
Fig.96. Castelo de Neuschwanstein, construído entre 1869 e 1886; Fonte:  
<https://www.escolhaviajar.com/como-visitar-o-castelo-de-neuschwanstein/>  
Fig.97. Palácio de Rosenau, remodelado entre 1808 e 1817; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio\\_Rosenau#/media/File:Schloss\\_Rosenau\\_2009.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_Rosenau#/media/File:Schloss_Rosenau_2009.jpg)  
Fig.98. Castelo de Callenberg, reformulação concluída em 1831; Fonte: <https://www.schloss-callenberg.com>  
Fig.99. Castelo de Reinhardsbrunn, reformulado em 1827; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Schloss\\_Reinhardsbrunn#/media/File:Schloss\\_Reinhardsbrunn.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Schloss_Reinhardsbrunn#/media/File:Schloss_Reinhardsbrunn.JPG)  
G  
Fig.100. Castelo de Hohenschwangau, construído de 1833 a 1837; Fonte:  
<https://www.archdaily.com.br/br/882143/classicos-da-arquitetura-castelo-neuschwanstein-eduard-riedel>  
Fig.101. Castelo de Lichtenstein, construído entre 1838 e 1842; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Schloss\\_Lichtenstein\\_04-2010.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Schloss_Lichtenstein_04-2010.jpg)  
Fig.102. Castelo de Wartburg, reformulado entre 1838 e 1890; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Wartburg#/media/File:Wartburg2004.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Wartburg#/media/File:Wartburg2004.JPG)  
Fig.103. Castelo de Seebenstein, remodelado em 1823; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Seebenstein#/media/File:Burg\\_Seebenstein\\_2.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Seebenstein#/media/File:Burg_Seebenstein_2.JPG)  
Fig.104. Gravura do Palácio de Rosenau, 1850; Autor: desconhecido; Fonte:  
<https://www.amazon.co.uk/ThePrintsCollector-Antique-Print-Rosenau-Veste-Coburg-Castle-Germany-Meyer-1850/dp/B00DMFLT8M>  
Fig.105. Gravura do Palácio de Rosenau, 1820; Autor: Traugott Faber, aguarela, 32,9 x 47,2cm; Fonte: Weschenfelder, Klaus,(2012), Victoria e Albert, Prince Albert: early encounters with art and collecting, publicado por Royal Collection Trust, [www.royalcollection.org.uk](http://www.royalcollection.org.uk)

Fig.106. Gravura do Castelo de Reinhardsbrunn, c.1830; Autor: Attr. Sebastian Eckardt, plano para a entrada do palácio, pintura a óleo, 25,7 x 40,7cm; Fonte: Weschenfelder, Klaus,(2012), Victoria e Albert, Prince Albert: early encounters with art anda collecting, publicado por Royal Collection Trust, [www.royalcollection.org.uk](http://www.royalcollection.org.uk)

Fig.107. Gravura do Castelo de Hohenschwangau, c. 1850; Autor: desconhecido; Fonte: <https://sigedon.com/shop/maps-and-prints/vedutas/ca-1850-original-steel-engraving-hohenschwangau-castle-germany-veduta/>

Fig.108. Gravura do Castelo de Wartburg, 1836; Autor: desconhecido; Fonte: <https://sigedon.com/shop/maps-and-prints/vedutas/1837-original-steel-engraving-wartburg-thuringen-meyers-universum-print/>

Fig.109. Gravura do Castelo de Seebenstein, 1810/14; Autor: Anton Köpp Edler v. Felsenthal; Fonte: <https://www.gedaechtnisdeslandes.at/orte/action/show/controller/Ort/ort/seebenstein.html>

Fig.110. Fotomontagem do alçado do Castelo de Portuzelo com elementos arquitetónicos dos palácios da Baviera.

Fig.111. Desenho da autoria de John Ruskin, no seu livro, “As pedras de Veneza”. Fonte: <http://www.arquiscopio.com/pensamiento/ideas-sobre-rehabilitacion-arquitectonica/?lang=fr>

Fig.112. Fotografia do Vão do edifício Ca’ Sagredo; Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paolo\\_Monti\\_Servizio\\_fotografico\\_\(Venezia,\\_1968\)\\_-\\_BEIC\\_6353638.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paolo_Monti_Servizio_fotografico_(Venezia,_1968)_-_BEIC_6353638.jpg)

Fig.113. Desenho do Vão do Castelo de Portuzelo

Fig.114. Fotomontagem do alçado do Castelo de Portuzelo com o desenho de John Ruskin.

Fig.115. Desenho do Convento da Nossa Senhora da Penha antes de ser o Palácio da Pena; Fonte: Carneiro, J. M. M., & Gama, L. F. M. da. (1992). Palácio Nacional da Pena, Roteiro. Lisboa – Mafra, pág.9

Fig.116. Esboço do arco de entrada; Fonte: Carneiro, J. M. M., & Gama, L. F. M. da. (1992). Palácio Nacional da Pena, Roteiro. Lisboa – Mafra, pág.19

Fig.117. Esboço do conjunto do Palácio da Pena; Fonte: Carneiro, J. M. M., & Gama, L. F. M. da. (1992). Palácio Nacional da Pena, Roteiro. Lisboa – Mafra, pág.21

Fig.118. Esboço de uma fachada do Palácio da Pena; Fonte: Carneiro, J. M. M., & Gama, L. F. M. da. (1992). Palácio Nacional da Pena, Roteiro. Lisboa – Mafra, pág.21

Fig.119. Vista do Palácio da Pena

Fig.120. Fotomontagem do alçado do Castelo de Portuzelo com elementos arquitetónicos do Palácio da Pena

Fig.121. Localização das Casas Senhoriais de Viana do Castelo

Fig.122. Fotografia da Casa Werneck

Fig.123. Fotografias da Casa dos Agorretas

Fig.124. Fotomontagem do alçado do Castelo de Portuzelo com vãos pertencentes a casas senhoriais de Viana do castelo.

Fig.125. Quinta da Boavista; Fonte: Abreu, A. A. (2017). Santa Marta de Portuzelo. Viana do Castelo, pág. 87

Fig.126. Quinta da Estrela

Fig.127. Localização de edifícios acastelados e revivalistas nacionais

Fig.128. Casa acastelada dos Oliveira Maya; Fonte: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, Domingos de Oliveira Maya percurso de um riscador amador ou da responsabilidade técnica no Porto de meados de Oitocentos \*, 1948, pág. 321-330

Fig.129. Palácio de santa Gertrudes; Fonte: Cocheiras José Maria Eugénio / Casa de Santa Gertrudes; [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=24255](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24255)

Fig.130. Castelinho do visconde de Juromenha; Fonte:  
<https://geneall.net/pt/titulo/650/viscondes-de-juromenha/>

Fig.131. Quinta da Torrinha; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=30919](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30919)

Fig.132. Casa do castelo de Sistelo; Fonte:

Fig.133. Castelo Engenheiro Silva; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273)

Fig.134. Castelo de Alvega; Fonte: <http://www.mediotejo.net/retrato-das-freguesias-alvega-e-concavada/>

Fig.135. Palácio do Conde de Azarujinha; Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio\\_do\\_Conde\\_de\\_Azarujinha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_do_Conde_de_Azarujinha)

Fig.136. Torre da Marquesa; Fonte:  
[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2023](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2023)

Fig.137. Castelo da Boa Vista; Fonte: <http://blogdealbergaria.blogspot.com/2014/06/o-castelo-e-palacete-da-boa-vista-o.html>

Fig.138. Palacete Barros; Fonte: <http://portugalidade.blogspot.com/2013/01/fortes-e-fortalezas-de-cascais.html>

Fig.139. Palacete O'Neil; Fonte:  
[http://www.monumentos.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=6066](http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6066)

Fig.140. Palácio Foz /Quinta do Marquês; Fonte:  
<http://castelosemportugal.blogspot.com/2012/02/quinta-do-marques.html>

Fig.141. Castelo dos Trigueiros; Fonte:  
<https://heraldicagenealogia.blogspot.com/2012/06/castelo-dos-trigueiros-1908-fundao.html>

Fig.142. Castelo D. Chica/ Castelo de Palmeira; Fonte:  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=766](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=766)

Fig.143. Casa acastelada da Peninha; Fonte: <http://www.serradesintra.net/peninha>

Fig.144. Fotografia da passagem abobadada com vista para o fosso.

#### **NOTAS FINAIS | Conclusão**

Fig.145. Fotomontagem dos alçados do Castelo de Portuzelo com todos os possíveis modelos.

\*As figuras que não são referenciadas a fonte ou o direito de autor à qual se teve acesso, são da autora do trabalho.

\*As figuras que não estiveram diretamente legendadas ao longo do trabalho, estão aqui indicados seguindo uma ordem de cima para baixo.





*É em torno de lugares antropológicos que se podem instituir redes de referências, através de itinerários, encruzilhadas, que são formas de interferência entre a temática colectiva. Assim, percorrer esta cidade é uma lição de história, porque a cidade é das que ainda mostram conjuntos harmónios, cada um deles com uma traça e uma atmosfera reconhecíveis, correspondendo à evolução social e económica. Daí a necessidade de um roteiro inovador que seja uma monografia, mas a que não falem vivacidade crítica e criatividade ensaísta.*

(Madruga, in O Litoral e a cidade na Literatura, 1951-1997, pág.53)



## INTRODUÇÃO

Identificação

Objetivos

Metodologia e estrutura

Recursos e material

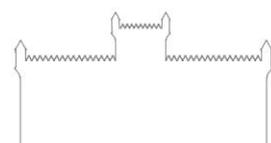




Figura 2. Planta de localização do caso de estudo no território de Viana do Castelo

O Castelo de Portuzelo, também denominado por Palácio Pereira da Cunha, localiza-se na freguesia de Santa Marta de Portuzelo, concelho de Viana do Castelo, é o objeto de estudo deste trabalho. Esta escolha surge da curiosidade em compreender a sua origem e a história da propriedade, visando o reconhecimento artístico e arquitetónico.

Aparentando uma imagem romântica, é um local de inspiração e beleza pelas suas características morfológicas e transparecendo o espírito romântico coevo, ainda presente nos dias de hoje. Traduz-se enquanto lugar particular, peça arquitetónica notável associada a um sistema de percursos e arranjos externos, que dada a lacuna nos estudos historiográficos e arquitetónicos urge reconhecer e avaliar.

A propriedade, onde está inserido o Castelo de Portuzelo, foi passando de geração em geração até à família que lhe deu o nome, no entanto em maio de 1977 foi vendida a José Pulido de Almeida (Sordo, 1974,pág.61). A Sra. Ana Maria Pérez Outerelo é a atual proprietária.

De acordo com Albano Sordo<sup>1</sup>, a construção do Castelo de Portuzelo, datado de 1853, deve-se ao temperamento romântico do Poeta António Pereira da Cunha que, regressado de uma viagem à Áustria e à Alemanha, onde foi assistir ao batizado do filho primogénito de D. Miguel I, desejou construir para si um castelo que lhe lembrasse da sua experiência em terras germânicas, e que se coadunasse ao emergente espírito romântico. Com o seu entusiasmo, o próprio terá desenhado a planta “com uma torcida de papel molhada em tinta”<sup>2</sup>.

No local onde se levanta o Castelo terá existido uma casa torre (Sordo, 1974, pág.62), já no século XIII, segundo a grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira, na carta de 19-V-1136, já seria o centro da terra coutada de Portuzelo.

Atualmente, a propriedade do Castelo de Portuzelo ou Palacete de António Pereira da Cunha, está classificado como Imóvel de Interesse Público (IIP)<sup>3</sup>, atestando o seu interesse e valor tanto material, como histórico e estético, intrínseco à sua configuração arquitetónica e paisagística.

---

<sup>1</sup> Albano, Sordo, O castelo de Portuzelo, in Cadernos Vianenses, Viana do castelo, 1974, pág. 61.

<sup>2</sup> Albano, Sordo, O castelo de Portuzelo, in Cadernos Vianenses, Viana do Castelo, 1974, pág. 61.

<sup>3</sup> Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977

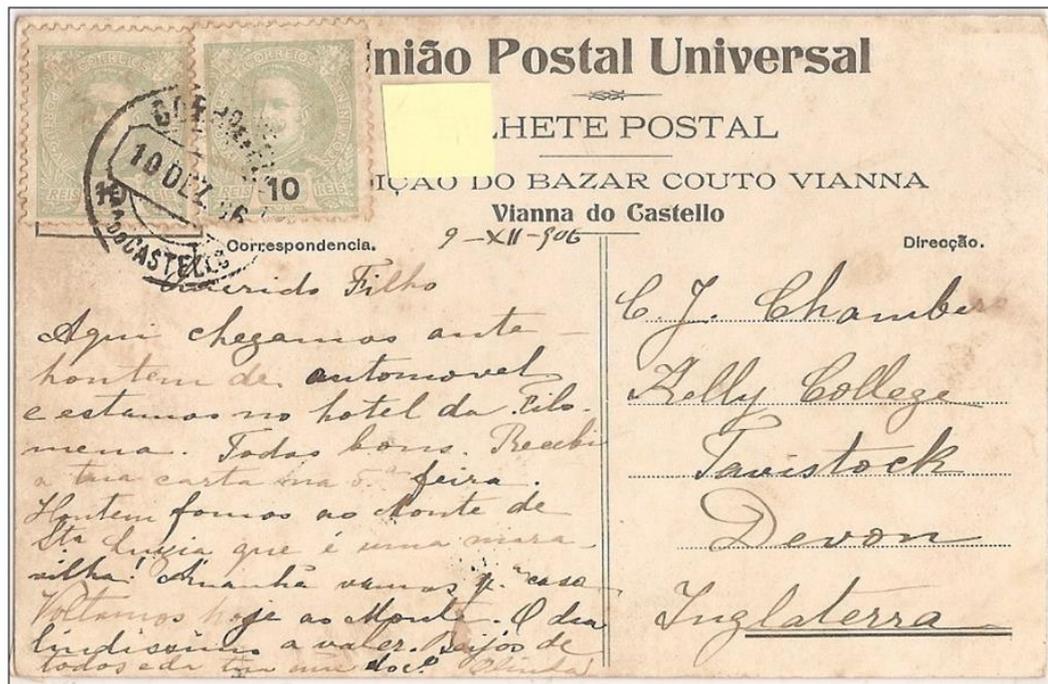
\*O objeto em estudo pode ser denominado de Castelo de Portuzelo ou de Palácio de António Pereira da Cunha, no entanto para que não ache equívocos, ao longo do trabalho será denominado de Castelo de Portuzelo.



Vivenda da familia Pereira da Cunha  
 Santa Martha de Portuzello  
 (Vianna do Castello)

Bosspostcard

www.delcampe.net



nião Postal Universal

HETE POSTAL

VIANNA DO BAZAR COUTO VIANNA  
 Vianna do Castello



Correspondencia, 9-XII-906

Caro Filho

Aqui chegamos ante  
 hontem de automovel  
 e estamos no hotel da Libe-  
 mena. Todas horas. Recibe  
 a tua carta da 5.ª feira.  
 Hontem fomos ao choute de  
 Sta Lucia que é uma villa  
 silha. Chama-se umas 7. casa  
 Voltamos hoje ao Monte. O dia  
 lindissimo a valer. Beijoo de  
 todos e de tua mãe doc. (Marta)

Direcção.

C. J. Chamber  
 Kelly College  
 Tavistock  
 Devon  
 Inglaterra

Bosspostcard

www.delcampe.net

Figura 3. Postal com vista do Castelo de Portuzello

Nesta lógica, poderemos mesmo afirmar que este detém um valor ímpar não só do Alto Minho como a nível do contexto da produção romântica nacional.

O objeto de estudo aparenta uma imagem arquitetura militar, ainda que sem qualquer função de defesa, sendo opção unicamente devida ao espírito coevo. Inspirado na linguagem construtiva de épocas passadas, mais concretamente no período medieval, no exotismo das descobertas e na arquitetura manuelina, tentando recuperar e assembler elementos originais como recriá-los.

Esta arquitetura, que mistura intencionalmente vários estilos, impregnados pela imaginação, invoca o espírito romântico que se sentia nesta época. No séc. XIX realizaram-se notáveis palácios com estilos “neo”, em Portugal, à semelhança do resto da Europa, tal como se verifica no palácio romântico da autoria de D. Fernando II<sup>4</sup>, o Palácio da Pena em Sintra, a par das visões fantásticas do Ludwig II da Baviera<sup>5</sup> no Castelo de Neuschwanstein na Baviera.

Os castelos medievais retinham em si o imaginário de ancestralidade, de fundação das nações, de capacidade dos povos europeus se libertarem e conformarem novas formas além das definidas sob a preponderância romana, definindo o modelo de um espírito que procurava a sua origem e sua história. Contudo estes edifícios geralmente designados de “castelo”, não são na realidade um castelo, mas antes paços acastelados, residências com elementos construtivos remetentes a esse imaginário medieval.

Desta forma, neste trabalho propõem-se analisar um artefacto patrimonial, fundamentando-o e comprovando a sua relevância, colmatando uma lacuna existente, no que diz respeito a esta peça arquitetónica, para que contribua para um melhor entendimento de um objeto com elevada importância no período em que foi edificado.

---

<sup>4</sup>D. Fernando II de Portugal – D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, nasceu em Corburgo a 29 de outubro de 1816, filho do príncipe Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha e da princesa Antónia de Kohary.

Veio a casar por procuração em 1 de janeiro de 1836 com D. Maria II, Rainha de Portugal, que estava viúva desde 28 de março de 1835. Recebeu o título de rei aquando do nascimento do futuro D. Pedro V, a 16 de setembro de 1837. De 1836 a 1853 tomou parte ativa na consolidação do regime constitucional, assumindo, em diversos períodos, o comando do Exército. Dedicou-se depois às artes, como protetor e colecionador. Deve-se-lhe a ter salvo do vandalismo e da ruína os Mosteiros da Batalha e do Jerónimos e os Conventos de Mafra e de tomar. Em 1862 e 1869 recusou as coroas de Espanha e da Grécia respectivamente. Em 1869 casou com a cantora Lírica suíça Elisa Hensler (Condessa de Edla).

Faleceu a 15 de dezembro de 1885, em Lisboa (Oliveira, Oliveira, Ferreira, & Vieira, 2008, pág.211).

<sup>5</sup> D. Ludwig II da Baviera - Ludwig Friedrich Wilhelm von Wittelsbach nasceu a 25 de agosto de 1845, filho do rei Maximiliano II e da Princesa Marie Hohenzollern, da Prússia. Ludwig II tornou-se Rei da Baviera com apenas dezoito anos. No decorrer do seu reinado, praticamente ignorou os assuntos de estado e se concentrou em projetos arquitetónicos e artísticos. Ficou conhecido como "Rei Cisne" e "Rei dos Contos de Fadas", um rei sonhador e incompreendido. Foi o Rei da Baviera de 1864 até ser deposto três dias antes de sua morte, em 1886. (Blogue: História e Histórias, 2017, <http://2017mshh.blogspot.com/2017/08/luis-ii-munich-1845-1886-apelidado-de.html>)



## Objetivos

Esta dissertação tem como finalidade reconhecer e documentar uma peça arquitetónica que, apesar do seu interesse patrimonial, carece de estudo. Para alcançar este propósito será necessário cumprir na íntegra uma série de objetivos.

Como primeiro objetivo pretende-se obter o contexto e narrativa sobre a história do objeto em estudo e, para completar a recolha de informação, a realização de todo o levantamento arquitetónico métrico e fotográfico. Estes são documentos fundamentais à investigação bem como à necessária contextualização artística e cultural em que a peça arquitetónica se insere a par da especulação sobre fases, modelos e opções projetuais na sua concretização.

Tenciona-se também alcançar informação que fundamente a viagem de António Pereira da Cunha, através da especulação de possíveis percursos, visto ter sido esta viagem a responsável pela vontade de edificação do Castelo de Portuzelo, e assim, obter conhecimento sobre o contexto histórico-artístico que se insere.

Pretende-se ainda compreender a produção arquitetónica romântica nacional e europeia, através de ferramentas como análise, interpretação e comparação com modelos arquitetónicos coevos e com a mesma expressão formal para que se consiga um discurso de fundamentação sobre o objeto de estudo.

Esta dissertação tem também como objetivo, ser uma ferramenta de suporte a futuras intervenções tendo em conta o valor histórico, patrimonial e cultural, pois sendo uma propriedade que pode agregar diferentes usos, tenciona-se que mantenha o seu valor arquitetónico. Além disso, é pretendido que seja um documento de passagem de conhecimento, disponível no Castelo de Portuzelo para as pessoas que o visitem ou que tenham curiosidade de saber a história de uma peça tão peculiar do Minho.

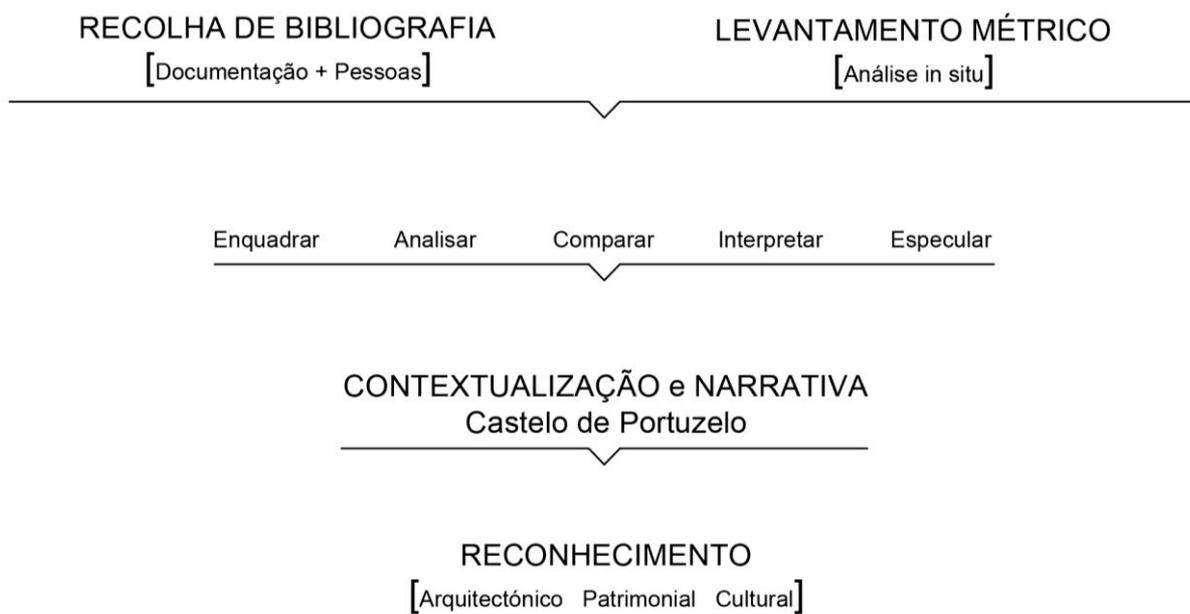


Figura 4. Esquema da metodologia da dissertação

Como primeira abordagem para a elaboração da dissertação realizou-se toda a recolha documental (desde peças escritas, desenhadas e fotográficas) imprescindível ao reconhecimento e interpretação do objeto de estudo.

O trabalho será organizado em três partes distintas:

Numa primeira fase, o preâmbulo da dissertação, pretende apresentar o enquadramento histórico, social e artístico da época tanto em Portugal como na Europa para contextualizar o Castelo de Portuzelo.

O primeiro capítulo, intitulado por “Portozello”, nome do lugar do objeto, redigido como no século XVIII, tem como objetivo fazer um enquadramento territorial, apresentar os proprietários, desenvolver e interpretar a viagem que António Pereira da Cunha, proprietário e autor do objeto em estudo, realizou a Áustria e a Alemanha, mais concretamente à Baviera, com o propósito de assistir ao batizado do filho primogénito de D. Miguel I<sup>6</sup> (Sordo, 1974,pág.61). Foi esta viagem o momento catalisador da idealização do Castelo de Portuzelo.

“Castelo de Portuzelo”, nome dado ao segundo capítulo, apresenta o caso de estudo e da sua envolvente, desenvolvendo uma descrição volumétrica, espacial e programática. Aqui será apresentado todo o levantamento do Castelo e respetiva envolvente, nomeadamente os muros que delimitam a propriedade, a porta fortificada e a passagem abobada que dá acesso ao pátio, assumindo-se este como principal instrumento ao suporte analítico desencadeado pela investigação.

O levantamento fotográfico é também um registo essencial para a análise e interpretação do caso de estudo e dos elementos particulares do edifício. O desenho de levantamento resulta como ferramenta para a criação de novos registos visíveis e documentais.

---

<sup>6</sup> D. Miguel I – Nasceu em Queluz, Sintra, a 26 de outubro de 1802. Terceiro filho de D. João VI e de Carlota Joaquina. Em 1825 aceitou a proposta de seu irmão D. Pedro e jurou a Carta Constitucional (4 de outubro de 1826), onde este casava com sua sobrinha D. Maria II e governava o país segundo as leis liberais. até que a princesa ascendesse ao trono. No entanto, a 2 de fevereiro de 1826, quando chegou a Lisboa, os seus seguidores proclamaram-no rei de Portugal, O absolutista. Ao quebrar as suas promessas instaurou-se em Portugal a guerra civil, entre liberais e absolutistas. Em 1832 começaram os confrontos entre D. Miguel e D. Pedro, no entanto em 1834 D. Miguel rendeu-se, sendo obrigado a sair do país, esteve em Itália, Inglaterra e por fim na Alemanha onde voltou a casar em 1851 com D. Adelaide Sofia Lowenstein, e teve sete filhos. Faleceu a 14 de novembro de 1866, em Bronnbach, na Alemanha (Oliveira & Carvalho, 2009, pág.4935-4936).



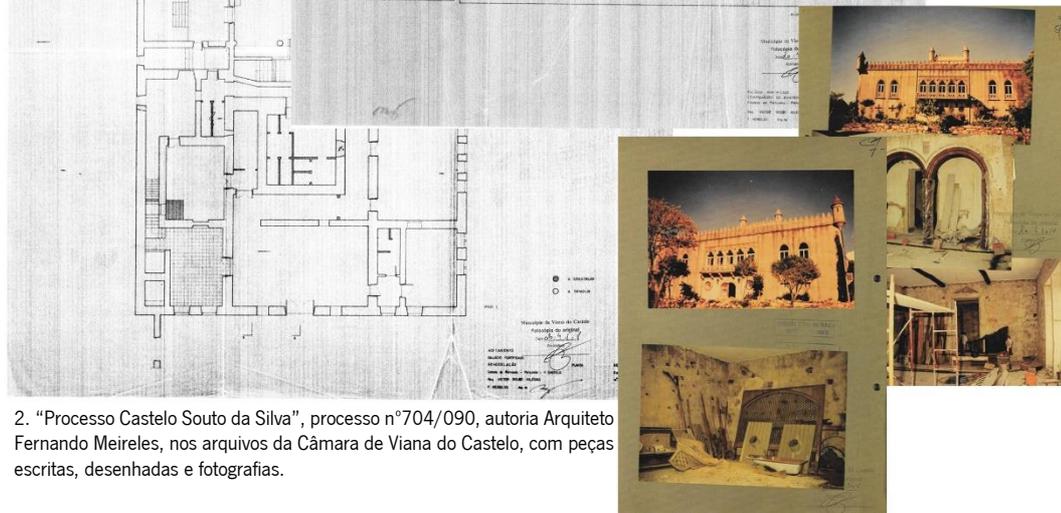
Os levantamentos métricos e fotográficos representam o estado atual da casa indiciando os processos de consolidação e as transformações que o edifício foi sujeito

No terceiro e último capítulo, denominado de “O espírito Romântico”, propõe-se identificar a peça arquitetónica na época em que se inseriu, investigando um período da arquitetura, de finais do século XVIII até inícios do século XX, tanto em Portugal como na Europa, de modo a compreender o fenómeno da construção dos Castelos/Palácios românticos. Assim, é possível reconhecer características da arquitetura coeva que transmitem pensamentos, ideias e contextos da época em que foram projetados, permitindo enquadrar, interpretar e reconhecer o valor do caso sob estudo.

Para além disso, procura-se a partir da comparação com casos coevos, identificar possíveis edifícios que o autor poderá ter tomado como modelo aquando da delineação do objeto em estudo, para assim obter um enquadramento histórico e artístico do mesmo entre a produção arquitetónica da época nacional e internacional.



1. "Nacos do Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo", autoria de Albano Sordo, jornal adquirido através de residentes da freguesia, peça escrita c.1990;



2. "Processo Castelo Souto da Silva", processo nº704/090, autoria Arquiteto Fernando Meireles, nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, com peças escritas, desenhadas e fotografias.

Figura 5. Recursos utilizados na presente dissertação

Sobre o Castelo de Portuzelo existem poucas fontes de informação, ainda assim é-nos permitido, no cruzamento entre a documentação escrita e gráfica, a par da informação material intrínseca à construção, obter dados para o avanço da investigação. Apesar de não existir nenhum arquivo particular da propriedade existem recursos que estão um pouco divididos, entre documentos escritos, peças desenhadas e fotografias.

Na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo encontra-se a maior descrição sobre a história da propriedade e onde são descritos os sucessivos proprietários, documentada nos cadernos Vianenses<sup>7</sup>. No jornal, “Nacos Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo”<sup>8</sup>, adquirido através de residentes da freguesia também são descritas informações que apoiam a documentação anteriormente referida. Todos os outros documentos escritos, trabalhos diretos ou indiretos sobre o panorama artístico que se vivia contribuíram para a realização do trabalho.

Nos arquivos da Câmara Municipal de Viana do Castelo, no processo “Castelo Souto da Silva”<sup>9</sup>, obtiveram-se peças desenhadas sobre as reformulações que foram executadas nos anos 90, que mostram as transformações que o edifício foi sujeito. As referências encontradas ajudam a obter uma linha cronológica que auxilia na interpretação e obtenção da narrativa da propriedade e do edificado.

O edifício, sendo o objeto central do nosso estudo é também a fonte principal de informação material. Assim os levantamentos métrico e fotográfico confirmam-se como principal fonte de reconhecimento e informação material que nos permite confirmar a documentação do existente e estabelecer leituras interpretativas do facto construído. Sobre as peças desenhadas obtidas foi feito um novo levantamento com todas as correções para obtenção de um desenho da propriedade de como se apresenta nos dias de hoje. As fotografias que integram o processo, nos arquivos da Câmara de Viana, foram importantes porque estão registados espaços antes da intervenção de 1990.

---

<sup>7</sup> Sordo, A. (1974). O Castelo de Portuzelo. In Cadernos Vianenses (vol. 3). Viana do Castelo.

<sup>8</sup> Sordo, A. (c.1990). Nacos do Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo. In Jornal. Santa Marta de Portuzelo.

<sup>9</sup> Meireles, F. (1990). Processo Castelo Souto da Silva. In Arquivos da Câmara de Viana do Castelo.



Para a realização desta dissertação teve-se em conta toda a informação encontrada, que contribuiu para o conhecimento da história do objeto arquitetónico, tornando-o o mais verosímil, sustentado e rigoroso possível.

Os documentos adquiridos e utilizados ao longo desta dissertação, que se focam diretamente no objeto de estudo, foram os seguintes:

- “O Castelo de Portuzelo”, documento existente na biblioteca municipal de Viana do Castelo, da autoria de Albano Sordo, nos Cadernos Vianenses, datado de 1974;
- “Nacos do Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo”, da autoria de Albano Sordo, jornal adquirido através de residentes da freguesia, peça escrita c1990;
- “Santa Marta de Portuzelo, A terra, as gentes, o grupo folclórico”, autoria de Alberto Antunes de Abreu, David Rodrigues, João da Cunha Viana, José da Cruz Lopes, José Machado, livro datado de 1990 e que se refere ao território e às gentes de Santa Marta;
- “Santa Marta de Portuzelo”, autoria de Alberto Antunes de Abreu, livro mais recente sobre o lugar e freguesia que o objeto de estudo se encontra, datado de 2017;
- Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29.09.1977, decreto que classifica o objeto de estudo como Imóvel de Interesse Público (IIP);
- “Processo Castelo Souto da Silva”, processo n.º 704/090, nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, da autoria do Arquiteto Fernando Meireles, com peças escritas, desenhadas e fotografias sobre as transformações que ocorreram no edifício no ano 1990.



## O MINHO

*Solo d'enlevos! A videira abraça  
Com terna graça o castanheiro em flor!  
Abre-me o seio em que um vergel se apinha,  
O' patria minha d'encantado amor!*

*Quero cantar-te, como a rôla ausente  
Canta plangente os africanos céos,  
Como ella aspira ao seu distante ninho  
Aspiro, ó Minho, aos attractivos teus!*

*Amo os teus campos com perfumes vários,  
Verdes sacrários de um constante abril;  
Amo os teus montes collossaes n'altura  
E a luz, tão pura do céu d'anil.*

*Veias de prata, em teu fecundo seio,  
Passam-te em meio sem formar caudaes,  
E d'entre as flôres, que o teu chão guarnecem  
Cidades descem, que não teem rivaes.*

*Braga, a princesa de remota era  
Virtude austera inda conserva a fé:  
E eleva ás nuvens em padrões de gloria  
A nobre historia, de que herdeira é;*

*Assenta o throno de entrançado arbusto  
No monte augusto do seu Bom Jesus  
E tem por c'roa de opulência tanta  
A virgem Santa do Sameiro e a cruz.*

*Amares, veste laranjaes floridos,  
Fartos vestidos, com doirado véo;  
E solta as tranças de verdura infinda  
Na espadua linda, ás virações do céu.*

*E' Guimarães uma fidalga idosa,  
Rica e orgulhosa, em seu gentis maineis  
Que diz ao mundo em derredor disperso  
«Eu fui o berço do maior dos reis.»*

*Caminha é jovem marinheira bella  
Em pé na ourela do espumoso mar:  
Monsão, envolta em senis muralhas,  
Conta as batalhas que logrou ganhar.*

*Villa dos Arcos, que o sorrir desatas  
D'entre cascatas, que delicias dão.  
Barcellos, lyrio adormecido em sombras  
Sobre as alfombras do virente chão.*

*Pinha de flôres, que a frescura anima  
Ponte de Lima que ideal tu és!  
Finges o eysne, a retratar a face  
N'agua, que nasce e que te corre aos pés.*

*Vianna... foge ao incessante beijo  
Que o Lima vejo que lhe quer depôr;  
E das montanhas na materna encosta  
Lá se recosta com gentil pudor.*

*Eu sou suspeito porque sou teu filho  
E assim teu brilho não direi jamais,  
Que o diga quem ao visitar teus lares  
Hauriu teus ares, passeou teus caes.*

*Solo d'enlevos! A videira abraça  
Com terna graça o castanheiro em flôr!  
Abre-me o seio em que um vergel se apinha,  
O' patria minha d'encantador amor!*

(Cunha, 1928, pág.25-26)



## PREÂMBULO

O Espírito Romântico

As Transformações do século XIX

O Homem Romântico

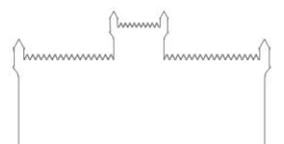




Figura 7. Pintura que retrata o Castelo de Portuzelo, realizada por João Cristino da Silva, “Paisagem Fluvial com casa e figuras a cavalo”, 1877, óleo sobre madeira, dim. 37x48 cm

\*João Cristiano da Silva – nasceu em Alfama, Lisboa em 24 de julho de 1829. É um dos mais importantes pintores do Romantismo, ficou conhecido como o primeiro pintor paisagista português. A pintura, Cinco Artistas em Sintra, datado de 1855, exposto no Museu do Chiado, é dos seus quadros mais famosos (Pereira, 2008, pág.156-157).

## O Espírito Romântico

*Zeitgeist* - termo alemão que possui como significado espírito da época (“Tradução de *Zeitgeist* no Dicionário Infopédia de Alemão - Português,” 2018), espírito do tempo. Significa o clima intelectual e cultural da sociedade, num determinado período de tempo com características particulares da época (“Significado de *Zeitgeist* - O que é, Conceito e Definição,” 2013).

A ideia de *Zeitgeist* foi assumida pelos autores românticos, permitindo englobar o comportamento da sociedade, dentro do qual a arte reflete a cultura e a época em que era produzida. Do final do século XVIII aos finais do século XIX, viveu-se o denominado período romântico. Face à sua complexidade, e sendo difícil conseguirmos uma definição concisa, o romantismo, mais do que um movimento estruturado, corresponde a uma nova sensibilidade cultural que afeta as diferentes áreas de ação humana como a política, filosofia, literatura e artes plásticas. Um espírito que surge com particular ênfase nas sociedades onde o nível de transformação consequente à industrialização é mais sentido, como a Alemanha e a Inglaterra, mas que progressivamente se expande por todo o espaço europeu.

Assim sendo, este período está intrinsecamente relacionado com dois acontecimentos: a revolução Burguesa e a revolução industrial. Estas alteraram significativamente a organização social e modos de produção desencadeando modos diferenciados de ver o mundo face à cultura dominante durante toda a Era moderna. Salienta-se uma nova predisposição intelectual assente na dimensão emocional e criativa do sujeito, o qual procura uma explicação do mundo a partir do “Eu” e de uma natureza primitiva e ancestral.

O romantismo surge como apelo à liberdade, modificando as mentalidades e dando poder ao homem para seguir os seus sentimentos e autonomia à sociedade para se expressar de acordo com o seu estado de espírito.

Está assim o romantismo associado à génese do “historicismo”, que se tornou numa importante referência nas explicações e argumentos na organização do conhecimento (Solar & Villalba, 2008, pág.232-238), bem como na exploração formal e imagética que caracterizará o período.



O homem romântico começou a olhar para o passado, mais concretamente para a Idade Média, numa tentativa de entender a formação das sociedades, das nações europeias para assim elaborar uma conceção do mundo assente, na sua essência, nos valores heroicos e específicos da origem e construção identitária, longe da hegemonia clássica.

Procurava na história as origens de uma identidade nacional, fundamentais à emergência de um novo quadro de valores (a sociedade burguesa e industrial) que se procura libertar do quadro imagético e referências da sociedade pré-contemporânea. A época medieval foi neste período muito valorizada o que levou a representações de imagens míticas, colocadas a par de cenários longínquos e exóticos, nos quais o homem romântico queria encontrar todos os valores de que sentia falta: coragem, sinceridade e honra (Solar & Villalba, 2008, pág.237-238).

Esta época revalorizou as capacidades intuitivas, emocionais e criativas do ser humano abordar a realidade, opondo-se ao homem estritamente racional ou cartesiano, surgindo uma filosofia “idealista”, que enaltece o sentimento face à razão, aumentando o significado intelectual de áreas de expressão artísticas como a pintura e a poesia.

Esta filosofia idealista veio também servir a conceção romântica de Natureza, “um organismo vivo, no qual tudo se desenvolvia em inter-relação”<sup>10</sup>. Corresponhia esta à materialização de um poder superior com o qual o Homem se defrontava e da qual era parte integrante. A natureza começou por ser vista como um espaço divinizado e místico e uma vez que o Homem estava aí incluído, era também a partir dela que se poderia conhecer a si mesmo despoletando assim fenómenos criativos.

É então que começam a surgir representações da natureza primitiva e de mundos idealizados, incluindo aí a imagem de ruínas arqueológicas e cenários historicistas, recriando o lugar propício à manifestação do espírito romântico. Estas representações refletem a dimensão psicológica do homem romântico, onde as ruínas evocam um passado perdido, os mitos e a imaginação. São lugares que expõem ao sujeito a dimensão temporal do cosmos, um tempo conservado que mostra as camadas do passado, ao mesmo tempo que potencializam sonhos e pensamentos proporcionando evasões para um futuro ideal (Solar & Villalba, 2008, pág. 258-260).

---

<sup>10</sup> Solar, D., & Villalba, J. (2008). História da Humanidade - O século XIX. (Círculo de Leitores, Ed.). Lisboa. Pág.244.



## As transformações do século XIX

Na segunda metade do séc. XIX, Portugal encontrava-se numa situação política e económica instável na sequência de três fatores: invasões napoleónicas; guerra civil opondo liberais e absolutistas; independência do Brasil.

Nos primeiros anos do século, entre 1807 e 1810, Portugal sofreu três invasões dos exércitos franceses, em consequência da sua antiga aliança com os Ingleses, que duraram cerca de quatro anos agravando a situação económica do país e o descontentamento social. Porém, no seu encalce chegaram também as ideias de liberdade e de igualdade que acabaram por ganhar muitos partidários, encaminhando a uma vontade de mudança e à revolução liberal pondo fim ao regime absolutista. Uma revolução iniciada no Porto, mas que rapidamente se estendeu ao resto do País, obrigando D. João VI a regressar do Brasil, e a delinear a constituição em 1822 instaurando-se um novo regime político: a monarquia liberal ou constitucional.

Com todas estas transformações que ocorreram, com o regresso de D. João IV e com o descontentamento da população brasileira em relação à constituição, que denominava o Brasil de novo como uma colónia Portuguesa, D. Pedro sucessor de D. João IV assumiu a regência do Brasil, e em 7 de setembro de 1822 acabou por proclamar independência, pelo que Portugal perdeu o território que suportava a sua economia.

A constituição de 1822 retirou privilégios à nobreza e ao clero e estas classes sociais começaram a demonstrar desagrado com o regime liberal. A morte de D. João IV, em 1826, veio agravar a situação política que o país atravessava.

Com a morte do Rei, D. Pedro IV foi legitimamente aclamado rei de Portugal. No entanto, este teve de escolher entre ser imperador do Brasil ou Rei de Portugal, optando por abdicar do trono em favor de sua filha, D. Maria II. Pela impossibilidade de assumir o governo, uma vez que tinha apenas sete anos, D. Maria II casou-se com D. Miguel I, seu tio, com a condição de ele governar segundo as leis liberais.

É então que D. Pedro concedeu a Portugal uma carta constitucional de 1826, que moderava a constituição de 1822, para apaziguar a divisão do país. Esta nova constituição fortalecia os poderes do rei, concedendo-lhe o direito de invalidar as leis das Cortes.

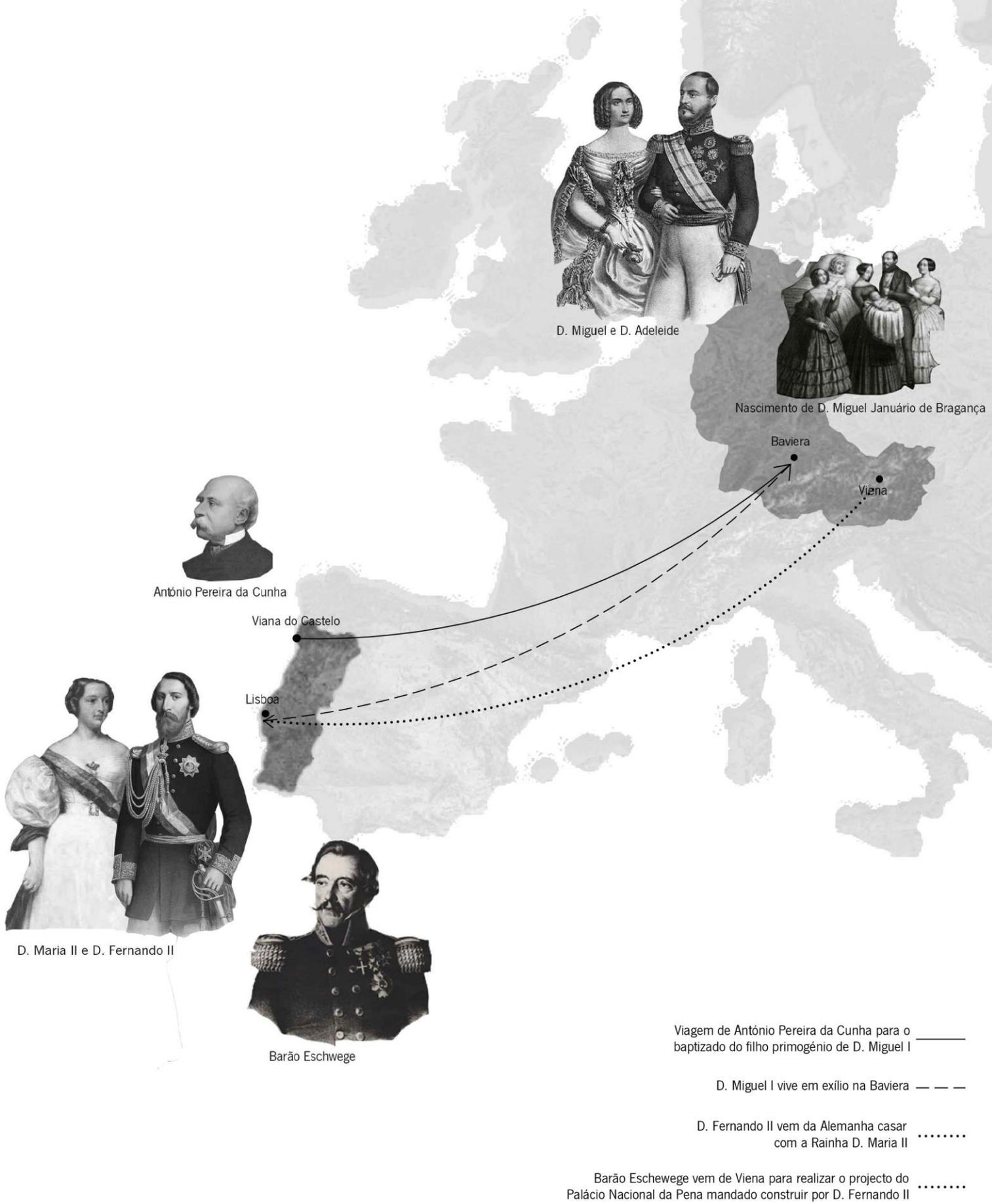


Figura 8. Mapa com as trocas de personalidades e conhecimento entre Portugal e a Europa

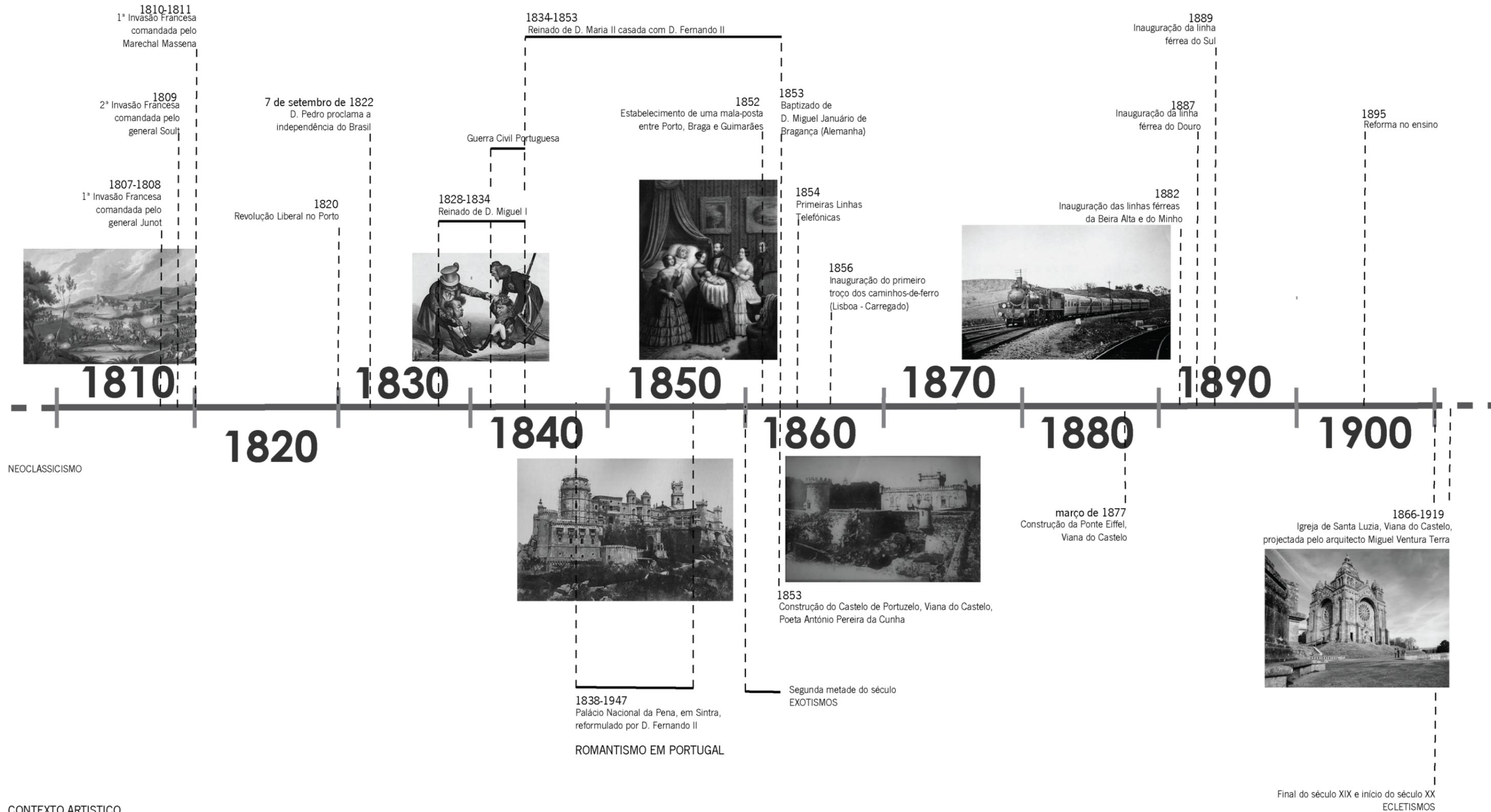
Porém, D. Miguel I renegou o acordo e proclamou-se Rei de Portugal retomando ao modelo de organização absolutista. Começou uma época severa para os liberais, obrigando D. Pedro IV, em 1832, a abdicar do trono do Brasil e regressar à Europa, despoletando-se aí a Guerra Civil, entre D. Miguel I, e o seu irmão D. Pedro IV. Depois de duas derrotas nas batalhas de Almoester e Asseiceira, D. Miguel I foi obrigado a assinar o acordo de paz, a Convenção de Évora-Monte, e a procurar exílio no estrangeiro, perdendo o seu estatuto real e a pretensão ao trono (Marques, 1972, pág.84-96).

Com todos os acontecimentos ocorridos na primeira metade do século XIX, o país enfrentava graves problemas económicos e sociais, enquanto que no resto da Europa a revolução agrícola e a revolução industrial estavam já em acelerado processo de transformação política, social e económica. Portugal tinha então que tomar um novo rumo para que o liberalismo e a monarquia constitucional se consolidassem. Foi então que Mouzinho da Silveira elaborou um conjunto de leis que acabaram com a maior parte dos direitos e privilégios feudais e instaurou novas estruturas económicas e sociais e já como ministro do governo liberal, extingue as ordens religiosas.

Em contexto europeu a Inglaterra era a primeira potência industrial e a Alemanha através dos seus recursos naturais, desenvolveu as linhas de caminhos-de-ferro e exploração mineira tornando-se o primeiro país a concorrer com a Inglaterra. Com as novas medidas em Portugal o desenvolvimento das redes de transportes e os meios de comunicação resultaram numa expansão económica do país, ainda que tímida face ao ritmo das demais potências europeias.

Denominado de Fontismo, originada por António Maria de Fontes Pereira de Melo, uma política de obras públicas, modernizou o país através de um melhoramento dos transportes e das comunicações que concederam a Portugal um avanço significativo e uma abertura para o mundo (Marques, 1972, pág.97-103). A abertura do país com a Europa e o desenvolvimento do ensino resultaram num surto cultural, potenciado ainda pela abolição da censura dos livros e dos periódicos o que estimulou a livre discussão que, fomentaram o aumento de publicações que resultaram num desenvolvimento civilizacional, acentuando o espírito romântico que se vivia nesta época.

CONTEXTO HISTÓRICO



CONTEXTO ARTÍSTICO

Figura 9. Cronologia com os acontecimentos que acorreram na época a ser estudada nesta dissertação, identificando o contexto histórico relacionado com o contexto artístico

A permeabilidade do panorama cultural português a novas influências marcou o início de um novo período cultural para todo o país. O influxo de agentes de uma elite europeia informada e dinâmica ajudou igualmente a difundir novos hábitos e saberes em todas as áreas (Solar & Villalba, 2008, pág.219-225). É o caso de D. Fernando II de Saxe Coburgo-Gotha que, vindo de Viena de Áustria para se casar com D. Maria II, se torna um personagem decisivo na renovação cultural da sociedade portuguesa do século XIX, ficando conhecido por ser sonhador e iluminado, tornando-se muito importante na história da arte nacional. Com o conhecimento que importara das terras germânicas, este novo Rei de Portugal moldou o seu saber à cultura, às tradições e à arquitetura portuguesa. É o caso da absorção e fascínio pelas formas da época de D. Manuel, cujo exotismo integra na imagem por si perseguida valorizando assim um dos períodos mais determinantes para o património e história de Portugal (Carneiro & Gama, 1992, pág.6-16).



## O Homem Romântico

O termo Romantismo era o que agradava a imaginação, o que possibilitava sonhar, o que desenvolvia novas formas de sensibilidade, um movimento cultural que designava toda a visão do mundo, centrada no individualismo, no subjetivismo e no egocentrismo, expressando a realidade através das emoções e dos sentimentos que se manifestaram em várias áreas da criação, em oposição ao racionalismo (Ribeiro, 2010, pág.18).

Este movimento seguiu vários princípios, a interioridade do indivíduo<sup>11</sup>, o isolamento da alma<sup>12</sup>, a valorização do passado histórico<sup>13</sup> e a arte como inspiração e criação<sup>14</sup>(Solar & Villalba, 2008,pág.239-240).

Neste período a sociedade vivia com insatisfação relativamente à realidade, sentindo-se presa e desassossegada, assim sendo, a contínua busca de alternativas, a perseguição do belo e a demonstração dessa mesma insatisfação foram as atitudes adquiridas pelo homem romântico, que se voltou para si mesmo, retratando a vida humana, amores trágicos, ideias sonhadoras e a fuga ao quotidiano.

A arte no romantismo surgiu como uma reação ao racionalismo, uma recusa ao formalismo, defendendo que a arte não se atingia através de regras, mas como liberdade de expressão, uma revelação da alma, um produto da inspiração e da genialidade, divulgado pela emoção e sensibilidade de cada indivíduo.

O artista romântico centralizou-se, primeiramente, no sentimentalismo e no subjetivismo, com o sonho, o exagero e a busca pelo exótico, seguidamente nas representações de religiosidade, naturalismo e notados de pessimismo, representações da morte. Os românticos tentavam retratar fielmente a vida real (Solar & Villalba, 2008, pág.255-261).

O homem desta época desenvolveu o gosto pelas viagens, aprimorando o seu espírito romântico, irrequieto, sonhador e sempre insatisfeito e alimentando-o com o gosto pelo exótico e raro, na excentricidade demonstrada pelas expedições e pelo consumo da arte.

---

<sup>11</sup> Mundo de emoções, fantasias, sonhos, viagens, fuga do real, subjetividade, envolve-se de forma pessoal e de acordo com a sua opinião.

<sup>12</sup> Gosto pela natureza, pelo exótico e pitoresco.

<sup>13</sup> O medieval, era o tempo de formação das nações.

<sup>14</sup> Espontaneidade, emotividade, inconsciente, irracional necessidade interior inata e genuína.



Na arquitetura, o romantismo recusou as regras do neoclássico, e os valores clássicos como ordem, proporção, simetria e harmonia que imperavam na cultura construtiva europeia desde o Renascimento. Optou por formas e conceções estéticas que se adaptam ao espírito poético, sentimental e nostálgico da época, tornando-se tão expressiva como as outras artes. Deu preferência a formas e volumes irregulares, dispostos organicamente originando irregularidades nos espaços, o uso abundante de elementos decorativos principalmente elementos nacionalistas e que relembassem os castelos medievais, localizados sobretudo nas aberturas e a coroar os edifícios, visando impressionar e criar admiração, incitando os sentidos.

Surgiram, mais tarde, os revivalismos<sup>15</sup> ou historicismos<sup>16</sup>, quase sempre relacionados com a recuperação dos processos artísticos da Idade Média ou relacionados com as arquiteturas “neo”, como neorromânico, neogótico, neorrenascentista e neobarroco (Pereira, 2008, pág.179-191).

Mas a recuperação dos processos construtivos do passado não foi a única fonte de inspiração, as civilizações exóticas, como da África ou do Oriente, exerceram também uma grande inspiração para a idealização romântica. Foram estas que originaram os exotismos<sup>17</sup>, como o neoárabe e o neo-hindu. As imagens do mundo oriental, envoltas em fantasias, influenciaram os artistas. Com o passar do tempo, especialmente em meados do século XIX, todas estas inspirações foram-se misturando no desenho do mesmo edifício, originando os ecletismos<sup>18</sup> (Pereira, 2008,pág.179-191).

Estamos perante uma cultura formal dominada pela assemblagem de elementos distintos, tanto a nível temporal como espacial empregues com interpretação europeia, que decorreram em descobertas de novas formas na arquitetura.

A arquitetura romântica surgiu em Portugal pelas ideias do príncipe alemão, Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, segundo marido de D. Maria II, Rainha de Portugal.

---

<sup>15</sup> Revivalismo – movimento artístico que reproduz técnicas e cânones estéticos de correntes artísticas anteriores.

<sup>16</sup> Historicismo- valorização dos estios das épocas passadas pelo seu valor simbólico.

<sup>17</sup> Exotismo- tendência que se desenvolveu pelo gosto do que é estranho (diferente ou estrangeiro) à cultura ocidental e que desenvolveu a imaginação e os sentidos pelo desconhecido e misterioso, pela novidade e pelo pitoresco.

<sup>18</sup> Ecletismo- combinação de influências provenientes de várias épocas e estilos num mesmo edifício.



Figura 10. Palácio da Pena, Sintra, 1840-1847 (romantismo com conhecimento)



Figura 11. Palácio de Monserrate, Sintra, inícios de 1863 (romantismo com conhecimento)

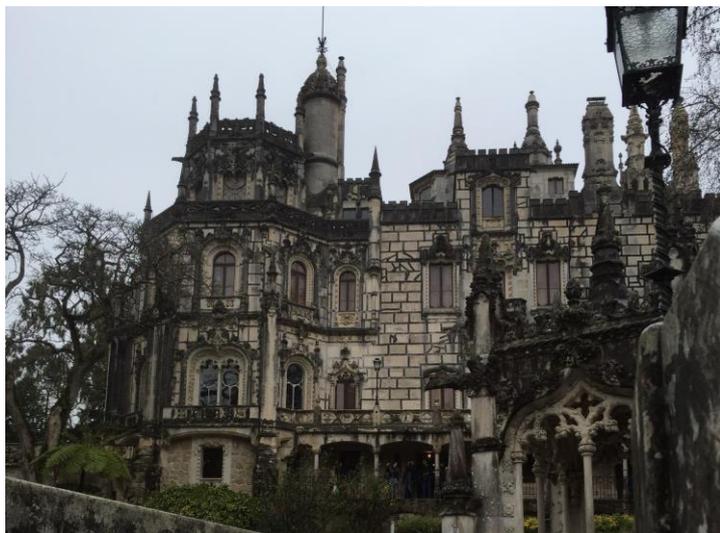


Figura 12. Quinta da Regaleira, Sintra, 1904-1912 (romantismo tardio)

Atestando o seu espírito romântico e a promoção das artes, em 1838 D. Fernando II adquire o Convento de Nossa Senhora da Pena e as terras que o envolviam, num dos pontos mais altos da Serra de Sintra, o qual, em 1841, decide ampliar transformando-o numa residência para a família real (Carneiro, 1991, pág.1-3). A realização desta grande obra marcou em Portugal a entrada do novo movimento arquitetónico e artístico.

Em Portugal os revivalismos tiveram um carácter nacionalista, procurando ilustrar o passado glorioso do país, como a epopeia dos Descobrimentos através do neomanuelino, e a fundação da nacionalidade com o neorromânico (Pereira, 2008,pág.179).

Segundo Paulo Pereira<sup>19</sup> podemos considerar três momentos no revivalismo Português: as experiências precoces<sup>20</sup>, de finais do século XVIII a inícios do século XIX, onde começaram a surgir os neorromânicos e os neomanuelinos, o romantismo com conhecimento, de meados do século XIX até cerca de 1870, com o aparecimento dos exotismos, e o romantismo tardio, de finais do século XIX até inícios do século XX, onde se destacaram os ecletismos.

---

<sup>19</sup> Pereira, P. (2008). História da Arte Portuguesa. (Círculo de Leitores e Autores, Ed.). Lisboa, vol.08. pág. 179.

<sup>20</sup> Revivalismos precoces- inconscientes ou de importação.



PORTOZELLO

*Do Minho cândida filha  
O' minha aldeia sem par,  
Como és linda, prateada  
N'uma noite de luar!*

*Tuas modestas casinhas  
Nada, em graça, há que a eguale;  
São como pérolas, soltas  
Debruçadas sobre um valle.*

*Ao longe, o vulto massiço  
De frondosos pinheiraes,  
A roçarem pelas nuvens  
Com as cimas colossaes.*

*O presbyterio, phantasma,  
Que recorta o céu azul;  
Um vergel cada montanha,  
Um jardim cada paul.*

*Da igreja ao lado se altêa  
Um gigantesco cipreste,  
Verde columna, sustendo  
Toda a abobada celeste.*

*O rio lá está... de manso,  
Com a face a reluzir,  
Qual vasto espelho... O' meu Lima  
E's um sultão a dormir.*

*Dos altos montes a sombra  
Vae-se no rio estampar,  
E as capellas, que há por ellas  
N'agua estão inda a alvejar*

*D'aquella encosta na espalda  
Branda sussurra uma fonte,  
E corta a musgosa relva  
P'ra o rozal que está defronte.*

*Os roxinoes cantam lânguidos  
D'entre o arvoredado gentil;  
Nem têm fim aqui seus cantos,  
Nem aqui tem fim Abril.*

*E em cada folha de arbusto,  
E em cada estrella dos céos,  
E em tudo... na minha aldeia  
Soletro o nome de Deus.*

(Cunha, 1928, pág.22)



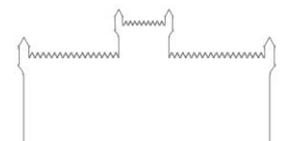
## CAPÍTULO I | Portozello

O lugar de Portuzelo

Os Proprietários

Especulação do percurso da viagem

Viagens no Romantismo





- Castelo de Portuzelo
  - ⊕ Igreja Paroquial
  - ~ Rede Hidrográfica
  - Auto-estrada
  - == Estrada Nacional
  - ⊥ Ruas
- Escala: 1:20 000 Ⓜ N



Figura 14. Planta dos lugares que constituem a Freguesia de Santa Marta de Portuzelo e perfil fotográfico da freguesia

## O Lugar de Portuzelo

O Lugar de Portuzelo<sup>21</sup> já era conhecido no século IX, acredita-se que tenha pertencido ao Reino das Astúrias juntamente com a freguesia de Nogueira (Sordo, c1990, pág.1). Em 1136, o Padre Avelino Jesus de Costa refere-se a este local como “per portum de Portuzelu”. Mais tarde nas Inquirições de D. Afonso III, no século XIII, esta localidade era propriedade do bispado de Tui, e designava-se por collatio Sancta Martha.

Nas inquirições de D. Dinis, em 1288, Portuzelo foi identificado como couto “per padrões” e entre 1551 e 1580 o Censual de D. Frei Baltasar Limpo identificou-a e denominou-a de Santa Marta de Riba de Lima.

Em 1758 denominava-se Santa Martha de Portozello que deu origem ao nome porque hoje é conhecida a Freguesia de Santa Marta de Portuzelo (“Freguesia | História - Freguesia de Santa Marta de Portuzelo,” n.d.). O lugar de Portuzelo localiza-se no limite de Santa Marta de Portuzelo fazendo fronteira com a freguesia da Meadela, e até ao século XVIII este lugar pertencia às duas freguesias, desconhecendo-se até onde se prolongava o couto de Portuzelo. Em 1743, quando se redefiniram os limites das freguesias da Meadela e de Santa Marta de Portuzelo, verificou-se que em ambas as freguesias o nome do lugar era Portuzelo (Abreu, 2017, pág.34). Este local faz parte dos sete lugares que compõem a freguesia de Santa Marta de Portuzelo, o lugar de Portuzelo, o lugar da Fonte Grossa, o lugar de Talharezes, o lugar da Petigueiras, o lugar da Romé, o lugar de Santa Martinha e o lugar de Samonde (“Junta de Freguesia de Santa Marta de Portuzelo,” n.d.).

Este lugar era território antecedente ao Paço de Portuzelo ocupado por um emprazamento de D. Maria Teresa Lobo, onde hoje se situa o Castelo de Portuzelo e onde se situou uma casa com torre, propriedade de Fernão da Rocha Lobo e sua mulher D. Ana Lobo Barreto (Sordo, 1974, pág. 62).

---

<sup>21</sup> Portuzelo é um derivado de pequeno porto, passagem de curso de água.

O Lugar de Portuzelo situa-se no concelho de Viana do Castelo, na margem direita do rio Lima. A freguesia de Santa Marta de Portuzelo, desenvolve-se ao longo de um eixo orientado no sentido NE-SW, e possui como seus limites as freguesias de Perre e Nogueira a norte, Cardielos e Serreleis a Este, Vila Franca, Mazarefes e Darque (no curso do rio Lima) a Sul e Meadela a Oeste.

A freguesia de Santa Marta de Portuzelo usufrui também do rio Lima e da ribeira de Portuzelo, situado a Oeste, como seus limites naturais.

Santa Marta de Portuzelo distancia-se cerca de cinco quilómetros do centro de Viana do Castelo e é composta por cerca de três mil oitocentos e cinco habitantes, com 6.72km<sup>2</sup> de área (Abreu, 2017, pág. 11).

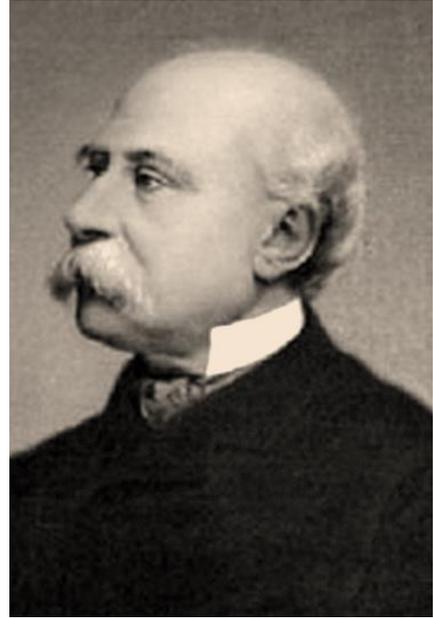


Figura 15. Retrato de António Pereira da Cunha  
(1819-1890)



Figura 16. Retrato de Sebastião Pereira da Cunha  
(1850-1896)

## Os Proprietários

A propriedade onde se localiza o Castelo de Portuzelo era denominada, no século XIII, de couto de Portuzelo. Mais tarde, existiu uma casa-torre, sendo os proprietários D. Fernão da Rocha Lobo e de sua esposa D. Ana Lobo Barreto, fidalgos que deram início à família, no entanto não existe informação documental sobre este edificado (Sordo, 1974, pág.62).

Em 1695, D. Maria Lobo, bisneta dos fundadores da família, a mais velha de sete irmãs, renovou o prazo e fez importantes obras na Casa de Portuzelo. Casou com António Galle da Veiga, vedor-geral da Província do Minho, senhor da quinta de Santo Amaro em Monção e filho de Francisco Álvares de Galle e de sua esposa D. Maria Caldas. Em 1735, D. Maria Teresa Lobo Soutomaior, sua filha, estava senhora do prazo de Portuzelo, com apenas 17 anos. Casou por sua vez com Sebastião Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da Casa Real e capitão de cavalos na Província do Minho, natural de Paredes de Coura. Eram seus pais António Pereira da Cunha, fidalgo da Casa Real e governador da Praça de Caminha, e D. Maria de Castro Pita de Anunciavai, dos Pitas de Caminha.

António Inácio Pereira da Cunha, filho de Sebastião Pereira da Cunha e Castro, foi também senhor do prazo de Portuzelo, casou com D. Maria Joana de Melo Pereira e Sampaio, da Casa do Pombeiro, localizada perto de Guimarães, seu filho Sebastião Pereira da Cunha, Coronel de Milícias de Viana, comandante com distinção de um batalhão da União durante a Guerra Peninsular, casou com D. Ana de Agorreta Pereira de Miranda Veloso, filha de António de Agorreta Pereira de Miranda Veloso, senhor do Paço de Anha, em Viana, e de sua mulher D. Maria Bárbara Felicíssima de Pádua de Sousa Godinho, natural de Pombal (Sordo, 1974,pág.62).

António Pereira da Cunha<sup>22</sup>, filho de Sebastião Pereira da Cunha e de D. Ana de Agorreta de Miranda Veloso, herdeiro dos bens da família foi o responsável por substituir a velha casa pelo Castelo de Portuzelo. Foi um conceituado poeta e prosador do Minho, iniciou a sua carreira literária aos 13 anos em Viana do Castelo e participou em eventos políticos e sociais da época. Tornou-se também militante do Partido Legitimista do Alto Minho, entre 1856 e 1861 foi eleito deputado em Viana do Castelo, foi ainda fundador e presidente da Associação Fraternal dos Artistas Vianeses.

---

<sup>22</sup> Nasceu a 9 de abril de 1819 em Viana do Castelo e faleceu a 8 de abril de 1890 em Lisboa.



Figura 17. Exposição evocativa de el-rei D. Miguel I: retrato de grupo. D. Miguel I, sentado, tendo à volta um grupo de legitimistas. Vêm-se as seguintes individualidades, da esquerda para a direita: João de Lemos Seixas Castelo Branco; Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho; Conde de Avintes; Conde de Bobadela; Marquês de Abrantes; José Izidoro Mousinho; Francisco de Lemos; António Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu; António Pereira da Cunha; Conde de São Martinho e António Pinto Saraiva. Londres, 1862.

Ao longo do tempo participou em várias publicações literárias, como na Crónica Literária da Nova Academia Dramática, no *Trovador*, em Coimbra e na *Revista Universal Lisbonense*. Quando foi viver para Lisboa participou no *Jornal miguelista*, *A Nação*. Produziu poesia<sup>23</sup> e prosa<sup>24</sup> romântica, no entanto dedicou-se igualmente à literatura teatral<sup>25</sup>, onde foi autor de peças que estiveram em cena no teatro da Rua dos Condes e no teatro D. Maria II, partilhando o ideal de renovação do teatro português com Almeida Garrett<sup>26</sup>. Conhece-se ainda a narrativa, *Passeios na Póvoa*, escrita em co-autoria com João de Azevedo e João Machado Pinheiro<sup>27</sup> (“Vida Cultural em cidades de província,” n.d.).

António Pereira da Cunha casou com D. Maria Ana Machado de Castelo Branco, filha dos condes da Figueira. Seu filho Sebastião Pereira da Cunha<sup>28</sup>, senhor do Castelo de Portuzelo por sucessão, poeta e prosador como seu pai, coronel de milícias de Viana, e combatente na Guerra Peninsular. Publicou a maior parte da sua obra em Viana do Castelo. Participou na revista literária *Pero Galelo* no ano de 1882, dirigiu e criou juntamente com João Caetano da Silva Campos e Rocha Páris, no jornal *Bandeira Branca* em 1893.

Autor de uma obra literária diversificada, na qual se incluem *O saio de malha* (1893) e o ensaio, *Os heróis de África* (1895). Mas foi sobretudo como poeta ultra-romântico que se destacou, sendo as suas obras mais conhecidas, *Martim de Freitas*, datada de 1887, *A cidade vermelha* de 1894 e *Serões de Portuzelo* do ano de 1928 (“Vida Cultural em cidades de província,” n.d.).

---

<sup>23</sup> Conhecem-se as seguintes publicações, *Pedro*, datado de 1863, *Exercícios de rima: o voto de el-rei*, de 1872 e *Selecta*, de 1879 (“Vida Cultural em cidades de província,” n.d.).

<sup>24</sup> Romances como, *A moura de Santa Luzia: tradição da minha terra* (1844), *Contos da minha terra* (1845-46), conhecem-se ainda os manuscritos *O governo nas mãos de um vilão*, *O conde Alarcos*, *O Castelo de Gondomar*, *D. Sapo*, *O Poço de D. Sancha*, *Martim Moniz*, *A filha por um cavalo e Vasconcelos*, *Leites*, *Pintos* e *Botados* (“Vida Cultural em cidades de província,” n.d.).

<sup>25</sup> *Duas filhas* (1844), *Brázia parda* (1845), *A herança do Barbadão* (1848), *Dom Miguel II* (1869) e *D. Leonor de Mendonça*. E comédias, *Victor Hugo em Guimarães*, *A companhia monstro* e *Um poeta no tempo d’el-rei D. João V* (“Vida Cultural em cidades de província,” n.d.).

<sup>26</sup> Almeida Garrett – João Baptista da Silva Leitão Almeida, nasceu no Porto em 1799 e faleceu em Lisboa a 1854, foi escritor, dramaturgo, poeta e político. Tendo sido o autor mais representativo do romantismo em Portugal e um grande impulsionador do teatro (Oliveira & Carvalho, 2009, pág.3374-3375).

<sup>27</sup> Nasceu em Guimarães a 8 de janeiro de 1824. Filho de Vicente Machado Pereira de Melo e de sua mulher, D. Carlota Carolina Correia Leite de Almeida. Foi deputado em diferentes legislaturas, governador civil de Braga e de Viana do Castelo, fidalgo cavaleiro da Casa Real e 1º visconde de Pindela. Dedicou-se à literatura, colaborando em diversos jornais, como a *Gazeta de Portugal*. Escreveu e publicou um livro denominado de *Passeios na Póvoa*, com colaboração de D. João de Azevedo e António Pereira da Cunha, que foi publicado no Porto, em 1854.

<sup>28</sup> Nasceu em Viana do Castelo, a 9 de fevereiro de 1850 e faleceu a 20 de setembro de 1896, na mesma cidade.

Séc.XIII - Couto de Portuzelo

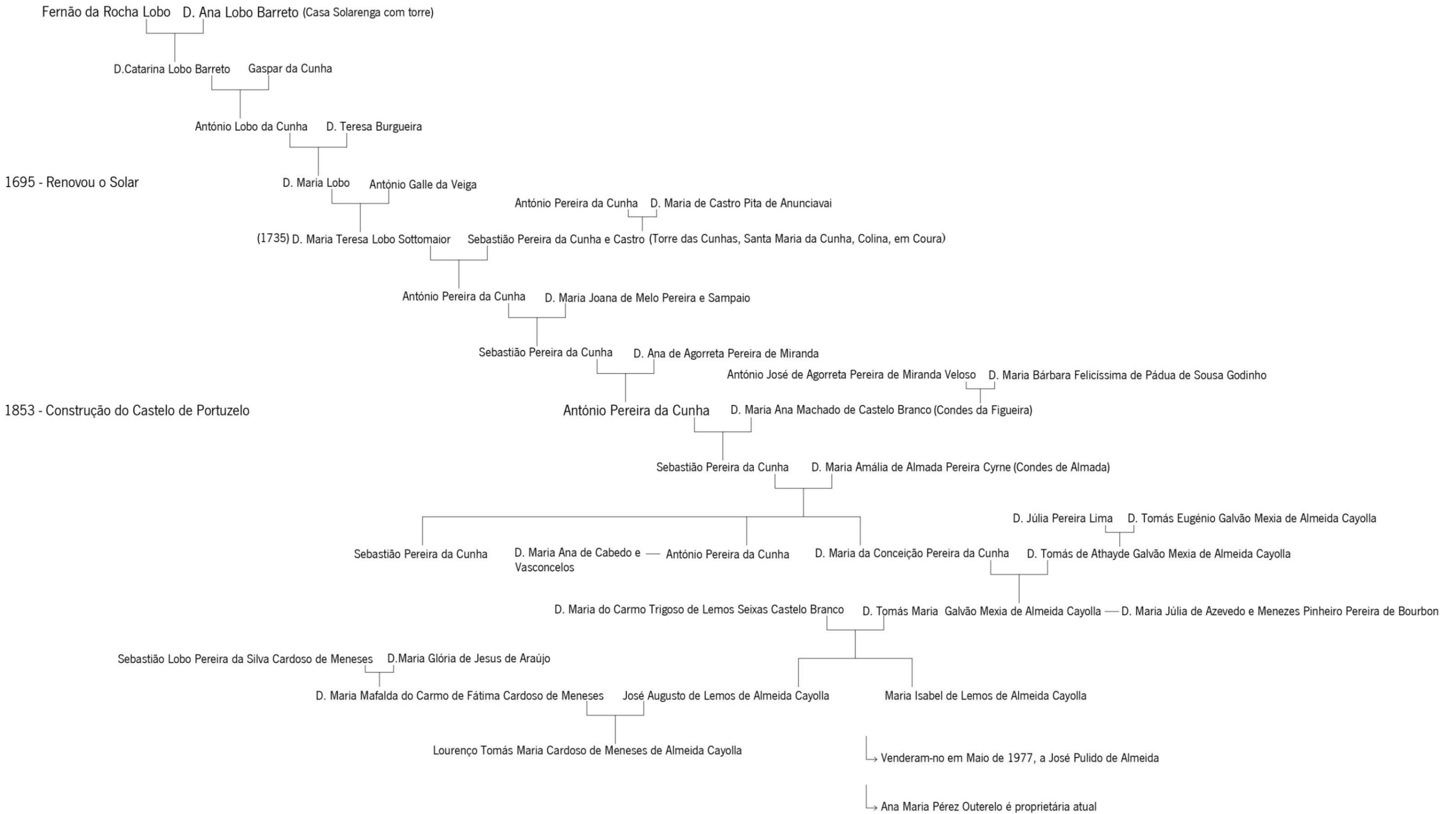


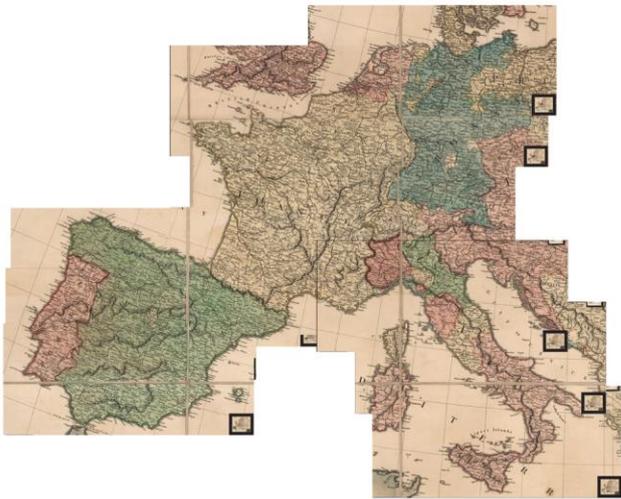
Figura 18. Árvore genealógica dos proprietários do Castelo de Portuzelo

O filho de António Pereira da Cunha foi quem usufruiu do Castelo, onde realizava vários serões com diferentes autores, entre eles, Guerra Junqueiro, António Feijó, João de Lemos, João Gomes e Silva Campos e destes serões saíram várias obras (Sordo, 1974).

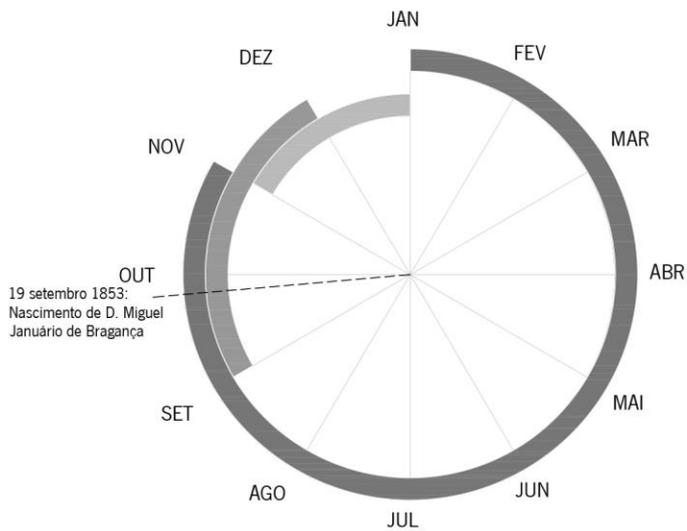
Sebastião Pereira da Cunha casou com a sua prima D. Maria Amália de Almada Pereira Cirne, filha dos condes de Almada e teve três filhos, no entanto, foi D. Maria da Conceição Pereira da Cunha que herdou de seu pai o Castelo de Portuzelo. Casou com D. Tomás de Athayde Galvão Mexia de Almeida Cayolla, capitão de Infantaria, filho de D. Tomás Eugénio Galvão Mexia de Almeida Cayolla e de D. Júlia Pereira de Lima. Teve apenas um filho, Tomás Maria Galvão Mexia de Almeida Cayolla, nasceu na freguesia do Sacramento em Lisboa, a 12 de junho de 1909 e faleceu a 5 de novembro de 1968 no Castelo de Portuzelo.

Casou duas vezes, contudo foi com D. Maria do Carmo Trigoso de Lemos Seixas Castelo Branco que obteve sucessão, Maria Isabel de Lemos de Almeida Cayolla e José Augusto de Lemos de Almeida Cayolla.

Herdeiros por sucessão do Castelo de Portuzelo, para efeito de partilhas, venderam-no em maio de 1977 a José Pulido de Almeida, natural de Guimarães e residente no Porto (Sordo, 1974, pág.62-64).O Castelo foi deixado ao abandono chegando a um estado profundo de ruína, até ser adquirido por Vitor Bouzo Iglesias, de nacionalidade espanhola, que promove a sua reabilitação com projeto da autoria do Arquiteto vianense Fernando Meireles, em 1990. A atual proprietária é a sua esposa Sra. Ana Maria Pérez Outerelo.



Mapa da Europa com marcação das estradas em 1796 (mapa que auxiliou a realização do esquema em baixo) - Anexo



- Ideia de concretização do Castelo de Portuzelo ■
- Viagem de António Pereira da Cunha ■
- Início da construção do Castelo de Portuzelo ■



Figura 19. Mapa especulativo da rota da viagem de António Pereira da Cunha em 1853

## A Viagem, no encalce de um percurso possível

Devendo-se a construção do Palácio a António Pereira da Cunha, esta é levada a cabo a 1853, ano em que se deslocou à Alemanha, para o batizado de filho primogénito do rei D. Miguel I, "o absolutista".

Foi nesta viagem à Alemanha e à Áustria (Sordo, 1974, pág. 61), que Pereira da Cunha contacta com os centros de produção romântica europeia, bem como com modelos imprescindíveis referir face à compreensão da realização do Castelo de Portuzelo na sua propriedade em Santa Marta de Portuzelo. O poeta pretendia um castelo em sintonia com os que tinha visto nessa viagem e que, simultaneamente, expressassem o espírito e simbologia romântica. (Alberto Antunes Abreu, David Rodrigues, João da Cunha Viana, José da Cruz Lopes, 1990, pág. 147)

Neste período D. Miguel I de Portugal vivia em exílio na Alemanha, mais precisamente em Kleinheubach, na Baviera, estado do império Alemão, onde se casou pela segunda vez e teve sete filhos com Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg (Marques, 1972, pág. 94).

Especula-se que António Pereira da Cunha já poderia ter a ideia de construir o seu palácio na propriedade que herdara. Contudo, o filho varão de D. Miguel I, Miguel Januário de Bragança, nasceu a 19 de setembro de 1853, por isso hipoteticamente a viagem se terá realizado entre setembro e novembro, para que a data de construção seja 1853, pois ou o palácio já estaria a ser construído ou teria iniciado entre novembro e dezembro.

No sentido de explorar a viagem de António Pereira da Cunha propomos aqui possíveis rotas que poderá ter optado para chegar a Kleinheubach. Neste período o transporte ferroviário de passageiros ainda não estava desenvolvido, sendo que em Portugal a inauguração da primeira linha ferroviária foi em 28 de outubro de 1856, fazendo o percurso entre Lisboa e Carregado e no norte do país, a Linha do Minho, que une as cidades do Porto até Valença só foi inaugurado no dia 6 de agosto de 1882.

Na Europa (Espanha, França, Alemanha, Áustria) os primeiros troços já tinham sido inaugurados, no entanto as linhas ferroviárias só começaram a ficar estabelecidas entre 1856 e 1866 (Solar & Villalba, 2008, pág.153-157). Com isto, põe-se a hipótese de o poeta ter optado pela carruagem puxada a cavalos como meio de transporte.

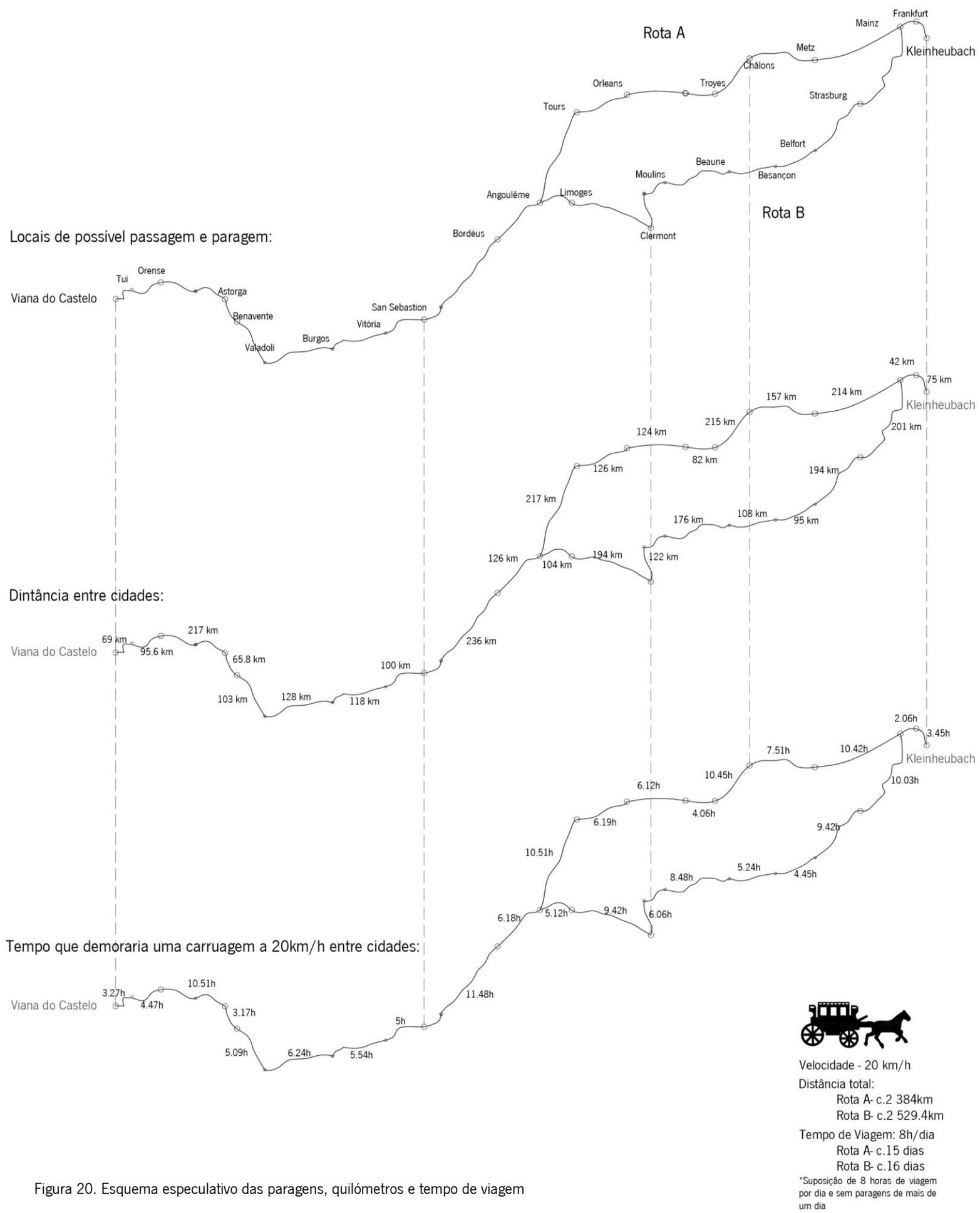


Figura 20. Esquema especulativo das paragens, quilómetros e tempo de viagem

Com o auxílio de um mapa<sup>29</sup> das estradas que existiriam nesta época foram traçadas duas rotas possíveis e assinaladas as cidades que talvez tivessem servido de passagem e ou estadia durante a viagem.

Com as rotas traçadas foi possível especular sobre quantos quilómetros percorreu entre cidades, tendo em consideração que uma carruagem se desloque a 20 km/h e que hipoteticamente tenha viajado em média oito horas por dia (sem paragem de mais que um dia em cada cidade), pode-se concluir que António Pereira da Cunha tenha demorado cerca de quinze dias de Viana do Castelo a Kleinheubach. Com o desenrolar da especulação sobre esta viagem também se presume que tenha permanecido na Alemanha mais que um dia, ou seja António Pereira da Cunha esteve em viagem mais de um mês.

Com a estadia na Baviera, localizado no Sul da Alemanha, considera-se que tenha visitado ou que tivesse conhecimento dos Castelos que estavam a ser modificados de acordo com o espírito romântico e também sobre o Vale do rio Reno<sup>30</sup>, próximo da cidade onde D. Miguel I de Portugal vivia. No Vale existe um trecho entre a cidade de Mianz e Koblez, onde se localiza a maior concentração de Castelos medievais do Mundo.

A documentação sobre a viagem de António Pereira da Cunha menciona que o mesmo também tenha estado na Áustria (Sordo, 1974, pág.61), em 1853.

Para além da realização da sua viagem, estavam em voga os Grand Tour e estavam a ser publicados diários de viagem que o poeta poderia ter tido acesso, conhecendo as descrições das cidades e da arquitetura que eram feitas nestas mesmas publicações, o que lhe permitiu um conhecimento que poderá ter influenciado no desenho do Castelo de Portuzelo.

---

<sup>29</sup> Mapa da Europa com marcação das estradas em 1796 (Anexo).

Fonte: [www.davidrumsey.com](http://www.davidrumsey.com); David Rumsey Historical Map Collection; Autor: Aaron Arrowsmith; Publicação: Londres

<sup>30</sup> Rhein em Alemão



Velocidade - 20 km/h

Distância total:

Rota - c.2 667km

Tempo de Viagem: 8h/dia

Rota - c.17 dias

\*Suposição de 8 horas de viagem por dia e sem paragens de mais de um dia

Figura 21. Mapa com rota que se realizava no Grand Tour

## A Viagem no Romantismo

A experiência de uma viagem influencia o modo de olhar e entender o mundo. Por conseguinte determina a produção humana, sendo o conhecimento adquirido catalisado pela aproximação/confronto aos lugares e pela vivência do espaço e das formas construídas. A viagem é um meio relevante de aprendizagem, de troca de ideias e culturas, sendo estas de grande importância para um artista, porque influenciam o seu modo de pensar.

É desde o século XVII que, com as transformações económicas, sociais e culturais em toda a Europa, surge um novo tipo de viajante: O Grand tourist, denominação do viajante que era fascinado pelos antepassados, monumentos, ruínas e paisagens. No século XVIII o tour continental veio cativar muitos viajantes vindos principalmente da Inglaterra, França e Alemanha, adquirindo cada vez mais seguidores.

Desde o século XVII até ao século XIX importantes arquitetos, escritores, filósofos, historiadores, realizaram esta viagem pela Europa que ficou conhecida como o Grand Tour<sup>31</sup>, que fazia parte de um programa de formação constituindo uma prática social generalizada entre as elites culturais. A viagem passou a ser realizada para prazer próprio e para a valorização da cultura.

O Grand tour incluía a viagem a Paris e um circuito pelas cidades italianas como Roma, Veneza, Florença e Nápoles, sendo exclusiva a classes médias-altas.

Uma vez em Paris podiam optar por várias rotas, o mais comum era partirem para Lion atravessavam os Alpes até Turim e daqui seguiam para as cidades como Veneza, Florença ou Roma, contudo Roma era o ponto alto do Grand Tour. Esta viagem demorava meses até mesmo anos.

Para auxílio dos viajantes europeus surgiu o Guia alemão Baedeker, foi produzido um para cada país, com muitas informações que eram úteis para o viajante. O poeta não teve contacto com este guia turístico, porque só em 1868 é que foi publicado Baedeker guide do Sul da Alemanha e o Império Austríaco.

---

<sup>31</sup> Viagem pela Europa, feita maioritariamente por classes média - alta, que se iniciou no século XVII e está associado a um determinado itinerário.



Figura 22. Pintura da autoria de Johann Heinrich Wilhelm Tischbein, "Goethe na paisagem romana", pintura a óleo sobre tela, 1787.

Nomes importantes realizaram esta viagem tais como Johann W. Goethe e John Ruskin, e das quais resultaram documentos como “Viagem a Itália” e “As pedras de Veneza”, respetivamente, entre outras publicações e diários que tiveram muita influência na arquitetura e na arte que se realizava naquela época.

Johann Wolfgang von Goethe<sup>32</sup> poeta romântico alemão realizou o Grand Tour de 1786 a 1788, conseguindo percorrer toda a Itália, visitando ainda Sicília, possuindo interesse pela arte e pela arquitetura antiga. Goethe publicou de 1716-1817, *Viagem à Itália*, onde o autor narra a sua viagem e as suas memórias, que influenciaram muitos autores a realizarem esta mesma viagem e adquirirem este espírito romântico.

John Ruskin<sup>33</sup> foi também outro dos autores que realizou uma viagem a Itália, ao estilo do Grand Tour, era escritor, pintor e crítico de arte. Deixou também uma obra relatando a sua viagem, obra esta denominada por *Pedras de Veneza*, que influenciou a sua época através da sua interpretação da arquitetura, levantando questões ainda hoje atuais. Ruskin registou em desenho elementos arquitetónicos de edifícios por que foi passando. Para o autor os monumentos possuem um valor histórico devendo ser preservados pois são eles que mantêm vida a memória coletiva. John Ruskin viaja para Itália à procura de leis e características universais do gótico, tentando compreender a natureza do gótico.

“Podemos viver sem a arquitectura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços que pela sua poesia e sua história (...) vale mais um material grosseiro, mas que narre uma história, do que uma obra rica e sem significado. A maior glória de um edifício não depende da sua pedra ou de seu ouro, mas sim o facto de estar relacionada com a sensação profunda de expressão” (...) e “uma expressão não se reproduz”<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Johann Wolfgang von Goethe, escritor romântico alemão, nascido em 28 de agosto de 1749 em Frankfurt, Main, foi precursor e fundador do movimento Sturm und Drang. Dedicou-se à poesia popular alemã, literatura e também dramaturgia. Faleceu em 22 de março de 1832, na Thuringia (Oliveira & Carvalho, 2009, pág.3473).

<sup>33</sup> John Ruskin, crítico e historiador de arte, sociólogo e escritor britânico, nasceu a 8 fevereiro de 1819, em Londres e faleceu a 20 de janeiro de 1900, na Inglaterra (Oliveira & Carvalho, 2009, pág. 6417).

<sup>34</sup> Ruskin, John, Las siete lámparas de la arquitectura. Madrid: Stylos, 1987, p.168-169



Figura 23. Pintura da autoria de Augustus Leopold Egg, "The Travelling Companions", pintura a óleo sobre tela, 1862.

Na literatura portuguesa no século XIX, a viagem é também alvo de atenção por Almeida Garrett<sup>35</sup>, no livro, Viagens na Minha Terra, datado de 1843-46, escritor romântico que se desloca a Santarém onde o património e imaginário gótico é relevante. Mais tarde, em 1901, por Eça de Queirós<sup>36</sup> na obra, A cidade e as Serras, o romance apresenta a viagem da cidade (Paris) para o campo (serra portuguesa), onde a natureza primitiva é um meio para a felicidade plena, sendo concordante com o espírito da época.

O Grand Tour e as viagens no romantismo procuravam a arte da antiguidade greco-romana, renascentista e medieval, mas evidenciando-se igualmente no gosto pela arte e pela paisagem naturalista, procurando o sublime estimulando o seu espírito sonhador, fantasioso e sempre insatisfeito.

---

<sup>35</sup> Almeida Garrett – João Baptista da Silva Leitão Almeida, nasceu no Porto em 1799 e faleceu em Lisboa a 1854, foi escritor, dramaturgo, poeta e político. Tendo sido o autor mais representativo do romantismo em Portugal e um grande impulsionador do teatro (Oliveira & Carvalho, 2009, pág.3374-3375).

<sup>36</sup> Eça de Queirós – José Maria de Eça de Queirós, nasceu na Póvoa de Varzim em 1845 e faleceu em Paris a 1900. É um dos mais importantes escritores portugueses (Oliveira & Carvalho, 2009, pág.6066-6067).



## **A ANTÓNIO PEREIRA DA CUNHA**

*Meu querido Pereira da Cunha: Pois que tu tens vivido vida d'aldeia em terras de provincia, na tua deliciosa quinta de Portozello, para mim de tanta saudade; já te assentaste muitas vezes, ao descair da tarde, à beira do caminho, ficando-te com os olhos absortos no quadro natural, que se desenrolava diante de ti, e com os ouvidos afagados pelos sons diversos, que te chegavam, ecoados brandamente pela folhagem do arvoredos.*

*O sol some-se pouco a pouco, além por traz da longínqua serra; as sombras desdobram-se lentas, como que espriguiçando-se pelos penedos vizinhos; aqui, mais perto, volta do seu cerrado a casa o lavrador de vara ao hombro, entoando uma cantiga singela, precedindo dos bois como Virgílio os descreve, de arado voltado no jugo, e fixada a vista na casinha branca do valle, d'onde o fumo, precursor da ceia, já sobe em leve espiral a confundir-se com as nuvens. Da encosta, desde o rebanho, balando, em demanda do aprisco, acompanhando pelo adolescente pastor, que encontra a gentil moça de cantaro à cabeça, sobre o qual arquêa seus roliços braços, tão alvos como as mangas da camisa arregaçadas n'elles, e trava-se ontre os dois em idyllo mais formoso que os idyllios de Gesner.*

*Depois, ouve-se, ao longe, o tremido e rouco gemer d'um carro, transbordando de milho por escamisar, na direcção da aldeia; aqui próximo, o ramalhar da balsa, e o breve, stridente chilrear do melro, que n'ella se acoita; d'acolá, no campanário da Igreja a voz suave e melancólica do sino das Ave-Marias...*

*E tudo o que vês, como de tudo o que ouves se compõe no espírito umas harmonias sem arte, que, no tumultuar do mundo, lembram às vezes. Não é verdade?...*

(Lemos, 1875, pág. 19-20)



## CAPÍTULO II | Castelo de Portuzelo

O Romantismo da Paisagem

O Estado atual do Palacete

Palácio de António Pereira da Cunha | Análise

O Castelo de Portuzelo

A Casa-torre de Portuzelo

Harmonia Espacial

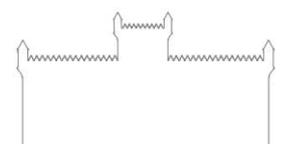




Figura 25. Fotografia aérea da propriedade em estudo

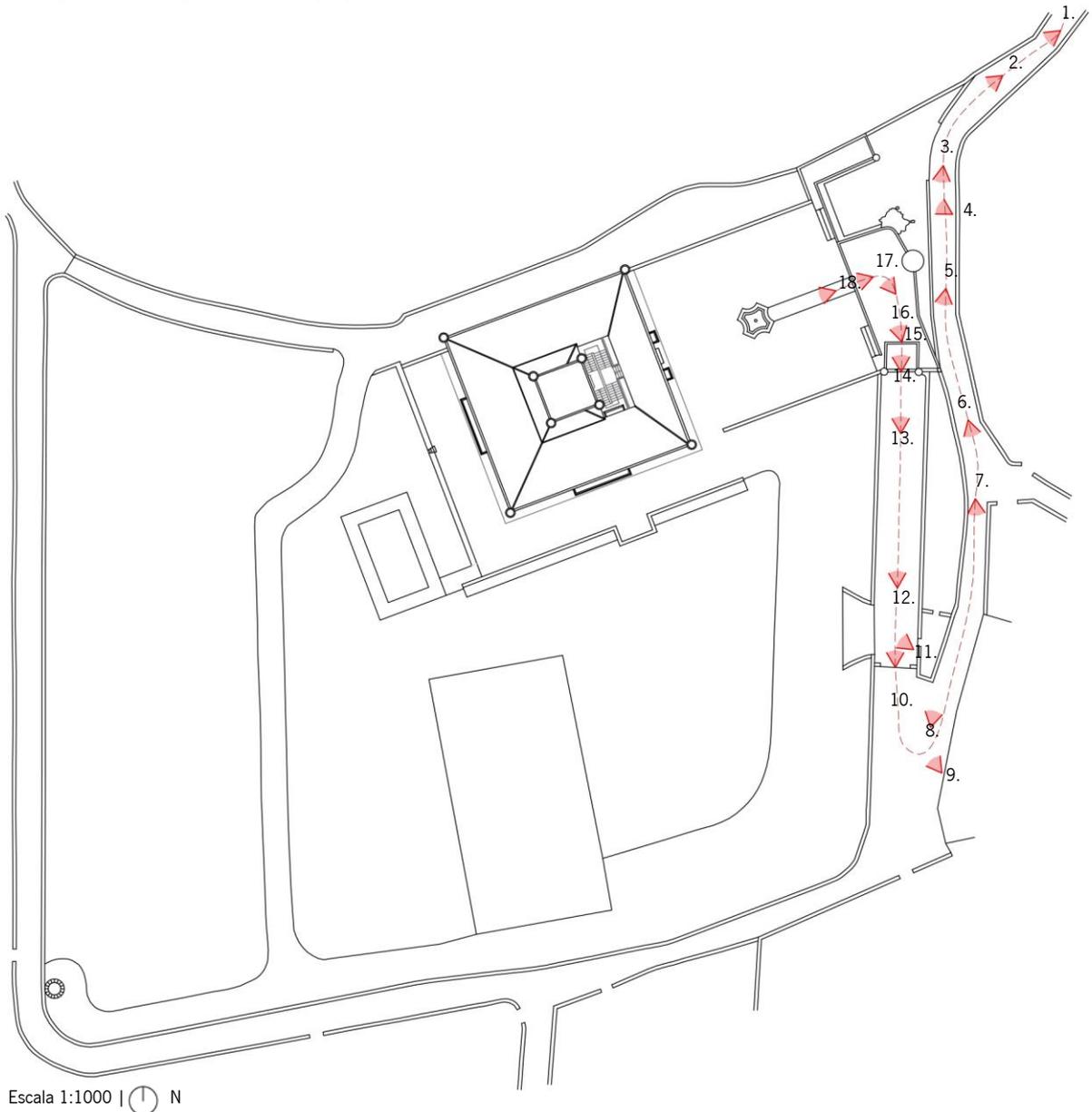


Figura 26. Localização das fotografias do percurso de acesso à propriedade

## O Romantismo da Paisagem

Ao longo dos tempos a propriedade terá sofrido transformações, albergando vários tipos de construção, dependendo das necessidades dos proprietários. No século XIII, já existia um couto neste local, cujos habitantes eram obrigados a pagar ao senhor da terra quando entravam no domínio ou quando casavam as filhas. Estes senhores do couto eram ascendentes de Fernão da Rocha Lobo e sua mulher D. Ana Lobo Barreto, senhores de uma casa com torre que existiria neste lugar, no entanto não existe informação documental sobre este edifício.

Em 1695, D. Maria Lobo, descendente da família renovou o prazo e fez obras importantes na casa tornando-se Paço de Portuzelo. Em 1853, António Pereira da Cunha, descendente da mesma família, construiu sobre as ruínas da casa o que atualmente é denominado por Castelo de Portuzelo (Sordo, 1974, pág.62).

A propriedade situa-se num meio rural e isolado, encontra-se a 500 metros da margem do Rio Lima ("Junta de Freguesia de Santa Marta de Portuzelo," n.d.). A sua envolvente é constituída por campos agrícolas e quintas.

Na aproximação à propriedade pela Rua António Pereira da Cunha, o seu alargamento e a presença maciça de paramento amuralhado com uma guarita sinalizam o início de um percurso romântico conducente à entrada do Palácio. O paramento amuralhado relembra os baluartes de uma fortificação. Ao percorrermos o muro avistamos uma torre integrada no paramento e a rematar as mudanças de direções, pedras esculpidas aludindo a rochas naturais. O caminho estreita e leva-nos para um largo, onde a entrada da propriedade se encontra nas nossas traseiras.

Um grande portão é a entrada da propriedade, já no interior um longo percurso ladeado por árvores e vegetação é rematado por um portal de pedra, em arco de volta perfeita e decorado por ameias e por duas guaritas sendo nesse mesmo portal que se encontra um brasão da família Pereira da Cunha. Este portal tem à sua frente um fosso, que era vencido por uma ponte levadiça que relembra os castelos medievais, atualmente esta não existe, sendo substituída por uma grelha metálica. A este segue-se um percurso abobadado por via do qual se acede ao pátio fronteiro do Castelo. O pátio tem uma forma quadrangular e resulta num espaço murado, sendo limitado pela fachada principal do edifício e pelos vários muros que formam o percurso de acesso à entrada.



1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.

A marcar o centro do pátio encontra-se um chafariz de tanque octogonal, com coluna torcida e duas taças com figuras, que pertenceu ao Convento do Carmo em Viana do Castelo.

Nos dois cantos deste pátio em frente á fachada principal do Castelo de Portuzelo existem escadas que dão acesso à praça alta, formada pelo baluarte, por onde se tem acesso à torre circular que está integrada no paramento amuralhado, que inicia o percurso.

Ao redor do edifício existe um muro que faz a transição de cotas e que alude a um barbacã, um muro com menor altura que se localizavam antes das muralhas, com a função de proteção. Este muro cria uma varanda direcionada para o rio. E do lado poente no seguimento deste paramento encontra-se um balcão também remetendo para as fortificações medievais. Para a entrada na propriedade existe outro percurso que dá acesso à fachada virada a nascente, uma entrada mais direta que seria de serviço.

No terreno, em redor do edifício, existe uma vasta área verde e um pombal, de estrutura circular onde se fazia a criação de pombos.

O edifício é de planta quadrangular e as fachadas são coroadas com ameias em escama e com guaritas circulares de cobertura cónica nos cunhais, e são divididos em três corpos por cordões verticais. O edifício tem 2 pisos e no espaço da torre tem mais 2. A fachada principal virada para o pátio com chafariz integra no primeiro piso, no corpo central, o portal em arco quebrado ladeado por duas janelas bilobadas, nos noutros corpos encontramos duas portas em cada, também estas bilobadas. No segundo piso na parte central tem 3 janelas de arco trilobado com varandas isoladas, duas delas assentes em mísulas trilobadas, no centro está também representado o brasão da família Pereira da Cunha. As partes laterais são constituídas por quadro janelas de arco quebrado.

A fachada poente é constituída por um portal de arco contracurvado, por dois óculos circulares e quatro frestas em forma de cruz grega, no primeiro piso, no segundo piso no centro da fachada surgem cinco janelas com arcos trilobados com varandim contínuo assente em mísulas trilobadas e ladeado por uma balaustrada de pedra. Quatro janelas de arco quebrado constituem os corpos laterais.

A sul, o primeiro piso é composto por três portas que foram abertas nas últimas intervenções (1990), por cinco óculos circulares e quatro frestas em cruz, no segundo piso é igual ao segundo piso da fachada poente.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.

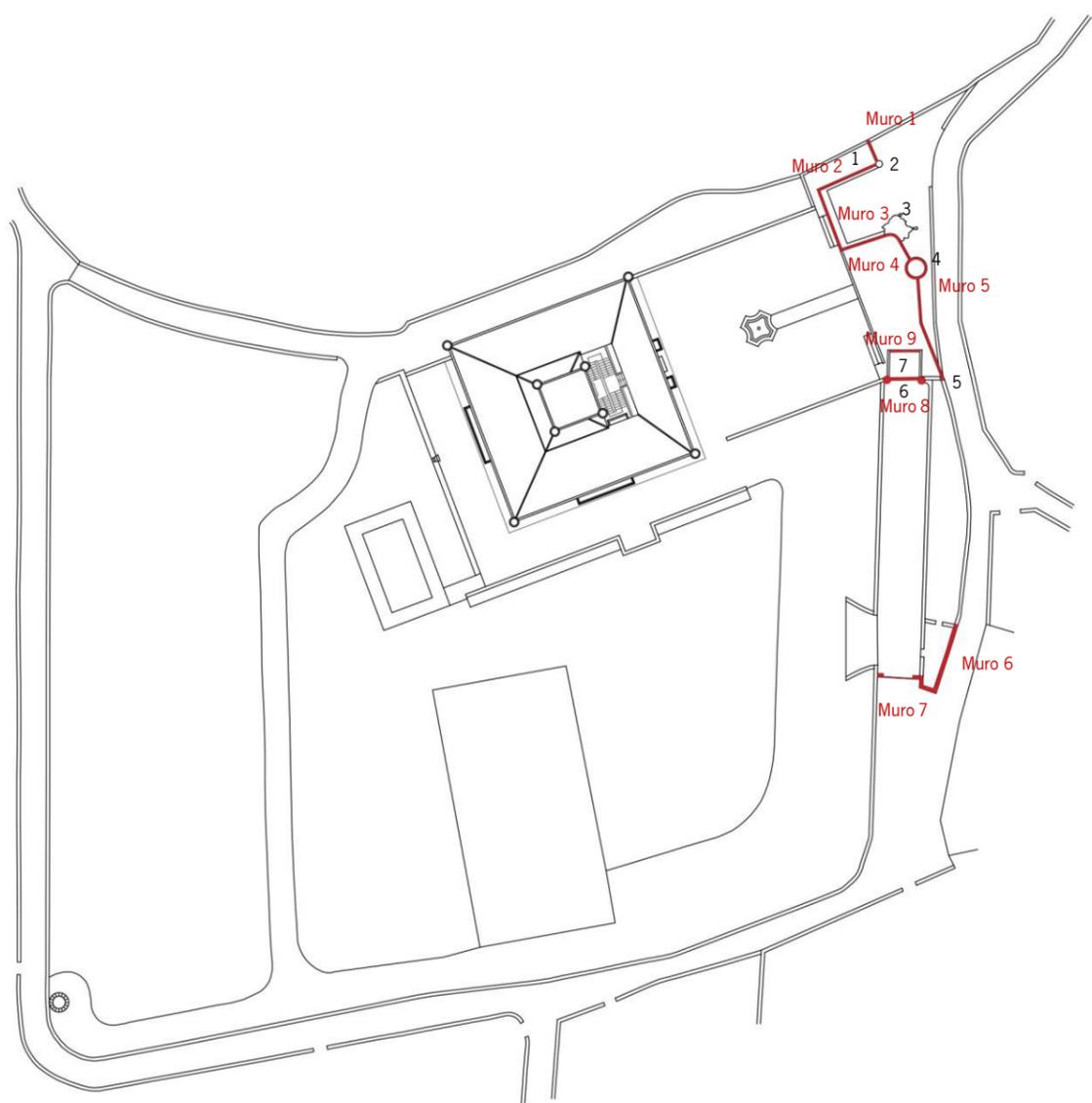


18.

A fachada norte e traseiras do edifício, é formada por uma porta e por uma fresta retangular no primeiro piso, o piso superior é composto por três janelas de arco quebrada uma em cada corpo e por uma janela visivelmente construída posteriormente como a porta do primeiro piso. No centro do edifício ergue-se uma torre também ela quadrangular e em cada face um vão em arco contracurvado, nos cunhais com guaritas iguais às fachadas e coroada também ela por merlões em escama, aludindo às torres de menagem dos castelos medievais.



Figura 27. Fotografias aéreas da propriedade em estudo



Escala 1:1000 | N

- Legenda:
- 1-Baluarte
  - 2-Guarita
  - 3-Pedra esculpida imitação de rochas
  - 4-Torre inserida no muro
  - 5-Imitação de muro em ruína
  - 6-Porta fortificada
  - 7-Fosso e ponte levadiça

Figura 28. Localização dos muros e elementos singulares representados nos alçados seguintes

18.5  
17.5  
16.5  
16.0



Torre Circular

Base da torre

Muro 5

Muro 4

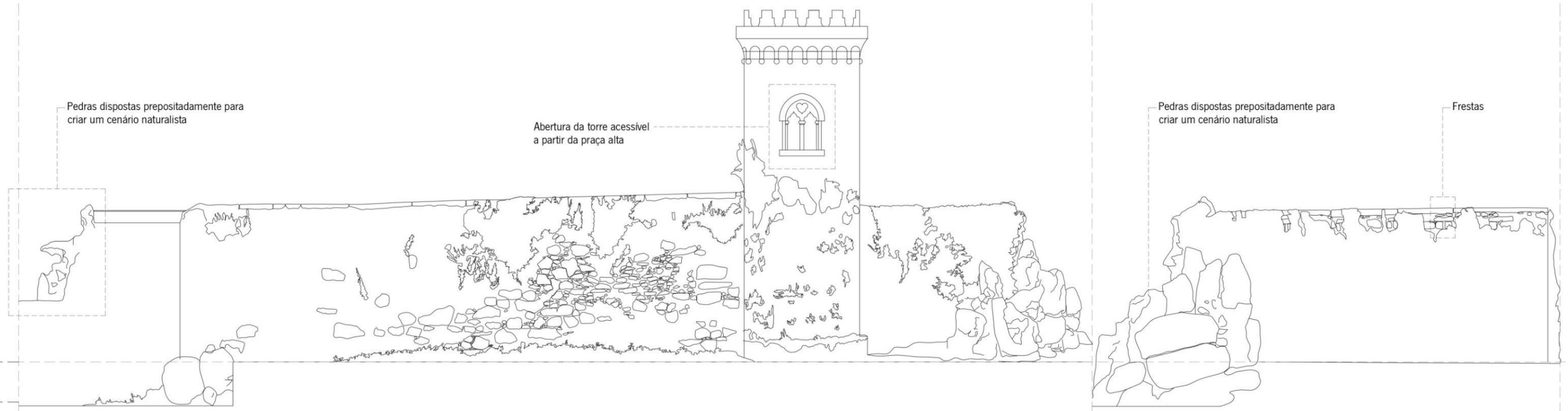
Pedras dispostas prepositadamente para criar um cenário naturalista

Abertura da torre acessível a partir da praça alta

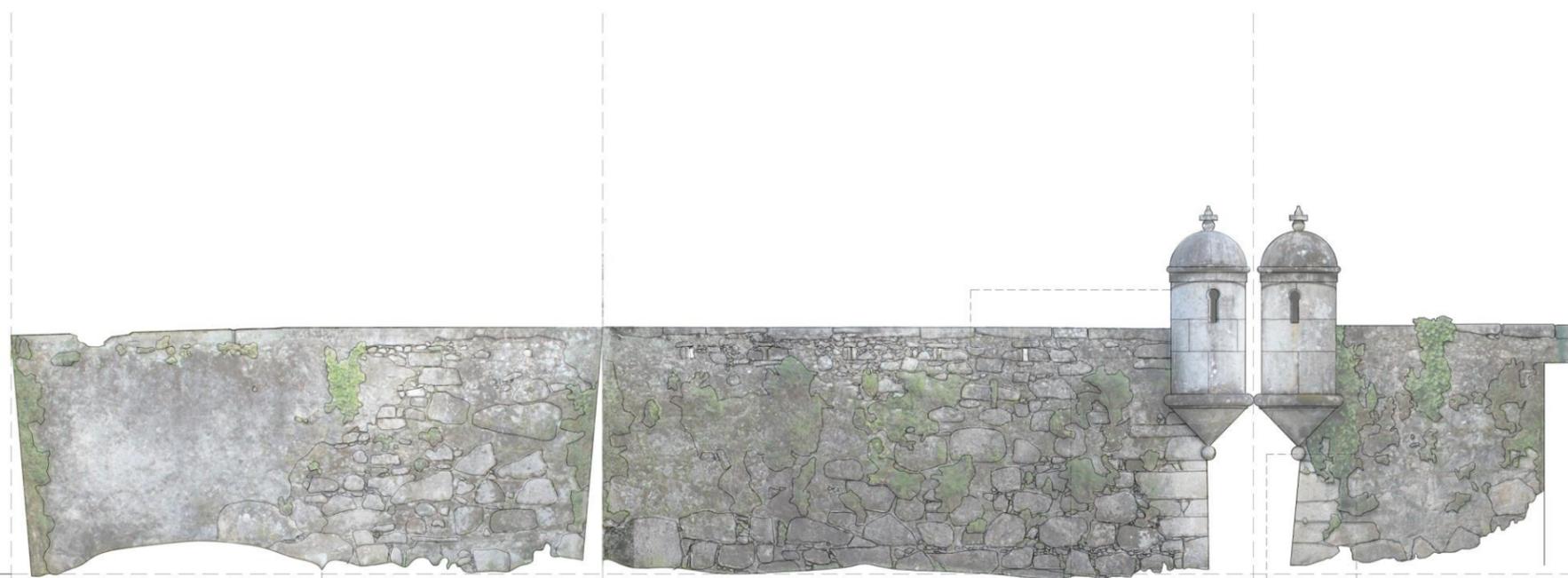
Pedras dispostas prepositadamente para criar um cenário naturalista

Frestas

18.5  
17.5  
16.5  
16.0



18.5  
17.5  
16.5  
16.0



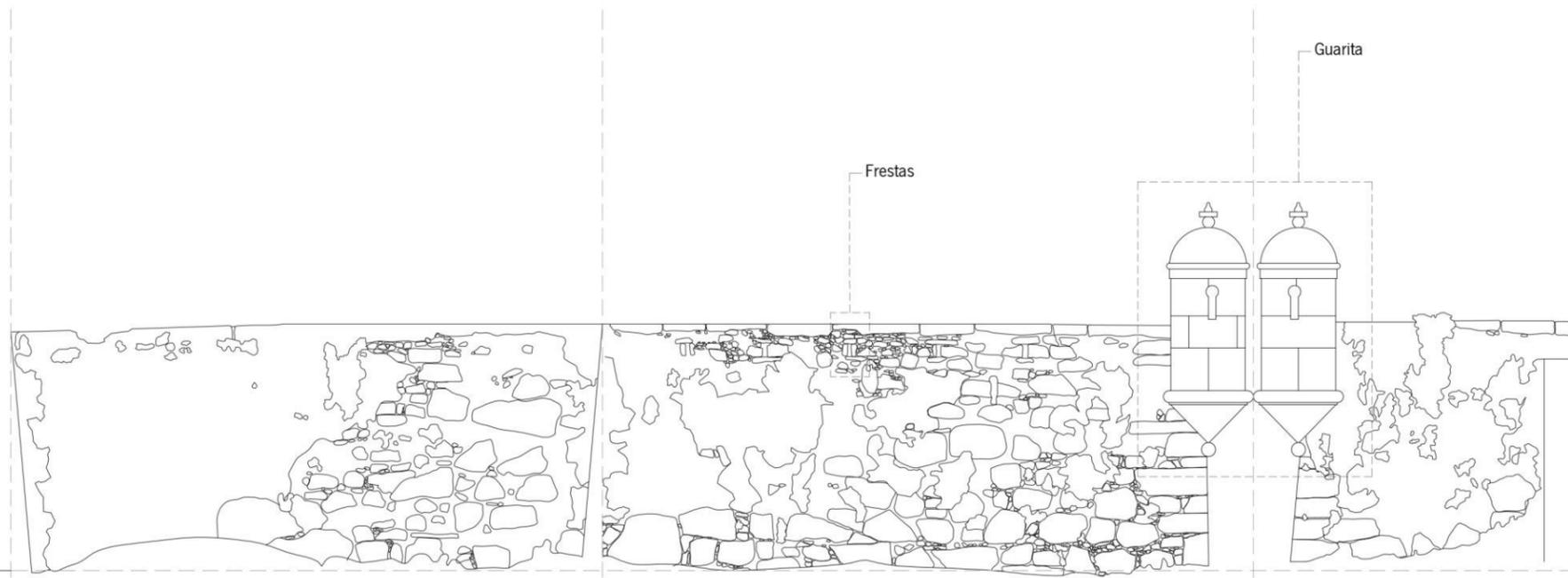
Cortina (nome dado ao  
pano de parede entre os  
baluartes numa fortificação) Muro 3

Pedras que fazem  
capeamento do muro

Muro 2

Pedras emparelhadas  
nos cunhais Muro 1

18.5  
17.5  
16.5  
16.0



Frestas

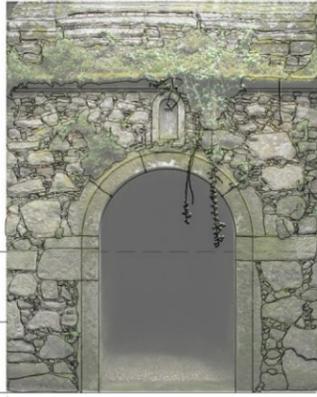
Guarita

Linha de Referência (cota de implantação  
do pátio e porta de entrada do edifício)

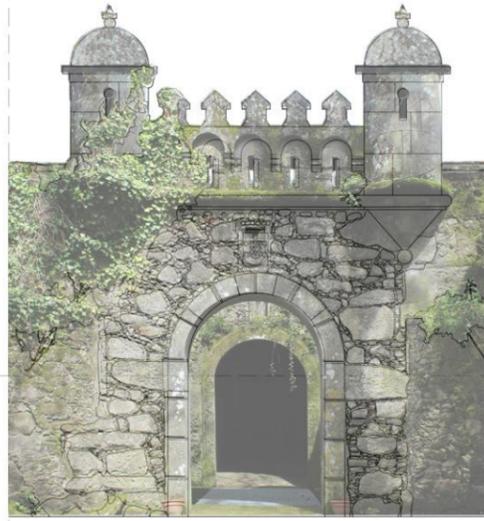
Figura 29. Alçados dos muros que  
acompanham o percurso de entrada na  
propriedade



18.5  
17.5  
16.5  
16.0



Muro 9 - Porta da passagem abobadada com acesso ao pátio



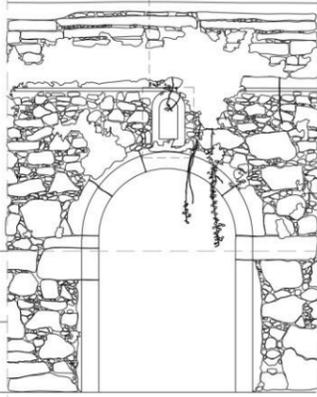
Muro 8 - Porta Fortificada



Muro 7 - Portão de entrada da propriedade

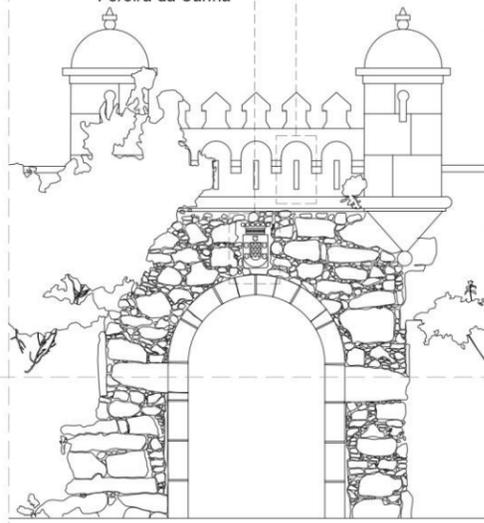
Muro 6

Lugar onde estaria a imagem de Nossa Senhora do Carmo



Brasão da Família Pereira da Cunha

Frestas



Merlões

Abertura

Abertura

Abertura

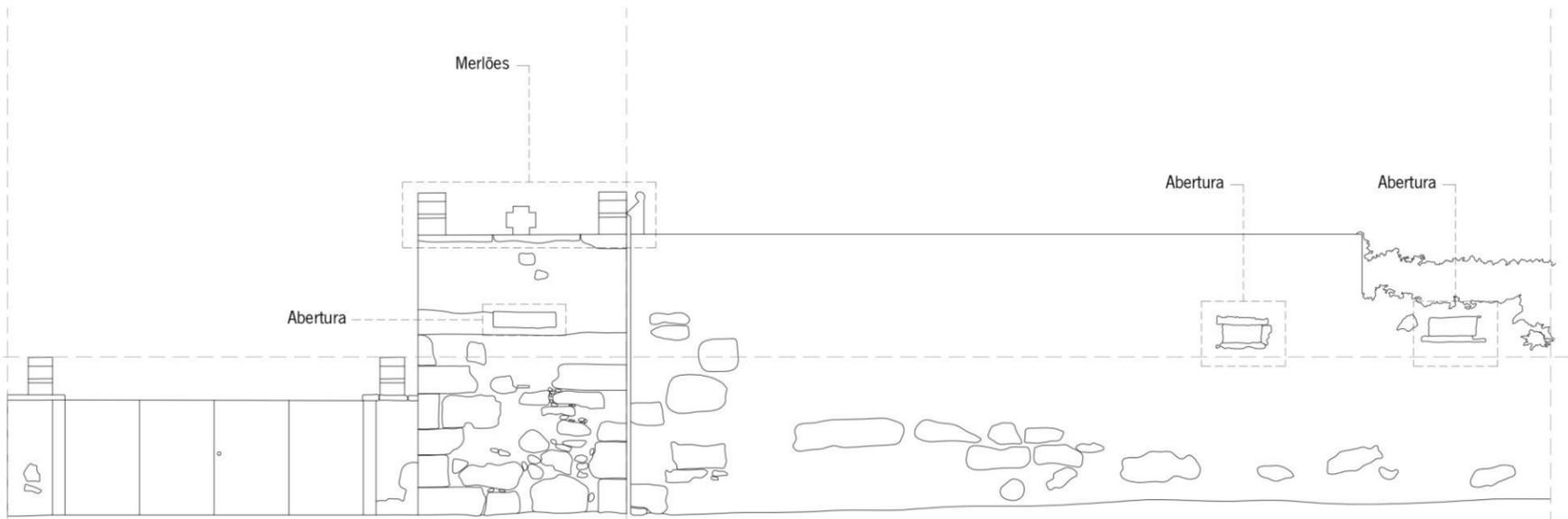


Figura 30. Alçados dos muros que acompanham o percurso de entrada na propriedade



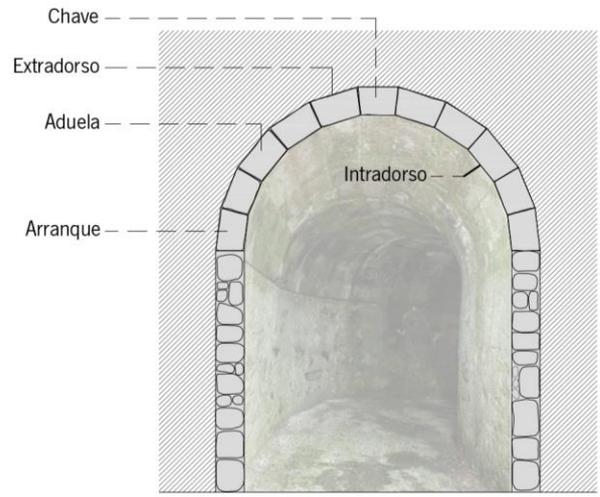


Figura 31. Cortes da Passagem Abobadada

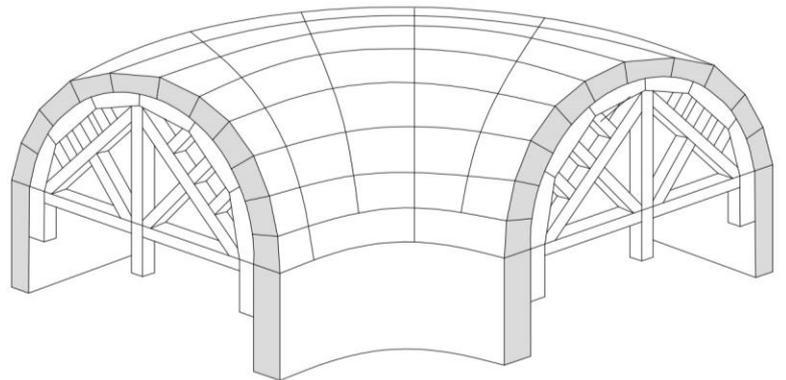
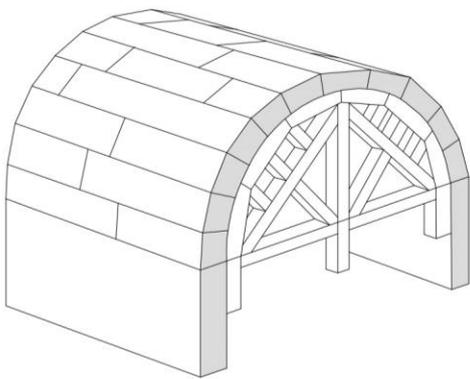
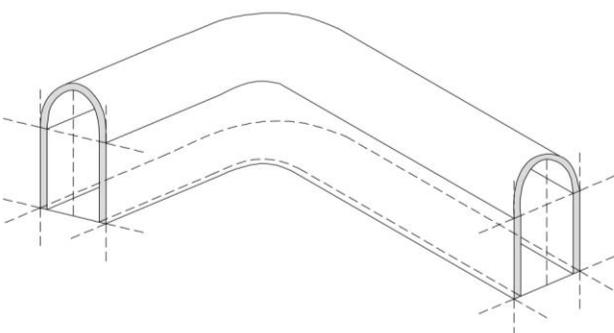


Figura 32. Esquemas tridimensionais da Passagem Abobadada

Figura 33. Planta da Passagem Abobadada | ☉ N



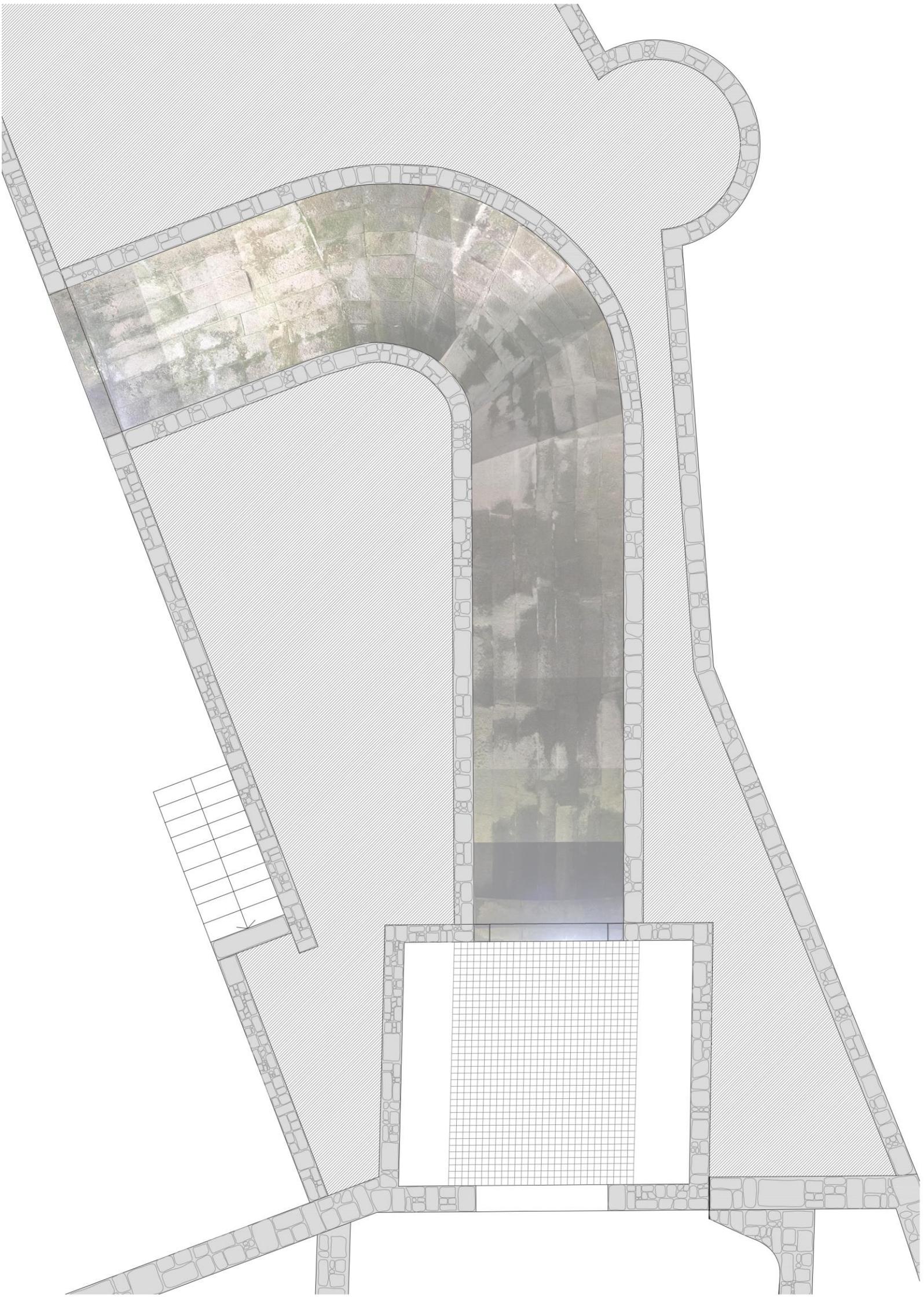




Figura 34. Ortofotomapa da localização da propriedade em estudo



## O Estado Atual do Palacete

Em meados dos anos oitenta o Castelo de Portuzelo, que estava abandonado, foi vendido a um casal espanhol, Vitor Bouzo Iglésias e a Ana Maria Pérez Outerelo, que procuravam uma casa para férias. Apesar do exterior da construção se apresentar de forma sólida, o interior do Castelo estava em ruína, na sequência de um incêndio que danificou coberturas, pavimentos e demais estruturas de madeira que tiveram que ser completamente reconstruídos. Com a profunda intervenção no interior as fachadas também sofreram algumas alterações. Em junho de 2017, Ana Martinez, neta dos proprietários, decidiu iniciar um projeto de alojamento local, que levou a uma reorganização espacial. A edificação abrange neste momento cerca de dois mil metros quadrados distribuídos por dois andares, contendo mais dois pisos no interior da torre.

Possui também, integrada no seu volume, a capela dedicada à nossa Senhora do Carmo, precisamente uma devoção do século XVII. (Alberto Antunes Abreu, David Rodrigues, João da Cunha Viana, José da Cruz Lopes, 1990,pág.91)

Tem como área exterior cerca de dezassete mil metros quadrados, que se subdivide entre o espaço de entrada, o pátio da fonte, e ainda todo um vasto jardim. Em redor do Castelo ainda se consegue ver o fosso, mas já muito obstruído.

O palácio tem neste momento doze quartos (cada quarto detém de uma casa de banho), três salas de estar, duas salas de jantar e uma cozinha. Para além de alojamento local a propriedade alberga vários tipos de eventos privados.

Para a realização do levantamento partiu-se dos desenhos do arquiteto Fernandes Meireles, delineados aquando do projeto de reabilitação que foi aprovado na Câmara Municipal de Viana do Castelo e com datado de 1990<sup>37</sup>. Todos os desenhos foram conferidos a partir da confirmação das medidas dos espaços e da observação de todos os elementos porque sendo um projeto nem todas as ideias foram concretizadas, o que permitiu a realização de secções horizontais e verticais do edifício como se encontra nos dias de hoje.

---

<sup>37</sup> "Processo Castelo Souto da Silva", processo nº704/090, nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, com peças escritas, desenhadas e fotografias sobre as transformações que ocorreram no edifício no ano 1990.



Foram concretizadas cinco plantas correspondendo a quatro plantas de piso e a uma planta de coberturas, e seis secções verticais, quatro alçados e dois cortes. Nos desenhos estão representadas estereotomias que foram conseguidas a partir da sobreposição da fotomontagem ao desenho e projetadas em planta as vigas presentes nos tetos. O levantamento fotográfico também é imprescindível para a comunicação e análise do edifício, complementando os desenhos, pois não só é a partir das fotomontagens que o desenho das estereotomias é conseguido, como possibilita uma maior aproximação ao que existe no local.



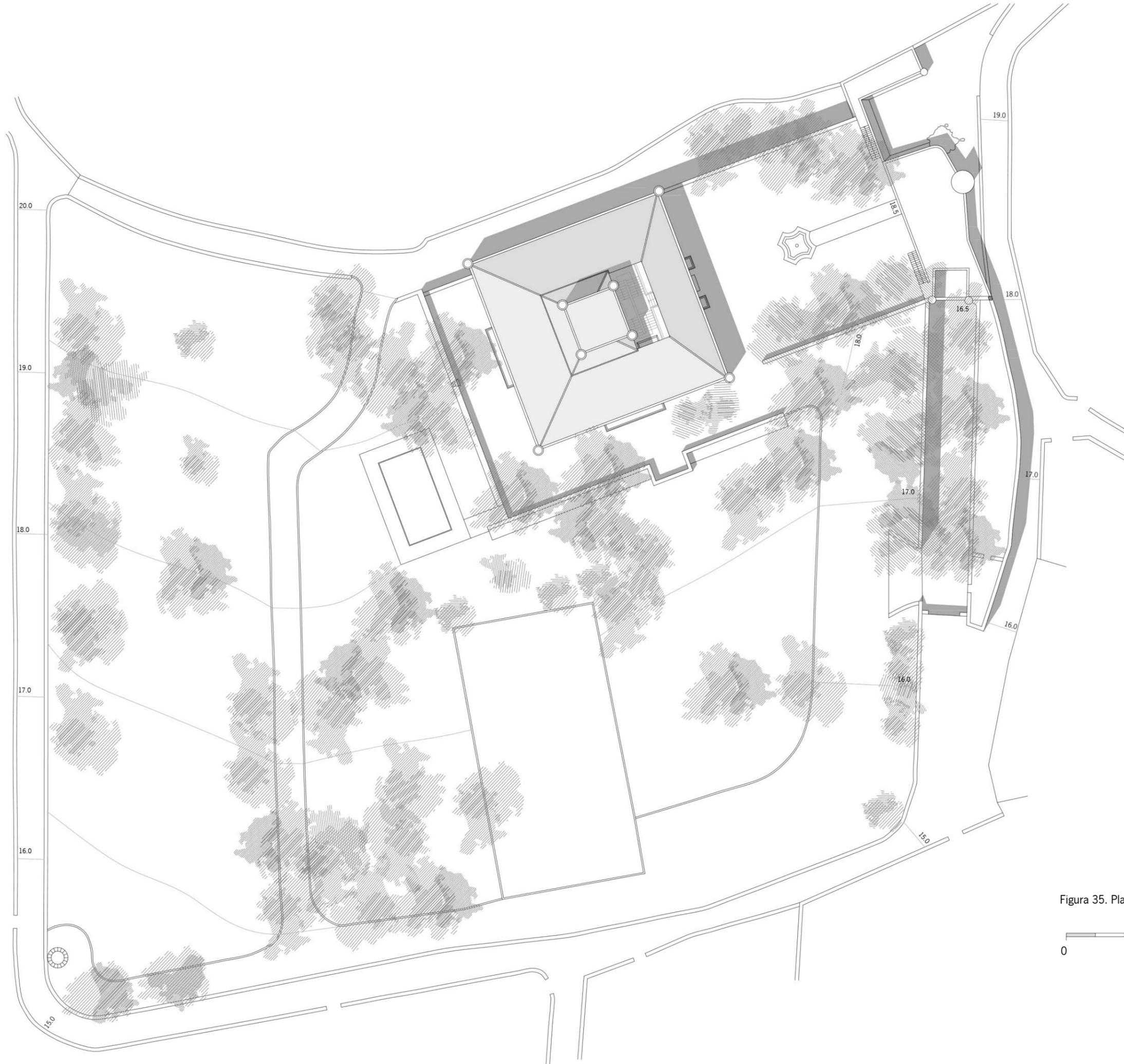
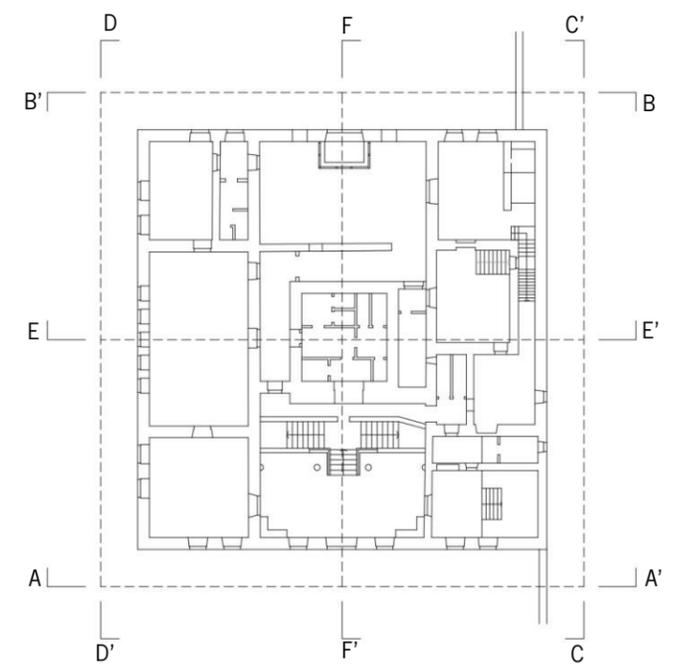


Figura 35. Planta de Implantação





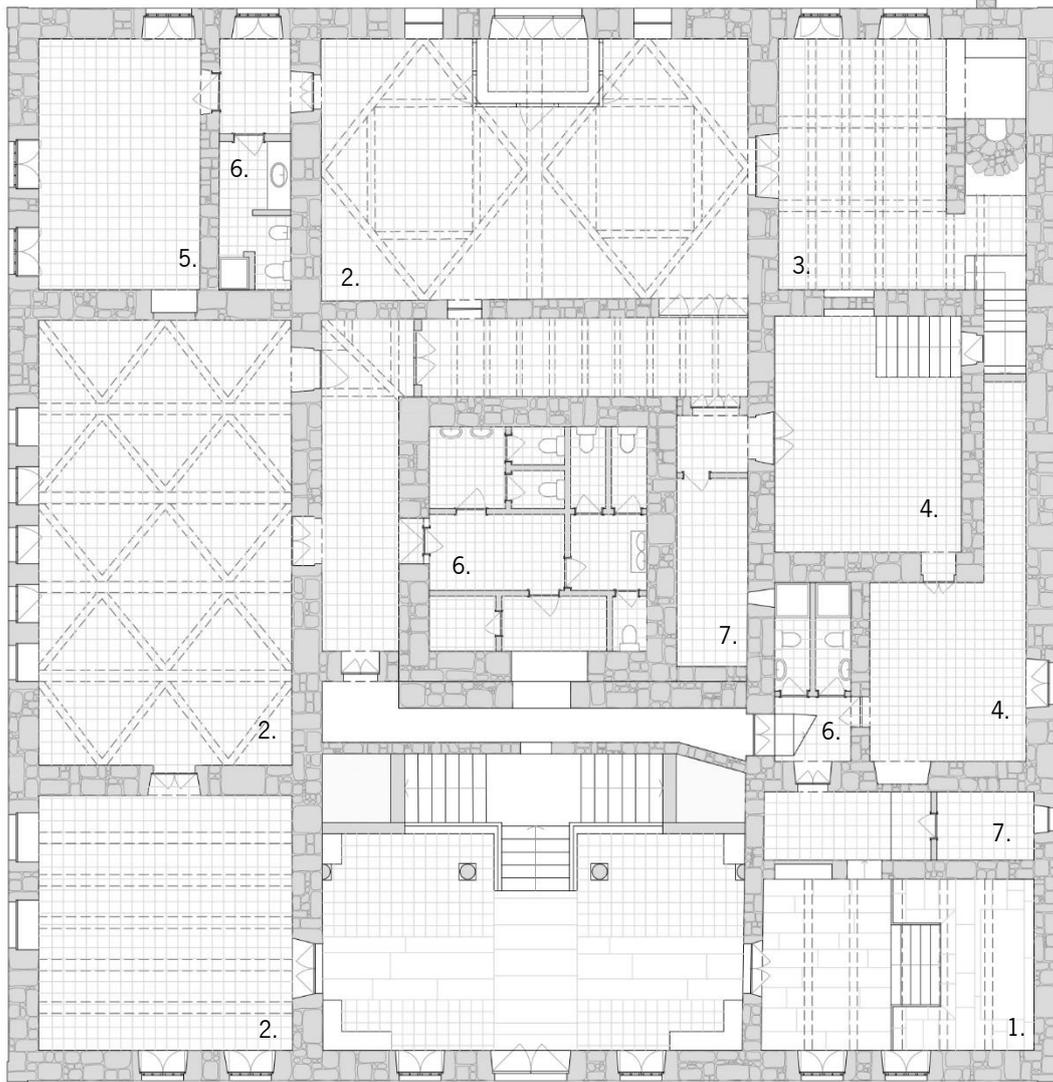


Figura 36. Planta Piso 0

0 5 m

- Legenda:
- 1. Capela
  - 2. Sala de Estar
  - 3. Sala de Jantar
  - 4. Cozinha
  - 5. Quarto
  - 6. WC's
  - 7. Arrumações

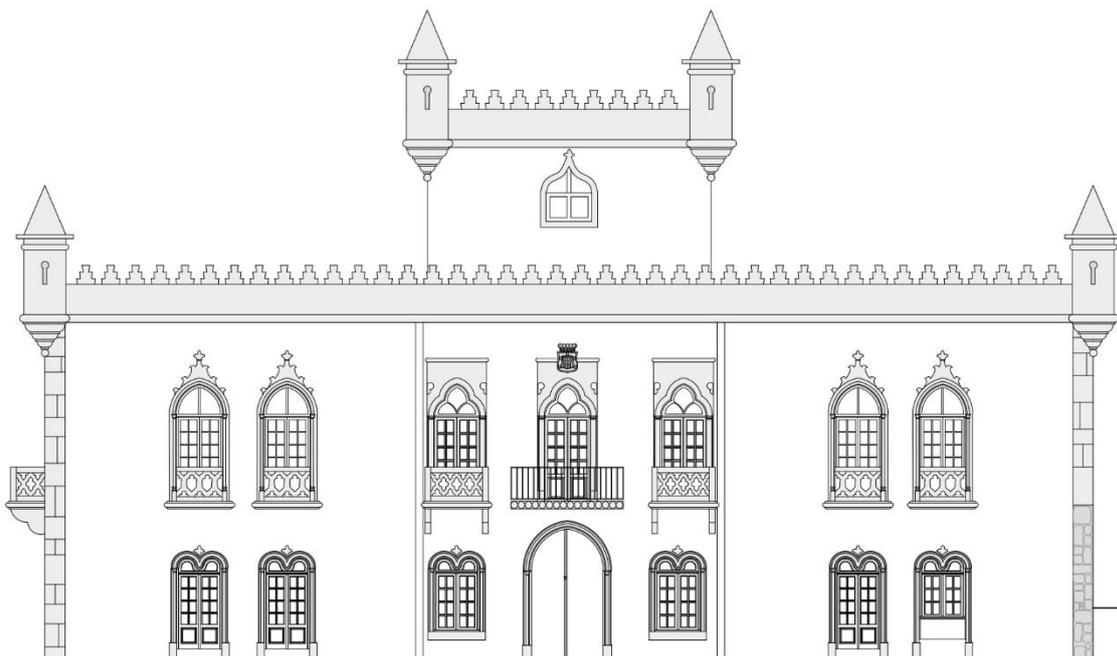


Figura 37. Alçado AA'

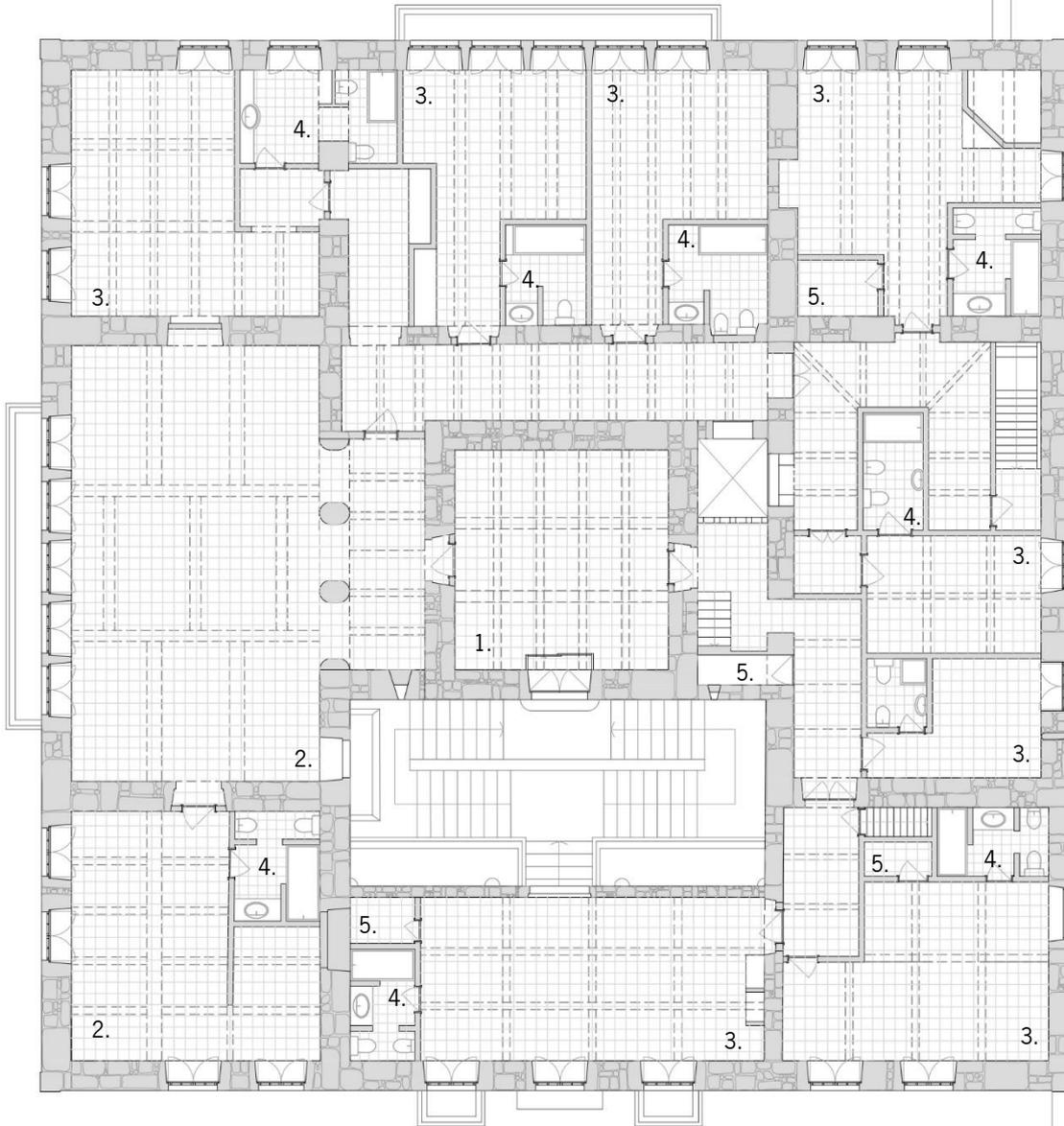


Figura 38. Planta Piso 1



- Legenda:
- 1.Sala de recepção
  - 2.Sala de Estar
  - 3.Quarto
  - 4.WC's
  - 5.Arrumações

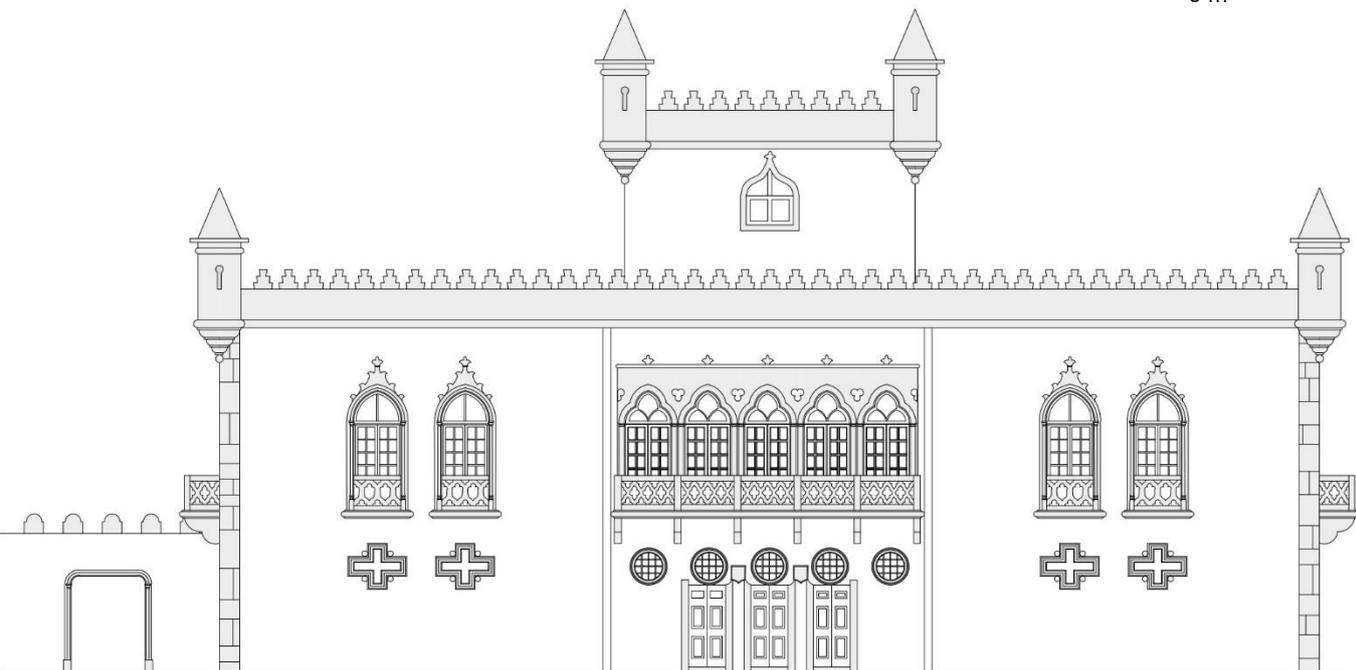


Figura 39. Alçado BB'

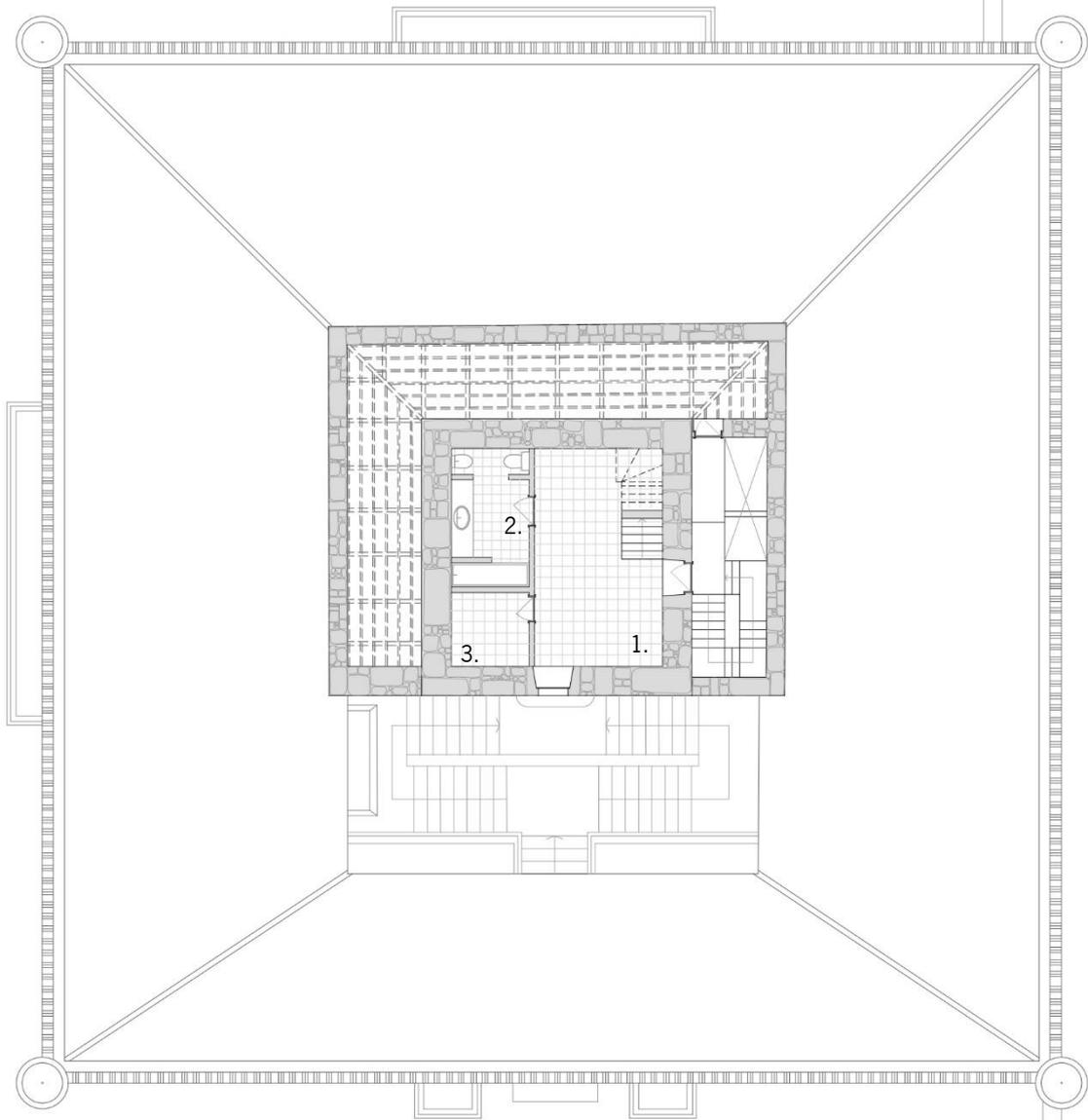


Figura 40. Planta Piso 2



- Legenda:
- 1. Quarto
  - 2. WC's
  - 3. Arrumações

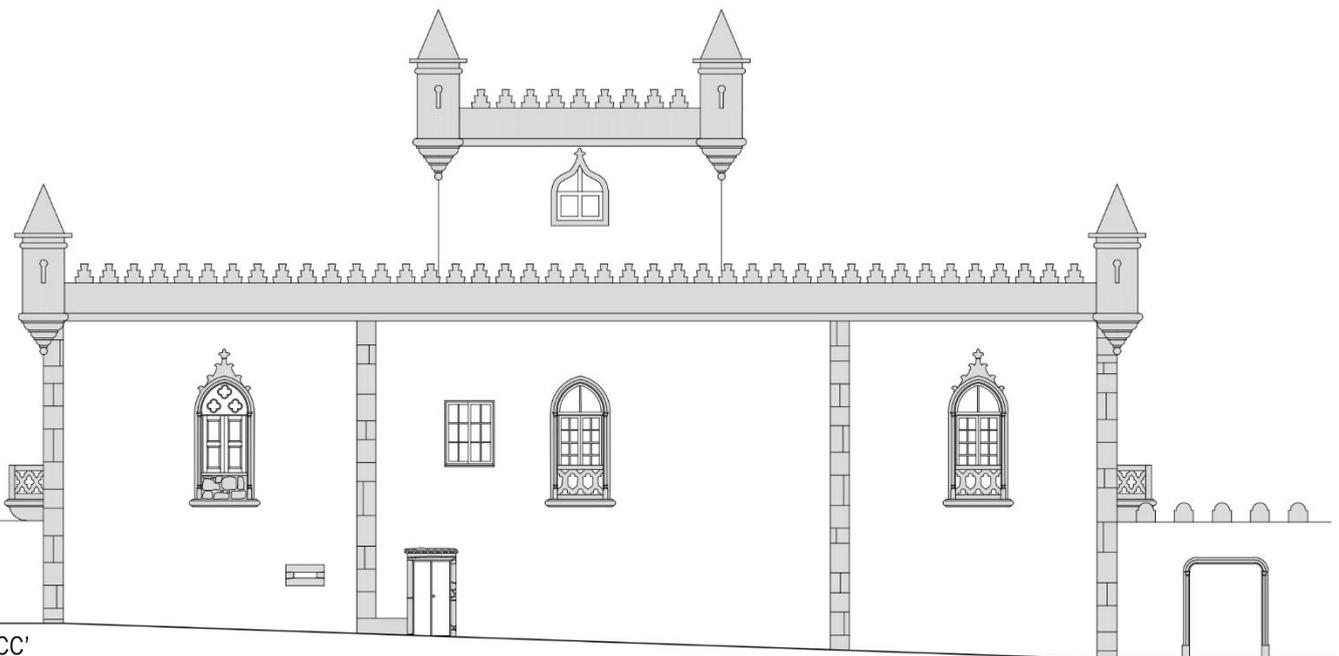


Figura 41. Alçado CC'

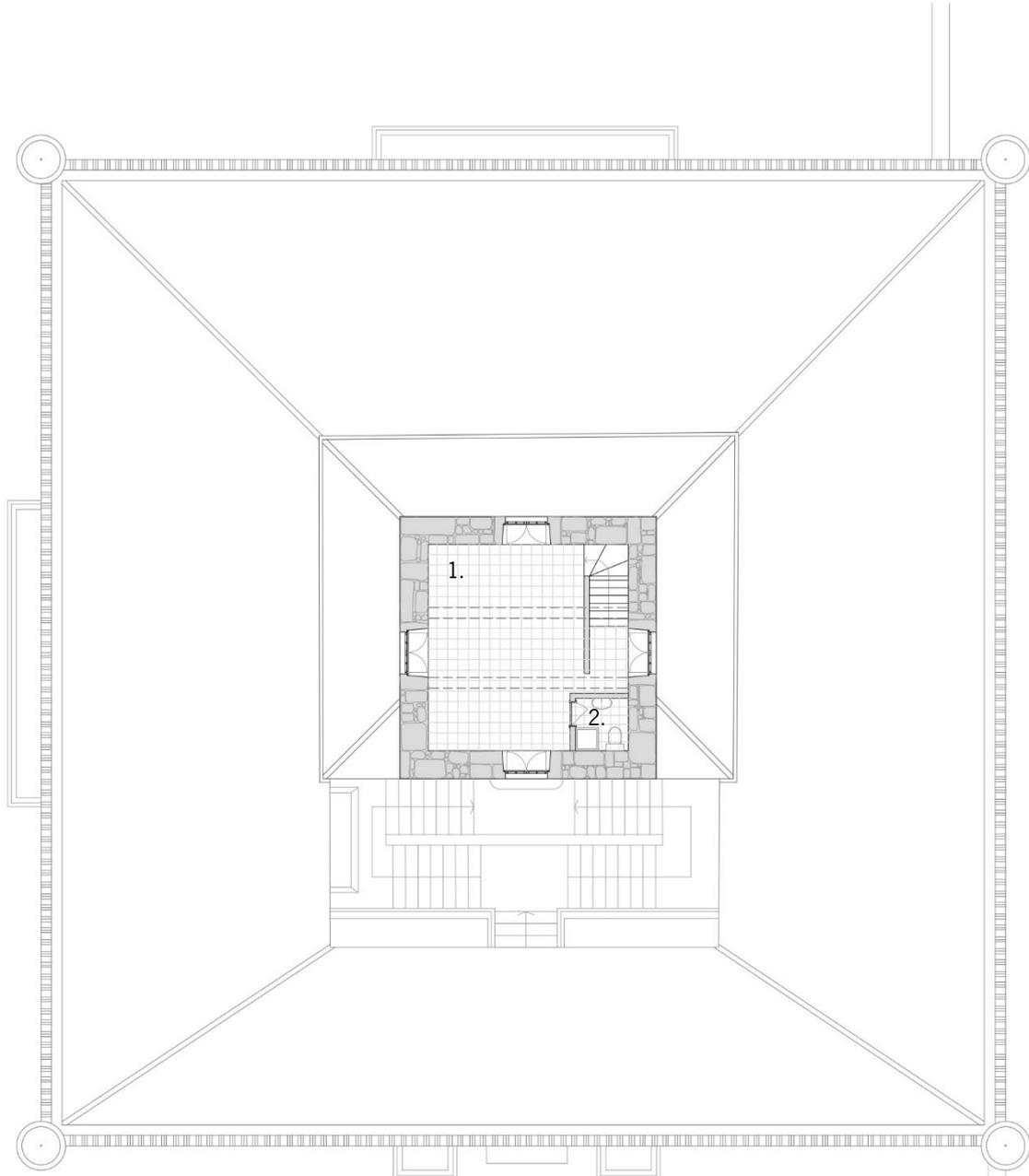


Figura 42. Planta Piso 3



Legenda:

1.Quarto

2.WC's

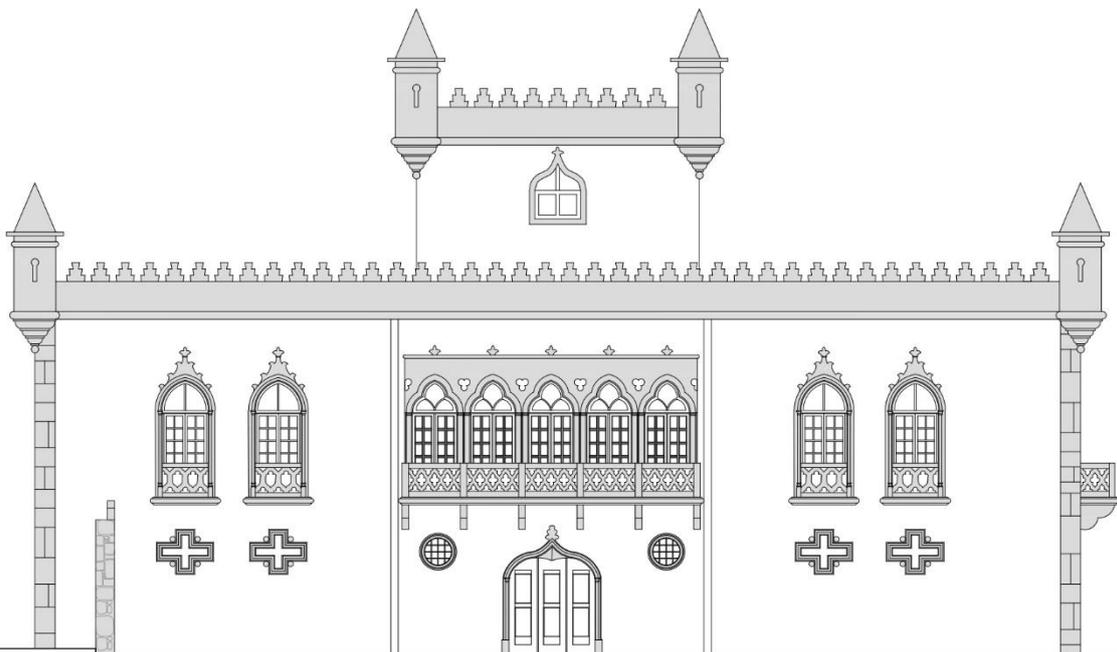




Figura 44. Fotomontagem Alçado AA'



Figura 45. Fotomontagem Alçado BB'

0 5 m

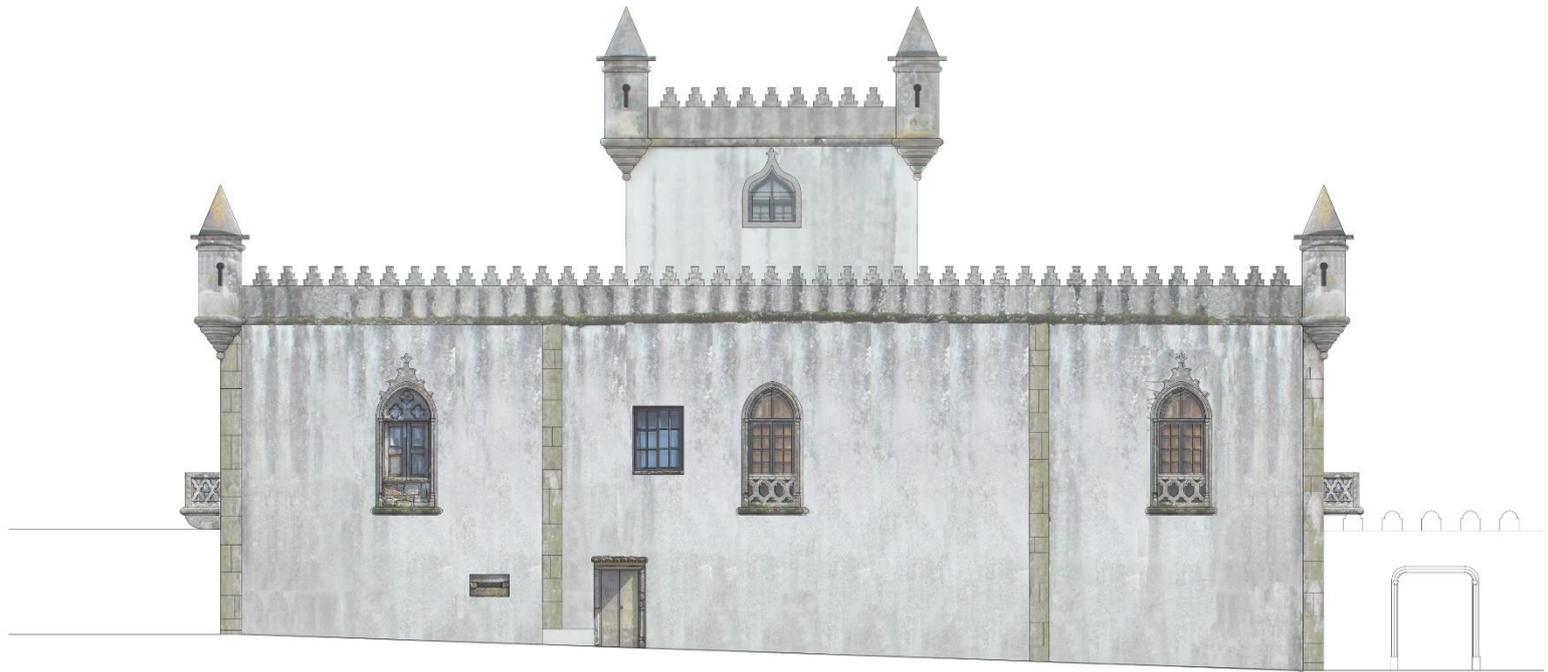


Figura 46. Fotomontagem Alçado CC'



Figura 47. Fotomontagem Alçado DD'

0 5 m



Figura 48. Corte EE'



Figura 49. Fotomontagem Corte EE'

0 5 m



Figura 50. Corte FF'



Figura 51. Fotomontagem Corte FF'

0 5 m



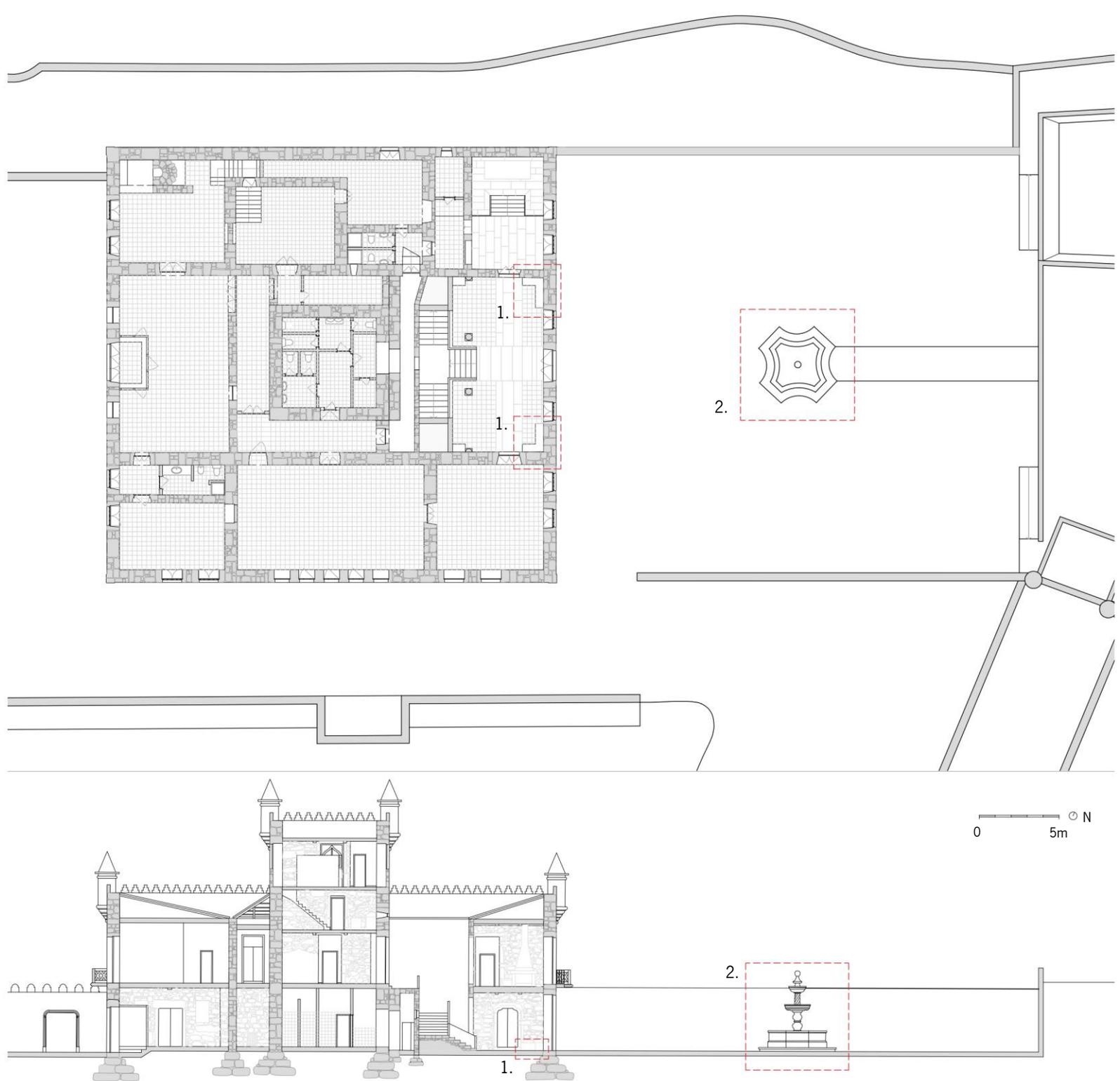
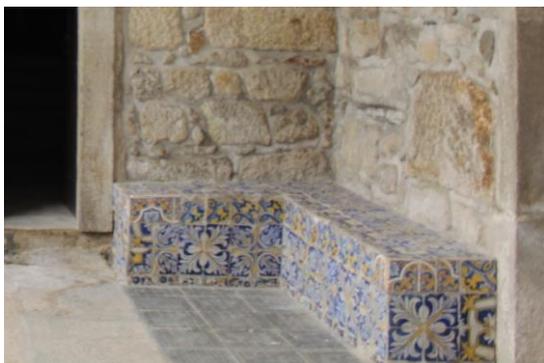


Figura 52. Planta e Perfil com localização de elementos que pertenciam do Convento do Carmo



1. Banco com revestimento de azulejas que pertenciam ao Convento do Carmo



2. Chafariz que pertencia ao Convento do Carmo

## Palácio de António Pereira da Cunha | Análise

O Castelo de Portuzelo integra uma variedade de elementos arquitetónicos e artísticos que o conformam e para a interpretação da edificação foi necessário fazer uma desmontagem de modo a compreender fases, sobreposições e transformações do edificado.

O Castelo possui um chafariz e azulejos que revestem os bancos que estão situados no pátio interior no Castelo que, segundo Albano Sordo<sup>38</sup> vieram do Convento da Nossa Senhora do Carmo, situado na freguesia de Santa Maria Maior em Viana do Castelo, a sua fundação foi decidida no dia 8 de Maio de 1616 durante a reunião do Capítulo Provincial, no Convento Carmelita de Lisboa, sendo o Frei António do Santíssimo Sacramento o responsável pela sua realização, mas só cinco anos depois se deu início à sua construção segundo o projeto de Frei Alberto da Virgem.

O convento foi sofrendo intervenções ao longo do tempo, em 1834 com a extinção das ordens religiosas, todos os bens foram vendidos, em 1836 o convento foi concedido á confraria de Nossa Senhora do Carmo e em 1857 a igreja passa para a Ordem Terceira do Carmo, sofrendo pequenas alterações até aos dias de hoje.

Visto que, no Castelo de Pereira da Cunha, a capela é em devoção a Nossa Senhora do Carmo, possivelmente depois de algumas alterações no convento estes elementos foram transferidos para esta propriedade, no entanto não se sabe a data de transladação.

Contudo se hipoteticamente estes elementos fossem transferidos por volta de 1853, data da construção do Castelo de Portuzelo, seria concordante com o espírito romântico, impulsionado pelo gosto pelo antigo, dando importância ao património histórico, locais arqueológicos e arte antiga, proporcionando assim intercâmbios de antiguidades que começaram a ser reunidas, surgindo aí o termo colecionismo.

O Castelo é um objeto arquitetónico que integra vários elementos que remetem para épocas diferentes e estilos arquitetónicos diferentes o que ajuda a compreender o espírito do período em que se vivia, contendo nele, várias vertentes do espírito romântico.

---

<sup>38</sup> Sordo, A. (1974). O Castelo de Portuzelo.pdf. In in Cadernos Vianenses (vol. 3). Viana do Castelo, pág.61.



Figura 53. Fotografia do castelo de Portuzelo antes da reabilitação



Figura 54. Fotografia da praça alta antes da reabilitação



Figura 55. Fotografia do pátio de entrada antes da reabilitação



Figura 56. Fotografia do portão de entrada antes da reabilitação



Figura 57. Fotografia da fachada antes da reabilitação

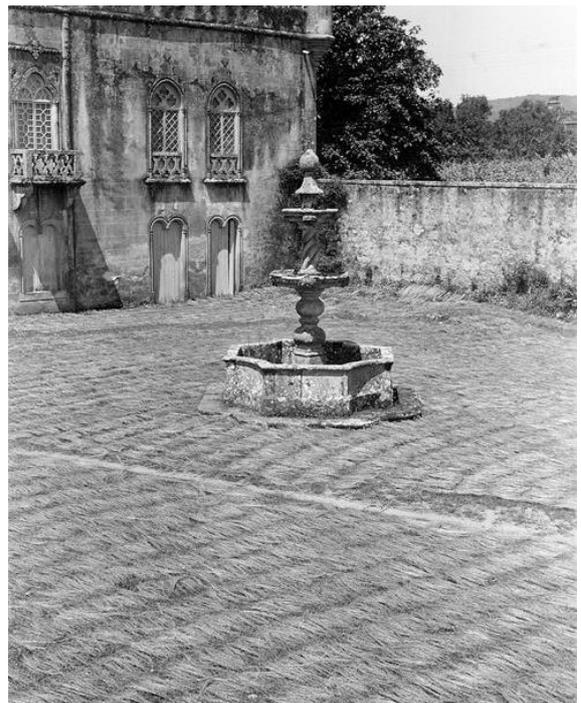


Figura 58. Fotografia do pátio de entrada antes da reabilitação

## Castelo de Portuzelo

Para a realização da reabilitação da autoria do arquiteto Fernando Meireles é executado um levantamento do estado do edifício. De acordo com a memória descritiva<sup>39</sup> quando os proprietários o adquiriram o edifício já tinha sofrido outras intervenções pelo anterior proprietário. Em 1990 o Castelo foi encontrado com uma área bruta de 783,75 m<sup>2</sup>, mas bastante degradado tendo sofrido um incêndio no seu interior, este imóvel que de acordo com as edificações da mesma época e com a mesma linguagem, teria os pisos em madeira sendo ainda visíveis os cachorros de pedra e as vigas de secção circular, embora sem função estrutural são utilizados com um carácter decorativo. As paredes seriam revestidas a reboco e não pedra à vista como é observável hoje e os tetos teriam ornamentos em estuque.

A partir das fotografias apresentadas é possível perceber que o reboco exterior não era liso, apresentando uma pintura de aparelho fingido à semelhança da tradição quatrocentista nacional, como acontece por exemplo na Igreja de São Francisco, em Évora.

As caixilharias também foram substituídas, sendo que as originais ainda podem ser visíveis no edifício numa janela que foi encerrada. Por consequência da alteração das caixilharias a imagem do palácio modificou, segundo fotografias antigas percebe-se que os caixilhos eram de madeira pintados de branco com três aberturas quadrilobadas na parte superior e um quadriculado na parte inferior que formavam uma imagem diferente à que hoje é visível, onde os caixilhos são de madeira de cor preta e com um desenho simplificado.

No interior do Castelo de Portuzelo são visíveis outro tipo de caixilharias, utilizadas como peças de decoração, estas em ferro e com um desenho diferente das de madeira, contudo não existem documentos que confirmem em que período foram utilizadas.

Os espaços antes da última intervenção eram amplos, com salas mais espaçosas, o Castelo não era tão subdividido como se encontra. Pelo exterior são também visíveis algumas alterações principalmente nos vãos que foram encerrados, acrescentos de equipamentos e alterações nas plantações existentes nos jardins.

---

<sup>39</sup> “Processo Castelo Souto da Silva”, processo n.º704/090, nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, com peças escritas, desenhadas e fotografias sobre as transformações que ocorreram no edifício no ano 1990.

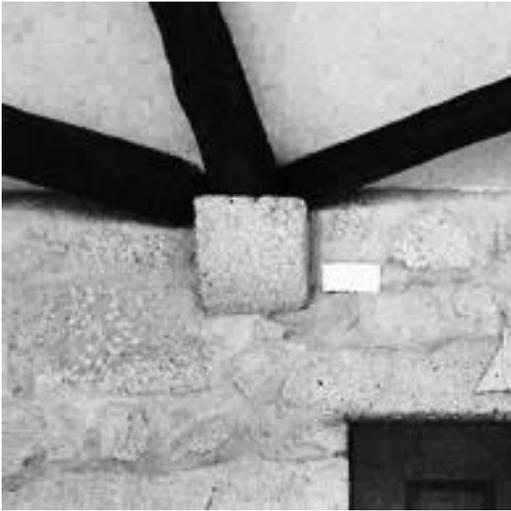


Figura 59. Fotografia de cachorros de pedra com vigas de madeira



Figura 60. Fotografia anterior à intervenção de 1990 onde é evidente as paredes rebocadas e pintura decorativa



Figura 61. Fotografia da fachada principal do Castelo de Portuzelo onde é observável a pintura de um aparelho fingido



Figura 62. Fotografia das caixilharias originais

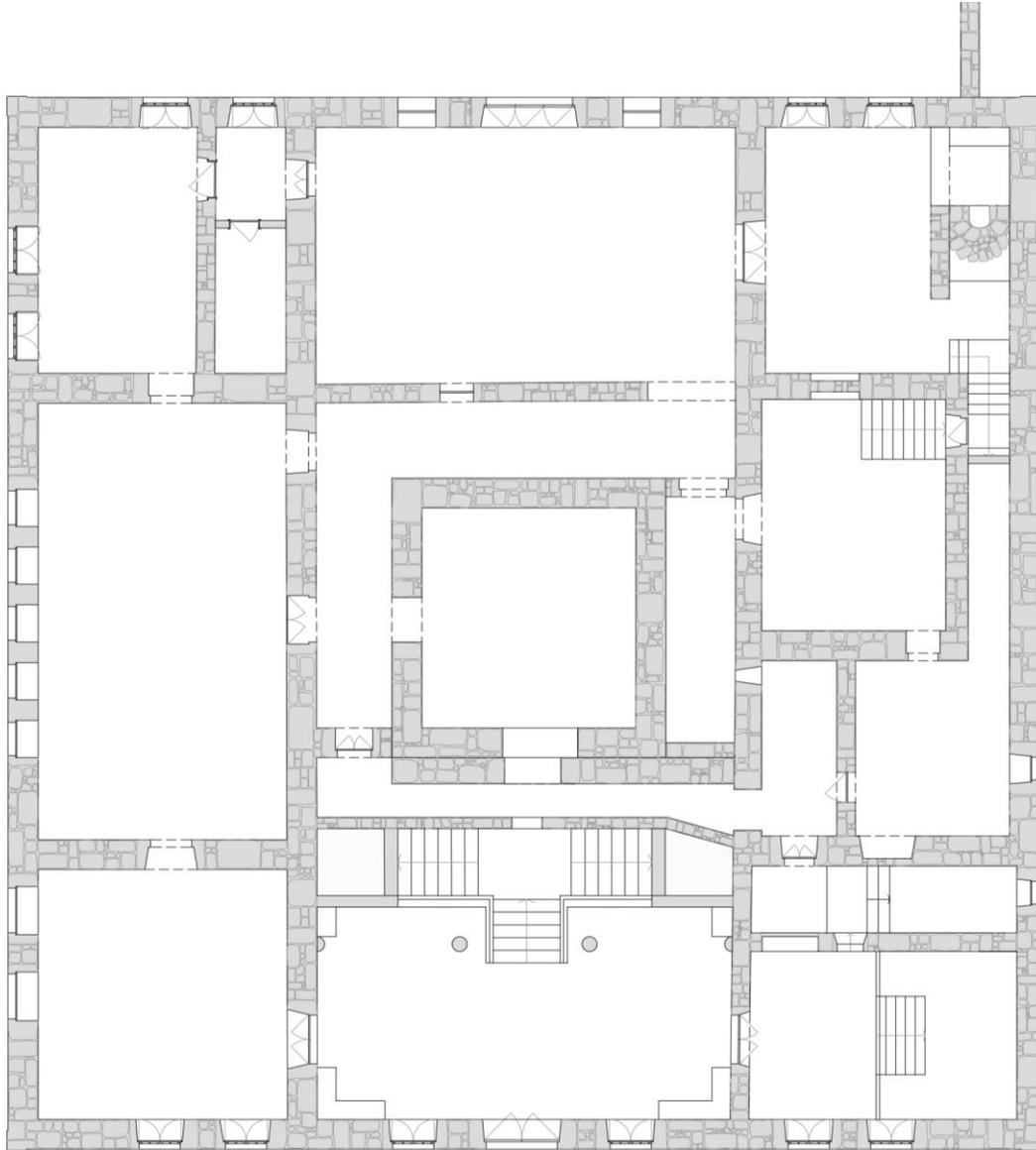


Figura 63. Planta Piso 0

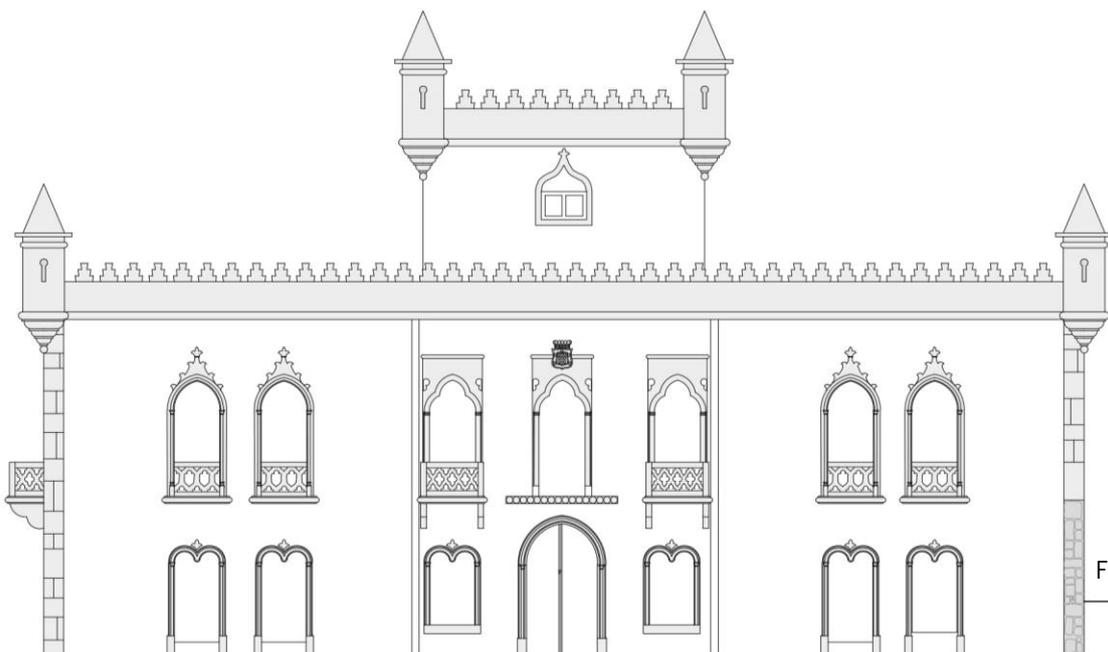


Figura 64. Alçado AA'

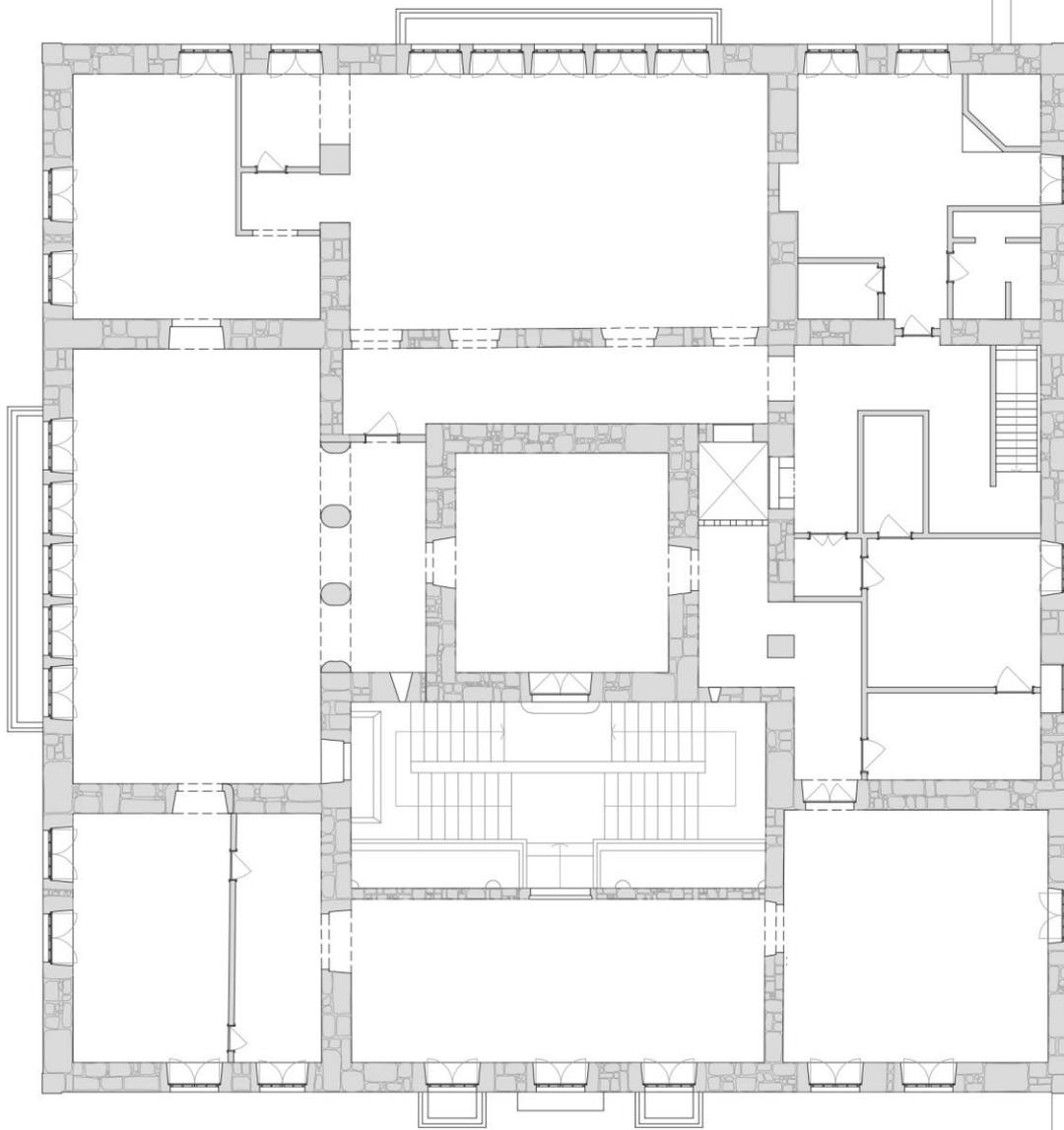


Figura 65. Planta Piso 1

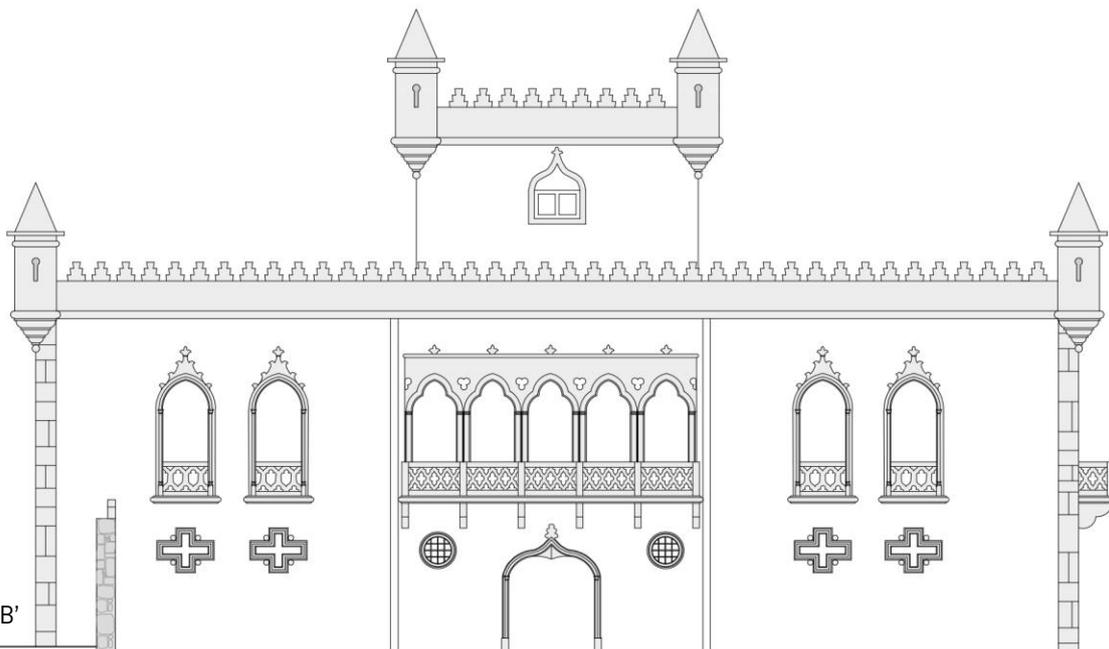


Figura 66. Alçado BB'

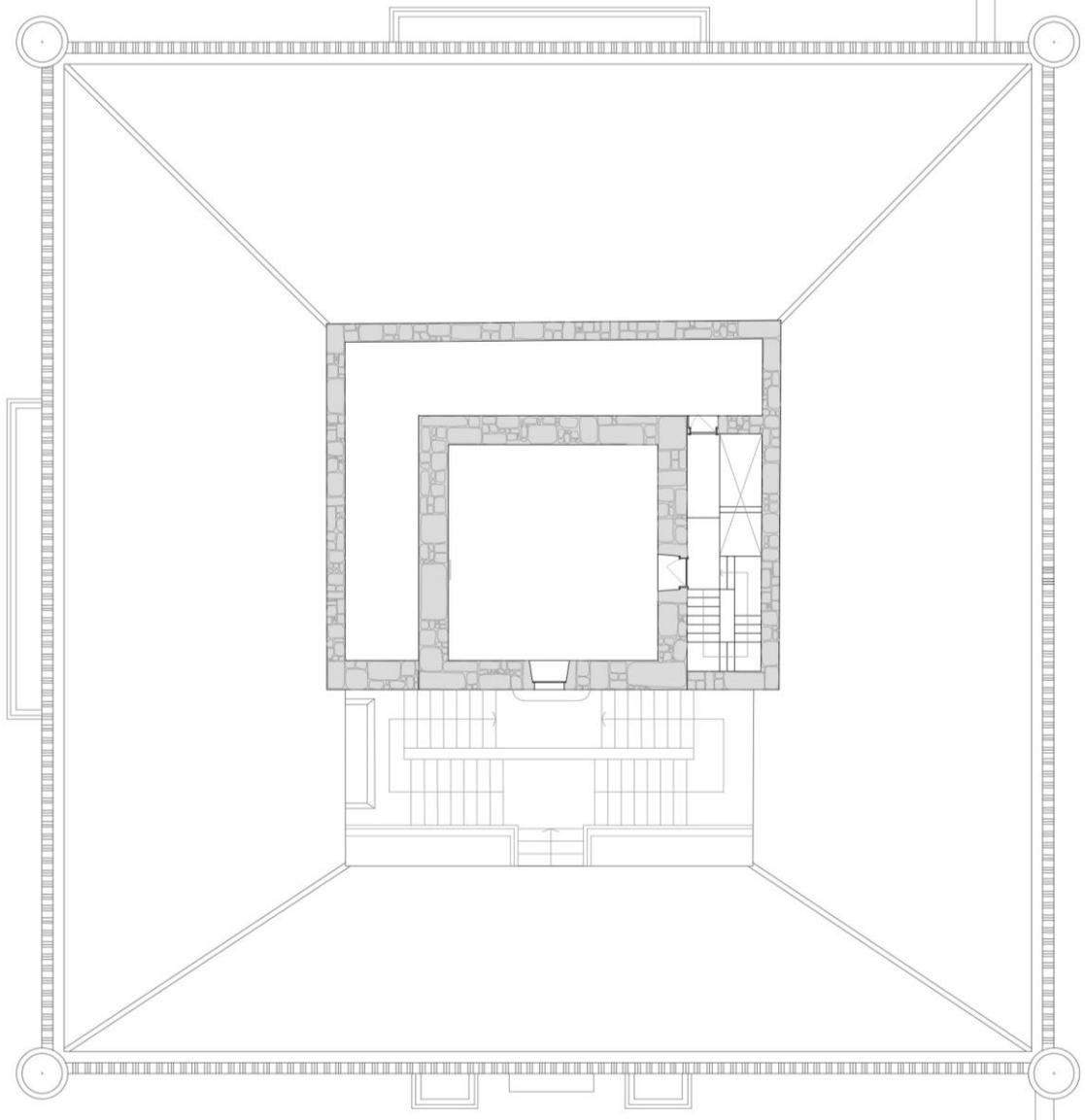


Figura 67. Planta Piso 2

0 5 m N

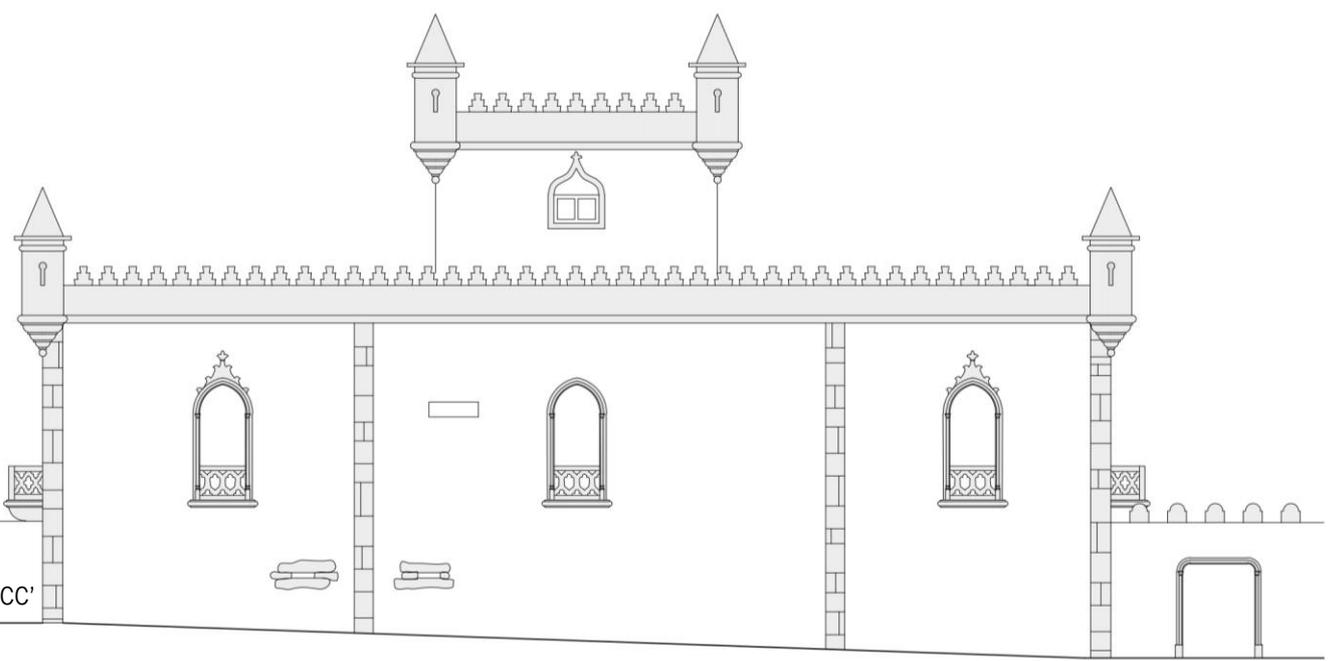


Figura 68. Alçado CC'

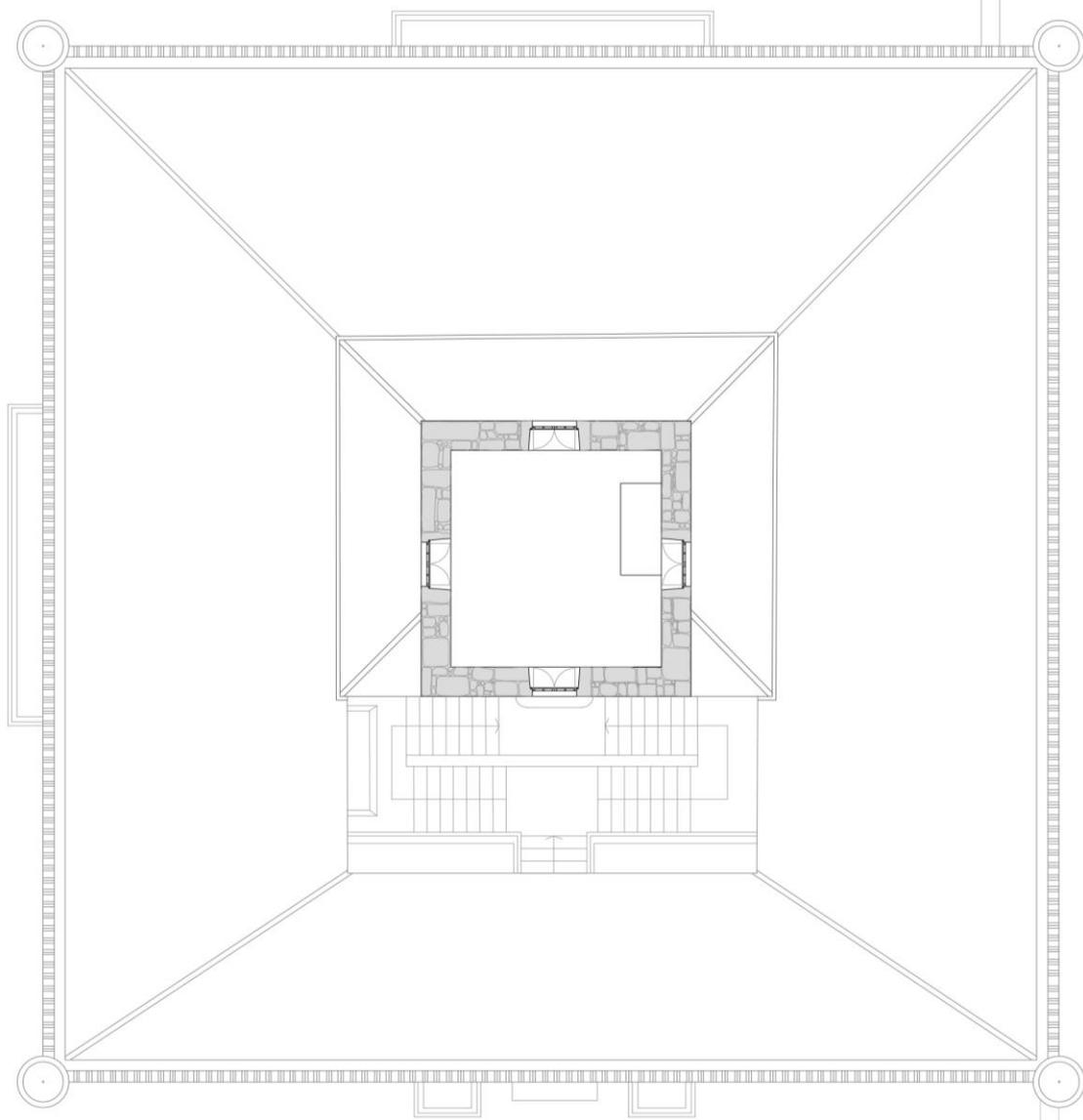


Figura 69. Planta Piso 3

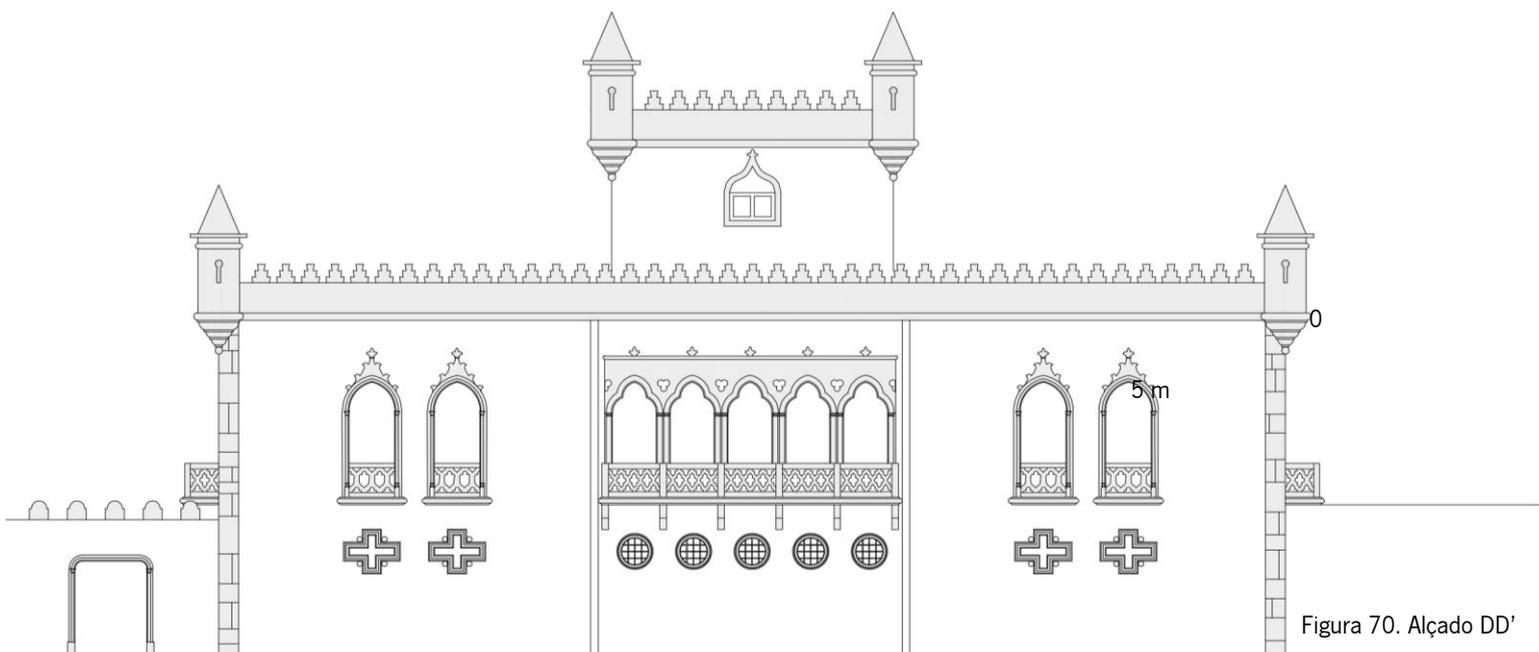
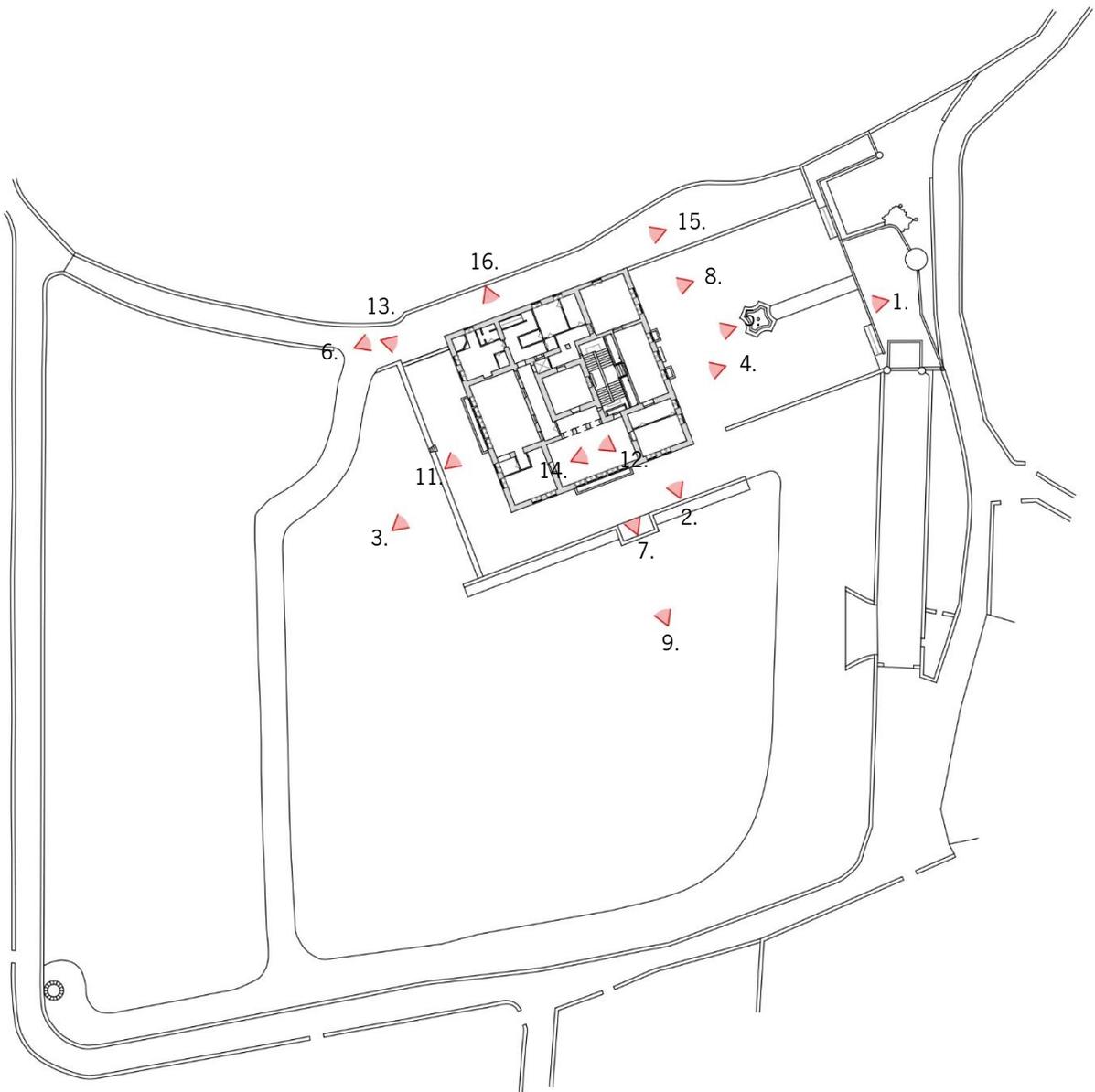


Figura 70. Alçado DD'

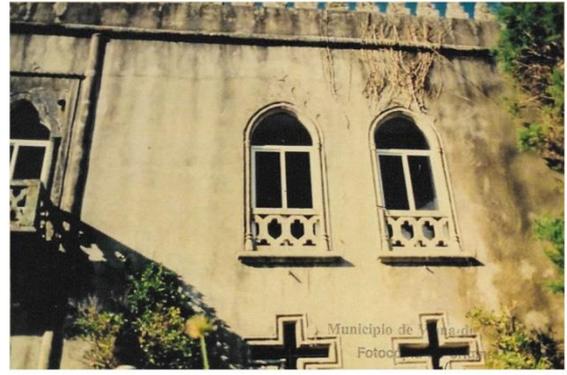


Escala 1:1000 |  N

Figura 71. Planta de Localização das fotografias seguintes



1.



2.



3.



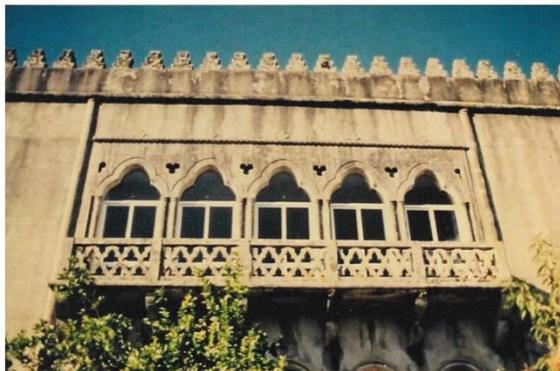
4.



5.



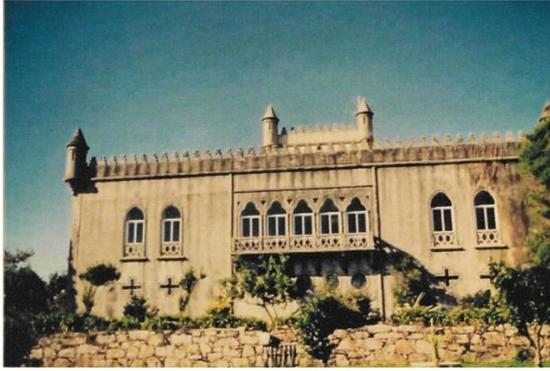
6.



7.



8.



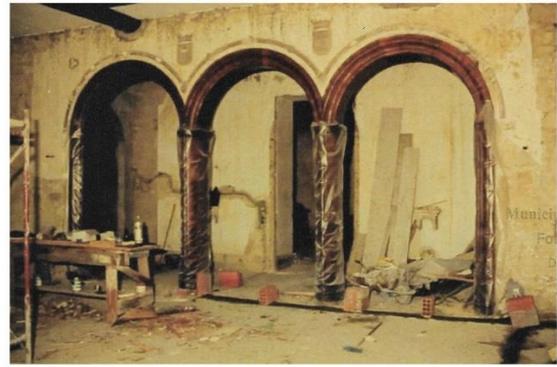
9.



10.



11.



12.



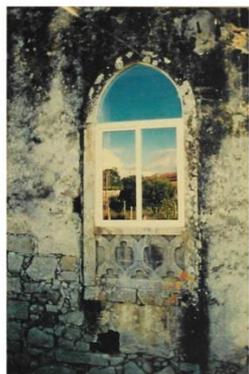
13.



14.



15.

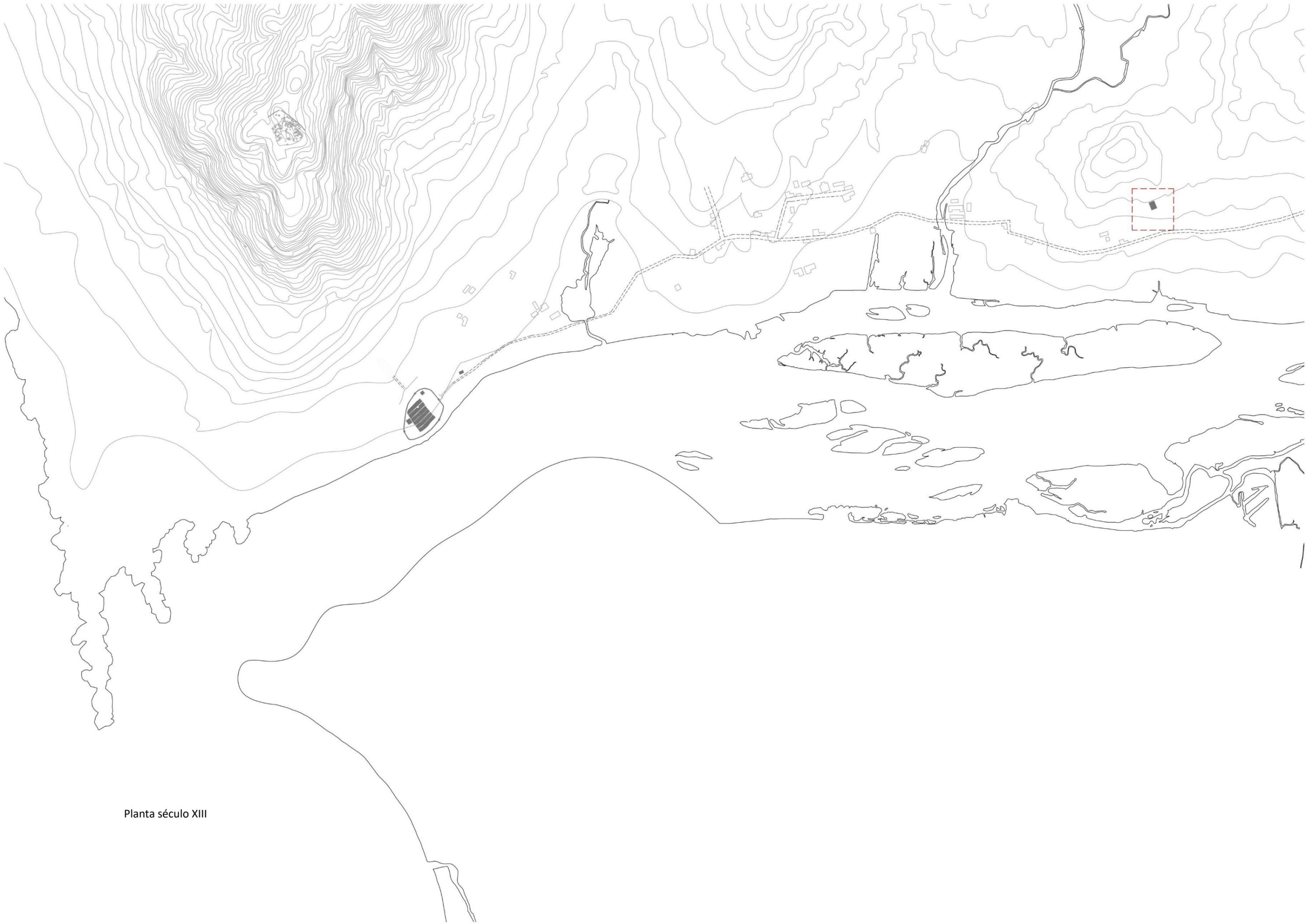


16.



17.





Planta século XIII



Planta século XIX



Planta século XXI

Figura 72. Evolução demográfica da cidade Viana do Castelo | Escala 1:15 000 | ☉ N

### Contexto Histórico – Artístico

A propriedade onde se localiza o Castelo de Portuzelo era denominada, já no século XIII, de couto de Portuzelo, “onde se relacionavam curiosamente certos casais de colação, obrigados a pagar gaiosa – (tributo relativo a dois soldos leoneses tão usado no reinado de D. Afonso II), pago ao rei ou ao rico-homem pelos rendeiros dos casais quando casavam as filhas, no couto, ou dele saíam”<sup>40</sup>. Mais tarde, existiu uma casa que integrava uma torre, de Fernão da Rocha Lobo e de sua esposa D. Ana Lobo Barreto, no entanto não existe informação documental sobre este edificado (Sordo, 1974, pág.62).

Na transição do século XII ao século XIII, a arquitetura militar românica definia a imagem de senhorios expressando o seu poder, sendo, no caso da casa torre, associado a símbolo máximo de defesa do lugar e de organização /domínio territorial. A construção das casas-torre medievais, em finais da Idade Média, com influência das torres de menagem que existiam no centro do cerco amuralhado dos castelos medievais, detinham, além da função de defesa e de vigia, a de residência nobre.

As casas-torre começaram a ser utilizadas como residências pela pequena e média nobreza, servindo como símbolo de poder e posse dos terrenos férteis envolventes, demonstrando a busca de prestígio e ascensão social. Este elemento arquitetónico apresentava normalmente planta quadrangular e três pisos sem compartimentação, o piso térreo era utilizado como armazém, a entrada na torre era feita através do primeiro piso por uma escada de madeira (retirada em situação de assédio) e este era utilizado como zona de estar, enquanto o segundo piso era reservado para aposentos dos proprietários (Pinto, 1998, pág.45-48).

No decorrer do século XVI até meados do século XVII, as torres medievais perderam a função defensiva e começaram a ser adaptadas e transformadas, sendo-lhes adossados volumes e anexos que respondessem às novas necessidades de habitação e emergência de um novo quadro cultural.

---

<sup>40</sup> Sordo, A. (1974). O Castelo de Portuzelo.pdf. in Cadernos Vianenses (vol. 3). Viana do Castelo. Pág.62



Figura 73. Torre de Menagem (Fase 1)

Legenda:

1. Estrutura autónoma
2. Estereotomia diferente
3. Diferença de cota de pavimento
4. Vão com linguagem artística coeva
5. Vão com linguagem artística posterior

— Estrutura da torre

— Levantamento atual

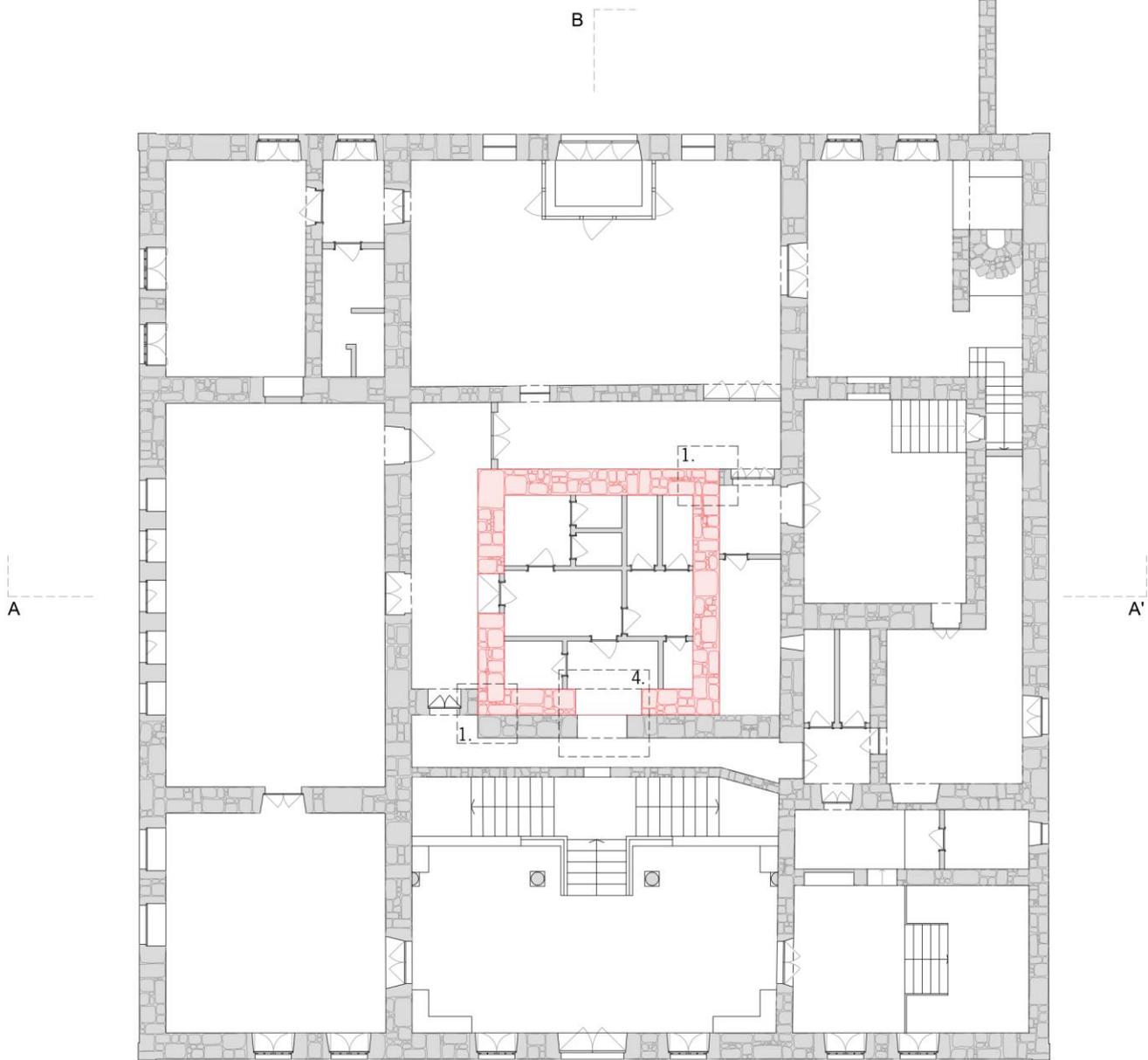


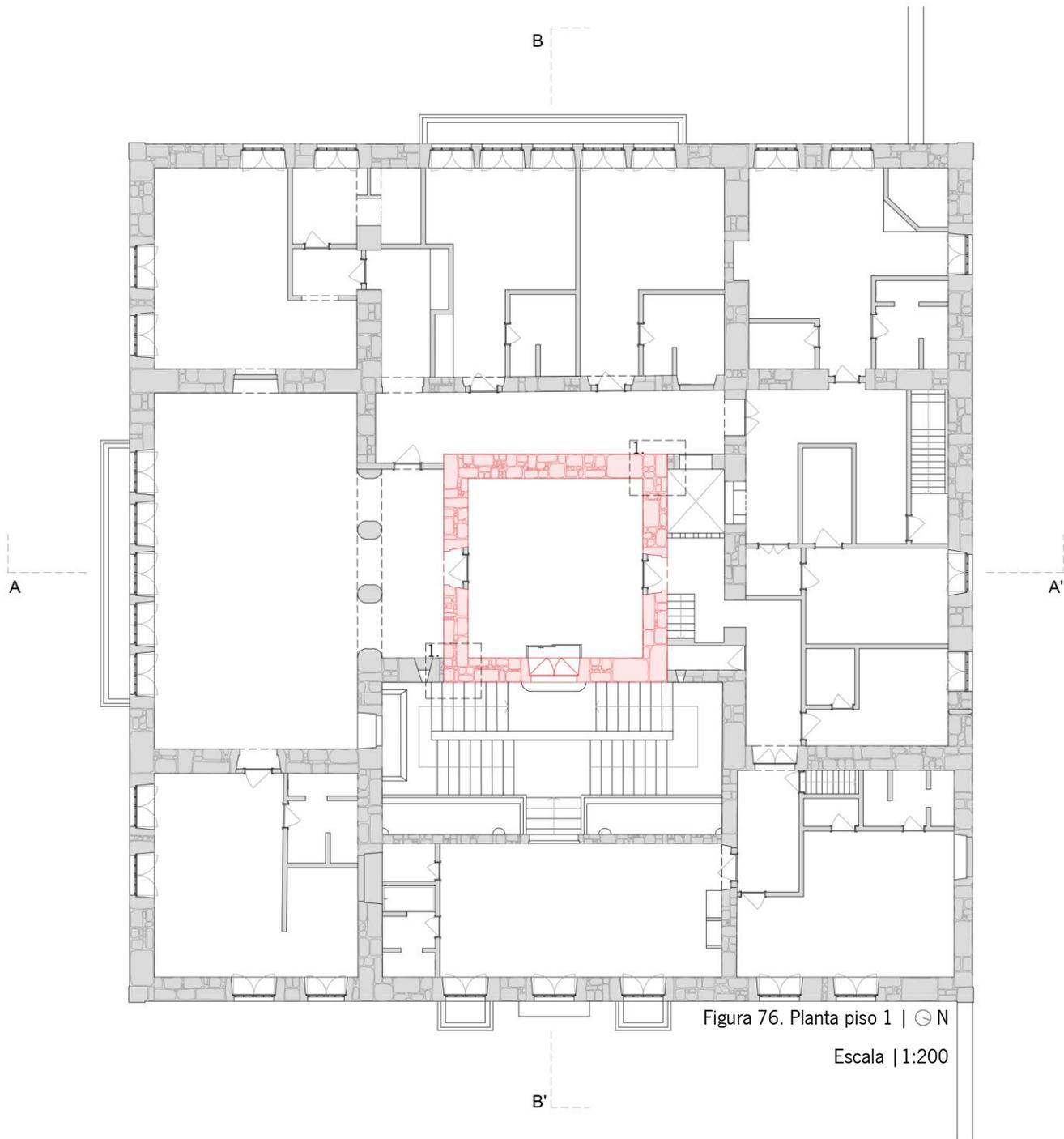
Figura 74. Planta piso 0 | ☉ N

Escala | 1:200

B'



Figura 75. Corte AA'



A análise que se segue permite o questionamento sobre os elementos construtivos da torre, permitindo a decomposição da matéria edificada em função de sedimentações temporais e espaciais. Com o desenho de levantamento do Palácio Pereira da Cunha pretende-se analisar, questionar e especular se, entre outros aspetos, a torre que existe no centro do palacete poderia ser anterior ou, até mesmo, especular se poderia ser a torre da casa de Fernão da Rocha Lobo e de sua esposa D. Ana Lobo Barreto, que António Pereira da Cunha pudesse ter aproveitado e acabando por a integrar no desenho do seu castelo.

O volume da torre tem uma base quadrangular de 7,50 x 7,30 metros e 14.5 metros de altura, assumindo-se morfologicamente e estruturalmente de modo autónomo. É evidente uma junta que separa a estereotomia da torre com as restantes paredes envolventes, sugerindo que tenha sido o primeiro volume a ser construído. O volume da torre definia espaços sem compartimentações, mas que, nos dias de hoje se encontram divididos na sequência das mais recentes intervenções que datam de 1990. Os pés direitos dos pisos têm medidas diferentes que não correspondem à altura dos pisos do restante palácio envolvente, embora, devido ao incêndio ocorrido no interior se possa sugerir que os atuais pisos não se encontrem às cotas iniciais.

No alçado nascente, no piso do rés-do-chão existe uma abertura com grandes dimensões, virada para um corredor estreito e para uma parede, obstruída por um paramento que se pode especular que foi construído posteriormente para servir de apoio à escadaria por onde, nos dias de hoje, se faz a entrada no Castelo de Portuzelo, a partir de uma porta no primeiro piso. Esta abertura podendo ser anterior, coloca a hipótese de ser uma entrada primitiva do Castelo de Portuzelo a partir da torre com acesso direto ao pátio interior e por consequência ao pátio exterior.

Nos alçados, e na sequência de uma avaliação estratigráfica, é possível observar estereotomias distintas entre o último piso e os restantes pisos. Os paramentos dos níveis inferiores são constituídos por pedras de menor dimensão em comparação com as pedras de maior dimensão que constituem o último piso, o que pode levar a várias especulações.



Figura 78. Fotografias demonstrativas da estrutura autónoma da torre

As restantes aberturas da torre são distintas das janelas do último piso, que possuem uma linguagem artística que reporta à época romântica quando o Castelo foi construído. Com a observação dos paramentos não se consegue observar marcas de um possível acesso, uma escadaria de madeira que ligava os pisos das torres medievais.

Com isto, pode-se especular que no século XIII, no couto de Portuzelo também já poderia ter existido uma torre isolada no terreno, dominando o vale agrícola e destacando-se pela posição e vista para o rio Lima. A tipologia defensiva poderia ter evoluído, podendo ter sido transformado na casa solarenga de Fernão da Rocha Lobo e de sua esposa D. Ana Lobo Barreto.

Com estas questões pode haver a possibilidade de António Pereira da Cunha ter incluído no seu desenho a torre que existiria no local, podendo também ter aproveitado os materiais que existiriam no terreno para a construção do seu tão desejado castelo, convergindo com o gosto pelas construções passadas, e com o espírito romântico que se vivia na época.

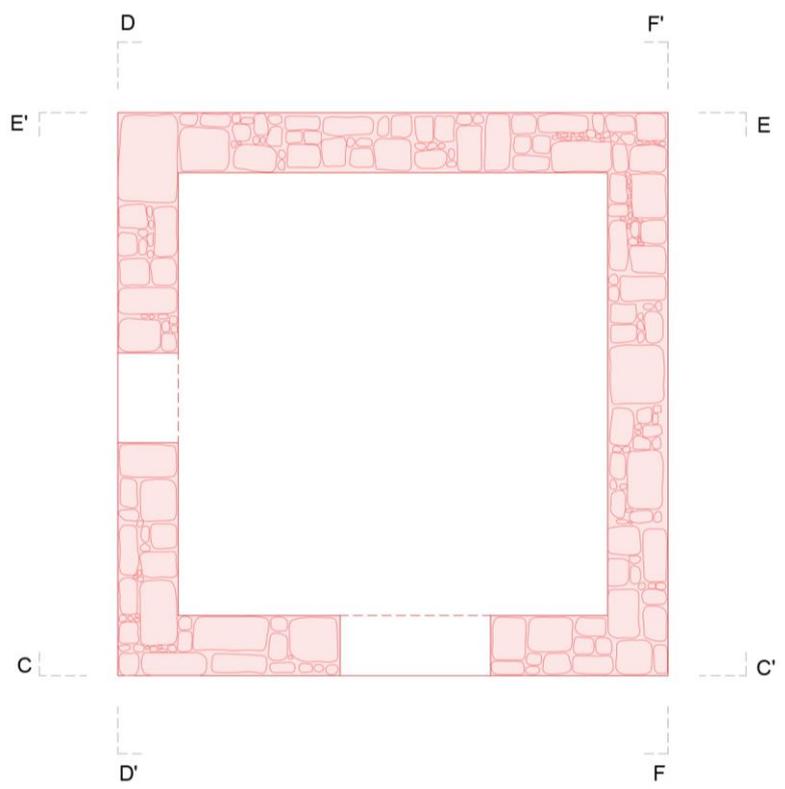


Figura 79. Planta piso 0 | 1:100



Figura 80. Alçado CC'



Figura 81. Alçado DD'





Figura 82. Alçado EE'



Figura 83. Alçado FF'







Figura 84. Torre de Malheiros/Refóios



Figura 85. Paço da Giela



Figura 86. Torre de Grade/Faro

## Comparação

Para que a especulação seja completa foi necessário observar e analisar tipologias de *casas-torre* interpretando características deste modelo arquitetónico. Neste âmbito socorremo-nos de exemplos de tipologia de casa-torre no distrito de Viana do Castelo, para nos aproximarmos do âmbito geográfico do objeto em análise e de processos construtivos utilizados neste período temporal e espacial.

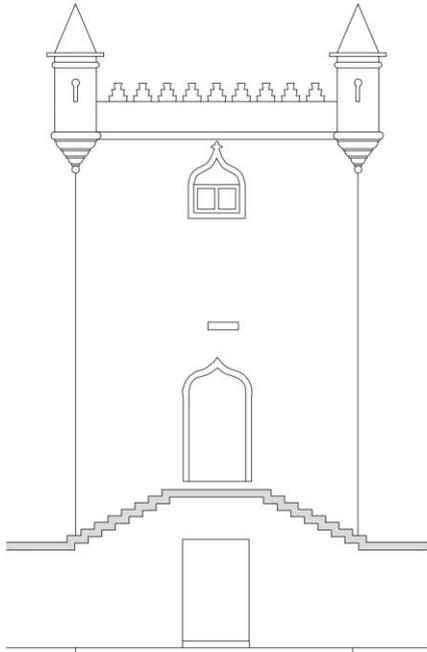
A análise e a comparação dos elementos vêm questionar o volume da torre que constitui o Castelo de Portuzelo, como por exemplo a torre de Malheiros ou Refóios localiza-se na freguesia de Refóios, concelho de Ponte de Lima, localizado num local isolado e rural próximo do Rio Lima. O conjunto de casa-torre é constituído por uma torre de planta quadrangular com perímetro de 10,40 x 10,20m, com três pisos e por uma ala residencial adossada com planta em formato de “L”, com dois pisos.

Segundo José Custódio da Silva<sup>41</sup>, esta torre data possivelmente da primeira metade do século XIII. Na fachada principal da torre existe a porta de entrada de arco quebrado que se encontra no primeiro piso, elevada do solo. As aberturas são feitas no piso intermédio, do tipo frestas e seteiras que remetem para as torres de menagem. Os paramentos apresentam cerca de 2m de espessura, tornando a estrutura bastante robusta. A torre é coroada por merlões quadrangulares que acentuam o carácter militar e de defesa e a cobertura é de quatro águas (Vieira, 1996)(Paulo Amaral, 2001, monumentos.pt).

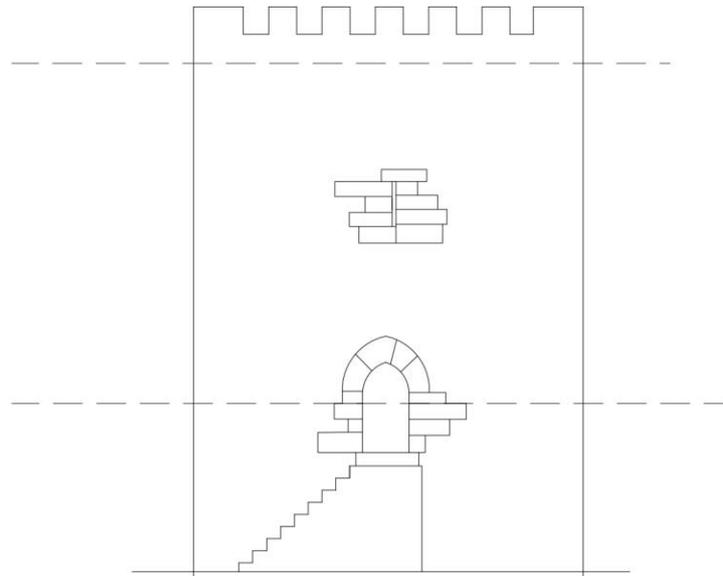
Outro exemplo é o Paço da Giela localiza-se na freguesia de São Paio e Giela, nos Arcos de Valdevez, no meio rural, implanta-se numa pequena elevação, na margem esquerda do rio Vez, a cerca de 1 km da vila. O conjunto é composto por uma torre com três pisos do século XIV e por um solar posterior, gótico e manuelino, uma ala residencial de planta irregular adossada. A entrada na torre é feita pelo primeiro piso acima da cota do solo, por uma porta com arco quebrado, nesta fachada existe uma janela também esta de arco quebrado, nas restantes fachadas existem algumas seteiras. A torre quadrada é coroada por merlões piramidais (Paula Noé, 1992, monumentos.pt).

---

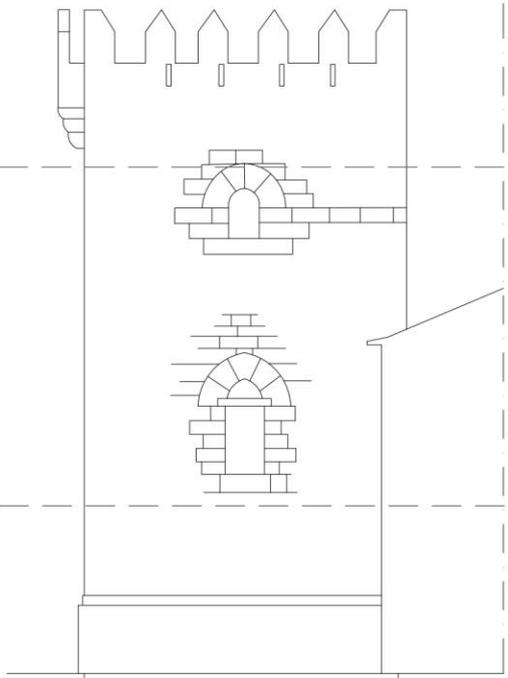
<sup>41</sup> Silva, José Custódio Vieira da, (1995). Paços Medievais Portugueses. (Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico). Lisboa, pág.51.



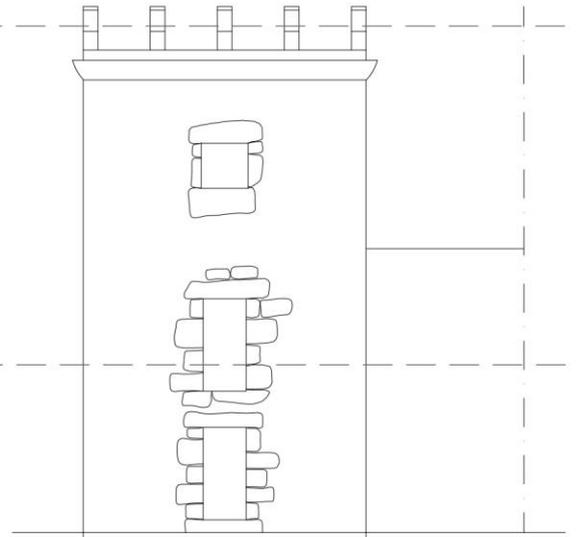
Torre do Castelo de Portuzelo



Torre de Malheiros/Refóios



Paço da Giela



Torre de Grade/Faro

Figura 87. Esquema comparativo | 1:200



A Torre de Grade ou também designada Torre de Faro, está também integrada na tipologia de casa-torre quatrocentista, localizado na freguesia de Grade e Carralcova, nos Arcos de Valdevez, implanta-se numa quinta destacando-se na paisagem, num local rural e isolado.

O conjunto de planta retangular é composta por uma torre quadrada de três pisos e por uma ala residencial adossada a esta, de apenas dois pisos. A porta principal da torre é rasgada no primeiro piso por uma porta de verga reta, sobrepondo-se a esta uma janela de guilhotina, onde também podemos observar uma pedra de armas, esta tipologia de vão encontra-se nas restantes fachadas da torre, incluindo na ala residencial. A torre é coroada por merlões chanfrados reforçado o carácter militar e com coberturas de 4 águas (Paula Noé, 1992, monumentos.pt).

A composição tipo-morfológica das casa-torre apresentam similitudes entre si, pois características como as de implantação, forma, proporção, dimensões e acesso são idênticas, integrando-se numa tipologia padrão. A conformação destas torres seguia parâmetros simples generalizados: muros grossos de pedra, entrada acima do nível do solo, poucas e pequenas aberturas, três pisos e com vista privilegiada, sendo estratégica a sua posição no território.

A torre que existe no Castelo de Portuzelo localiza-se num local privilegiado com vista para o Rio Lima, a sua estrutura é autónoma, a altura da torre é aproximada, no entanto nos dias de hoje contém quatro pisos, o que poderia ter sido modificado com as sucessivas alterações, ou por outro lado, a torre poderia ser mais baixa, o que justificaria a diferença de estereotomia. Contudo possui paramentos de menor espessura comparativamente às restantes torres.

Com isto, não se pode afirmar que a torre do Castelo de Portuzelo pertencia a esta tipologia, pode-se encontrar algumas similaridades no entanto, não existem factos suficientes que comprovem que a torre que se vê nos dias de hoje pudesse ser anterior.

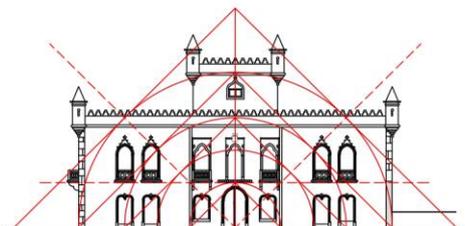
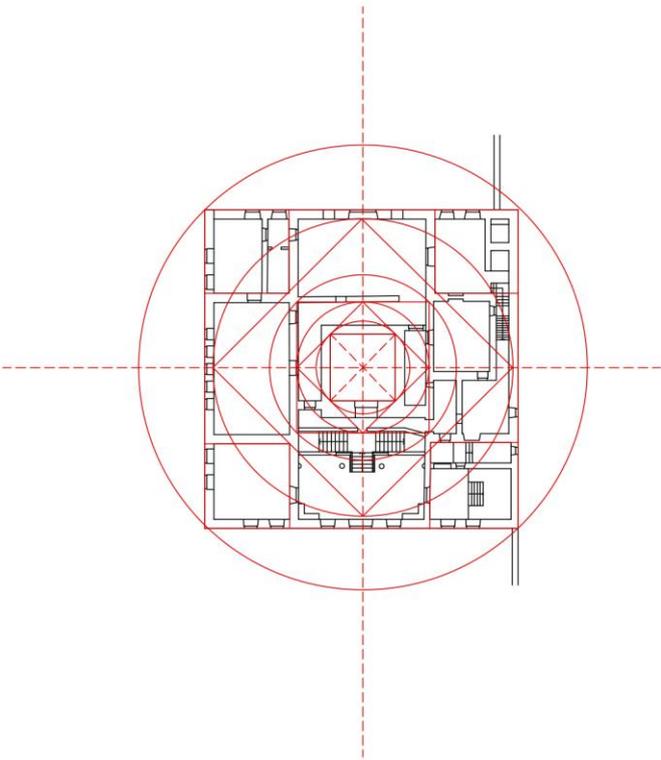
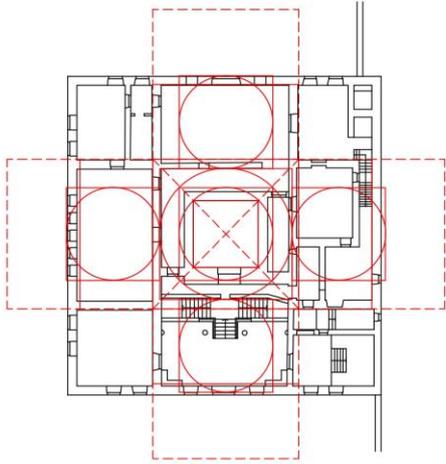
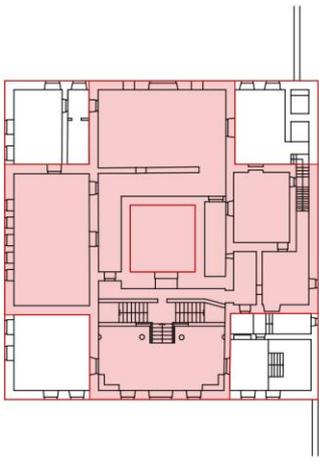


Figura 88. Planta do Castelo de Portuzelo com a sobreposição de vários esquemas geométricos

Na construção de edifícios religiosos, militares e também civis havia a preocupação de utilizar uma geometria baseada em modelação e proporção que resolvesse problemas de organização, mas que ao mesmo tempo proporcionasse uma harmonia espacial.

No Castelo de Portuzelo não existe uma métrica nem uma modelação evidente, mas ao nível das matrizes geométricas que regula a construção são evidentes as inquietações tanto na construção do próprio edifício como da sua implantação na propriedade. A partir da leitura e da análise dos desenhos arquitetónicos podemos observar várias relações proporcionais, tanto em planta como em alçado.

Numa primeira leitura o quadrado foi utilizado como unidade de referência, a partir da conformação da planta da torre que se gerou, articulou e regulou o desenho da forma do edifício, que juntamente com a estrutura autónoma reforça a especulação de a torre ser anterior ou ter sido o primeiro elemento a ser construído.

Esta geometria caracteriza como solução centralizada e simétrica assumindo o domínio sobre a geometria e as relações proporcionais, compondo assim todos os espaços. Através dos submúltiplos do quadrado definem-se as dimensões e divisões dos espaços interiores, que introduzem a forma de cruz grega no desenho da planta do edifício.

A cruz grega possui os quatro braços do mesmo tamanho representando o equilíbrio e a harmonia do todo, revela também a centralidade, a união e a interseção de quatro elementos que se expandem para diferentes direções. A cruz grega está também associada à espiritualidade e religião. Este símbolo já vem a ser utilizado desde o período medieval foi também utilizado pelos gregos e romanos, e este está presente em muitas obras significativas na arquitetura. Marcas que reconhecem o poder simbólico de um esquema de matriz medieval na arquitetura romântica que são concordantes com o espírito que se vivia, este que procurava as suas origens e os seus costumes considerados definidores da identidade nacional que queriam recuperar.

Na época romântica em que o Castelo de Portuzelo foi construído, o gosto pela arqueologia veio redescobrir o românico e o gótico, e com isto as técnicas de construção destes dois estilos também foram retomadas.

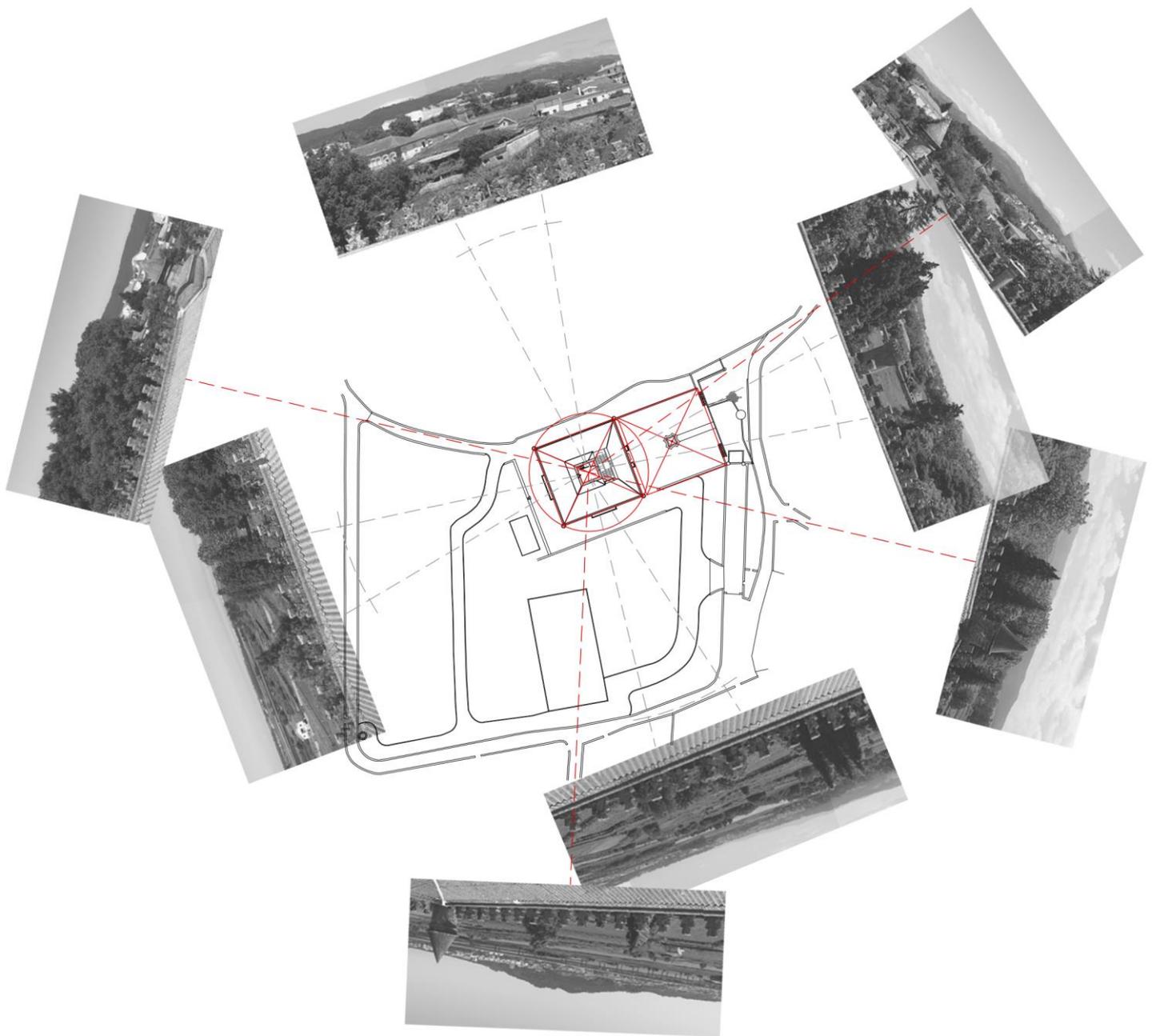


Figura 89. Planta da propriedade em estudo com estudo de alinhamentos visuais

Numa segunda leitura (segundo esquema) foi utilizada a sobreposição da progressão de Ad Quadratum, este esquema surge de um quadrado como forma inicial representando a unidade, com o cruzamento dos dois eixos, as mediatrizes, do centro geramos um círculo que irá originar outro quadrado, as consequentes extensões para a formação da cruz grega, são dadas pelas medidas referenciais.

No terceiro esquema foi elaborado uma progressão de quadrado-círculo-quadrado. Sempre iniciada pelo quadrado da torre central, e que delimita os espaços interiores, consequentes à proporção da mesma. A partir do quadrado central da torre, é desenhado por via Ad Quadratum, um outro quadrado que da origem á circulação, do mesmo centro, formará as divisões. Este esquema também pode ser sobreposto no alçado, metade do esquema utilizado em planta, foi utilizado como referência para o desenho da fachada.

No romantismo as construções não só integravam elementos arquitetônicos anteriores como também foram utilizados esquemas de referência medieval, lógicas de instrução de projeto que também podem ter sido influências para António Pereira da Cunha.

Na propriedade foi também projetado um pátio de chegada onde se encontra uma fonte a marcar o centro do quadrado que possui exatamente as mesmas medidas que o edifício.

Com o estudo dos alinhamentos, conclui-se que a torre que se localiza adossada à muralha, a colocação do chafariz e a torre central do edifício estão perfeitamente alinhados, criando um eixo relevante. Os alinhamentos visuais também foram importantes, com o estudo dos enfiamentos das ruas é possível observar que houve uma preocupação na localização da torre central do Castelo de Portuzelo, pois as suas direções encaminham para a torre, havendo a intenção que esta seja vista por quem percorre estas mesmas ruas.

As aberturas do último piso da torre permitem a visualização de toda a área envolvente gerando conexões entre o interior e a paisagem, dominando os terrenos circundantes. Estas características criam relações entre a arquitetura e o território.



*Pormenores notáveis a cada passo, ao dobrar de cada esquina: uma porta ogival, uma janela gótica, uma cornija de fino lavor, uma fenestra geminada, um portal quinhentista, um brasão, uma lápide [...]*

(Conde d' Aurora, in O litoral e a cidade na literatura, 1896-1969, pág. 49)



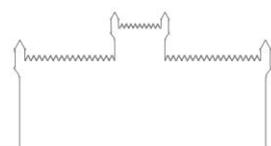
### **CAPÍTULO III | Espírito Romântico**

Influências da Arquitetura Militar

Influências Internacionais

Influências Nacionais

Edifícios Acastelados e Revivalistas Nacionais



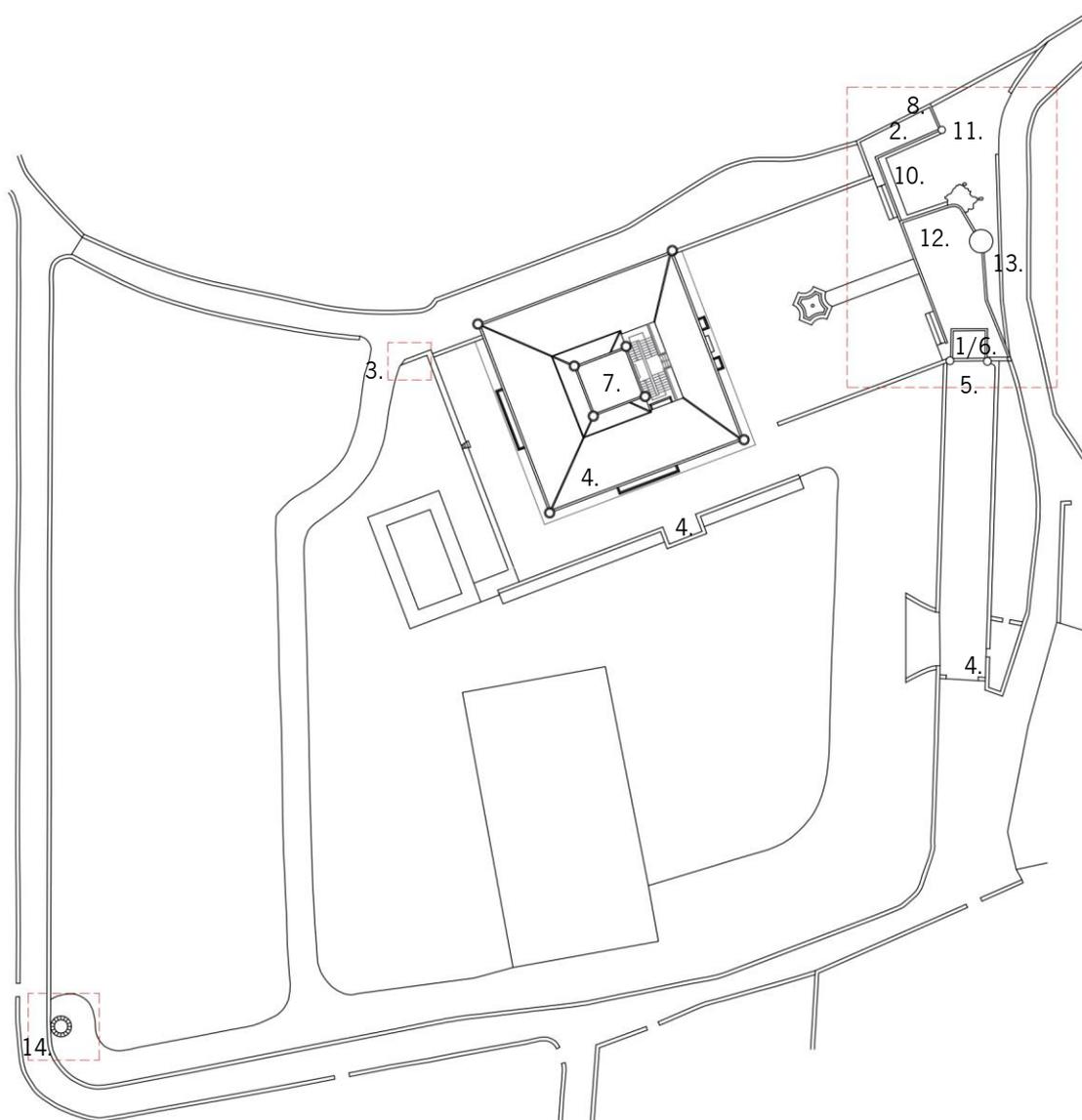


Figura 91. Localização dos elementos com influência da arquitetura militar

Legenda:

2.Frestas

1/6.Fosso e ponte levadiça

3.Matacões

4.Merlões

5.Porta fortificada

7.Torre de menagem

8.Baluarte

10.Cortina

11.Guarita

12.Praça alta

13.Tambor/torreão

14.Pombal

## Influências Arquitetura Militar

A arquitetura militar caracteriza a paisagem portuguesa e faz parte do nosso imaginário contendo um forte poder simbólico, estando associada a momentos chave da história nacional. É assim parte integrante do nosso património espacial coletivo. Assim, e já para o Homem Romântico, estas serviam de inspiração na construção de palácios ou casas acasteladas, perdurando o modelo até inícios do século XX. No entanto os elementos utilizados neste tipo de construções não possuíam qualquer função prática, associada à arte militar e à proteção, mas tão somente na evocação do seu espírito servindo à criação de um cenário concordante ao espírito da época. Na propriedade do Palácio Pereira da Cunha, podemos encontrar vários elementos que o remetem à arquitetura militar e a fortificações de diferentes períodos, empregues ao nível da qualificação imagética, que incitam um percurso de chegada intencional e a um cenário correspondente ao espírito romântico que se vivia na época. A capacidade de assemblagem de motivos, entre as estruturas militares medievais ou modernas, é concordante ao espírito da época que não visa a obediência a um estilo ou modelo purista, mas tão somente a remissão a um imaginário.

Fortificação medieval | Estas fortificações estavam principalmente relacionadas com a conquista e organização do território. Pertenciam essencialmente ao rei ou a senhores feudais e serviam de defesa das populações evolvente. Estas fortificações começam a surgir no século IX mas acabam por se expandir no século XIV. Assumiam um carácter militar, político e estratégico. Inicialmente começaram a surgir pequenos castelos, contudo com a instabilidade, com as reconquistas e com a evolução das técnicas de defesa, os castelos foram aumentando.

Estruturas de fortificação medieval:

1. Fosso - Escavação feita habitualmente à volta da fortificação, limitando uma determinada zona, tornando-a mais protegida e dificultando o acesso aos portões de entrada ou a aproximação às muralhas ou cortinas. O fosso tinha cerca de 2 metros de profundidade e 5 a 10 de largura, podendo ser seco, ou cheio de água, consoante as especificidades do terreno. Normalmente era para o fosso que se dirigiam as águas das condutas subterrâneas de recolha das águas pluviais. No Castelo de Portuzelo este fosso encontra-se no portão de entrada e onde se encontraria uma ponte levadiça.



2.Frestas



3.Matacões



4. Merlões



5.Porta fortificada

Figura 92. Elementos com influência da arquitetura militar

2.Frestas – No muro exterior que remete para uma muralha existem várias aberturas verticais que na idade medieval eram utilizadas como vigia e para o lançamento de projeteis em caso de ataque. Eram também de pequenas dimensões para evitar que pudessem ser atacados através dessas aberturas. Esta abertura podia ter diferentes características, podiam alargar para o interior da muralha, ou estarem orientadas para baixo, favorecendo a defesa, sendo estas denominadas de seteiras.

3.Matacões - Varandim de pedra de dimensões reduzidas, assente em mísulas neste caso de perfil trilobado, podia ser rematado com ameias, e o pavimento normalmente continha aberturas redondas, que serviam para o lançamento de projeteis ou de líquidos, podiam estar situados nas muralhas, nas torres, a meio ou nos cunhais, ou também sobre os portões de entrada. No caso de estudo não existem matacões, por este não servir como elemento de defesa, mas sim balcões por servirem como varanda (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, 2015).

4. Merlões - Elemento em pedra colocado sobre o parapeito e que remata as estruturas fortificadas, com caracter defensivo. Os merlões podem variar na sua forma, a mais utilizada é em formato retangular, no entanto no Castelo de Portuzelo, o merlão é escalonado. No entanto, na propriedade também são utilizados merlões em forma de cruz grega e retangulares.

5.Porta fortificada - Porta principal de entrada na fortaleza, ponto frágil por ser uma interrupção na muralha que por sua vez tinha que ser reforçado por outros sistemas defensivos. A porta de arco de volta perfeita ou em arco apontado dependendo da época podia ser ladeada por torreões, conter um fosso, uma ponte levadiça, poderia também deter de balcões, seteiras como outros sistemas defensivos. Estas portas vieram a adquirir uma certa imponência e ornamentos, como pilastras, frontões e brasões. No Castelo de Portuzelo a porta para além de conter fosso, ponte levadiça e guaritas, esta ainda é reforçada por um sistema de túnel, tendo, ao todo, duas portas, sistema também adotado noutras fortificações (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, 2015).



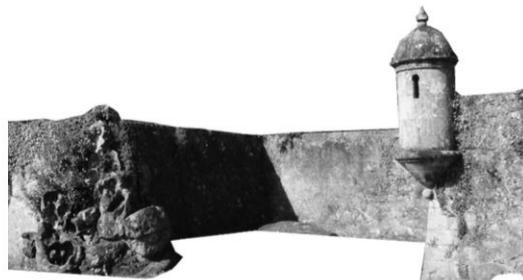
1/6. Fosso que teria ponte levadiça



7. Torre de menagem



8. Baluarte



10. Cortina

Figura 93. Elementos com influência da arquitetura militar

6. Ponte levadiça – Ponte produzida em madeira situada no lado de fora da fortificação e à frente dos portões de entrada principais para possibilitar a travessia do fosso. Esta plataforma só podia ser movida a partir do interior da estrutura medieval. No Castelo de Portuzelo a ponte levadiça localizava-se entre a Porta fortificada e a porta da passagem abobadada, para permitir a passagem pelo fosso.

7. Torre de menagem - Edifício prismático mais importante e dominante na estrutura medieval, geralmente com três pisos, com vários níveis de seteiras, construído principalmente dentro e no centro dos muros defensivos. Habitualmente mais alta que a muralha permitindo uma melhor visibilidade diminuindo os ângulos mortos e aumentando a possibilidade de defesa. Os seus paramentos eram de grandes dimensões por ser o último elemento de defesa e de abrigo em situação de ataques, teria que ser de elevada resistência.

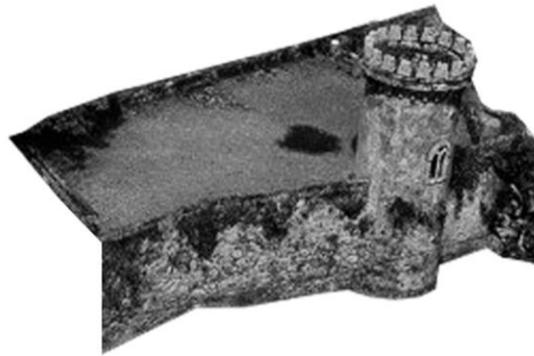
Fortificação moderna | A partir do século XV, com o surgimento da artilharia pirobalística, as fortificações medievais alteram-se para se adaptarem às novas técnicas de ataque e tecnologias de suporte ao ataque e defesa. Repensando as estruturas fortificadas para a instalação de armas de fogo. A partir do século XVI, para que as fortificações fossem mais eficazes começaram a ser construídas estruturas abaluartadas, para corresponderem ao desenvolvimento pirobalístico. Estas fortificações atingem o seu auge no século XVII, neste período passam a existir dois tipos de fortificações, as urbanas e as marítimas, colocadas ao longo da costa, para defesa de possíveis ataques provenientes de mar. A fortificação moderna foi evoluindo, tendo variantes, sendo que o Castelo de Portuzelo integra elementos dos vários períodos.

Estruturas de fortificação moderna:

8. Baluarte - Elemento característico de uma estrutura abaluartada de forma pentagonal irregular que se destaca pelos seus ângulos salientes entre as cortinas contínuas. O baluarte terraplanado é preenchido de terra no seu interior permitindo uma maior firmeza em caso de ataque. O baluarte é constituído por flancos, onde se reunia a artilharia, e por faces, por onde normalmente eram efetuados os ataques do inimigo. O baluarte pode possuir praças altas e praças baixas, de modo a criar várias plataformas a níveis diferentes para uma melhor proteção (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, 2015). Meio-baluarte - é um baluarte incompleto: tem, de um lado, o flanco e a face como um baluarte normal, no entanto do outro lado é retilíneo.



11. Guarita



12. Praça alta



13. Tambor/ Torreão



14. Pombal

Figura 94. Elementos com influência da arquitetura militar

9.Cordão - Friso de forma semicircular que normalmente circunda a fortaleza pelo seu exterior e a um nível inferior das canhoieiras separando o parapeito da escarpa ou cortina.

10.Cortina – Paramento em pedra que liga dois baluartes entre si, típico de uma fortificação medieval abaluartada, e que acompanha a forma da guarita, normalmente colocada no cunhal.

11.Guarita – Elemento que pode assumir várias formas, mas a cilíndrica é geralmente a mais habitual. É um espaço coberto e de pequenas dimensões, que se encontra nos ângulos das cortinas e baluartes, ou também sobre os portões de entrada. Serviam como posto de vigia e de defesa da fortificação. Este elemento arquitetónico é mais tardio que os demais elementos identificados, sendo este característico do século XVII.

12.Praça alta - Espaço descoberto em cima do baluarte onde estavam situadas as artilharias como as armas de fogo.

13.Tambor / Torreão - Torre em forma circular adossada na muralha de uma estrutura fortificada e saliente da mesma, normalmente coroada por merlões. No caso de estudo esta detém de uma janela decorada, desmontando a imagem militar e remetendo ao imaginário de residência, integrado num cenário pretendido pelo Homem Romântico (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, 2015).

Estruturas diferenciadas:

14. Pombal – Construções que abrigavam pombos, e que permitiam ao proprietário adquirir vários produtos. Os pombais podem adquirir várias tipologias, em relação à forma, materiais e elementos arquitetónicos. Na propriedade em estudo o pombal é de forma circular, estando em estado de ruína, a cobertura é inexistente, podendo ter sido de forma cónica ou cobertura só de uma água. Este elemento tem apenas uma porta, com dimensões reduzidas e com o nível de soleira elevado em relação ao solo, sendo esta a único modo de entrar no pombal. Nesta estrutura encontra-se também uma janela que não pertence a estas tipologias de pombal, mas que nos remete para a construção de falsas ruínas e novamente para um cenário romântico (Domingos Amaro, 2010).



Figura 95. Mapa com a localização dos possíveis modelos germânicos

### Alemanha e Áustria

A viagem que António Pereira da Cunha, autor do Castelo de Portuzelo, realizou à Alemanha e à Áustria foi marcante no desenho da sua residência. A partir do conhecimento que o Poeta adquiriu durante a viagem, ou até da visita de edifícios que foram remodelados no período romântico permitiu que esta peça arquitetónica se concretizasse.

Quando se fala da arquitetura desta época é inevitável referir o Castelo de Neuschwanstein, em Hohenschwangau, na Baviera, sul da Alemanha, construído entre 1869 e 1886. Obra arquitetónica que se inspirou em Castelos lendários, como o Castelo de Lohengrin<sup>42</sup>, e no Castelo de Monsalvat<sup>43</sup>, para a sua realização. A sua construção deve-se ao monarca Ludwig II, da Baviera e da sua fantasia romântica. A partir do projeto de Cristian Jank, (cenógrafo), Eduard Riedel e de Georg von Dollmann. O edifício foi implantado no local onde já existiria a fortaleza de Schwangau em estado de ruína, que, no entanto, não foi concluído pelo projeto inicial (Santos, 2017, pág.4). No período da viagem feita por Pereira da Cunha, o Castelo de Neuschwanstein ainda não existiria, uma vez que só foi iniciado dezasseis anos depois. É uma construção romântica exemplar para expressar o espírito da época, com mistura de estilo, onde é predominante o neo-românico mas, no entanto, não serviu de modelo para a construção do Castelo de Portuzelo.

Porém, outros edifícios poderiam ter inspirado António Pereira da Cunha, como por exemplo o Palácio de Rosenau localizado em Roedental, perto de Coburg, foi remodelado entre 1808 e 1817 segundo o projeto do arquiteto Karl Friedrich Schinkel<sup>44</sup>. O palácio é um exemplo precoce do historicismo romântico no sul da Alemanha, desenhado com elementos neogóticos de aparência medieval (Santos, 2017, pág.9).

---

<sup>42</sup> Referido na ópera de autoria de Richard Wagner, ópera romântica em três atos, que estreou em Weimar, na Alemanha, em 28 de agosto de 1850, onde a personagem principal é Lohengrin, o Cavaleiro do Cisne. O rei Ludwig II admirava Lohengrin e inspirou-se na ópera para denominar o seu Castelo, Neuschwanstein, que significa, o novo cisne de pedra ([http://www.rtp.pt/antena2/argumentos-de-operas/letra-w/richard-wagner-\\_1998\\_135](http://www.rtp.pt/antena2/argumentos-de-operas/letra-w/richard-wagner-_1998_135)).

<sup>43</sup> Referido na ópera de Richard Wagner Lohengrin, denominada de Parsifal, que estreou em Bayreuth, a 26 de julho de 1882, na peça, o Castelo de Monsalvat foi construído por Titirel para guardar o mítico Santo Graal ([http://www.rtp.pt/antena2/argumentos-de-operas/letra-w/richard-wagner-\\_134\\_135](http://www.rtp.pt/antena2/argumentos-de-operas/letra-w/richard-wagner-_134_135)), designação medieval do cálice sagrado usado por Jesus Cristo na Última Ceia.

<sup>44</sup> Karl Friedrich Schinkel, arquiteto, urbanista e pintor, nasceu em Neuruppin, Margravia de Brandemburgo, na Alemanha, em 1781. Entre 1802 e 1805 viajou por Itália e estudou arquitetura neste país. Projetou edifícios neoclássicos e neogóticos. Foi um dos arquitetos. Faleceu em 1841, em Berlim.



Figura 96. Castelo de Neuschwanstein,  
Construído entre 1869 e 1886



Figura 97. Palácio de Rosenau,  
Remodelado entre 1808 e 1817



Figura 98. Castelo de Callenberg,  
Reformulação concluída em 1831



Figura 99. Castelo de Reinhardt's,  
Reformulado em 1827



Figura 100. Castelo de Hohenschwangau,  
Construído de 1833 a 1837



Figura 101. Castelo de Lichtenstein,  
Construído entre 1838 e 1842



Figura 102. Castelo de Wartburg,  
Reformulado entre 1838 e 1890



Figura 103. Castelo de Seebenstein,  
Remodelado em 1823

O Castelo de Callenberg em Reiersdorf, era uma residência de verão família Saxe-Coburg e Gotha. Pensa-se que a remodelação tenha seguido o projeto de Carl Alexander von Heideloff. O palácio ficou concluído em 1831 com aparências revivalistas góticas.

O Castelo de Reinhardsbrunn (Friedrichroda) foi reformulado em 1827 segundo o projeto de Carl Heideloff. O mesmo procedeu à remodelação do Veste Coburg que demorou 18 anos, de 1820 até 1838 (Santos, 2017, pág.9).

O Castelo de Hohenschwangau mandado construir pelo monarca Maximilian II, para afirmar o seu poder aos reinos vizinhos. O edifício demorou entre 1833 e 1837 a ser construído, segundo o projeto de Domenico Quaglio (Santos, 2017, pág.8).

O Castelo de Lichtenstein, da autoria do Duque de Urach. A edificação demorou seis anos, entre 1838 e 1842. O Castelo localiza-se em Honau, Baden-Württemberg, na Alemanha, numa montanha e contém uma grande torre de vigia. Neste local já existiria uma residência de caça parcialmente em ruína, que pertencia a seu tio, o Conde Wilhelm de württemberg. A construção deste castelo foi impulsionada pelo romance Lichtenstein<sup>45</sup>.

O edifício foi construído segundo o projeto de Carl Alexander Heideloff, à imagem acastelada relatada na obra literária, com estilo romântico neogótico, possuindo uma torre alta destacando-se do edifício e com extensos jardins (Santos, 2017, pág.5).

O Castelo de Wartburg, localizado em Eisenach, na Turíngia, edifício original datado de 1207, a sua estrutura medieval foi renovada e foram feitas novas construções com processos diferenciados segundo o projeto de Hugo von Ritgen, edificado entre 1838 e 1890.

No Império Austro-Húngaro, o Castelo de Seebenstein foi presumivelmente construído em 1092, por Eckbert von Formbach-Neuburg. Mas só em 1170 o castelo foi mencionado. Possui um aspeto fortificado por ter o carácter de defesa e proteção contra os possíveis ataques da Hungria.

Em 1823, o conde Johann Karl von Pergen, vendeu seu reinado ao príncipe Johann I de Liechtenstein. Também inspirado pelo espírito do romantismo, removeu alguns elementos arquitetónicos para aumentar a sua aparência de ruína. O castelo residencial restaurado por Steiger foi mantido e até mesmo habitado por D. Miguel II de Bragança, que viveu em exílio desde 1917 até 1927, até ao dia da sua morte (Santos, 2017, pág.6).

---

<sup>45</sup> Romance Lichtenstein – Romantische Sage aus der Wuerttembergischen Geschichte, da autoria Wilhelm Hauff, 1826.



Figura 104. Gravura do Palácio de Rosenau, 1850



Figura 105. Gravura do Palácio de Rosenau, 1820



Figura 106. Gravura do Castelo de Reinhardsbrunn, c.1830



Figura 107. Gravura do Castelo de Hohenschwangau, c. 1850



Figura 108. Gravura do Castelo de Wartburg, 1836



Figura 109. Gravura do Castelo de Seebenstein, 1819

A região do Vale do Rio Reno, situado entre as cidades de Mainz e Koblenz é o maior conjunto de Castelos do mundo. Em 2002, o trecho do rio Reno, os seus castelos e cidades medievais entraram na lista de Patrimônio Mundial da Unesco. Alguns dos castelos são apenas ruínas, outros foram resistindo ao tempo, ou foram reformulados.

As reconstruções dos edifícios medievais em estado de ruína, reformuladas com inspiração romântica aludindo a fortificações da Idade Média, simbolizavam o poder que estaria em declínio, desenvolvendo uma nova burguesia com alto capital, domínio territorial, direito à autoridade e a privilégios, afirmação do estatuto social e nacionalismo. As intervenções relativas ao espírito romântico, por vezes eram bastante profundas para que o edifício correspondesse ao imaginário perseguido, um edifício acastelado com elementos arquitetónicos do passado, criando um cenário fantástico.

Neste período, quando se realizou a viagem do poeta vianense estas residências já tinham sido remodeladas e muitas outras estavam a ser repensadas de acordo com o espírito romântico em que se vivia. Começaram a circular pela Europa gravuras destes Castelos, que Pereira da Cunha poderia ter tido acesso. Este conhecimento influenciou e impulsionou António Pereira da Cunha a realizar o seu próprio Castelo numa propriedade que lhe pertencia, como similarmente acontecera com o Rei D. Fernando de Saxe-Coburg Gotha para edificar o Palácio Nacional da Pena, em Sintra, acabando por ser a partir desta obra que despoletou o surto de construções nesta linha romântica em Portugal.

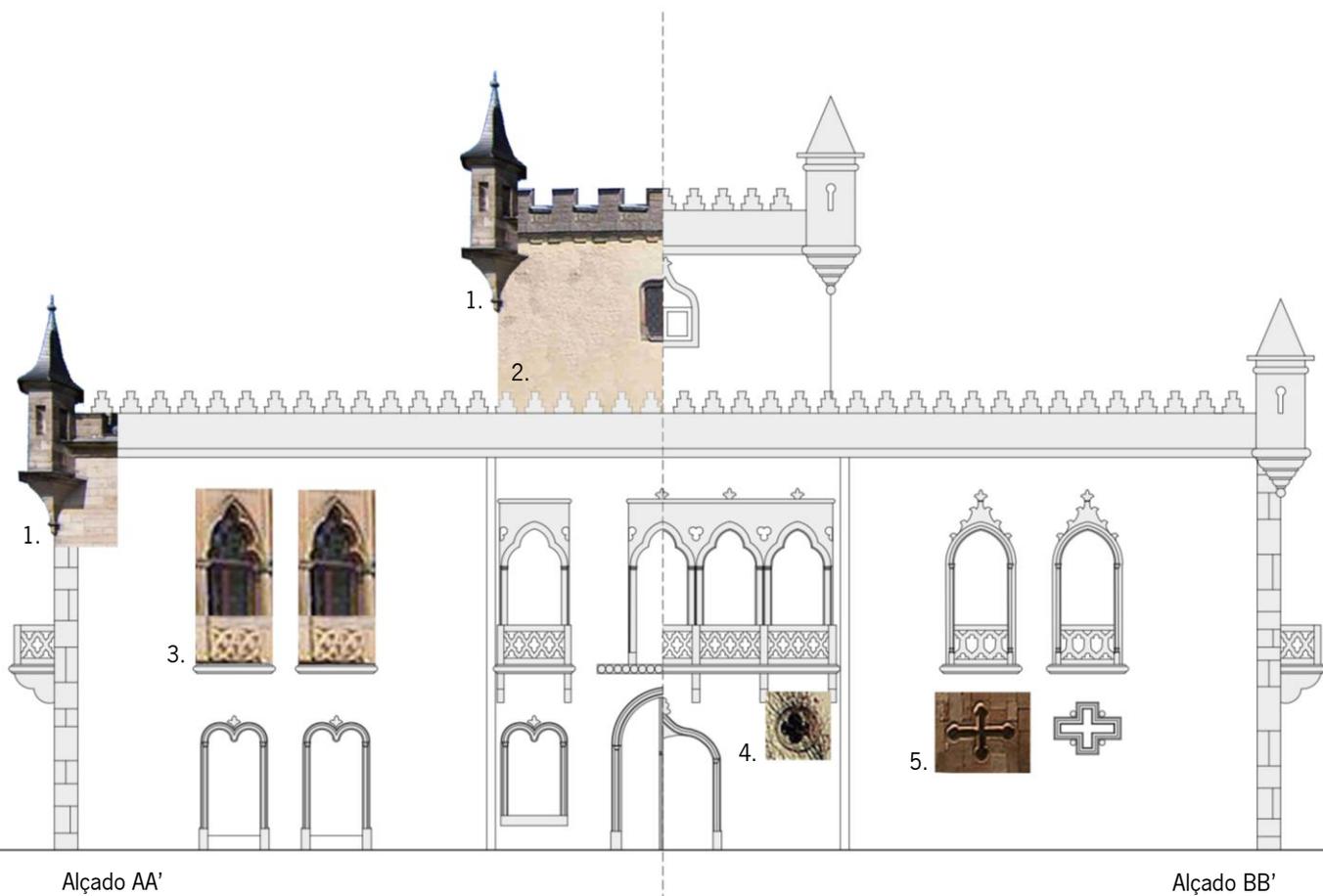


Figura 110. Fotomontagem dos alçados do Castelo de Portuzelo com elementos arquitetónicos dos palácios da Baviera

Legenda:

1. Guaritas do Palácio Callenberg
2. Torre Circular do Palácio Rosenau
3. Vãos do Castelo Rosenau
4. Óculo do Castelo Rosenau
5. Vão em forma de cruz do Castelo Reinhardsbrunn



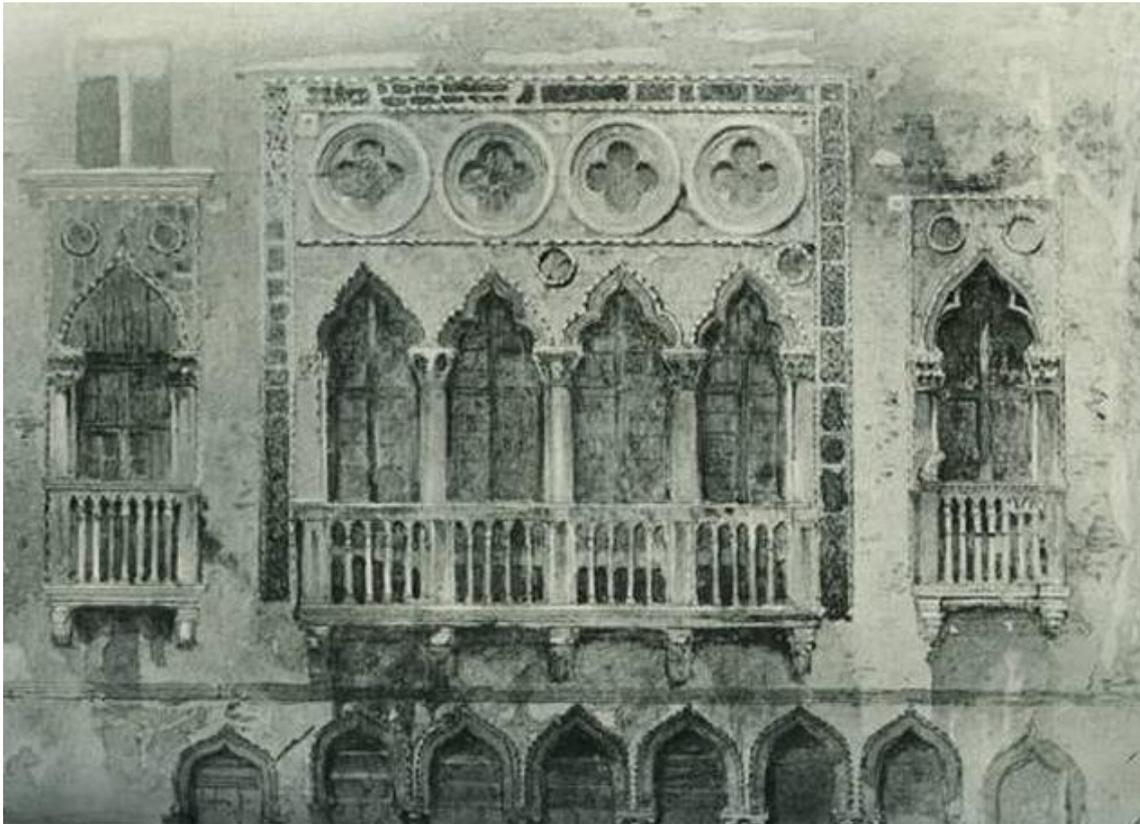


Figura 111. Desenho da autoria de John Ruskin do edifício Ca' Sagredo



Figura 112. Vão do edifício Ca' Sagredo

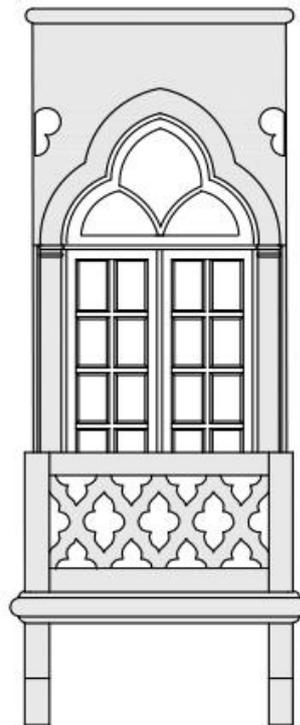


Figura 113. Vão do Castelo do Portuzelo

## Itália | Veneza

Da observação dos vãos do Castelo de Portuzelo reconhece-se a influência do gótico Veneziano, nomeadamente de motivos amplamente disseminados à época pelos desenhos de John Ruskin<sup>46</sup>, no seu livro “As pedras de Veneza”, que originalmente foi publicado em três grandes volumes entre 1851 e 1853. O livro narra a viagem a Veneza, ao estilo do Grand Tour, que Ruskin e sua esposa Effie Gray realizaram em novembro de 1849. Ao longo da viagem o autor realizou alguns esboços e anotações de vários edifícios importantes da cidade, procurando características do gótico (Tavares, Lira, & Morris, 2006).

O gótico associado ao avanço do processo, através da invenção do arco em ogiva que possibilitou a construção de abóbadas em cruz ou cruzaria de ogivas, permitiu a edificação em esqueleto, conseguindo-se assim uma eficaz distribuição das forças exercidas sobre os pilares e sobre as paredes da construção, possibilitando a diminuição da espessura das paredes. Através das nervuras estruturais dos arcos em ogiva as forças eram encaminhadas para os pilares, que proporcionou um maior número de aberturas e por conseguinte uma maior iluminação interior. O arco em ogiva ou quebrado, permitiu a construção em altura, diminuindo as pressões laterais, dando-lhes maior verticalidade e monumentalidade.

Com os desenhos de Ruskin publicados e sendo uma representação dos edifícios por que passou da sua viagem, consegue-se realizar comparações com o desenho de ornamentação das aberturas do andar superior do Palácio, sugerindo que António Pereira da Cunha tivesse conhecimento deste livro, ou a possibilidade de o autor ter visitado Veneza, uma vez que esta cidade se encontrava sob domínio do império Austro-húngaro no período em que a viagem se realizou. Qualquer uma destas suposições pode estar na base da absorção de modelos que terão influenciado o desenho do palacete.

O esboço de Ruskin onde se encontram muitas similaridades com o Palácio de Portuzelo ilustra as aberturas do edifício Sagredo, que se localiza no centro de Veneza, em Cannaregio, com fachada principal voltada para o Grande Canal, entre os edifícios Palace Foscari e Palazzo Giustiniani Pesaro.

---

<sup>46</sup> John Ruskin, crítico e historiador de arte, sociólogo e escritor britânico, nasceu a 8 fevereiro de 1819, em Londres e faleceu a 20 de janeiro de 1900, na Inglaterra (Oliveira & Carvalho, 2009, pág. 6417).

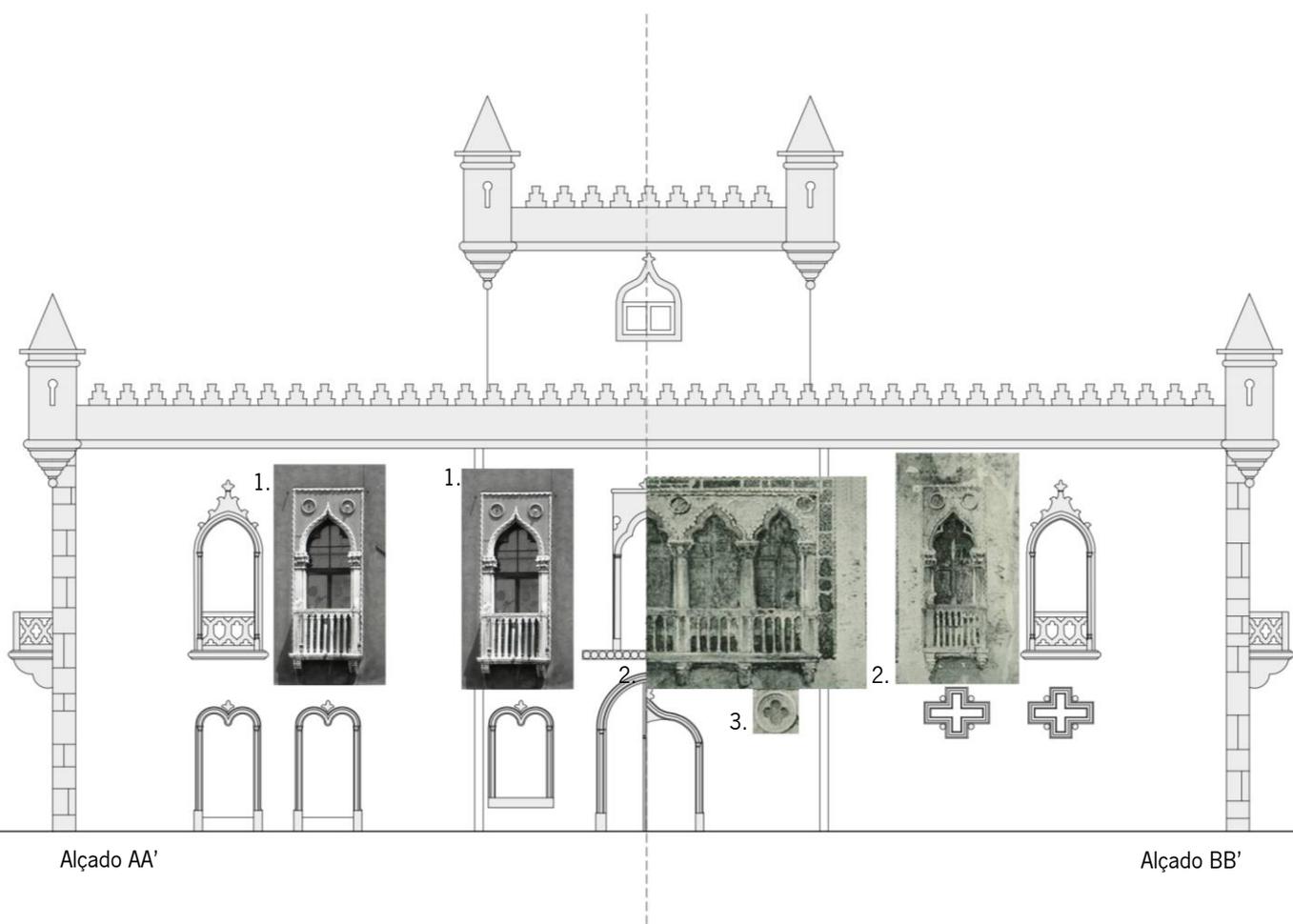


Figura 114. Fotomontagem dos alçados do Castelo de Portuzelo com desenho de John Ruskin e fotografia do edifício Ca' Sagredo

Legenda:

1. Fotografia do vão do edifício Ca' Sagredo
2. Desenho de John Ruskin dos vãos do edifício Ca' Sagredo
3. Desenho de John Ruskin do óculo do edifício Ca' Sagredo

O edifício foi construído no século XV, o primeiro proprietário documentado foi por Lorenzo Morosini. No século XVII foi vendido e renovado por Sagredo que lhe deu o nome (“Moments & Awards - História Hotel Veneza - Ca’ Sagredo Hotel sobre o Grande Canal de Veneza,” n.d.). A fachada que faz frente ao Grande Canal é constituída no primeiro andar por um conjunto de quatro janelas góticas trilobadas idênticas aos conjuntos de cinco janelas que existem também no primeiro piso nos alçados BB’ e CC’. A fachada integra também janelas isoladas de arco quebrado similares às que existem no Castelo de Portuzelo com varandas assentes em mísulas. Formam também a fachada principal quatro óculos quadrilobados, em ambos os seus lados existem janelas com arco apontado também habitual deste período.



Figura 115. Desenho do Convento da Nossa Senhora da Pena antes de ser o Palácio da Pena

### Sintra | Palácio da Pena

Em Portugal a arquitetura romântica chegou através do Rei D. Fernando II de Saxe-Coburg Gotha<sup>47</sup>, casado com a rainha portuguesa D. Maria II, em 1836, seu segundo casamento. D. Fernando II nasceu em 1816, em Viena, filho do Duque Ferdinand von Sachsen-Coburg und Gotha (de origem germânica) e de Maria Antónia Gabriela Koháry (de origem Austro-húngaro).

Era seu tio Ernst de Saxe-Coburgo-Gotha, responsável por várias intervenções em residências acasteladas na Turingia, Alemanha, como por exemplo nas remodelações do Palácio de Rosenau (Oeslau), do Palácio de Ehrenburg (Coburgo), do Castelo de Callenberg (Beiersdorf), do Castelo de Reinhardsbrunn (Friedrichroda), e do Veste Coburg (Coburgo).

Com o conhecimento das remodelações de seu tio, D. Fernando II tinha a percepção das tendências mais recentes da Alemanha e Inglaterra, o que o influenciou na construção do palácio da Pena como hoje se conhece, e do qual poderemos estabelecer relações com os Castelos da Baviera ((Santos, 2017, pág.11).

A 3 de novembro de 1838, D. Fernando II adquiriu o Convento de Nossa Senhora da Pena e as terras que o envolviam, incluindo o Castelo dos Mouros. Neste local existiu um Convento de frades Jerónimos, edificado no reinado de D. João II. Em 1511, D. Manuel I, mandou construir no mesmo local um convento dedicado a Nossa Senhora da Pena, doando-o novamente à ordem dos monges de S. Jerónimo. Desde 1834 o convento encontrava-se devoluto com a extinção das ordens religiosas, subsistindo em ruína, o claustro, a capela, sacristia, torre sineira e hospedaria (hoje denominado Palácio Velho), os quais foram tomados como matéria construtiva integrando os espaços da nova construção (Carneiro & Gama, 1992, pág.6-18).

---

<sup>47</sup> D. Fernando II de Portugal – D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, nasceu em Corburgo a 29 de outubro de 1816, filho do príncipe Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha e da princesa Antónia de Kohary.

Veio a casar por procuração em 1 de janeiro de 1836 com D. Maria II, Rainha de Portugal, que estava viúva desde 28 de março de 1835. Recebeu o título de rei aquando do nascimento do futuro D. Pedro V, a 16 de setembro de 1837. De 1836 a 1853 tomou parte ativa na consolidação do regime constitucional, assumindo, em diversos períodos, o comando do Exército. Dedicou-se depois às artes, como protetor e colecionador. Deve-se-lhe a ter salvo do vandalismo e da ruína os Mosteiros da Batalha e do Jerónimos e os Conventos de Mafra e de tomar. Em 1862 e 1869 recusou as coroas de Espanha e da Grécia respectivamente. Em 1869 casou com a cantora Lírica suíça Elisa Hensler (Condessa de Edla). Faleceu a 15 de dezembro de 1885, em Lisboa (Oliveira, Oliveira, Ferreira, & Vieira, 2008, pág.211).



Em 1841 o rei D. Fernando II decidiu iniciar a recuperação do Convento que se encontrava num estado avançado de ruína. Remodelou o piso superior todo, mantendo as abobadas e transformou as divisões em grandes salões. Em 1843 o Rei procedeu à sua ampliação, construindo uma nova ala denominada como Palácio Novo, transformando-o em residência de verão da Família Real Portuguesa. Mandou também plantar um parque que envolvesse o palácio com plantas exóticas, casas de fresco e pavilhões (Carneiro, 1991, pág.2-4).

O responsável pelo projeto do Palácio da Pena foi o barão germânico Wilhelm Ludwig von Eschwege<sup>48</sup>, natural da Alemanha, foi geólogo, geógrafo e mineralogista. Apesar de não possuir um conhecimento vasto em arquitetura, inspirou-se em alguns paços acastelados da Alemanha, como por exemplo no Palácio de Babelsberg<sup>49</sup>, em Posdam e o Castelo de Belvoir<sup>50</sup>, para desenhar o projeto. Contudo o Palácio da Pena possui uma linguagem manuelina, pois D. Fernando II admirava o reinado de D. Manuel, sendo esta uma forma de valorizar a história de Portugal, pois foram ambos amantes da história, protetores do património e os dois colaboraram para dinamizar as artes (Santos, 2017, pág.11).

A renovação do palácio da Pena, terminou em meados de 1860, continha características que fazia com que o denominassem de “Castelo” ou “Paço acastelado”. Em si agregava elementos da arquitetura militar medieval como o torreão, ameias, guaritas, torres, barbacã, botaréis e passeios de ronda, mas sem função de defesa, simplesmente elementos decorativos, inspirados nos castelos medievais, que alimentavam o espírito da época, reavivando estilos passados.

---

<sup>48</sup> Barão Wilhelm Ludwig von Eschwege – nasceu em 1777, em Hesse, Alemanha, foi um geólogo, geógrafo e sobretudo mineralogista e engenheiro de minas. Em 1803, veio para Portugal, contratado para diretor de minas, na companhia do engenheiro militar Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen, pai do célebre historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que foi determinante na caracterização do estilo manuelino. O barão de Eschwege fez várias viagens aos países europeus como França, Inglaterra e Alemanha, onde adquiriu todo o seu conhecimento sobre arquitetura.

Contudo, foi a sua colaboração com D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha na construção do Pálacio da Pena que o barão de Eschwege ficou famoso em Portugal. Trabalhando como arquiteto e paisagista, entre 1838 e 1850.

Faleceu em 1855, em Kassel, Alemanha (<https://www.parquesdesintra.pt/pontos-de-atracao/barao-de-eschwege/>; 25 de outubro de 2013).

<sup>49</sup> Palácio de Babelsberg - foi construído em 1833, localizado em Potsdam, Alemanha. Foi Karl Friedrich Schinkel que projetou o desenho inicial para Palácio. Posteriormente os arquitetos Ludwig Persius e Johann Heinrich Strack modificaram o conceito durante a sua expansão. O palácio é predominantemente em estilo neo-gótico (<https://www.alemanhaonline.com.br/palacio-babelsberg/>).

<sup>50</sup> Castelo de Belvoir - localiza-se no vale de Belvoir, condado de Leicestershire, na Inglaterra. O castelo original data 1067 para defesa dos seus proprietários. Posteriormente foi parcialmente destruído por um incêndio, em 1800 o castelo foi reconstruído, segundo o projeto de James Wyatt para o quinto Duque de Duquesa de Rutland (<https://www.visit-nottinghamshire.co.uk/things-to-do/belvoir-castle-p727861>).



Figura 119. Vista do Palácio da Pena

O edifício é eclético, contém uma mistura de estilos arquitetônicos, como por exemplo, o renascentista, o gótico e o manuelino a par de referentes estilísticos árabes, expressando o revivalismo da época. O palácio novo é todo ele de inspiração romântica, com influências do Egípcio Antigo, representado nos elementos animalistas e vegetalistas. Possui influência árabe, através dos minaretes e dos vários arcos existentes no palácio. Os seus claustros são revestidos com azulejos hispano-árabes. O Palácio é também composto por elementos góticos, como por exemplo as abóbadas do claustro e da capela, vãos de arco quebrado. O edifício integra também elementos míticos, resultante de imaginação que o homem romântico usufruía, como por exemplo o Tritão envolvido em conchas e corais ornamentando um arco, uma abertura semelhante à janela presente no Convento de Cristo, em Tomar e, por fim todos os elementos neo-manuelinos existente em todo o palácio, como elementos vegetalistas (conchas, corais, algas, folhas, animais, entre outros), cordas entrelaçadas, existência de esferas armilares, platibanda rendilhada e as abóbadas polinervadas apoiadas em mísulas (Carneiro & Gama, 1992, pág.19-26).

A Serra de Sintra já era conhecido como um local místico, o que motivou à construção do eremitério em 1372, segundo a lenda, foi a descoberta milagrosa de uma imagem da Nossa Senhora ((Silva, 1995, pág.279-291), o que a tornou num local particular pelo qual o rei D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha se fascinou. A serra de Sintra coroada com o Palácio da Pena, presente numa paisagem natural, um imaginário intocável, uma alusão a um espaço divino, os seus jardins e os seus percursos criam o imaginário perfeito para o homem romântico, tornando-se exemplar da arquitetura romântica Portuguesa.

Para além dos modelos que o proprietário do Castelo de Portuzelo, António Pereira da Cunha, viu durante a sua viagem à Alemanha e à Áustria, o Palácio da Pena foi simultaneamente uma influência no desenho do projeto. Através da análise dos desenhos do Castelo conseguem-se fazer algumas analogias com o mesmo, como por exemplo, a existência do fosso e da ponte levadiça na porta fortificada, que são semelhantes aos que existiam nos castelo medievais, para defesa de possíveis ataques, integrando o espírito romântico da época. A passagem abobadada rematada por um pátio, as ameias escalonadas que coroam o edifício são iguais às que existem no conjunto do Palácio da Pena, o desenho das guaritas presentes nos cunhais do palácio e a configuração da torre quadrangular, inspirada nas torres de menagem. Esta similaridade de elementos ressalva a ideia de conexão entre as duas construções. Para além de ter sido uma inspiração para António Pereira da Cunha, também foi igualmente influenciador para outros edifícios análogos que surgiram em Portugal.

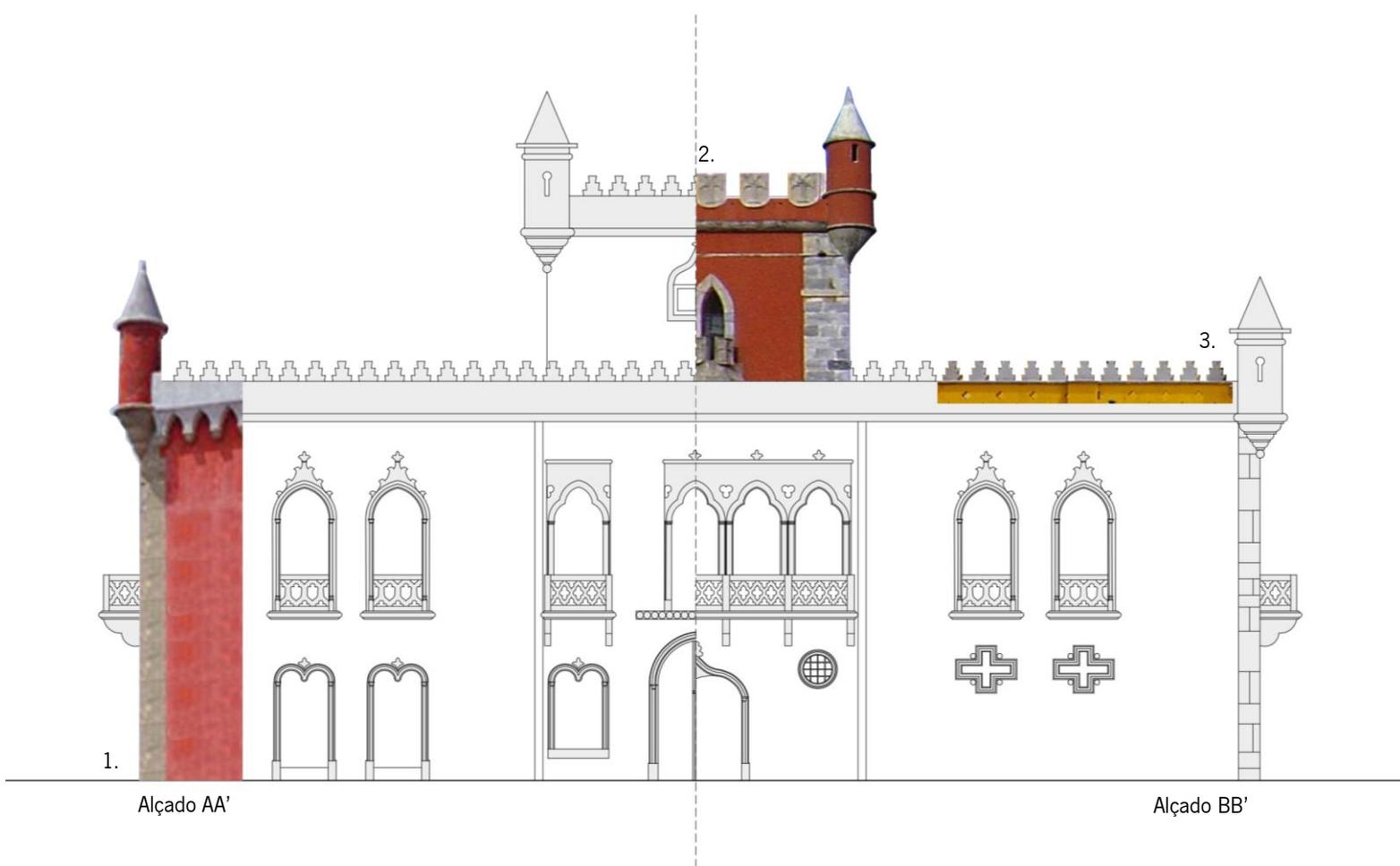


Figura 120. Fotomontagem do alçado do Castelo de Portuzelo com elementos arquitetónicos do Palácio da Pena

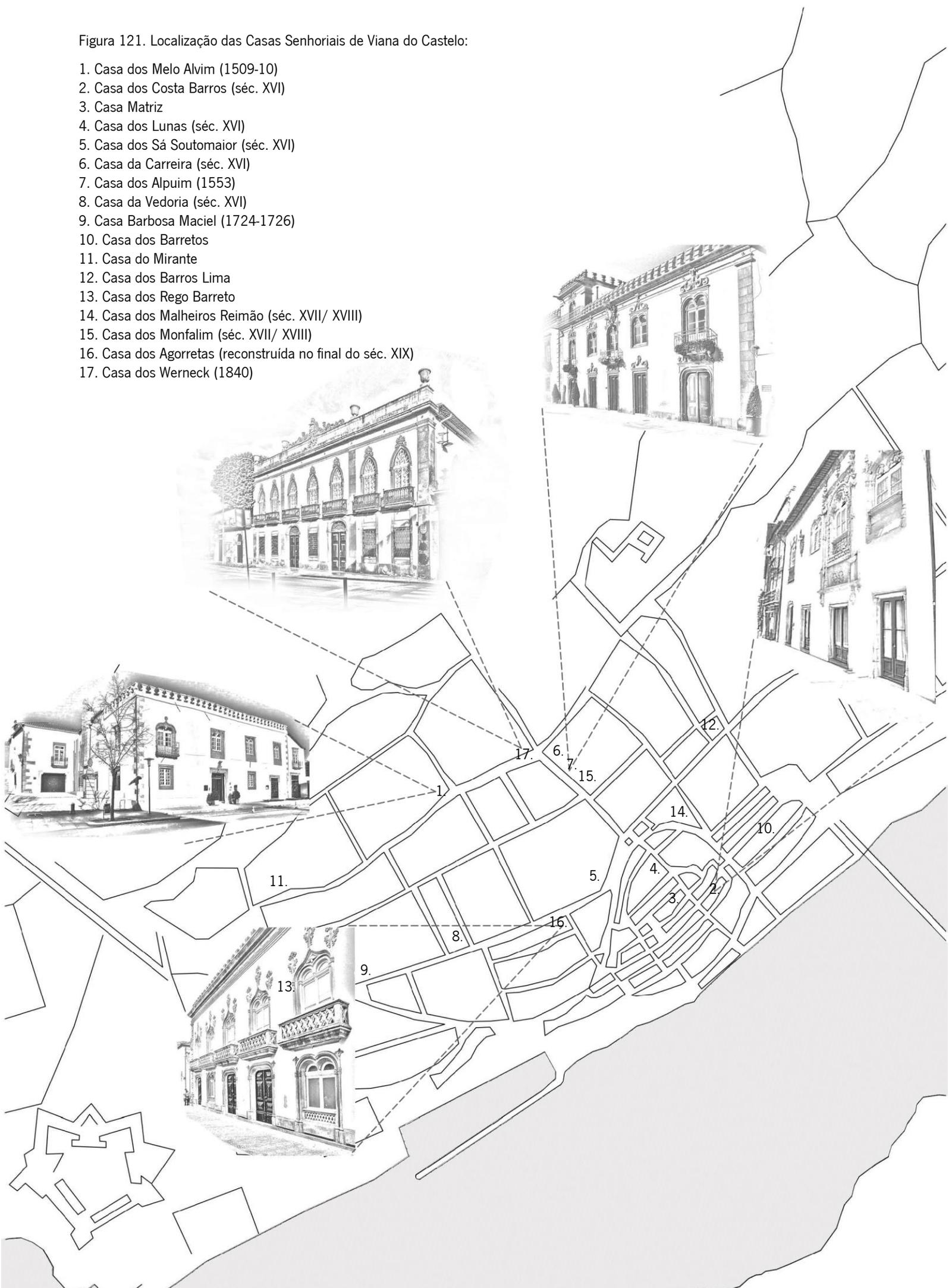
Legenda:

1. Guarita e cunhal que integrado no Conjunto do Palácio da Pena
2. Torre do Palácio da Pena
3. Merlões que integrado no Conjunto do Palácio da Pena



Figura 121. Localização das Casas Senhoriais de Viana do Castelo:

1. Casa dos Melo Alvim (1509-10)
2. Casa dos Costa Barros (séc. XVI)
3. Casa Matriz
4. Casa dos Lunas (séc. XVI)
5. Casa dos Sá Soutomaior (séc. XVI)
6. Casa da Carreira (séc. XVI)
7. Casa dos Alpuim (1553)
8. Casa da Vedoria (séc. XVI)
9. Casa Barbosa Maciel (1724-1726)
10. Casa dos Barretos
11. Casa do Mirante
12. Casa dos Barros Lima
13. Casa dos Rego Barreto
14. Casa dos Malheiros Reimão (séc. XVII/ XVIII)
15. Casa dos Monfalim (séc. XVII/ XVIII)
16. Casa dos Agorretas (reconstruída no final do séc. XIX)
17. Casa dos Werneck (1840)



## Viana do Castelo | Casas Senhoriais

Viana do Castelo veio a conhecer o seu apogeu entre os séculos XV e XVIII em função do seu posicionamento à beira-mar e à beira rio. Contudo, foi especialmente a partir do século XVII, que houve um impulso que fez a cidade crescer exponencialmente. No centro antigo, de matriz medieval e renascentista, é onde se encontram as grandes casas nobres e edifícios conventuais.

Aquando da construção do Castelo de Portuzelo, Viana do Castelo possuía várias residências senhoriais das famílias endinheiradas da cidade, algumas destas podem ter servido de modelo para António Pereira da Cunha.

A casa dos Melo Alvim, considerado o mais antigo palacete de Viana do Castelo, mandada construir pela família Melo Alvim na primeira metade do séc. XVI, é um edifício rematado por ameias com influência oriental que foram acrescentadas no final do século XVI e com fenestração em estilo manuelino (Caldas & Gomes, 1990, pág.42-43).

A casa dos Costa Barros, pertenceu aos Pitas de Caminha, foi construída em meados do séc. XVI e nos dias de hoje pertence à família Costa Barros. A fachada é composta por aberturas em estilo manuelino, com arcadura bilobada e trilobada, sobressaindo a janela central, grande abertura que conjuga elementos góticos, naturalistas e renascentistas, tornando-se única na cidade (Alpuim & Vasconcelos, 1983, pág.72-74). Existem outras casas senhoriais como a Casa da Matriz, Casa dos Lunas, Casa dos Sá Soutomaior, Casa da Carreira ou também denominada Casa dos Abreu Távora, Casa dos Alpuim e a Casa dos Monfalim, todas construídas no século XVI ou início do séc. XVII, tendo em comum o processo construtivo e os estilos escolhidos para a ornamentação das aberturas (Fernandes, 1990).

Ao observarmos o alçado principal do Castelo de Portuzelo podemos obter algumas relações com as casas senhoriais de Viana do Castelo. Os vãos com arco bilobado presentes neste alçado são muito frequentes nos palácios da cidade, como por exemplo na Casa dos Melo Alvim, Casa dos Alpuim, Casa dos Costa Barros e na Casa da Carreira, que utilizam ornamentados diferentes, contudo a forma bilobada dos vãos mantém-se idêntica.

Através da pesquisa foi possível descobrir que existem duas casas senhoriais com ligação a família Pereira da Cunha. Por exemplo a Casa Werneck mandada construir por Gaspar da Rocha Pais de Barros Cação Faria Apuim do Rego Castro, em 1840. A família Werneck, natural da Baviera, na Alemanha, contruiu o palacete onde já lá existiria uma casa.



Figura 122. Casa Werneck



Figura 123. Casa dos Agorreta

Um dos proprietários deste palacete foi Baltazar Werneck, humanista, poeta, músico e “foi contemporâneo do poeta-fidalgo Sebastião Pereira da Cunha com quem travou uma poética batalha sobre o seu Castelo de Santa Marta”<sup>51</sup>.

O edifício tem planta quadrangular e possui dois pisos, a fachada é dividida em três corpos por pilastras. As duas portas são de arco abatido, as janelas são em arco quebrado com tendência neogótica e são ornamentadas com elementos vegetalistas, naturalistas e fitomórficos, a rematar a fachada existe uma cornija e uma platibanda com a pedra de armas e encimado por quatro vasos no alinhamento das pilastras.

Mais tarde em 1880 o pintor vianense, João Baptista Rio, foi o autor das pinturas a fresco das salas deste palacete, com alegorias florais e fitomórficos, destacando-se o teto da sala das visitas, onde se encontram retratadas paisagens, o seu próprio retrato e de mais três atores célebres da época, Emilia das Neves, Taborda e Noronha, transparecendo o espírito romântico desta época. Em 1923 foi colocado um portão na continuidade da fachada, com estilo rococó, que pertencera ao antigo convento das Ursulinas (Alpuim & Vasconcelos, 1983, pág.113-116)

Outra residência com ligação à família Pereira da Cunha e com o Castelo de Portuzelo é a casa dos Agorretas. Localiza-se na rua de S. Sebastião e foi reconstruída no final do séc. XIX, mandado por José de Alpuim de Silva de Sousa Meneses casado com Maria Augusta d’ Agorreta Pereira Sá Coutinho (Alpuim & Vasconcelos, 1983, pág.117-121), família da mãe de António Pereira da Cunha, D. Ana d’ Agorreta Pereira de Miranda.

O palacete possui planta retangular com dois andares e no cunhal, nas pilastras almofadadas possui o brasão da família. Em 1884, o edifício foi remodelado e reconstruíram a fachada principal que faz a frente da rua de S. Sebastião, ao gosto neomanuelino, no entanto ainda é visível na fachada da Rua dos Rubins a fenestração original do edifício. Com a observação da fachada pode-se estabelecer relações com o Castelo de Portuzelo, os merlões que coroam o edifício e o desenho das varandas são iguais aos do Castelo, este que poderia ter servido de modelo para a remodelação.

---

<sup>51</sup> Alpuim, M. A., & Vasconcelos, M. E. de. (1983). *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo, pág. 114

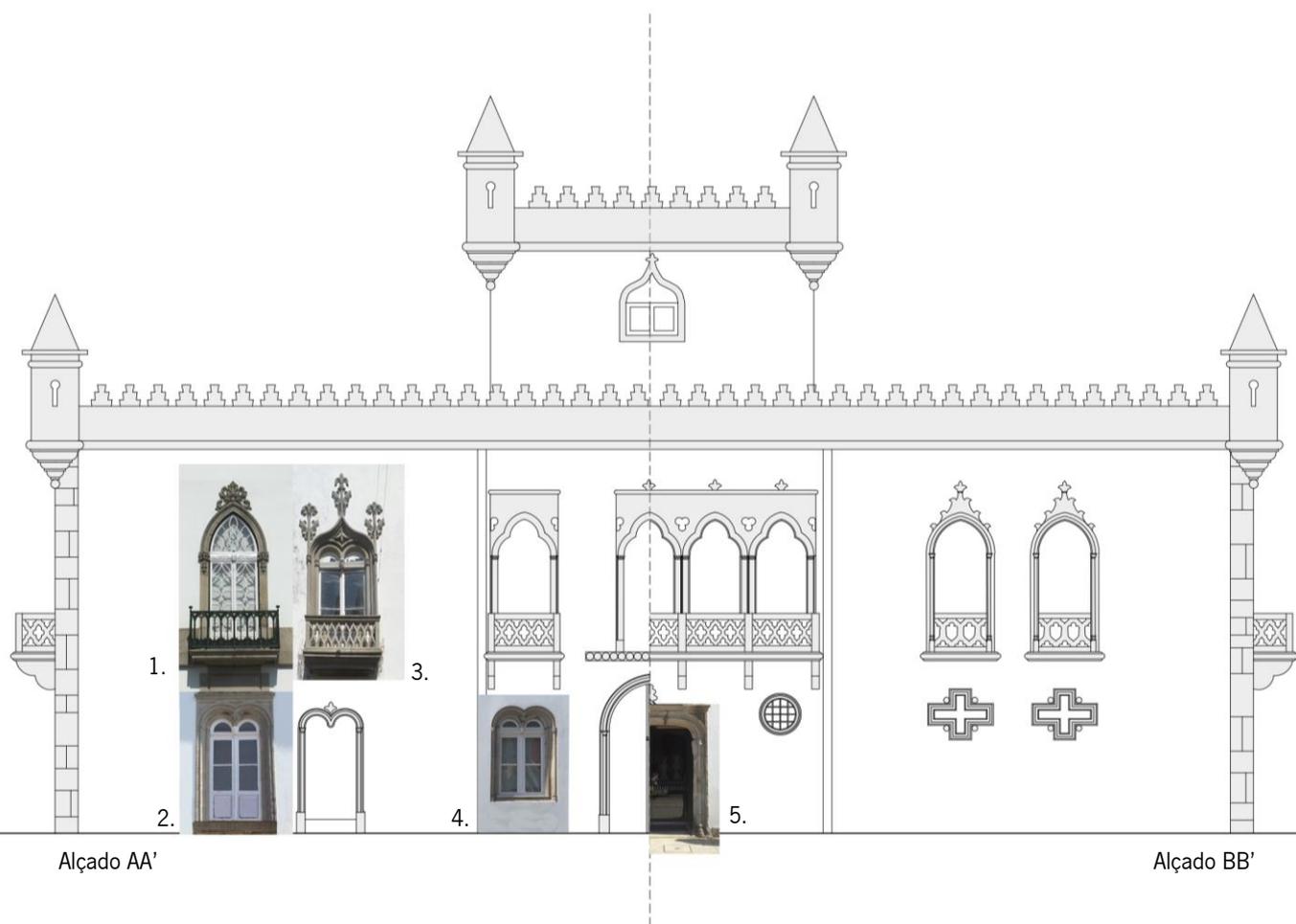


Figura 124. Fotomontagem dos alçados do Castelo de Portuzelo com vãos das casas Senhoriais de Viana do Castelo

Legenda:

1. Janela da Casa dos Werneck
2. Janela da Casa da Carreira
3. Janela da Casa dos Agorretas
4. Janela da Casa dos Costa Barros
5. Porta da Casa da Alpuim

Ao estabelecermos relações com o Castelo de Portuzelo, podemos identificar que os vãos são em arco bilobados como já foi referido anteriormente, que os merlões que coroam a fachada principal do edifício e os balaustres das varandas são iguais aos da Casa dos Agorretas. O que nos leva a especular que não só as casas senhoriais que compõem o centro da cidade de Viana do Castelo podem ter sido uma inspiração para António Pereira da Cunha, como também o Castelo em estudo pode ter influenciado a remodelação deste palacete. Foi José de Alpuim, Miguel, seu filho e José seu neto que conservaram a casa dos Agorretas (Alpuim & Vasconcelos, 1983), no entanto, nos dias de hoje encontra-se devoluta.



Figura 125. Quinta da Boavista



Figura 126. Quinta da Estrela

## Santa Marta de Portuzelo | Quinta da Estrela e da Boavista

Este espírito romântico incitou algumas reformulações em duas quintas na freguesia de Santa Marta de Portuzelo, e a construção do Castelo de Portuzelo pode ter servido de impulsionador para a inserção de alguns elementos arquitetónicos nestas propriedades.

Uma das quintas é a da Estrela, no lugar do Moreno, a primeira proprietária foi D. Inês de Magalhães, com o decorrer do tempo a propriedade foi passando de geração em geração até ser proprietária a esposa de Francisco Pinto Barbosa de Araújo Correia, general da infantaria, governador da praça de Monção e proprietário da quinta da Boavista, no lugar de Talharezes. No entanto foi José Pinto de Araújo Correia, sucessor dos anteriores o responsável pela inserção de elementos de ornamentação do portal de entrada da quinta.

Portal este que conjuga vários elementos, um balcão tordo-barroco, ameias mouriscas, uma cruz patada vazada neo-românica e o portal em ferro trabalhado fazendo referencia à arquitetura do ferro (Abreu, 2017, pág.86-87). No interior da propriedade, no percurso de entrada na propriedade existe um jardim com vegetação exótica que introduz o gosto romântico. No portal é também observável a pedra de armas de José Pinto de Araújo Correia no balcão.

Na quinta da Estrela, casa em forma de L, com dois pisos, encontra-se adossada a esta uma capela e na fachada virada à rua é visível a pedra de armas da família. O portal de entrada da propriedade é coroado com ameias escalonadas, iguais às que existem no Castelo de Portuzelo.

Estes pequenos apontamentos inseridos nestas propriedades, muito anteriores à época em estudo, foram pequenas manifestações do espírito da época em que se vivia que podem ter sido impulsionados com a construção do Castelo de Portuzelo e com as novas mentalidades que surgiram na freguesia através do poeta António Pereira da Cunha e de seu filho Sebastião Pereira da Cunha.



Figura 127. Localização de edifícios acastelados e revivalistas nacionais

## Edifícios Acastelados e Revivalistas Nacionais

Entres os séculos XVIII e início do século XX, foram projetados vários edifícios residenciais da alta burguesia em Portugal, alguns foram intervenções em solares já existentes, que foram ampliados e decorados de acordo com o espírito da época. Noutras intervenções constavam a demolição e posteriormente a reconstrução de palácios acastelados românticos com alguns elementos decorativos aludindo à arquitetura militar medieval, no entanto como já foi referido estas edificações não continham nenhuma função defensiva, sendo apenas residências de classes sociais mais elevadas. Estes palácios para além de incluírem elementos da arquitetura militar medieval, como por exemplo, torres, torreões, ameias, guaritas, frestas, também utilizaram assimetria planimétrica e volumétrica, estilos neo, e materiais que concediam ao edifício maior robustez, sempre com a intensão de se assemelharem a castelos medievais.

A construção destes Paços acastelados eram também uma forma de afirmação de poder e de superioridade da família que o possuía, reforçando o seu estatuto social em relação à sociedade. Com o espírito romântico que se vivia neste período, à recriação de elementos da arquitetura medieval juntaram-se interpretações fantasiosas o que originou uma produção de edifícios ecléticos, construções estas que continham em si vários estilos arquitetónicos, criando efeitos estéticos visuais muito apelativos.

Para além do caso de estudo, o Castelo de Portuzelo, existem diversos casos de edifícios acastelados revivalistas portugueses do mesmo período, onde também se podem encontrar elementos arquitetónicos que aludem a fortificações medievais. Para que sejam denominadas casas acasteladas não só necessitam de conter elementos como por exemplo, torres, ameias e guaritas, como também de ter uma perceção de componente de fortificação evidente.

Desde o final do século XVIII até principios do século XIX pode-se então, mencionar por ordem cronológica alguns paços acastelados românticos em Portugal (Anexo 11). De norte a Sul do país são muitos os edifícios icónicos que mostram fielmente a mentalidade e o quotidiano que se vivia durante este período (Santos, 2017).



Figura 128. Casa acastelada dos Oliveira Maya



Figura 129. Palácio de Santa Gertrudes



Figura 130. Castelinho do visconde de Juromenha



Figura 131. Quinta da Torrinha

A Casa acastelada dos Oliveira Maya, localiza-se no Porto, na Rua do Passeio Alegre, construída entre 1855 e 1858, foi uma das primeiras construções deste género em Portugal, mandada construir por Domingos Oliveira Maya (Graça, 1948, pág.325-327). O edifício tem três pisos, a fachada principal está dividida em três tramos, os dois dos extremos semi-octogonais que aludem a torres que ladeavam as portas fortificadas na arquitetura militar medieval, e o tramo central onde se encontra a porta principal. O edifício é coroado por merlões e usa a pedra aparente, as aberturas são decoradas caracterizando-o como residência acastelada revivalista.

Palácio de Santa Gertrudes foi projetado pelo Giuseppe Cinatti, cenógrafo italiano, por volta do 1870, para o proprietário José Eugénio de Almeida, situa-se em Lisboa, no São Sebastião da Pedreira, nas traseiras do Palacete José Eugénio de Almeida. O edifício tem uma planta em forma de U, é rematado por merlões, e possui torres, guaritas poligonais e frestas aludindo para a arquitetura militar medieval. A variada fenestração que remete para a arquitetura romântica, neogótica e neomanuelina traduz o revivalismo existente no edifício. O edifício possui também uma torre com relógio aludindo ao Palácio da Pena (Inês Pais, 2006).

Castelinho do Visconde de Juromenha situa-se em Lisboa, mandado construir por João António Pereira de Lacerda, Visconde de Juromenha, na segunda metade do século XIX. O edifício possui dois andares, nos extremos encontram-se duas torres, é coroado por merlões e o seu alçado principal é dividido em quatro tramos e a porta principal encontra-se a eixo (Santos, 2017, pág.17).

Quinta da Torrinha localiza-se em Lisboa, foi mandada construir por José Simões Ferreira Machado, em 1892. O edifício tem planta em formato retangular, com torre central, rematado por merlões e guaritas. A fachada é simétrica com vãos em arco de volta perfeita no piso térreo e de arco apontado no primeiro piso (Ana Pascoal, Catarina Teixeira, & Paula Figueiras, 2011). Entre 1914 e 1916, o edifício foi remodelado por Augusto de Albuquerque, que lhe retirou alguns elementos acastelados que possuía.

Casa do Castelo de Sistelo, localizado em Sistelo, nos Arcos de Valdevez, mandada construir por Manuel António Gonçalves Roque, visconde de Sistelo, nos finais do século XIX. O edifício possui planta quadrangular e dois pisos e a fachada principal detém de dois torreões nos extremos, que são coroados por merlões e com os contos chanfrados, no tramo central encontrasse a entrada a eixo e no piso superior uma galeria que seria coberta (Santos, 2017, pág.20).



Figura 132. Casa do castelo de Sistelo



Figura 133. Castelo Engenheiro Silva



Figura 134. Castelo de Alvega



Figura 1345. Palácio do Conde de Azarujinha

Castelo Engenheiro Silva situa-se na Figueira da Foz, mandado edificar pelo engenheiro Francisco Maria Pereira da Silva, no final do século XIX. O edifício coroado por ameias possui três pisos e planta quadrangular, é composto por uma torre, no canto e por balcões também estes rematados por merlões. As aberturas têm influências neomanuelinas e o coruchéu alude às agulhas góticas ou aos coruchéus manuelinos. Em 1920 o edifício foi remodelado, mas não foram alteradas as características acasteladas (Maria Bonina & Fernando Grilo, 1996).

Castelo de Alvega localiza-se em Alvega, perto de Abrantes, construção ordenada por José Ferreira Santana, no final do século XIX. O edifício é constituído por dois volumes com dois pisos e por uma torre com três pisos. O aspeto apalaçado é fornecido pelo coroamento de merlões, pelas guaritas, pináculos e balcões.

Palácio do Conde de Azarujinha, situa-se em Azaruja, perto de Évora, mandada edificar por Augusto Dias de Freitas, Conde de Azarujinha, na segunda metade do século XIX. O edifício possui dois pisos, é coroado por merlões, possui também botaréis sendo também estes rematados por ameias, os materiais utilizados também o tornam robusto, remetendo para a arquitetura militar medieval (Santos, 2017, pág.20-21).

Torre da Marquesa está localizado na Quinta do Bom Sucesso, em Alferrarede, mandada construir em 1891, por Carlos do Amaral Pereira e Meneses, Conde de Alferrarede. Este edifício tem a planta em forma de U e é composto por vários volumes, rematado por merlões e nas esquinas existem guaritas e torres que se assemelham a botaréis. O edifício possui também uma torre cilíndrica com três andares. O Paço acastelado tem uma forte semelhança com Castelo da Pena, em Sintra (Isabel Mendonça, 1995)

Castelo da Boa Vista, foi construído entre 1896 e 1990, localiza-se em Albergaria-a-Velha, mandado construir por João Patrício Álvares Ferreira, com o projeto de Joaquim António Vieira. O edifício possui dois andares e tem planta em U assimétrico. Este é composto por um torreão octogonal, uma torre cilíndrica e uma torreta octogonal com apenas um andar. A casa acastelada é toda coroada por merlões e com pedra aparente aludindo à robustez dos edifícios medievais (Santos, 2017, pág.21).



Figura 136. Torre da Marquesa



Figura 137. Castelo da Boa Vista



Figura 138. Palacete Barros



Figura 139. Palacete O'Neil

Palacete Barros, está situado em São João do Estoril, mandado construir por João Martins de Barros, em 1896, no mesmo local onde se situava o Forte de Santo António da Assubida, forte seiscentista, demolido para a edificação do palacete, com o projeto do arquiteto italiano Cesare Lanz. O edifício é constituído por vários volumes adossados, com uma torre central que alude a torres de menagens dos castelos medievais. O conjunto edificado possui elementos arquitetónicos revivalistas, neomedievais, era coroado por merlões e frisos em arcatura.

Palacete O'Neil localizado em Cascais, mandado construir por Jorge Torlades O'Neil, Visconde de Santa Mónica. O projeto inicial é da autoria de Luigi Manini, iniciado em 1897, um projeto que incluía torres e merlões e com aberturas neomedievais, com vários volumes adossados de pedra aparente. Devido às divergências das ideias do proprietário com o projeto, foi pedido a pintor Francisco Vilaça a sua colaboração. Francisco Vilaça acabou por desenvolver sozinho o projeto com as ideias iniciais de Manini, estando o edifício finalizado em 1904. Este palácio teve também intervenção do arquiteto alemão Karl Albrecht Haupt, que projetou algumas varandas e alpendres conforme a arquitetura tradicional portuguesa. Em 1910, o edifício deteve pequenas alterações quando o palácio foi vendido a Manuel Inácio de Castro Guimarães, Conde de Castro Guimarães (Santos, 2017, pág.22).

Palácio Foz/ Quinta do Marquês, situa-se em Torres Novas, paço construído entre 1901 e 1907, a mando de Tristão Guedes Correia de Queiroz, Marquês da Foz. No local existiu um solar seiscentista, projeto inicial da autoria de Luigi Manini, no entanto o projeto foi desenvolvido por António Gameiro Serrão, seguindo as ideias iniciais. O edifício tem a planta em forma de U assimétrico e é composto por dois pisos e por uma torre interior com cinco andares e uma torre exterior mais baixa, coroados por merlões inspiradas no Mosteiro da Batalha, os cantos são rematados por guaritas. A envolver o edifício existe um muro ameado aludindo a barbacãs medievais (Isabel Mendonça, 1995).

Castelo dos Trigueiros localiza-se no Fundão, mandado construir por José Trigueiros Martel, em 1908, com projeto de Januário Martins de Almeida. O edifício tem três pisos e possui uma torre de cinco pisos, rematado por merlões, possui também um balcão no último piso da torre, elementos arquitetónicos que aludem para a arquitetura militar medieval (Santos, 2017, pág.24).



Figura 140. Palácio Foz /Quinta do Marquês



Figura 141. Castelo dos Trigueiros



Figura 142. Castelo D. Chica/ Castelo de Palmeira



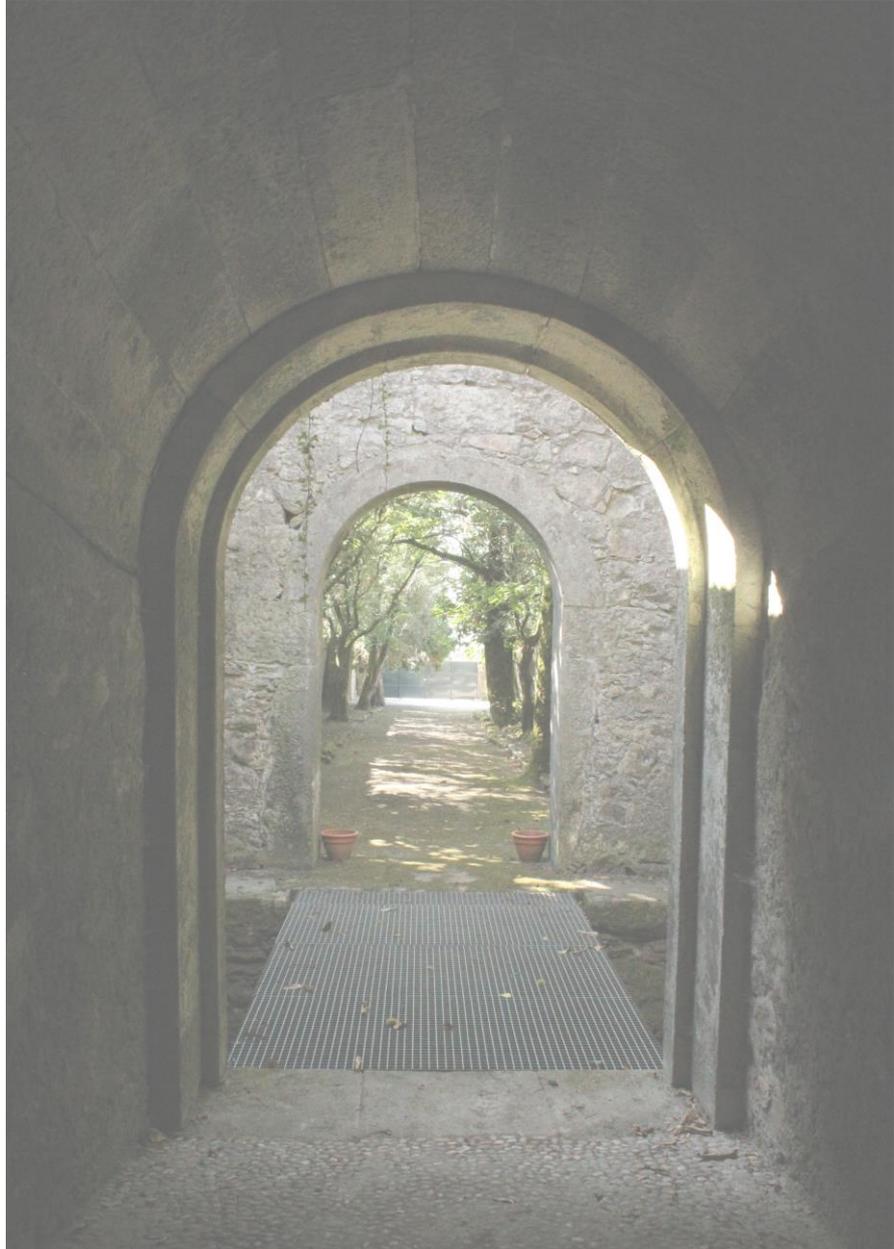
Figura 143. Casa acastelada da Peninha

Castelo D. Chica ou também conhecido como Castelo de Palmeira, está situado em Braga, construído para Francisca Peixoto Rego, Luso-brasileira, com projeto do arquiteto suíço Ernesto Korrodi, iniciado 1915. O edifício é composto por três andares e possui elementos revivalistas, ao gosto romântico da época, mistura elementos neogóticos, neorrenascentistas e neoárabe. Possui também elementos da arquitetura militar medieval, como o torreão cilíndrico, uma torre de planta octogonal, um balcão e o remate em merlões de todo o edifício.

Casa acastelada da Peninha, localiza-se na Serra de Sintra, em Colares, mandado construir por António Augusto de Carvalho Monteiro, com projeto de Júlio Fonseca, iniciado em 1918. O edifício é coroado por merlões, o material utilizado torna o edifício robusto, destaca-se a serliana que define uma varanda direcionada ao mar (Santos, 2017, pág.24-25).

Entre o final do século XVIII até à primeira metade do século XX, foram construídos para além destes mais casos de residências acasteladas revivalistas em Portugal, contudo com características muito semelhantes entre si, que alimentavam o espírito romântico que se vivia nesta época.

Ao relacionarmos com o Castelo de Portuzelo consegue-se estabelecer muitas relações por terem características semelhantes entre si, como por exemplo, uma localização dominante na paisagem, maioritariamente localizados em meio rural, sendo que dois dos referidos (Casa acastelada dos Oliveira Maya, Casa acastelada dos Oliveira Maya) compõe a frente da rua. Todos os palácios aparentam grande presença por serem robustos e maioritariamente por apresentarem carácter fortificado, são normalmente compostos por vários volumes, sendo que um deles sobressai como volume mais alto, a torre. Todos eles são coroados por merlões, três dos palácios (Quinta da Torrinha, Quinta de Alvega, Palácio Foz /Quinta do Marquês) possuem guaritas a rematar os cunhais da torre e dois dos palácios (Palácio de santa Gertrudes; Pálio Foz/Quinta do Marquês) são propriedades amuralhadas. A integração de vários estilos na decoração principalmente dos vãos e dos seus interiores, também é uma característica em todos os palácios referidos, dos quais três (Castelo D. Chica; Palacete Barros; Palacete O'Neil) possuem mais aberturas, presumivelmente por serem mais recentes, por utilizarem elementos como galerias ou serelianas. O Palácio da Foz/ Quinta do Marquês aparentemente é o que detém mais semelhanças com o Castelo de Portuzelo, para além das características referidas em cima, é composto por um volume retangular adossado ao volume da torre, similarmente ao que acontece no Castelo em estudo, sendo que neste caso a torre está destacada do volume.

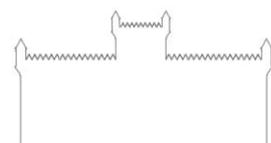


## NOTAS FINAIS | Conclusão

Considerações finais

Referências Bibliográficas

Anexos



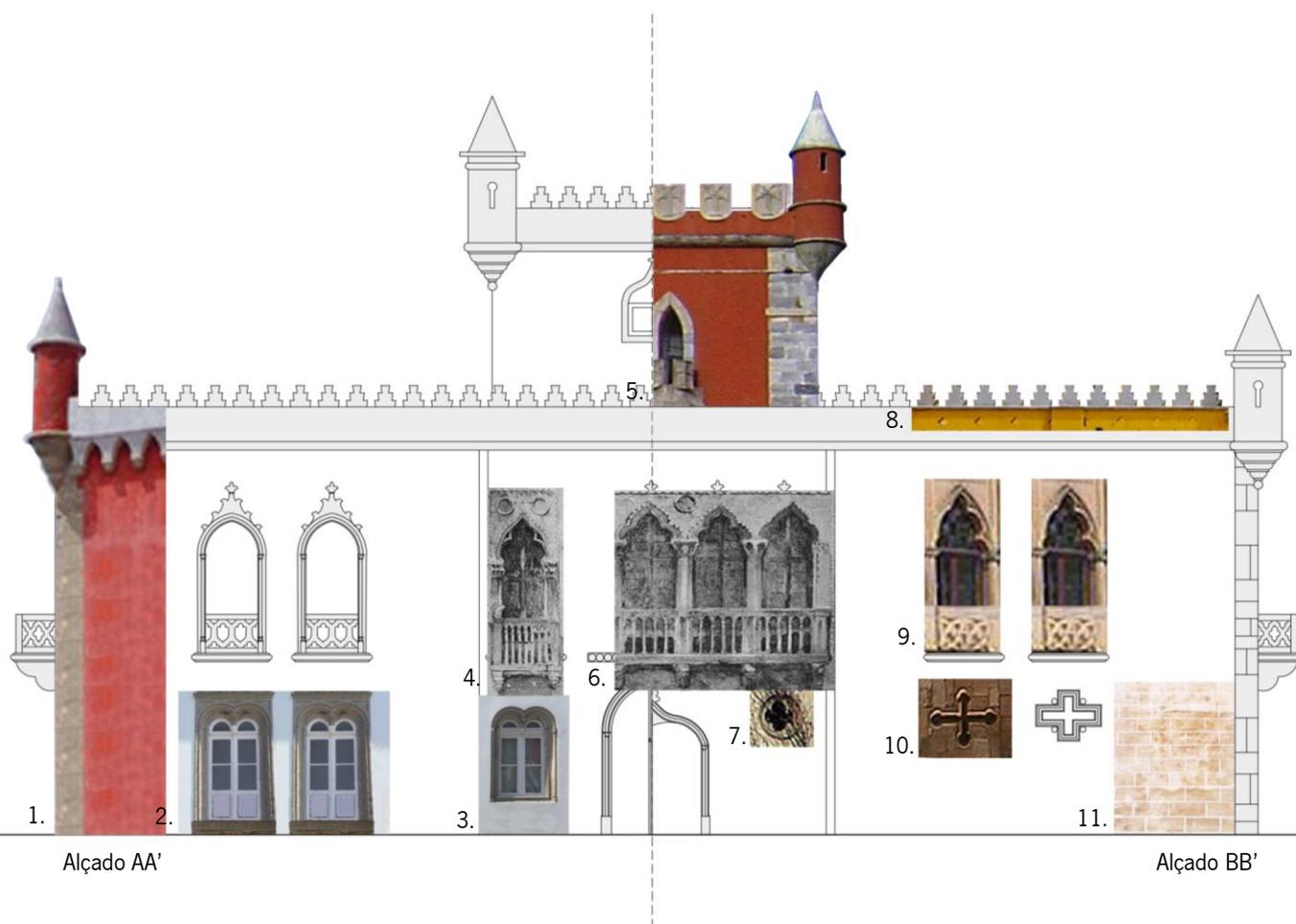


Figura 145. Fotomontagem dos alçados do Castelo de Portuzelo com todos os possíveis modelos

Legenda:

- |  |   |
|--|---|
| 1. Guarita e cunhal que integrado no Conjunto do Palácio da Pena | 7. Óculo do Castelo Rosenau                             |
| 2. Janela da Casa da Carreira                                    | 8. Merlões que integrado no Conjunto do Palácio da Pena |
| 3. Janela da Casa dos Costa Barros                               | 9. Vãos do Castelo Rosenau                              |
| 4. Desenho de John Ruskin dos vãos do edifício Ca'Sagredo        | 10. Vão em forma de cruz do Castelo Reinhardsbrunn      |
| 5. Torre do Palácio da Pena                                      | 11. Pintura de aparelho fingido                         |
| 6. Desenho de John Ruskin dos vãos do edifício Ca'Sagredo        |   |

## Considerações Finais

A presente investigação pretendeu compreender o Castelo de Portuzelo, a partir da sua análise e interpretação. Para a análise da peça arquitetónica houve uma aproximação a um quadro temporal, espacial e cultural que permitiu informar modos de observação, entendimento, questionamento e reflexão. Neste âmbito, e para além da informação documental existente, o edificado assumiu-se como documento material fundamental de suporte à análise e especulação gerada.

O poeta romântico, António Pereira da Cunha, proprietário e autor do desenho da sua residência, era uma personagem que circulava num meio intelectual elevado, relacionando-se diretamente com nomes importantes do romantismo nacional, que provavelmente influíram no padrão espacial e formal plasmado no Castelo de Portuzelo.

A dissertação veio explorar o objeto e seu autor, através da viagem empreendida aquando do batizado do filho primogénito de D. Miguel I, a qual poderá estar por detrás da assimilação de modelos, ferramentas e modos de pensar a arquitetura essenciais à delineação romântica deste cenário. Um processo que permite averiguar linhas de pensamento, conseqüentes á absorção das propriedades de edifícios visitados ou do conhecimento de António Pereira da Cunha.

Com a investigação poderemos concluir que o Castelo é um conjunto de elementos originários de várias épocas, estilos arquitetónicos, bem como de diferentes lugares, que criaram em António Pereira da Cunha a imagem que pretendia. A partir dos elementos que compõem o edifício foi possível relacioná-los com modelos de características semelhantes, que foram sendo referidos, fazendo com que o método de projeto fosse justamente a captação de influências que auxiliaram o processo criativo na génese deste lugar.

Neste caso, António Pereira da Cunha inspirou-se em processos arquitetónicos anteriores e em edifícios românticos que o levaram a selecionar vários elementos arquitetónicos que acabaram por formar uma imagem original, sendo este o processo que foi utilizado para a sua realização. Pode-se constatar, a partir das fotomontagens que foram sendo apresentadas, que os alçados do Castelo de Portuzelo são uma compilação de vários elementos que podem ser identificáveis em edifícios internacionais e nacionais.



Em relação a modelos internacionais, os castelos românticos germânicos serviram como inspiração para a construção deste género de edificado. Relativamente a elementos arquitetónicos que compõem a residência de António Pereira da Cunha, existem muitas semelhanças com modelos concretos, como por exemplo, com os vãos venezianos, que poderão ter chegado ao poeta através do livro *As Pedras de Veneza*, de John Ruskin.

Existem também muitas similaridades com o Palácio da Pena, modelo que encontramos refletido no desenho da torre, merlões que coroam o edifício e guaritas que rematam os cunhais. O desenho dos vãos da fachada principal do primeiro piso poderão ser influência dos vãos dos palácios de Viana do Castelo, por serem bilobados. A par do edifício em si, não podemos negligenciar todo o percurso de chegada ao Castelo que, no seu aparato cenográfico, conjuga vários elementos arquitetónicos militares tanto de fortificações medievais como modernas, que valorizam a imagem romântica do Castelo e potenciam valores simbólicos.

Com toda a análise, interpretação e especulação, podemos concluir que o método de conceção e formalização do Castelo de Portuzelo assenta na assemblagem de referentes formais. Formas reunidas no mesmo projeto, expressando o imaginário romântico coevo, tanto no edifício principal como no percurso de acesso e envolvente dos jardins. Neste processo criativo alguns elementos, principalmente os de carácter militar, perderam a sua função original produzindo, na sequência da sua transformação ou combinatória proposta pela construção deste projeto, novos sentidos conducentes à imagética romântica.



## Referências Bibliográficas

- Abreu, A. A. (2017). *Santa Marta de Portuzelo*. Viana do Castelo.
- Abreu, A. A., Rodrigues, D., Viana, J. da C., Lopes, J. da C., & Machado, J. (1990). *Santa Marta de Portuzelo: a terra, as gentes, o grupo folclórico*. Viana do Castelo.
- Alpuim, M. A., & Vasconcelos, M. E. de. (1983). *Casas de Viana Antiga*. Viana do Castelo.
- Ana Pascoal, Catarina Teixeira, & Paula Figueiras. (2011). Quinta da Torrinha / Castelinho. Retrieved January 3, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=30919](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30919)
- Caldas, J. V., & Gomes, P. V. (1990). *Viana do Castelo, Cidade e vilas de Portugal* (Editorial). Lisboa.
- Carneiro, J. M. M. (1991). *Pena, Pálcio Nacional*. Lisboa.
- Carneiro, J. M. M., & Gama, L. F. M. da. (1992). *Palácio Nacional da Pena, Roteiro*. Lisboa - Mafra.
- Cunha, S. P. da. (1928). *Serões de Portozello*. (E. T. das oficinas de S.José, Ed.). Lisboa.
- Domingos Amaro. (2010). Recuperação de pombais tradicionais. Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte.
- Fernandes, F. José C. (1990). *Viana Monumental e Artística, Espaço urbano e património de Viana do Castelo*. (G. D. e C. dos E. de V. do Castelo, Ed.). Viana do Castelo.
- Graça, M. de S. P. A. (1948). Domingos de Oliveira Maya percurso de um riscador amador ou da responsabilidade técnica no Porto de meados de Oitocentos \*.
- Inês Pais. (2006). Cocheiras José Maria Eugénio / Casa de Santa Gertrudes. Retrieved January 3, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=24255](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24255)
- Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. (2015). GUIA DE INVENTÁRIO — Fortificações Medievais e Modernas, 1–121. Retrieved from [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)
- Isabel Mendonça. (1995). Casa da Quinta do Bom Sucesso. Retrieved January 3, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2023](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2023)
- Junta de Freguesia de Santa Marta de Portuzelo. (n.d.). Retrieved from <http://www.santamartadeportuzelo.pt/freguesia/historia>
- Lemos, J. de. (1875). *Canção da Tarde*. (T. Portuguesa, Ed.) (2ª edição). Lisboa.
- Maria Bonina, & Fernando Grilo. (1996). Castelo Engenheiro Silva. Retrieved January 3, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4273)
- Marques, A. H. de O. (1972). *História de Portugal: desde os tempos mais antigos até ao governo de Sr. Marcelo Caetano*. (Agora, Ed.). Lisboa.

- Moments & Awards - História Hotel Veneza - Ca'Sagredo Hotel sobre o Grande Canal de Veneza. (n.d.). Retrieved November 13, 2018, from <https://www.casagredohotel.com/pt-pt/moments-awards-7/historia-2/>
- Oliveira, L. de, & Carvalho, M. I. B. de. (2009). *Larousse, Enciclopédia Moderna*. (C. de Leitores & E. Larousse, Eds.). Rio de Mouro.
- Paula Noé. (1992a). Paço da Giela. Retrieved December 18, 2018, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3605](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3605)
- Paula Noé. (1992b). Torre da Grade. Retrieved December 18, 2018, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4098](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4098)
- Paulo Amaral. (2001). Torre de Refóios. Retrieved December 18, 2018, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6215](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6215)
- Pereira, P. (2008). *História da Arte Portuguesa*. (Círculo de Leitores e Autores, Ed.). Lisboa.
- Pinto, L. de M. F. (1998). *O vale do Minho. Pazos e Solares: dois modos diferentes de habitar*. (C. de E. R. Nº19/20, Ed.). Viana do Castelo.
- Ribeiro, R. A. O. da S. (2010). Romantismo Contextualização histórica e das artes.
- Santos, J. R. dos. (2017). Castelos Encantados e Castelinhos Residenciais: As casas acasteladas revivalistas em Portugal. *Actas 5º Congresso Internacional: Casa Nobre - Um Património Para O Futuro, Arcos de Valdevez, Município de Arcos de Valdevez*.
- Significado de Zeitgeist - O que é, Conceito e Definição. (2013). Retrieved December 15, 2018, from <https://www.significados.com.br/zeitgeist/>
- Silva, R. H. da. (1995). A Propósito do Paço Real de Sintra. In Veja (Ed.), *in Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa.
- Solar, D., & Villalba, J. (2008). *História da Humanidade - O século XIX*. (Círculo de Leitores, Ed.). Lisboa.
- Sordo, A. (1974). O Castelo de Portuzelo.pdf. In *Cadernos Vianenses* (vol. 3). Viana do Castelo.
- Tavares, J., Lira, C. De, & Morris, W. (2006). Ruskin e o trabalho da arquitetura, 77–86.
- Tradução de Zeitgeist no Dicionário Infopédia de Alemão - Português. (2018). Retrieved September 2, 2018, from <https://www.infopedia.pt/dicionarios/alemao-portugues/Zeitgeist>
- Vida Cultural em cidades de província. (n.d.). Retrieved September 2, 2018, from [http://vcp.ul.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=122#viana\\_04](http://vcp.ul.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=122#viana_04)
- Vieira, A. de S. (1996). *A torre de Refóios*. Ponte de Lima.

#### Publicações Digitais:

Cruz, Andreia, Castelo em Viana conquista família galega e transforma-se em projeto turístico, notícia da rádio Alto Minho, 25 junho 2018; <https://radioaltominho.pt/noticias/castelo-em-viana-conquista-familia-galega-e-transforma-se-em-projeto-turistico/>

Castelo “encantado” de Viana conquista família galega e vira projeto turístico, notícia publicada no jornal online, O Minho, julho de 2018; <https://ominho.pt/castelo-encantado-de-viana-conquista-familia-galega-e-vira-projeto-turistico/>

Preto, Manso, “Castelo de Portuzelo” remodelado para Turismo, notícia publicada no jornal online, Minho Digital – Semanário do Alto Minho, 30 de junho de 2017; <http://www.minhodigital.com/news/castelo-de-portuzelo>

#### Publicações Académicas:

Fernandes, Mário Jorge Gonçalves, O Solar de Vila Garcia. Redescoberta da sua fábrica. Tese de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Guimarães, 2014.

Araújo, Clara Videira, A rota e o ancoradouro como estratégia para a requalificação do Rio Lima. Tese de mestrado apresentada à Escola de Aquitectura da Universidade do Minho, Guimarães, 2012.

Vilas Boas, Rúben Ramos, A viagem como génese e modo de aprendizagem em arquitetura, A experiência de uma viagem “no Oriente”. Tese de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Guimarães, 2016.

Garcês, Patrícia Maria Rocha, A Honra de Barbosa: para uma retrospeção construtiva do seu Solar. Tese de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Guimarães, 2016.

Moreira, Márcia Andreia de Paiva, A casa da Tulha do Burgo: Retrospectiva morfológica e construtiva. Tese de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2018.

Carneiro, Lucas Ferreira, A agulha e a folha. Dimensões espaciais na construção de Braga setecentista. Tese de mestrado apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2018.

Fontes Eletrónicas:

[www.cm-viana-castelo.pt](http://www.cm-viana-castelo.pt)

[www.santamartadeportuzelo.pt](http://www.santamartadeportuzelo.pt)

[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

[www.patrimoniocultural.gov.pt](http://www.patrimoniocultural.gov.pt)

[www.gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/297368/](http://www.gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/297368/)

### Índice de anexos:

Anexo 1. Cartografias de Viana do Castelo

Anexo 2. “Nacos do Historial da Freguesia de Santa Marta de Portuzelo”; jornal adquirido a partir de residentes da freguesia, peça escrita c.1990

Anexo 3. Postais enviados de Viana do castelo com imagem do Castelo de Portuzelo

Anexo 4. “Processo Castelo Souto da Silva”, processo nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, peças desenhadas sobre as transformações que ocorreram no edifício no ano 1990

Anexo 5. Folhas de levantamento: Mapa de Vãos

Anexo 6. Fotografias antes das intervenções de 1990 e dos dias de hoje

Anexo 7. Mapa da Europa com marcação das estradas em 1796

Anexo 8. Tabela Casas Senhoriais de Viana do Castelo

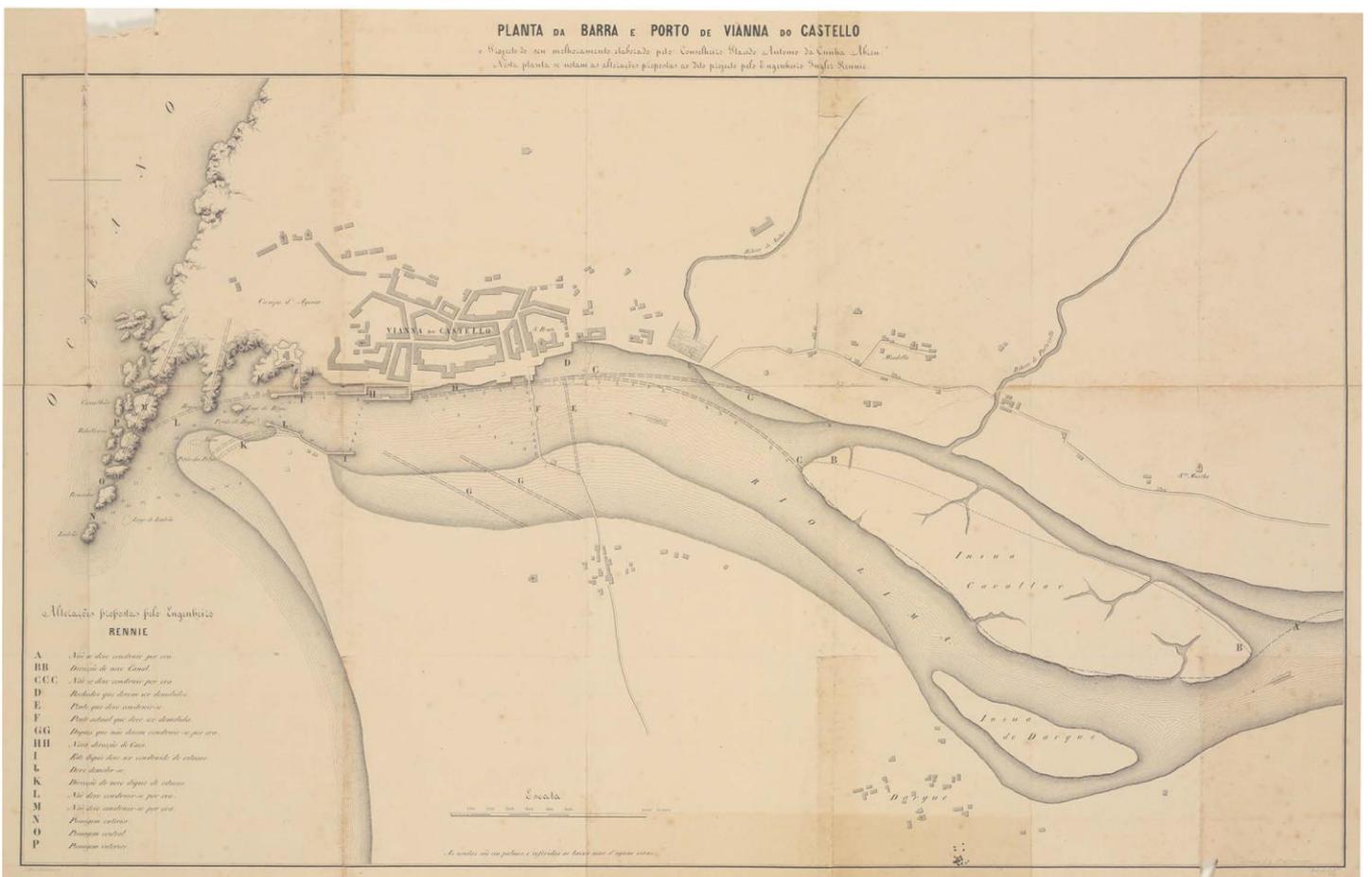
Anexo 9. Tabela Casas Acasteladas em Portugal

Anexo 10. Fotografias das Maquetes





Anexo 1. Cartografia datada de 1782  
 Carta corographica das correntes do rio lima desde Vila Mou até à Foz do Rio Lima  
 Fonte: IPCC – Instituto Português de cartografia e cadastro



Anexo 1. Cartografia datada de 1800  
 Planta da Barra e Porto de Viana do Castelo  
 Fonte: Instituto Portuário do Norte

*em sua Realidade e em parte  
de posto de guerra*



# PLANTA

DA BARRA E PORTO DE VIANNA DO CASTELLO

e projeto de um melhoramento.

*P. Teixeira de Mattos*



*Cópia para o General em 11 de Setembro 1857*

Anexo 1. Cartografia datada de 1857  
Planta da Barra e Porto de Viana do Castelo  
Fonte: Instituto Portuário do Norte



Anexo 1. Cartografia datada de 1897  
Carta militar de Portugal: Viana do Castelo  
Fonte: Departamento de Geografia da Universidade do Minho



## NACOS DO HISTORIAL DA FREGUESIA DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

2

POR ALBANO SORDO

Nos fins da Idade-Média, a comercialização do sal, foi um negócio de alta importância para a economia do povo, e os habitantes dos lugares de Talhareses e Portuzelo viveram um largo período da exploração do sal, nos numerosos talhos de salinas.

Em meados do século XII, existiam em Talhareses mais de vinte talhos de salinas e por volta do século XIV, os salineiros do lugar de Portuzelo queixaram-se ao rei dizendo que as entradas francas das águas do mar nas marés altas estragavam-lhe as salinas das Pereiras.

As posturas camarárias de 1609, determinaram que os trabalhadores brancos, pretos ou escravos cativos, durante os meses de Julho a Outubro, não podiam servir outros senhores de fora, enquanto houvesse necessidade deles para a exploração do sal. Para evitar açambarcamento era proibido comprar sal nas marinhas, sem licença dos donos, e nenhum escravo cativo ou forro, podia ter em sua casa para cima de meio alqueire de sal, sem justificar a sua proveniência. Os revendedores e retalhistas eram punidos com pesadas multas se falsificassem as medidas aferidas. Quem não tinha marinhas, não podia intervir na compra ou venda de sal no século XVII, com o receio de que na Galiza viesse a estabelecer-se a indústria de sal prejudicando, assim a nossa exploração.

O rei D. Pedro II, por alvará de 1695 e 1696, determinou que nenhum oficial ou operário das marinhas portuguesas passasse a reino estranho a ensinar a fabricar marinhas ou o cultivo do sal, sob pena de morte e confiscação de bens. Também era vedado aos estrangeiros o trabalho nas nossas marinhas, ou mesmo que as fossem ver ou aprender a fábrica delas, sob pena de serem açoltados publicamente e degredados por cinco anos para as galés.

A maior parte dos campos de cultivo em Santa Marta, pagavam dízimas à Igreja, para serem aplicados na sustentação dos párocos, construções de igrejas e socorro dos pobres, que consistia em paveias de milho, trigo, centeio e cevada, que os cobradores vinham arrecadar por inteiro na ocasião das colheitas.

O arcebispo de Braga D. Martinho de Oliveira, que em 1301 convocou um Concílio diocesano em Braga, para fazer reformas e adoptar os preceitos que muito interessavam à disciplina eclesiástica, esclareceu como eram pagos os dízimos reais e pessoais. Determinou sob pena de excomunhão que eles se pagassem de todos os frutos, crias de animais, galinhas e mel. Além desses dízimos as propriedades ainda pagavam foros à Coroa, que variavam de campo para campo. Para a cobrança do fisco, tinham os Monarcas almoxarifes encarregados de zelarem pelos impostos da Fazenda Real.

O almoxarife de Ponte de Lima, tinha o condão de superintender Entre Minho e Lima, e as terras do casal da Telhada, em Talhareses, andavam sobrecarregadas com a obrigatória sujeição dos lavradores darem aposentadoria ao almoxarife, do celeiro e ao seu escrivão alugueiro, que vinham todos anos a Talhareses arrecadarem o fisco e obrigarem os lavradores a levarem-no a guardar no celeiro de Santa Maria do Olival, em Perre.

Aos próceres cabia-lhe também o direito de emprazarem as terras e arrendá-las a quem mais desse. Além desses campos ainda havia outros, que revertiam o rendimento dos foros em proveito da manutenção de certos mosteiros e igrejas. Assim, quatro casais estavam aforados ao mosteiro de S. Salvador da Torre, três ao de S. Romão de Neiva: «este opulento convento beneditino recebia foros de vinte e cinco freguesias».

Um casal pagava foros a S. João de Cabanas em Afife e outro à igreja de Meadela.

Samonde, foi vila foreira de tempos imemoráveis, constituída por uma população de condição humilde; pagava foros à Coroa, dos campos reguengueiros, dez bragais e meio de linho, uma galinha e um alqueire de cevada por casal: «Mutuosa, Anuduva e Coima». Mas também havia na freguesia propriedades que não pagavam dízimos por serem de gente de algo, sobretudo as da famílias dos Velhos.

A partir do século XIV, deixou de haver os

almoxarife  
Real, e v  
corregedor  
de-Fora  
Marta,  
muner  
hones  
lação  
conce  
os jur  
lugare  
exerc  
Câma  
As  
anda  
razão  
privi  
outr  
os  
daq  
pod

almoxarifes e mordomos zeladores da Fazenda Real, e vieram as correições governadas por um corregedor; depois foi a vez do tão falado Juiz-de-Fora. Por volta de 1581, existiam, em Santa Marta, três jurados (cargos honoríficos sem remuneração que recaíam sempre em homem honestos, capazes de representarem a população rural da freguesia junto da administração concelhia). Todos os anos, no mês de Janeiro os jurados eram eleitos pelos moradores dos lugares de Samonde, Romé e Portuzelo. Para exercerem o cargo tinham de estar inscritos na Câmara e prestarem juramento perante o Juiz.

As propriedades do lugar de Portuzelo, não andavam tão sobrecarregadas de foros pela razão de parte delas pertencerem aos senhores privilegiados, e, como nesse local predominou outrora o velho Couto, deixou bem simbolizado os domínios senhoriais. Nenhum outro daqueles sete lugares, como o de Portuzelo, se pode orgulhar de ser detentor de um romântico

Castelo à beira Lima. Essa joia arquitectónica foi construída no local onde existiu uma velha casa solarenga com torre. Deve-se a sua construção ao temperamento do poeta, António Pereira da Cunha, que, regressado duma viagem à Áustria e Alemanha, onde tinha ido assistir ao baptizado do filho primogénito do Senhor D. Miguel I, desejou possuir nos seus domínios de Portuzelo, um Castelo que lhe fizesse sugerir os mais belos castelos feudais que tinha visto por essas terras germânicas. Foi tal o seu entusiasmo, que ele próprio desenhou a respectiva planta com uma torcida de papel molhada em tinta. Para que a sugestão fosse mais real, não faltava um fosso e uma ponte levadiça, para o defender de imaginários assaltos bélicos.

O Castelo de Portuzelo foi recentemente adquirido por espanhóis, por 150.000 contos, segundo consta, a fim de ali instalarem um complexo turístico. (Continua)

## PINTOR TIAGO MANUEL

Foi oportuna a referência feita no número anterior ao Pintor nosso conterrâneo Tiago Manuel.

Justificar-se-à, todavia, que em relação ao seu prestigioso curriculum, se mencione o facto de ter efectuado a sua formação artística tendo por mestres Aníbal Alcino e Júlio Resende e frequentado o curso livre de Tecnologia da Pintura da Cooperativa Árvore - Porto.

A par da sua actividade artística tem dedicado grande atenção às Artes Gráficas, produzindo diversos trabalhos de cartazes, livros, revistas e jornais.

Desempenha, actualmente, funções de director da Galeria Barca d'Artes e do Gabinete de Tecnologia e Design do Centro Cultural do Alto Minho, nesta cidade.



Não é, por isso, *autodidacta*, mas sim um artista estudioso e vocacionado, razão pela qual aquela nota da nossa anterior edição carece desta achega biográfica, que serve, simultaneamente, de rectificação.

**Serra do Soajo - Sentinela de Portugal**  
Coordenação de Ildio E. G. Ramos (LER NO PRÓXIMO NÚMERO)

## NACOS DO HISTORIAL DA FREGUESIA DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

3

POR ALBANO SORDO

No terreiro virado ao nascente, há um lindo chafariz de pedra trabalhada, que veio do convento do Carmo, de Viana, e, no pátio da entrada principal, acha-se uma janela de puro estilo manuelino.

Os primeiros senhores desta casa, que deram principio à família, foram Fernão da Rocha Lobo e sua mulher D. Ana Lobo Barreto, ascendentes dos senhores do Couto. Foi sua filha D. Catarina Lobo Barreto, que casou com Gaspar da Cunha; foi seu filho, António Lobo da Cunha, cavaleiro Fidalgo da Ordem de Cristo, que casou com D. Teresa BURGUEIRA, filha de André Homem Tourinho e de sua mulher Helena BURGUEIRA.

Foi sua filha D. Maria Lobo, a mais velha de um rancho de sete irmãs, quem, no ano de 1695, renovou o prazo e fez importantes obras na sua velha casa de Portuzelo. Casou com António Galle da Veiga, vedor-geral da Província do Minho, filho de Francisco Álvares de Galle e de sua mulher D. Maria Caldas. Foi sua filha, D. Maria Teresa Lobo Soutomaior, Senhora da Casa e prazo de Portuzelo, pelos anos de 1735; casou com Sebastião Pereira da Cunha e Castro, Fidalgo da Casa Real, capitão de cavalos na Província do Minho, natural de Paredes de Coura. Em 23 de Novembro de 1735, requereu a D. João V que lhe mandasse dar posse da Torre e Solar dos Cunhas, na freguesia de Santa Maria da Cunha em Coura, que tinha pertencido nos seus antepassados, no que foi atendido. Era filho de António Pereira da Cunha, Fidalgo da Casa Real. Governador da Praça de Caminha e de sua mulher D. Maria de Castro Pita de Anunciavai, dos Pitas de Caminha. Foi seu filho António Pereira da Cunha, Fidalgo da Casa Real e Senhor do prazo de Portuzelo. Casou com D. Maria Joana de Melo e Sampaio, da Casa do Pombeiro, junto a Guimarães. Foi seu filho Sebastião Pereira da Cunha, Fidalgo

da Casa Real, Coronel de Milícias de Viana, comandante com distinção de um batalhão da União, durante a Guerra Peninsular.

Casou com D. Ana de Agorreta Pereira de Miranda, nascida em 1784, filha de António de Agorreta Pereira de Miranda Veloso, Senhor do Paço de Anha, em Vila Nova de Anna e de sua mulher D. Maria Bárbara Felicíssima de Pádua de Sousa Godinho, natural de Pombal.

Foi seu filho António Pereira da Cunha, um fidalgo de antiga raça e tèmpera portuguesa. Poeta e prosador de certa valia, herdeiro por sucessão da Casa e bens de seus pais. Em 1853, como já disse, mandou construir o Castelo de Portuzelo. Casou com D. Maria Ana Machado de Castelo Branco, filha dos Condes da Figueira.

Foi seu filho Sebastião Pereira da Cunha, Senhor do Castelo de Portuzelo por sucessão, poeta e prosador como seu pai, deixou algumas obras publicadas, tais como Serões de Portuzelo, Saio de Malha, Cidade Vermelha e outras. Reuniu várias vezes nos salões do seu castelo, Guerra Junqueiro, António Feijó, o miguelista João de Lemos, que aí escreveu a «Lua de Londres», João Gomes, Silva Campos e outros.

«Serões de Portuzelo» é um pequeno opúsculo de inspiração sentimental e religiosa, com versos muito suaves, ao gosto da sua época, que se espargem como perfume na tentação de cantar as glórias do Minho.

O poeta fidalgo também descreve com os seus versos o carinho que dedica à freguesia e principalmente ao lugar de Portuzelo, onde se situa o Castelo. Casou com a sua prima D. Maria Amália de Almada Pereira Cyrne, filha dos Condes de Almada. Foram seus filhos, entre outros, António Pereira da Cunha e D. Maria da Concelção Pereira da Cunha.

## NACOS DO HISTORIAL DA FREGUESIA DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

4

POR ALBANO SORDO

António Pereira da Cunha, casou com D. Maria Ana de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal). Foi senhor da Casa Grande em Paredes de Coura. Na capela desta casa repousam os restos mortais do seu avoengo, beato Redentor da Cruz, nascido em 1598, na Casa de Lizouros, em Santa Maria da Cunha.

Tomás Rodrigues da Cunha enveredou pela carreira das armas; embarcou para a Índia em 1617, na companhia do Conde Redondo, D. João Coutinho, contando apenas 19 anos de idade. Foi capitão do exército e cedo desprezou as vaidades do mundo: despiu a sua farda de capitão, depôs a espada, para vestir o burel e calçar as sandálias dos Carmelitas Descalços, na cidade asiática de Tata trocando o seu nome pelo de Fr. Redentor da Cruz.

Em 1638, acompanhou uma embaixada enviada pelo Vice-Rei da Índia D. Pedro da Silva, ao rei de Achém, na ilha de Sumatra. Nesse mesmo ano, foi martirizado juntamente com os seus companheiros, entre eles Fr. Dionísio, francês de origem e confessor do embaixador. "perito em línguas e na arte de navegação".

A solene publicação do Decreto pontifício de beatificação de Fr. Redemptor da Cruz e Fr. Dionísio, realizou-se em 10 de Junho de 1900. Foi então D. Maria da Conceição Pereira da Cunha, Senhora do Castelo de Portuzelo por herança de seus pais. Casou com D. Tomás de Athayde Galvão Mexia de Almeida Cayolla, capitão de Infantaria, filho de D. Tomás Eugénio Galvão Mexia de Almeida Cayolla e de sua mulher D. Júlia Pereira Lima, falecida em 19 de Novembro de 1946. Foi seu filho único D. Tomás Maria Galvão Mexia de Almeida Cayolla, Senhor do Castelo de Portuzelo. Nasceu em Lisboa na freguesia do Sacramento em 12 de Junho de 1909 e faleceu em Santa Marta a 5 de Novembro de 1968. Casou duas vezes. A primeira em Lisboa em 1941, com D. Maria do Carmo Trígoso de Lemos Seixas Castelo Branco, nascida em Lisboa a 19 de Agosto de 1907, e falecida na mesma cidade a 5 de Julho de 1948, filha de Inácio de Jesus Maria de Lemos Seixas Castelo Branco, e de sua mulher e sobrinha D. Maria do Carmo de Jesus de Melo Falcão Trígoso. Com geração. D. Tomás Cayolla, casou pela segunda vez em Santa Marta, a 13 de Julho de 1952, com D. Maria Júlia de

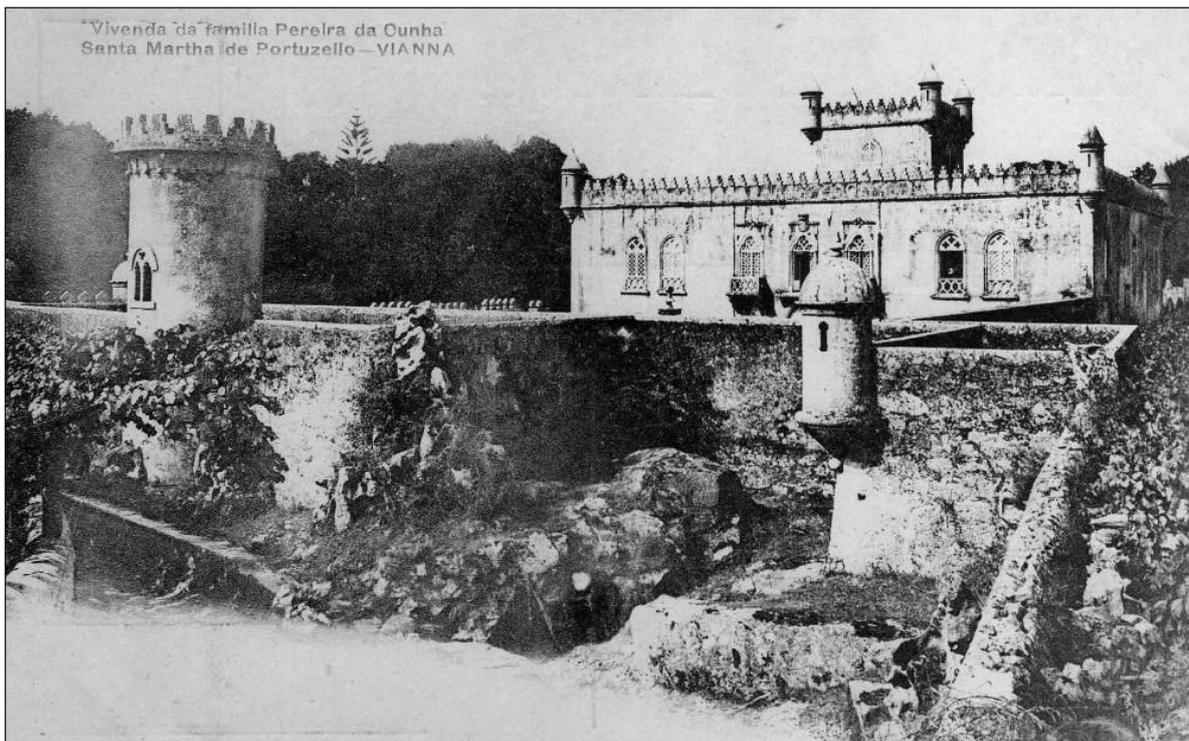
Azevedo e Meneses Pinheiro Pereira de Bourbon, nascida a 18 de Maio de 1901, filha de Francisco Manuel Cardoso de Meneses Pinheiro de Azevedo, Senhor do Solar dos Pinheiros em Barcelos e da Casa do Vinhal em Famalicão, e de sua mulher e prima, D. Mariana de Jesus Barbosa Pereira Sottomayor de Azevedo e Bourbon, Senhora da Casa dos Pereiras, de Mazarefes. Deste casamento não há geração.

São filhos do primeiro casamento, José Augusto de Lemos de Almeida Cayolla, nascido em Lisboa a 7 de Março de 1943 e Maria Isabel de Lemos de Almeida Cayolla, nascida em Lisboa a 7 de Junho de 1945, solteira.

José Augusto Cayolla, casou com D. Maria Mafalda do Carmo de Fátima Cardoso de Meneses, nascida em 22 de Setembro de 1945, filha de Sebastião Lobo Pereira da Silva Cardoso de Meneses, Senhor da Casa do Proposto em Guimarães e de sua mulher D. Maria da Glória de Jesus de Araújo.

É seu filho único, Lourenço Tomás Maria Cardoso de Meneses de Almeida Cayolla. José Augusto e Maria Isabel, herdeiros por sucessão do Castelo de Portuzelo, para efeito de partilhas; venderam-no em Maio de 1977 a José Pulido de Almeida, natural de Guimarães e residente no Porto.

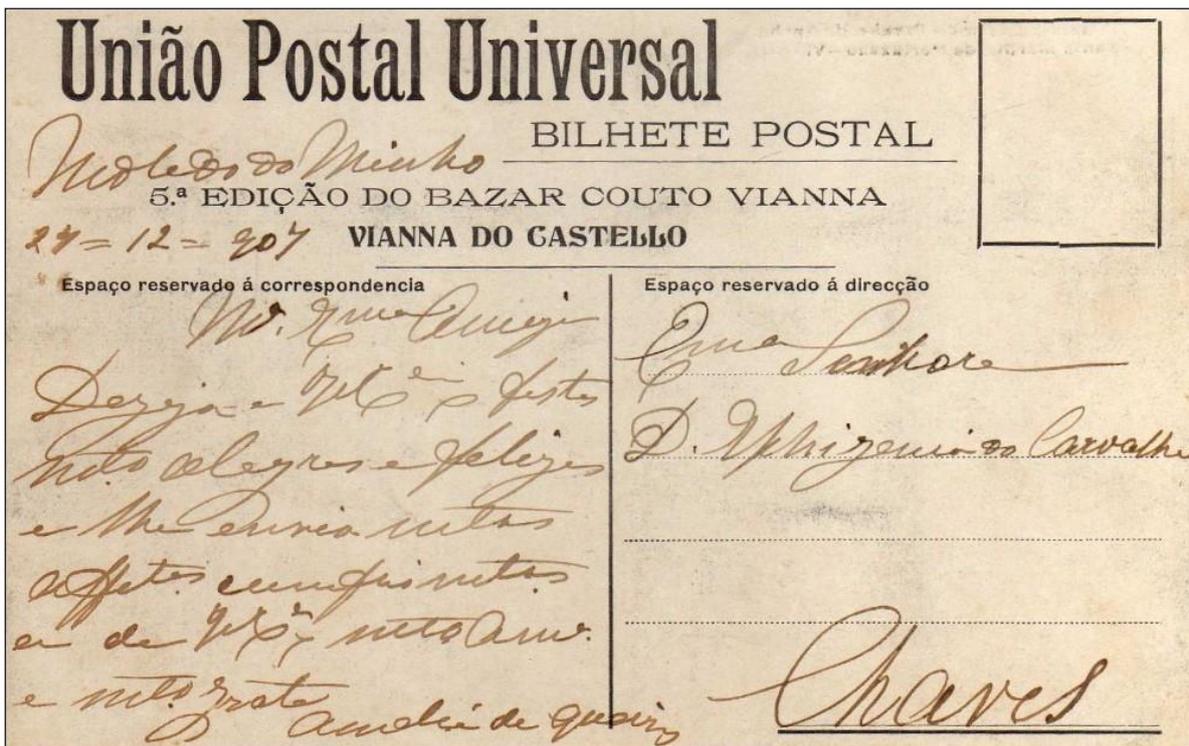
A década de 1538 a 1548, foi uma das mais difíceis para a população do concelho de Viana. Os horrores da fome, foi a causa principal dos surtos epidémicos que ficaram registados nos livros de Acordãos da Câmara de Viana. A peste de 1538 começou pelo mês de Agosto e prolongou-se pelos restantes meses do ano. Em Fevereiro do ano seguinte ainda o povo sentia os efeitos maléficos; e a edilidade camarária, sentindo-se apavorada com a morte de muitas pessoas, suspendeu as suas reuniões nos Paços do Concelho e veio realizá-las em Santa Marta próximo do rio Lima. Em 1574 a abundância dos pardais foi a praga devastadora das colheitas de cereais para a sustar, a Câmara de Viana deliberam que cada lavrador das freguesias do termo de Viana guardasse as suas sementeiras. Os lavradores de Santa Marta também foram obrigados a guardarem as suas, e, pelo mês de Outubro de cada ano, traziam aos Paços do Concelho seis pardais vivos, cujas cabeças eram cortadas pelo escrivão do Município.



\*Vivenda da família Perelra da Cunha  
Santa Martha de Portuzello – VIANNA

Pina1

www.delcampe.net



Pina1

www.delcampe.net

Anexo 3. Postais enviados de Viana do Castelo com a imagem do Castelo de Portuzelo

Fonte: [https://www.delcampe.net/en\\_GB/collectables/?fbclid=IwAR21MTTqZpPheeXglEfGvZb3ZHpdB\\_UugTpDAuvI53PADwqBO8DxcTQSUVY](https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/?fbclid=IwAR21MTTqZpPheeXglEfGvZb3ZHpdB_UugTpDAuvI53PADwqBO8DxcTQSUVY)



Anexo 3. Postais enviados de Viana do Castelo com a imagem do Castelo de Portuzello  
 Fonte: Arquivos Históricos de Viana do Castelo



Anexo 4. "Processo Castelo Souto da Silva", processo nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo, com peças escritas, desenhadas e fotografias sobre as transformações que ocorreram no edifício no ano 1990



PALÁCIO FORTIFICADO  
 REMODELAÇÃO  
 Castelo de Portuzelo - Portuzelo - V. CASTELO  
 Req. VICTOR BDUZ IGLÉSIAS  
 F. MEIRELES Arq. to

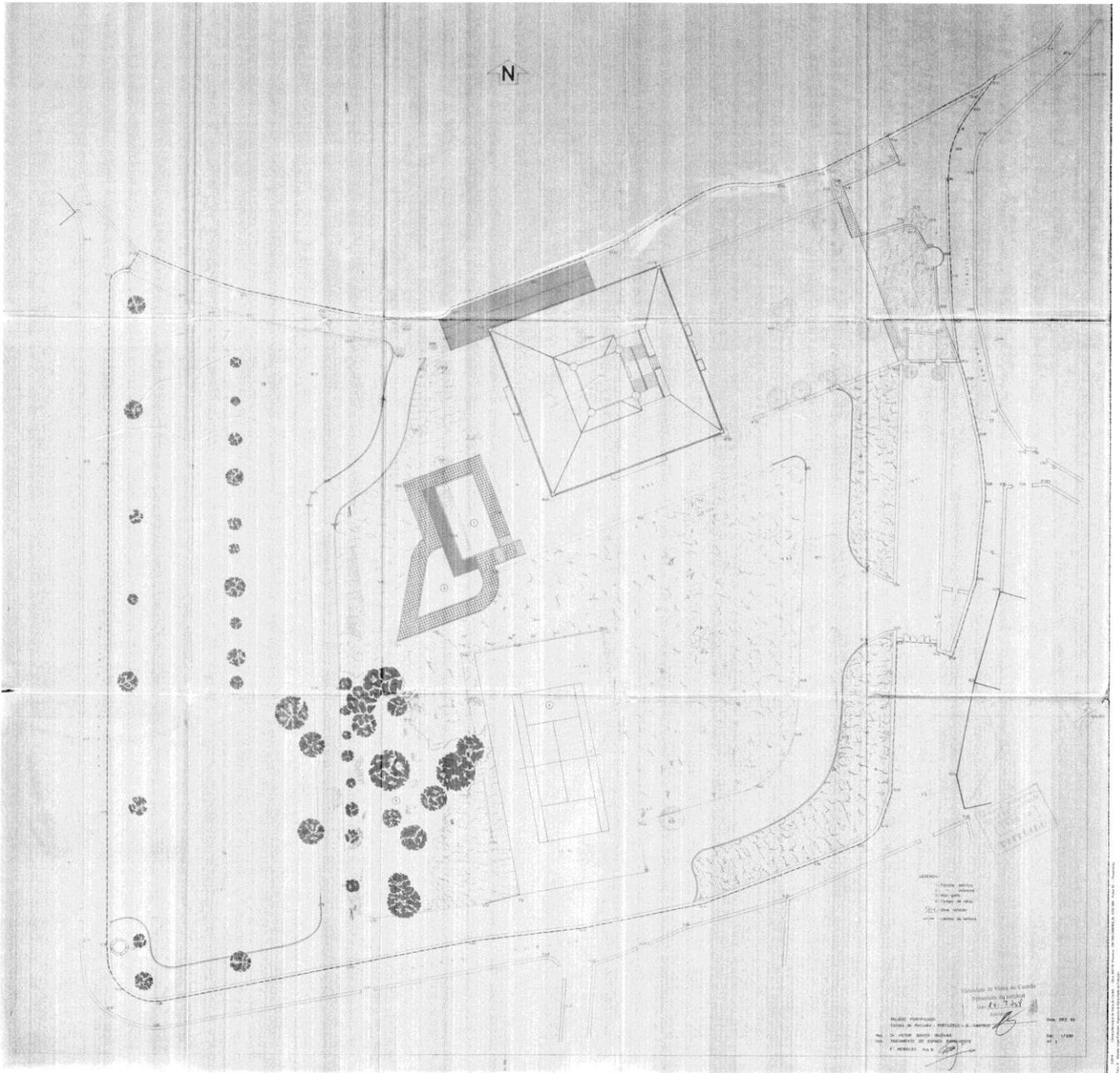
LOCALIZAÇÃO

NOVEMBRO 90

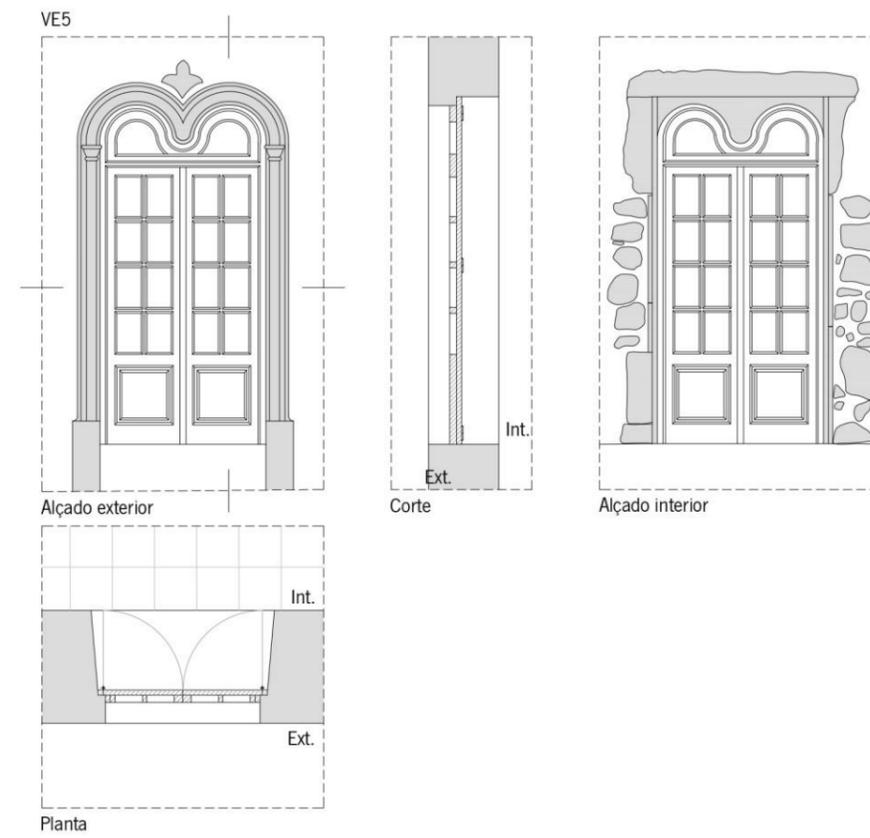
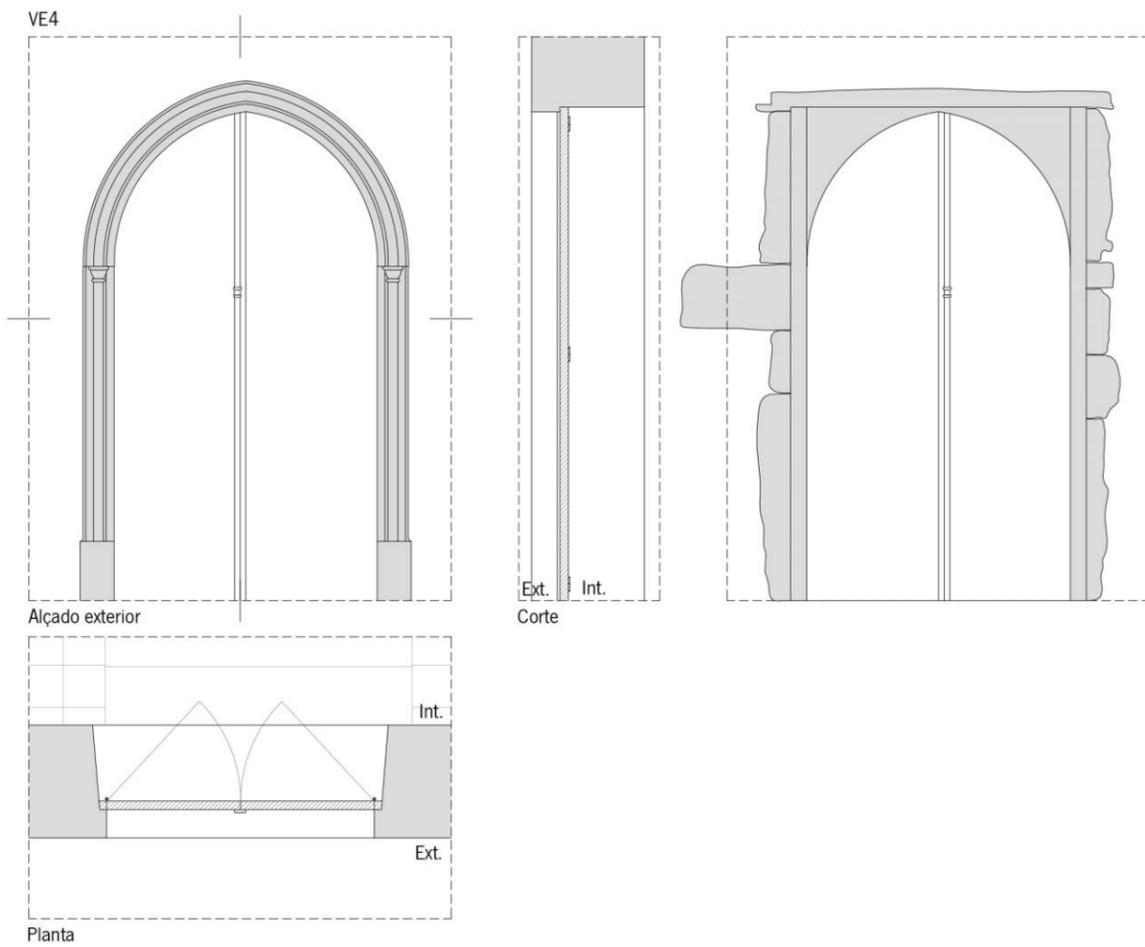
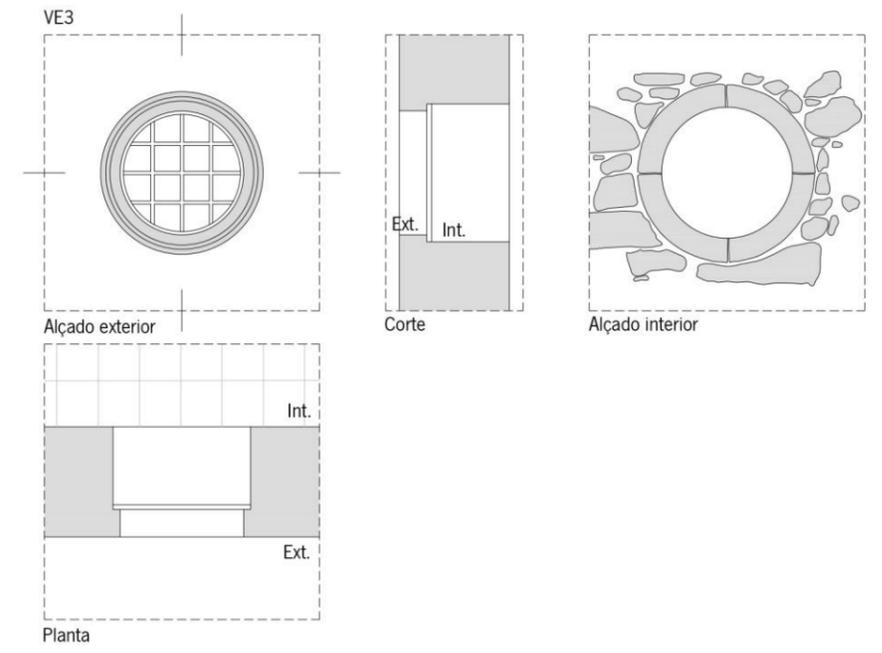
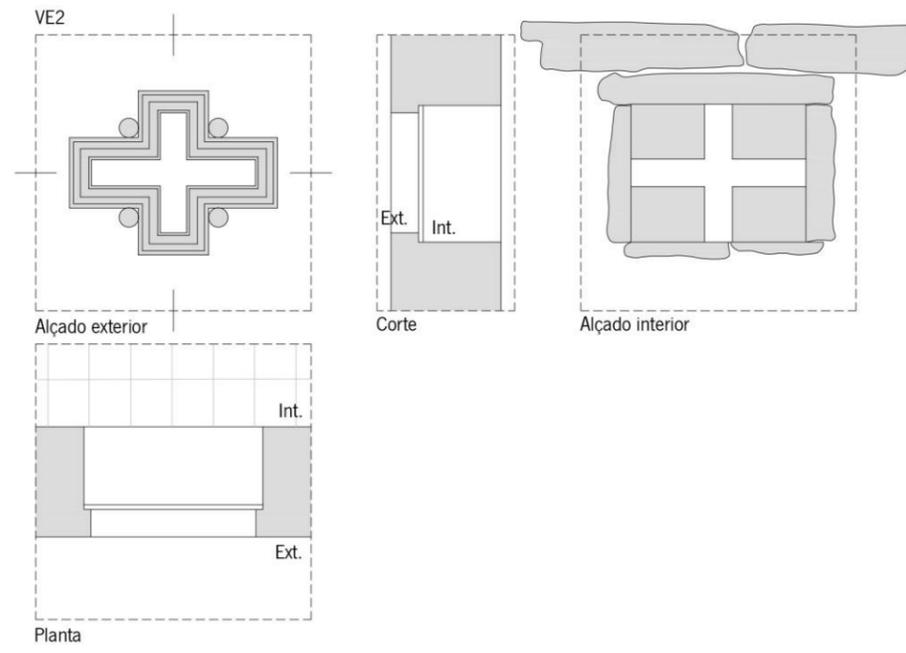
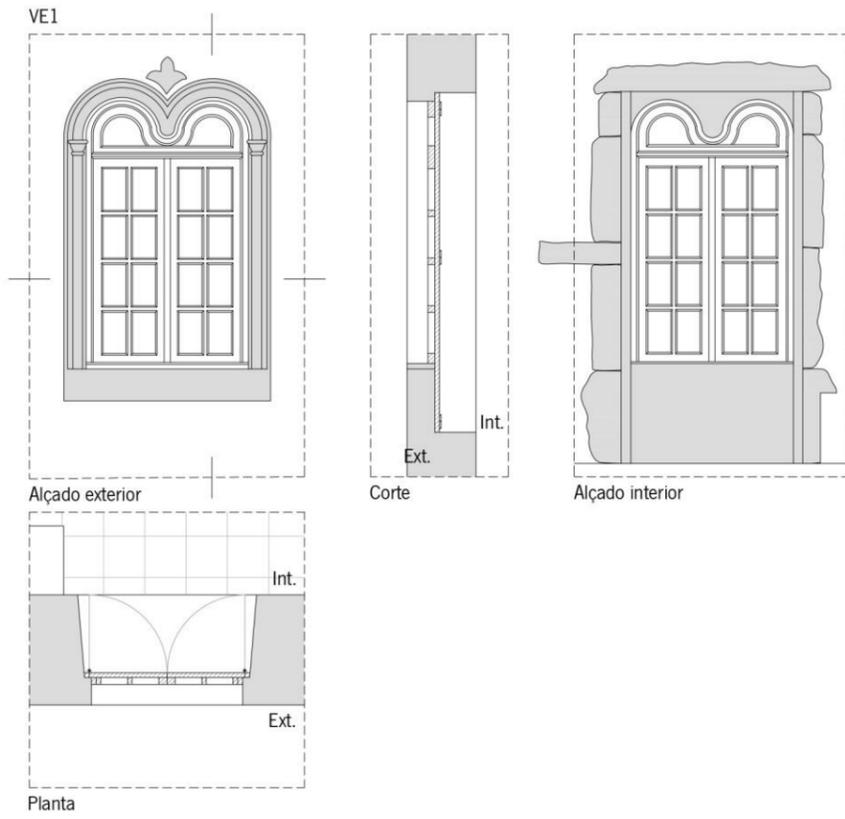
Esc. 1 / 2000

N.º 2

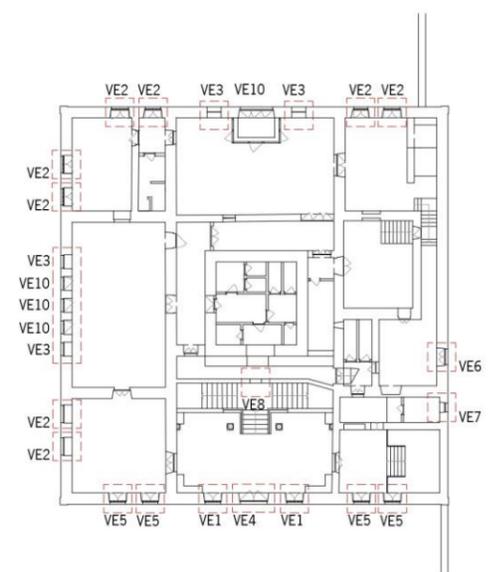
Requerente

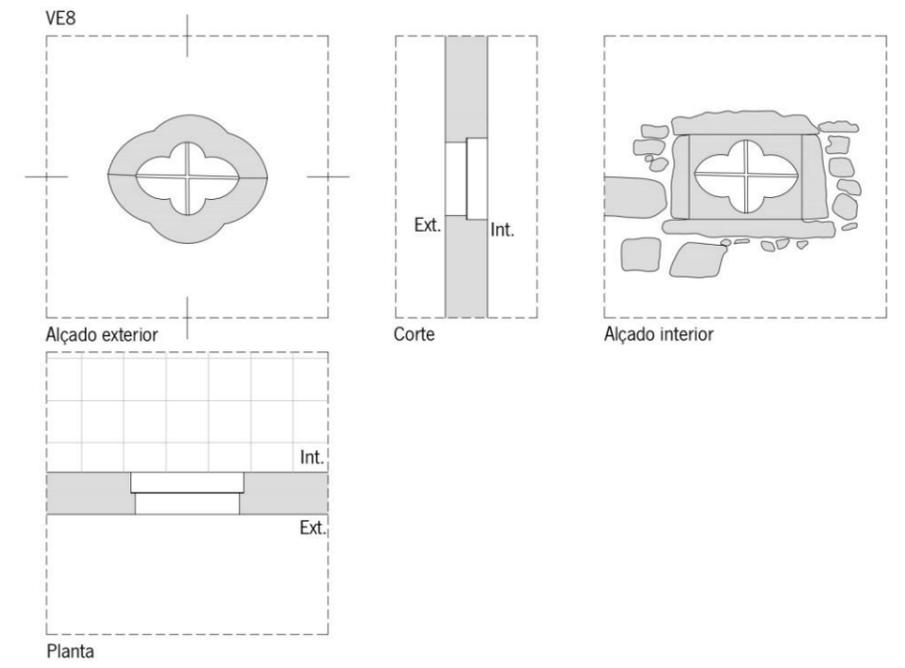
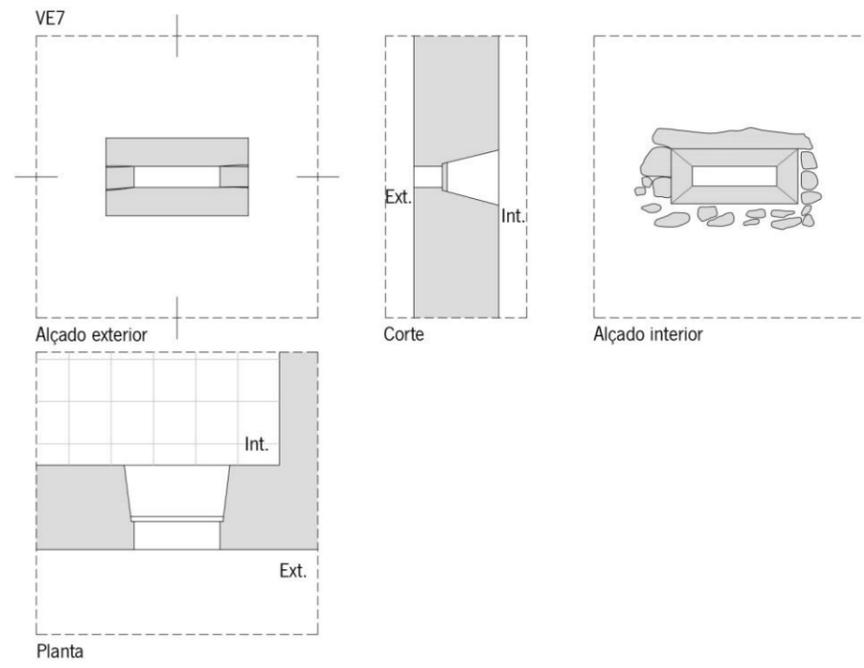
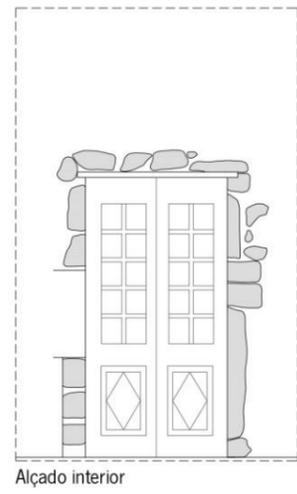
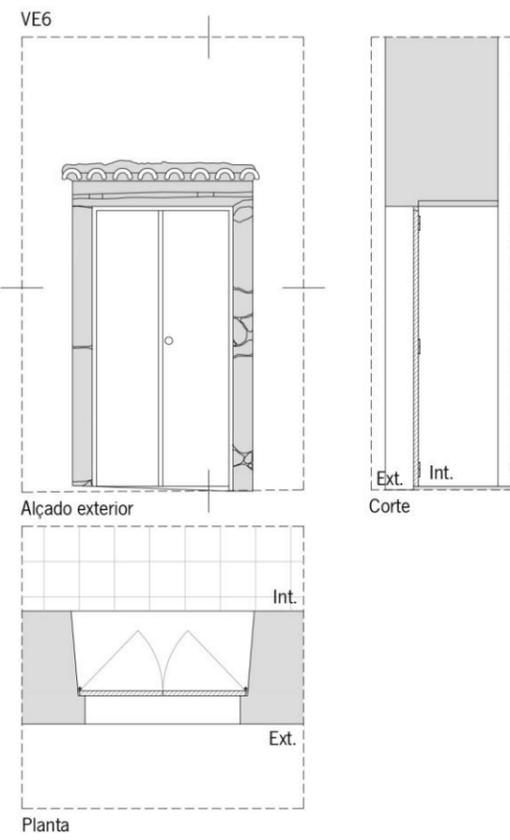




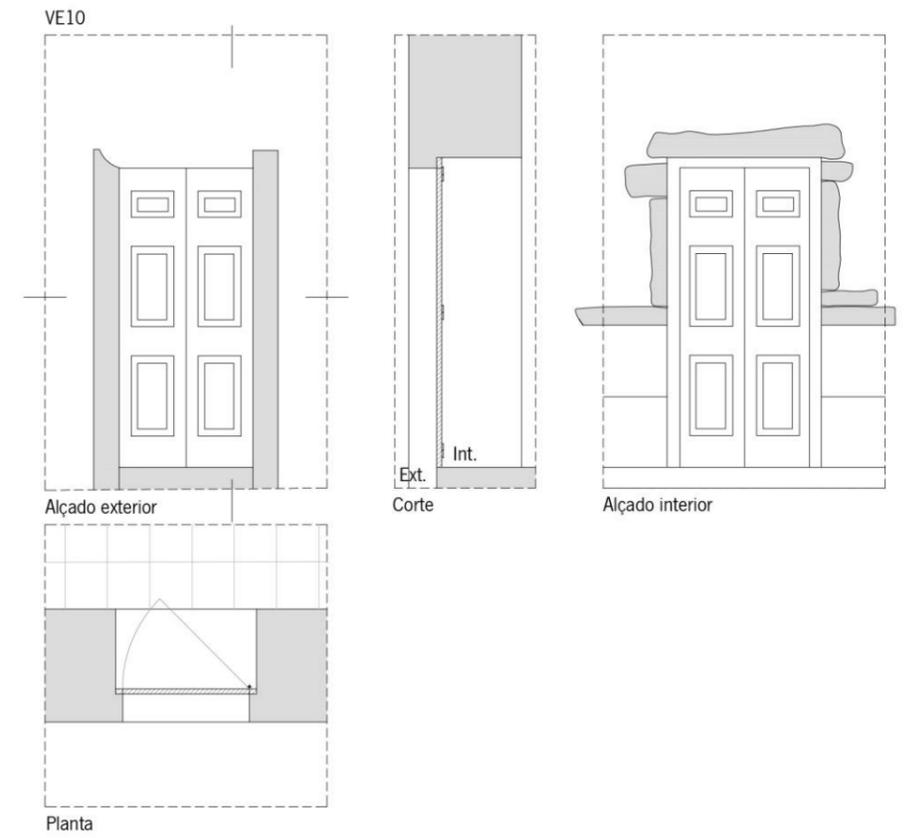
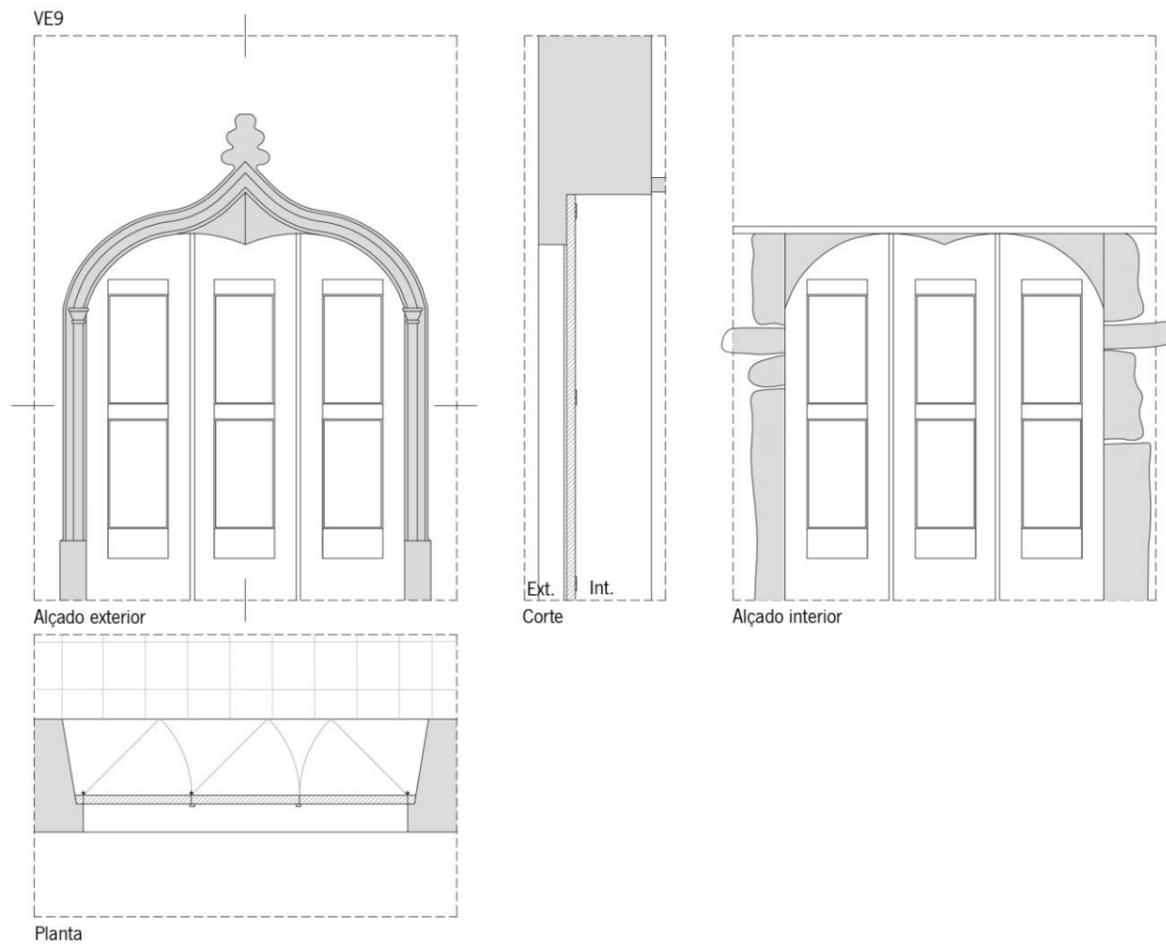
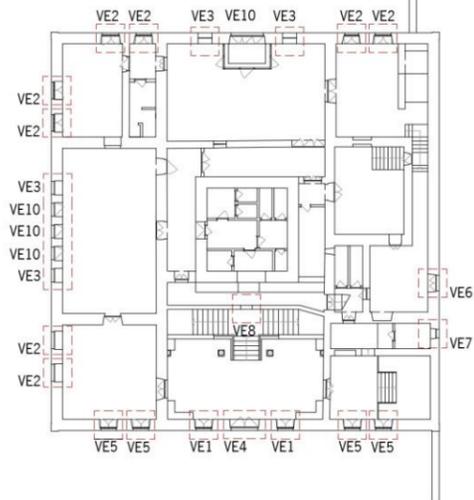


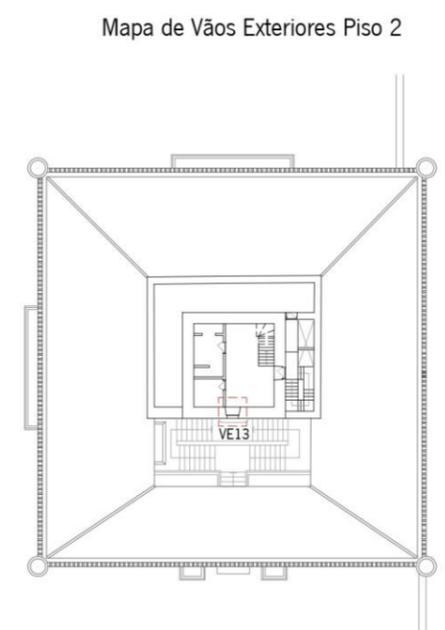
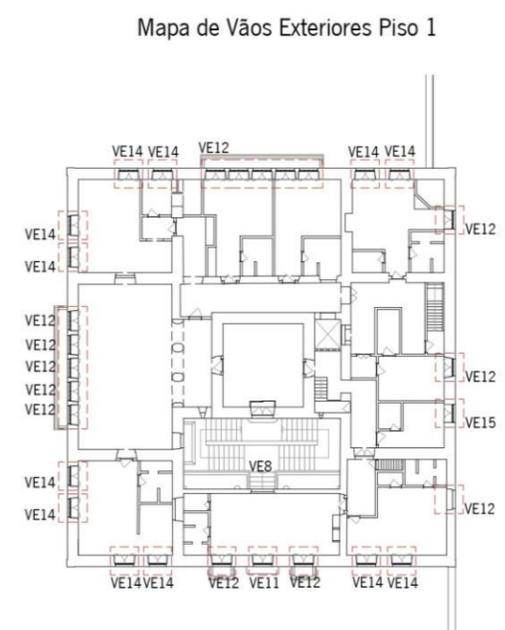
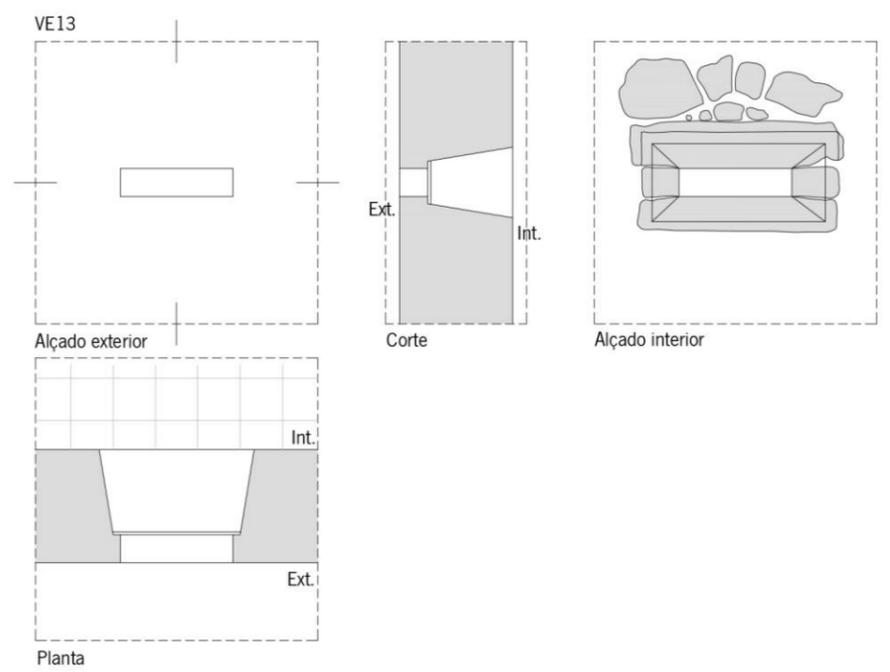
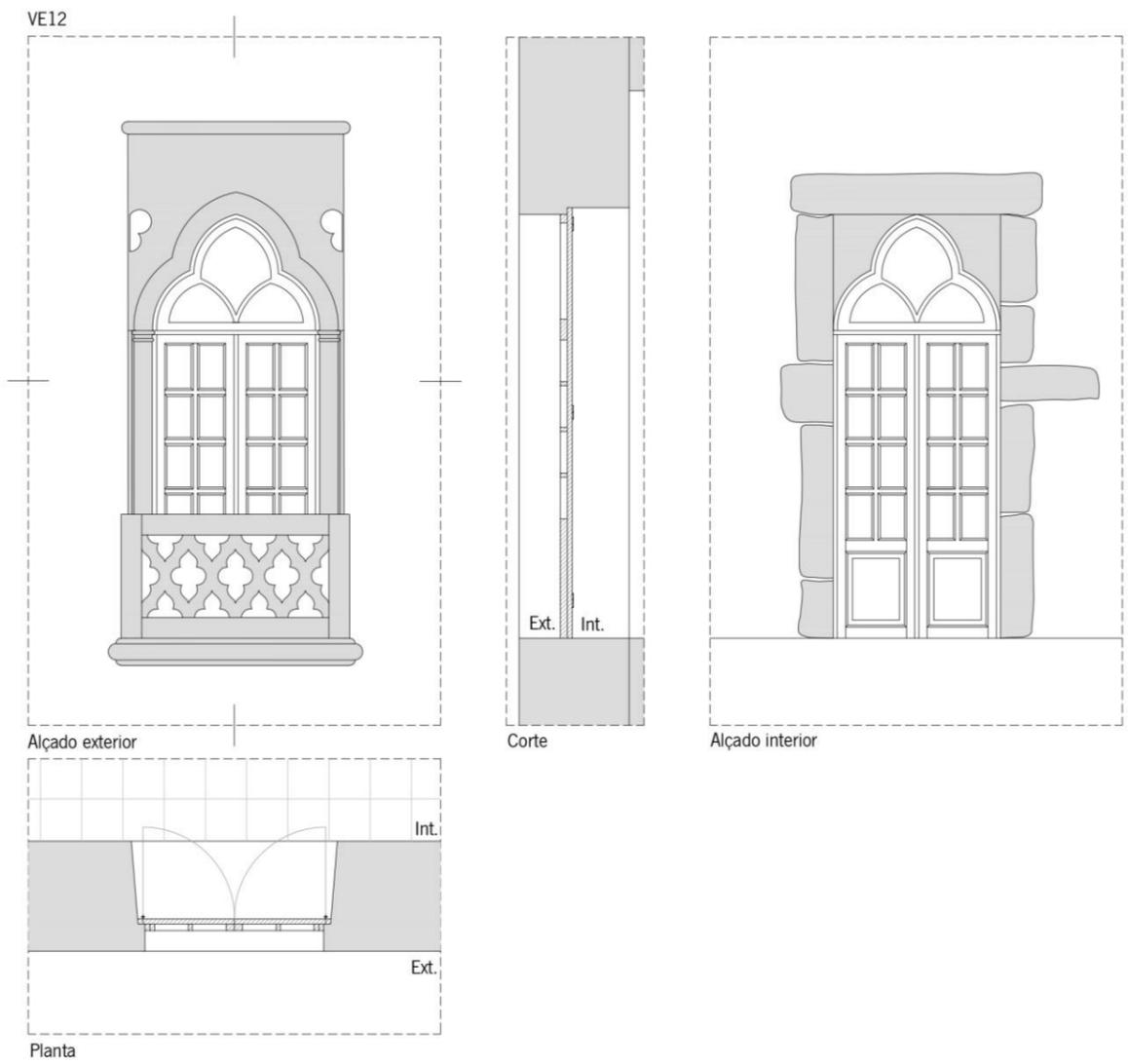
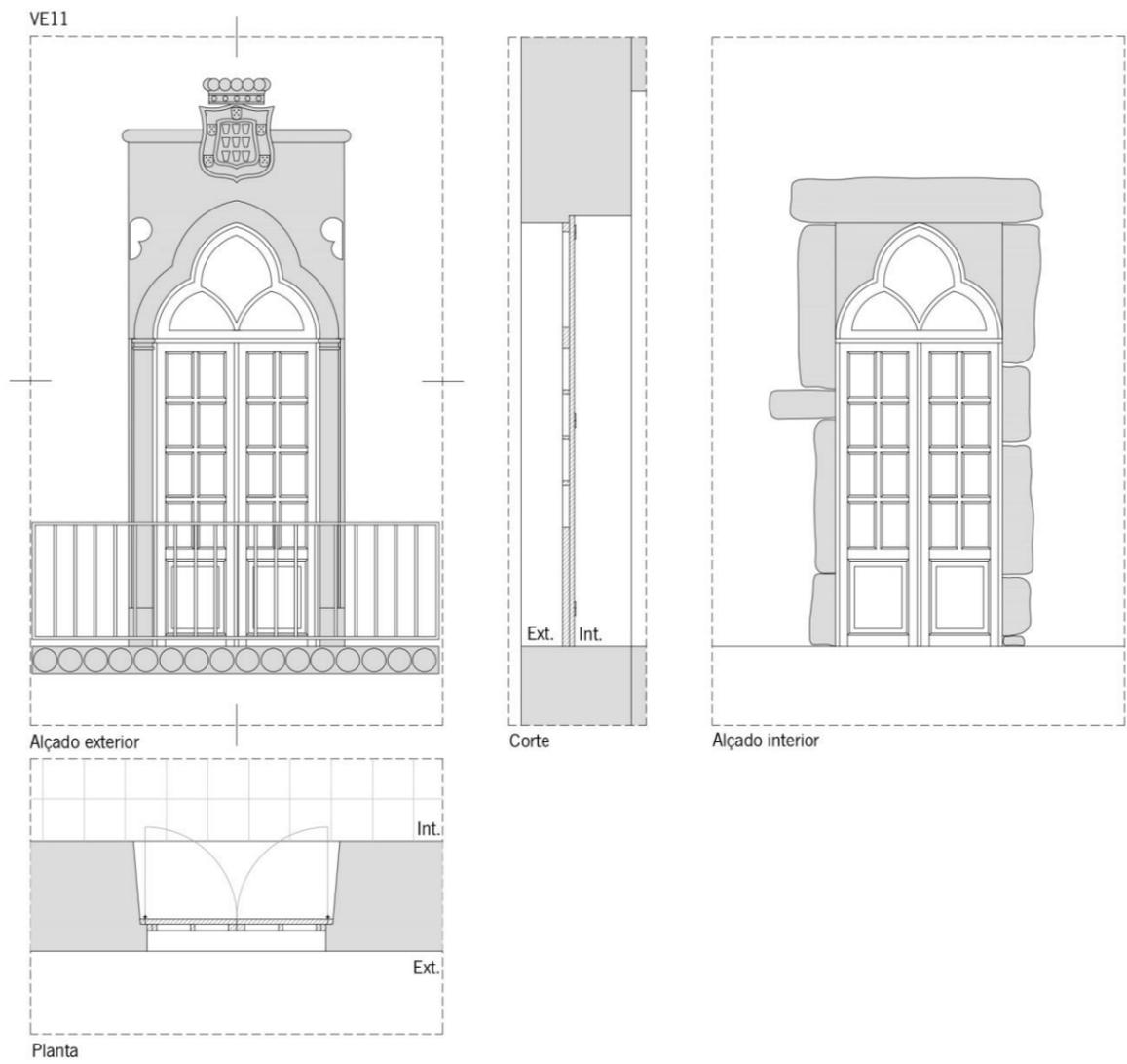
Anexo 5.  
Mapa de Vãos Exteriores Piso 0

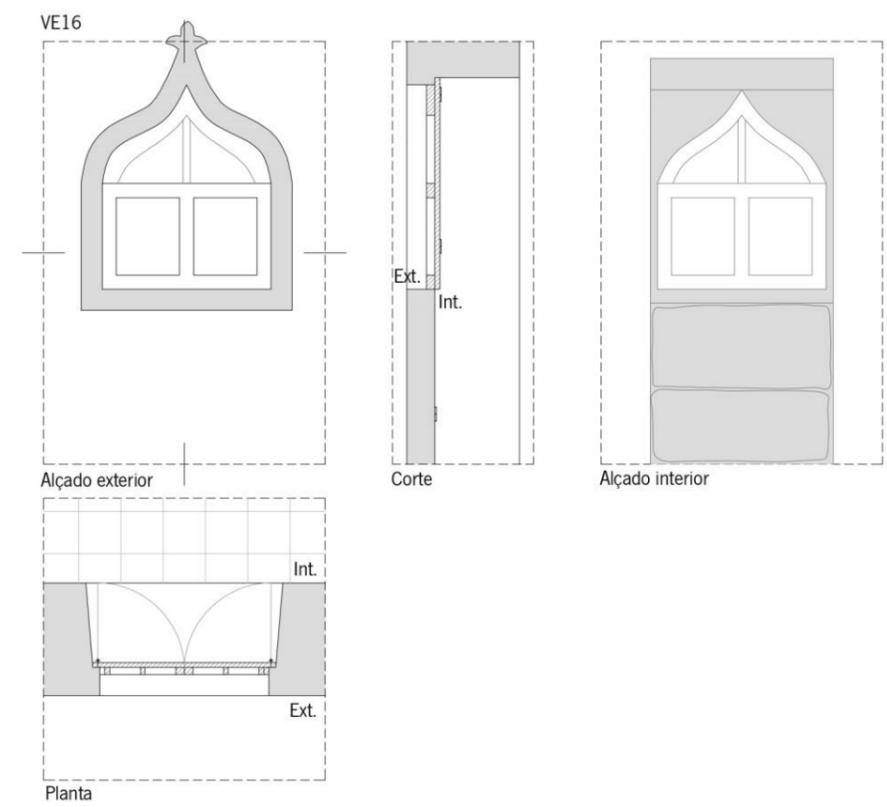
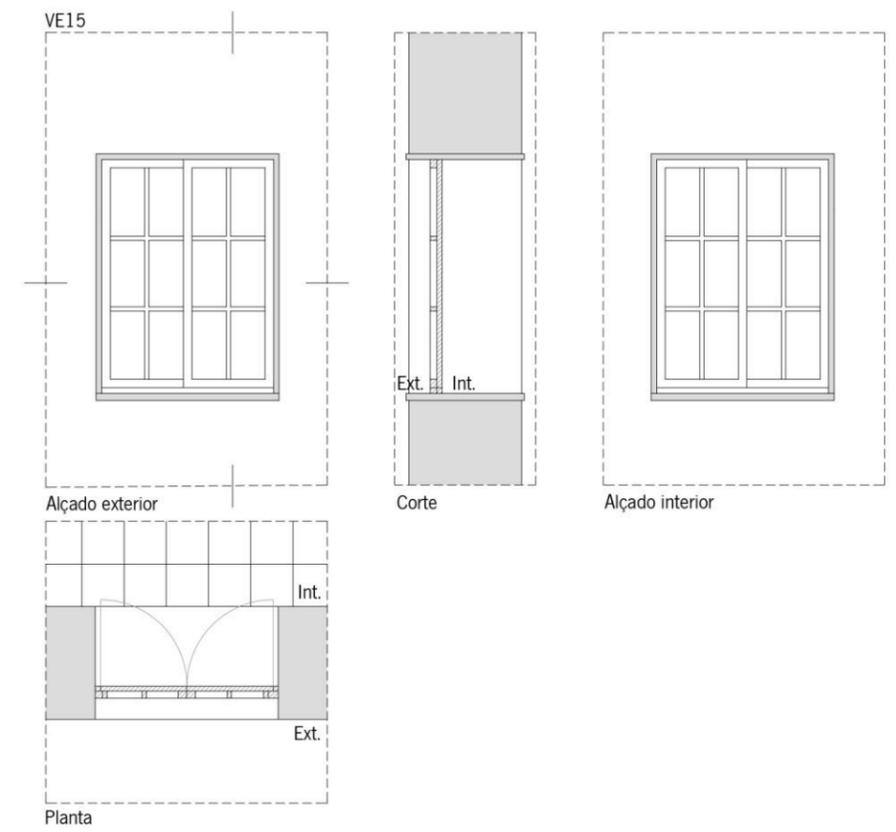
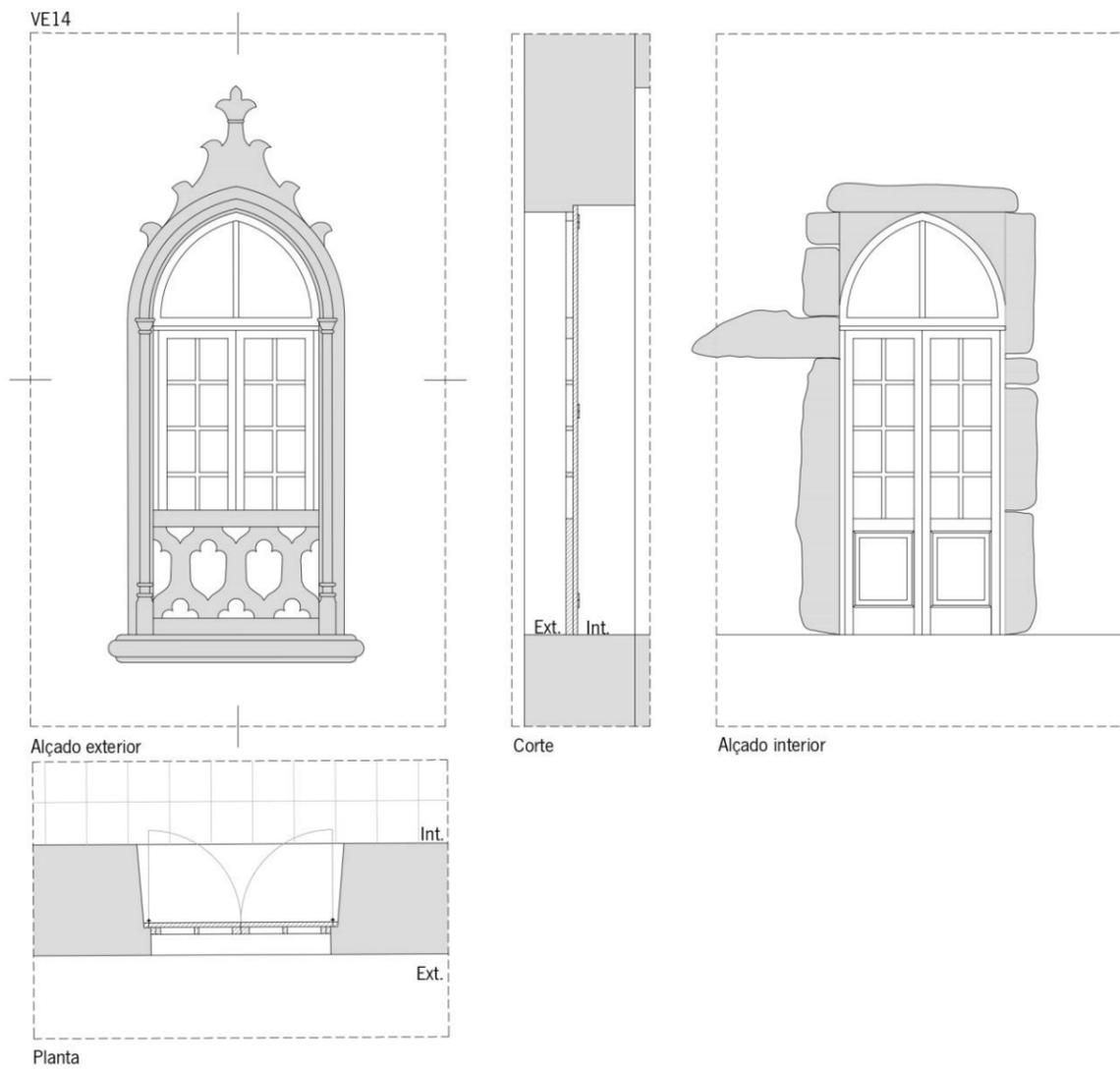




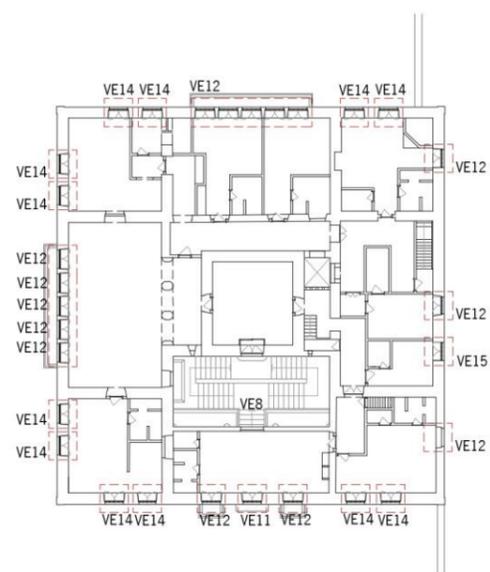
Mapa de Vãos Exteriores Piso 0



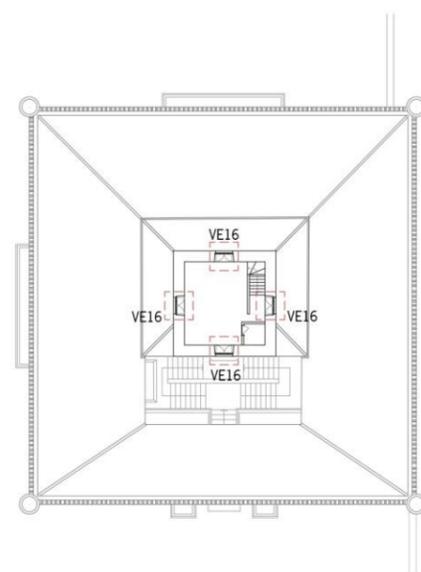




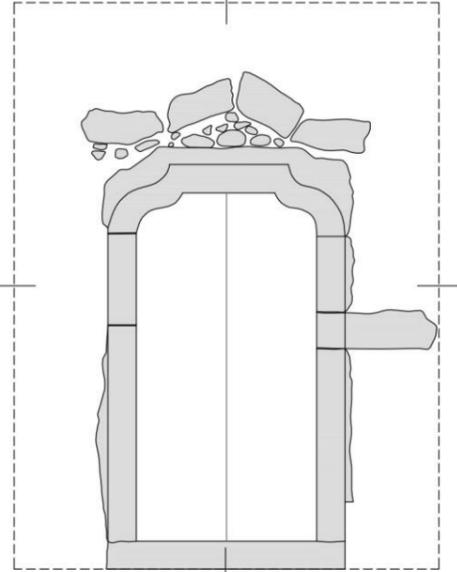
Mapa de Vãos Exteriores Piso 2



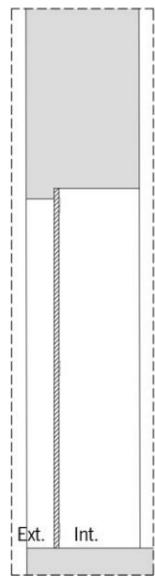
Mapa de Vãos Exteriores Piso 3



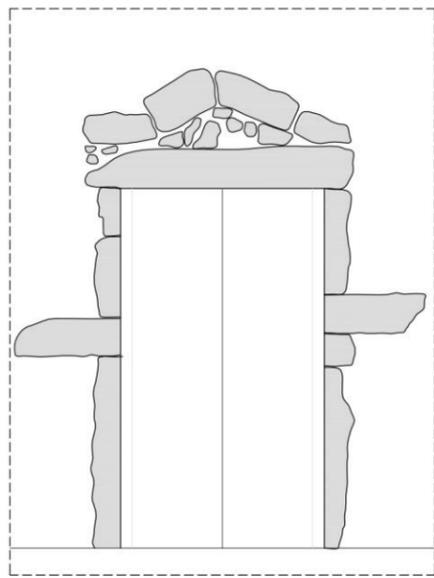
VI1



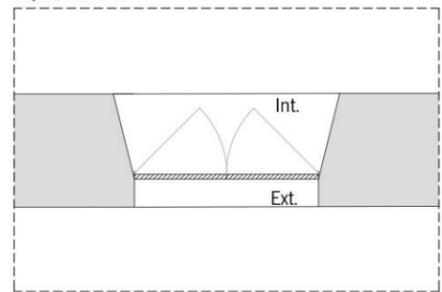
Alçado exterior



Corte

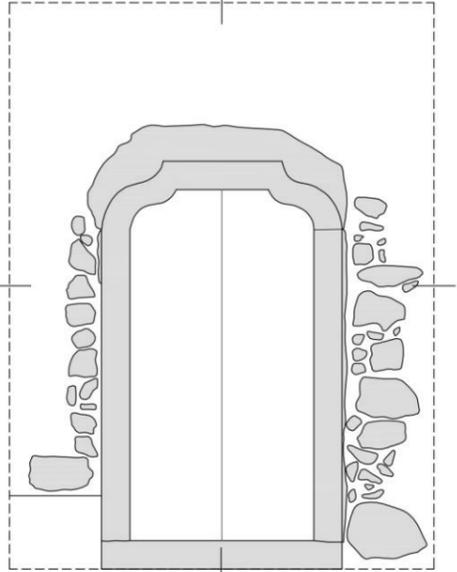


Alçado interior

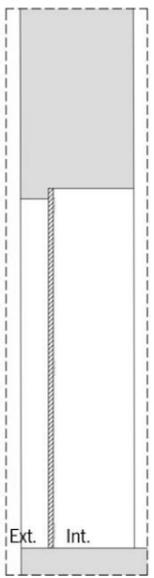


Planta

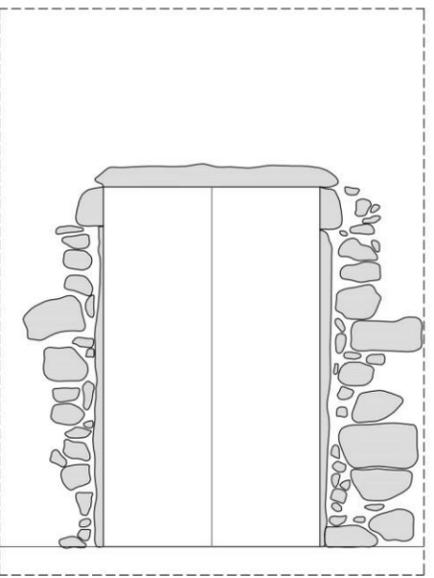
VI2



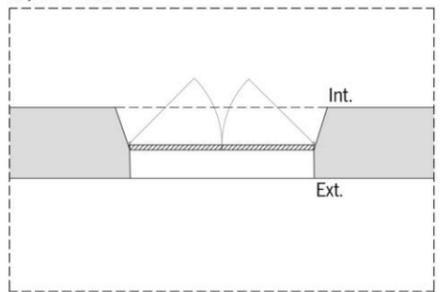
Alçado exterior



Corte

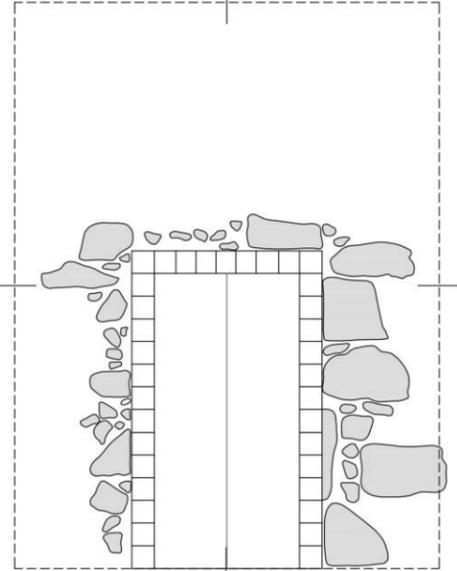


Alçado interior

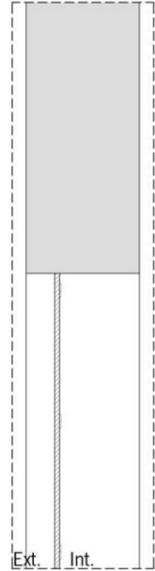


Planta

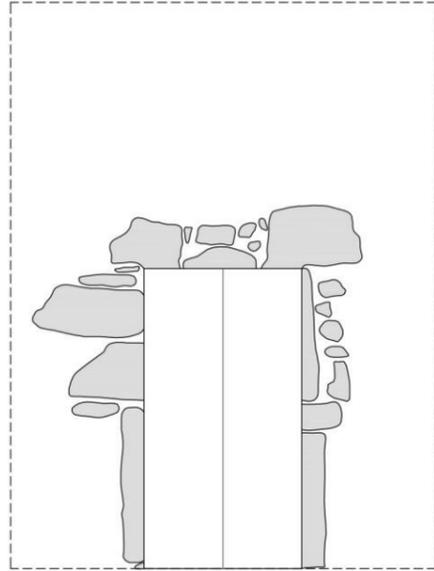
VI3



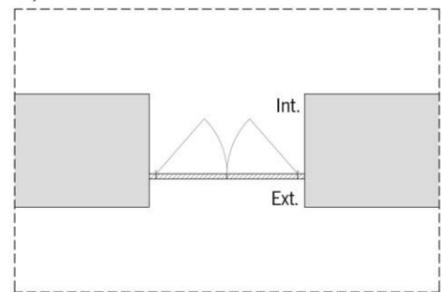
Alçado exterior



Corte

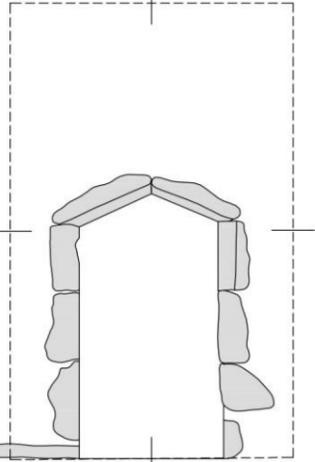


Alçado interior

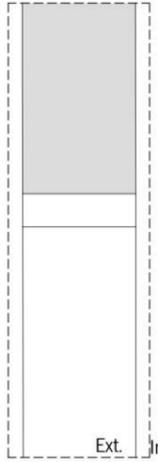


Planta

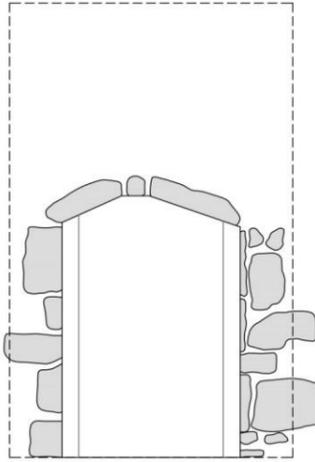
VI4



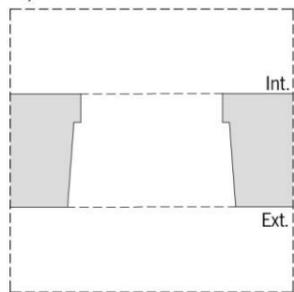
Alçado exterior



Corte

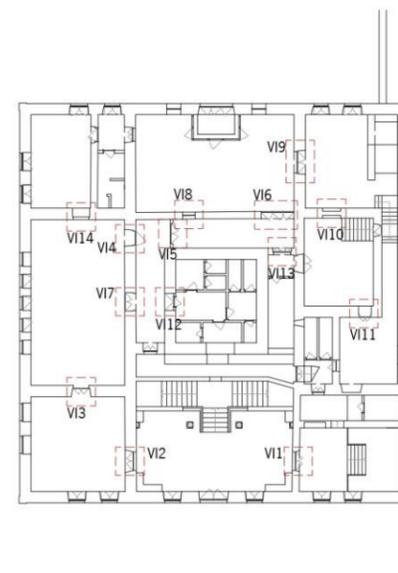


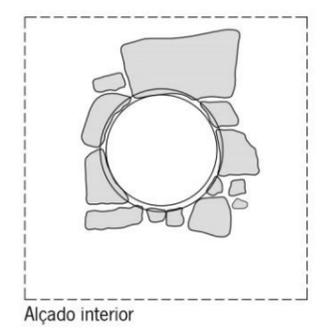
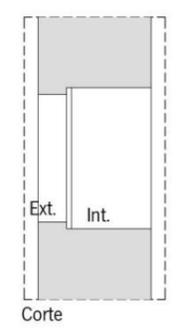
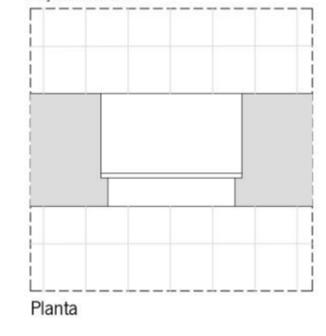
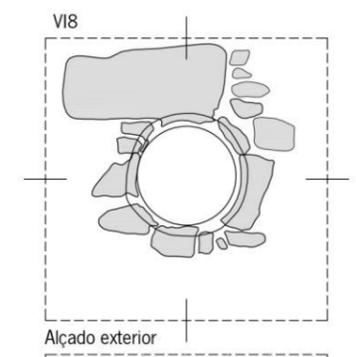
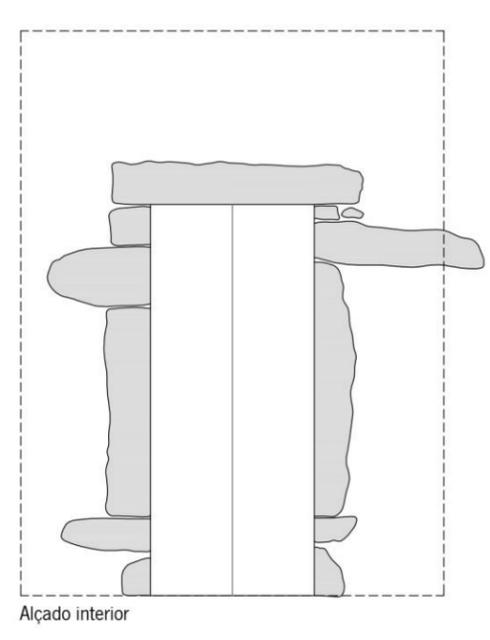
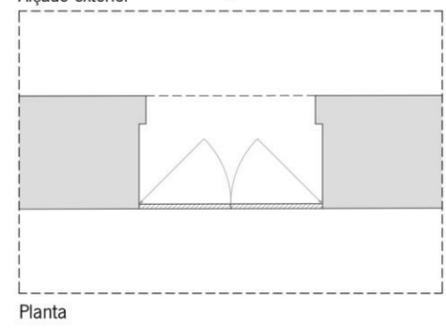
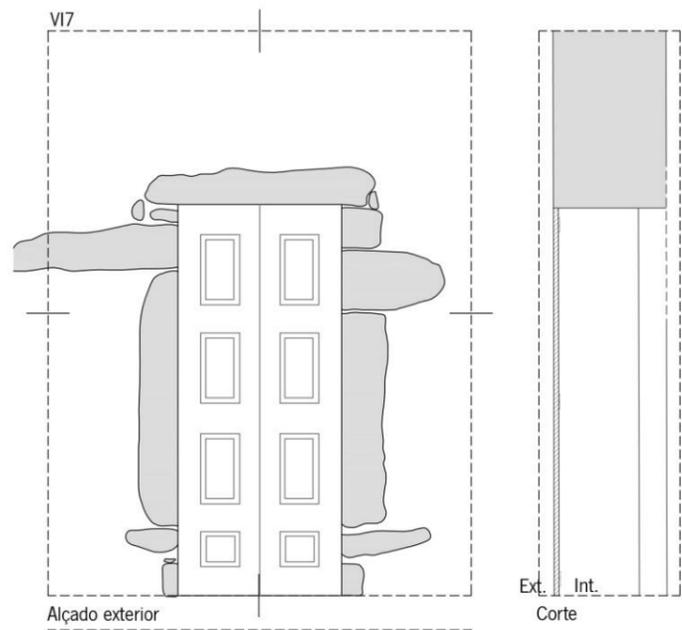
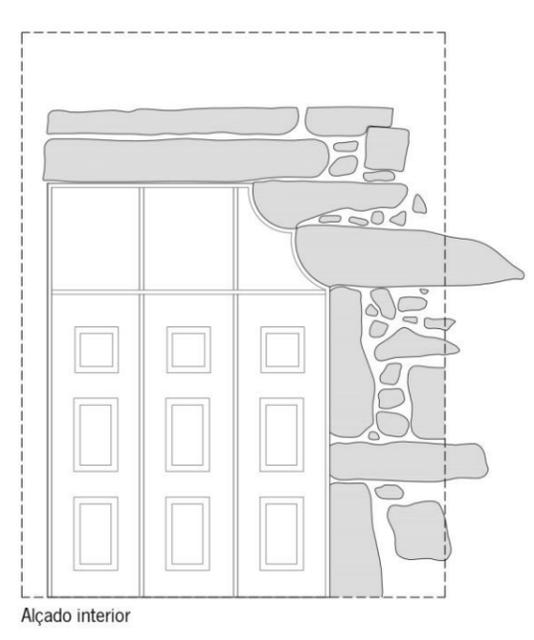
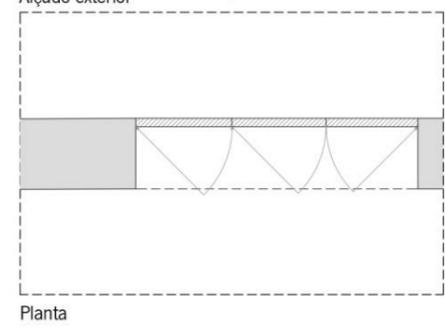
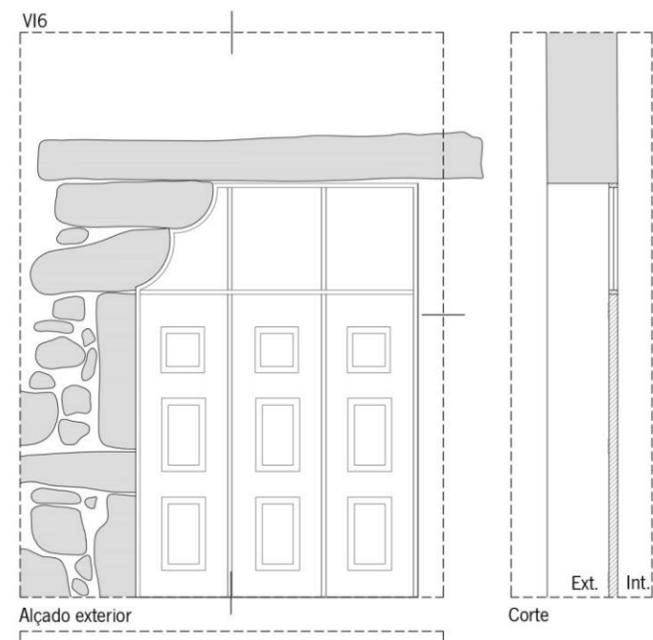
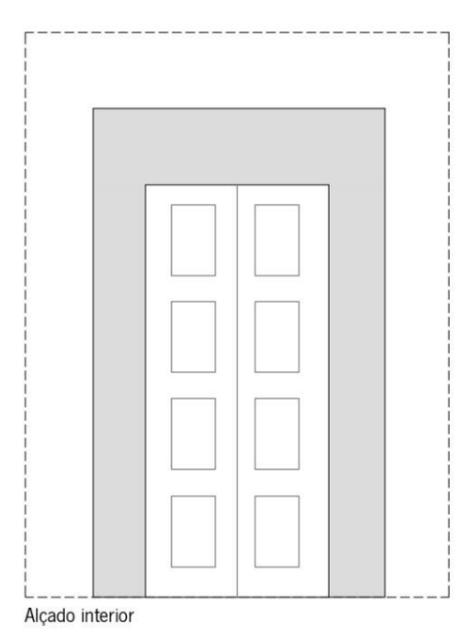
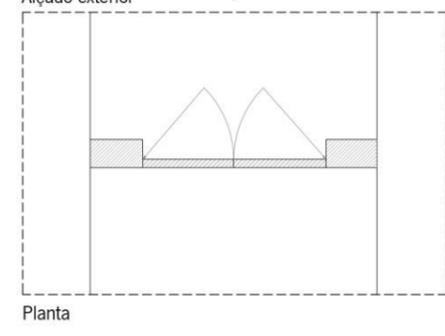
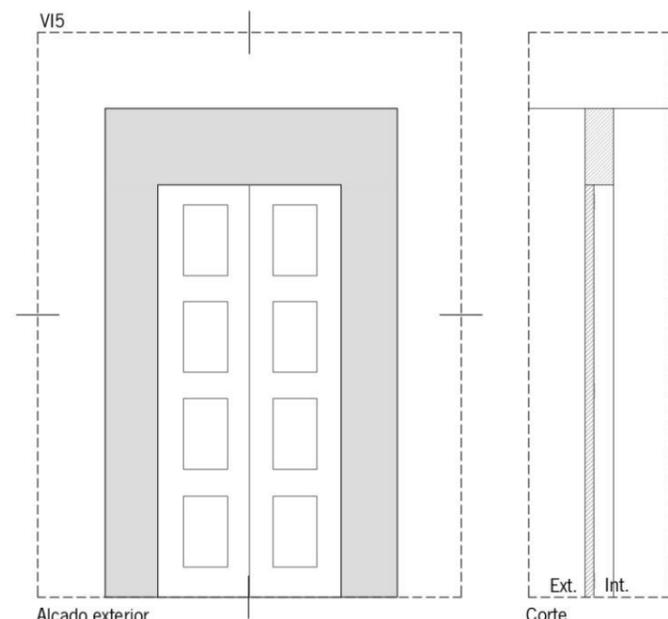
Alçado interior



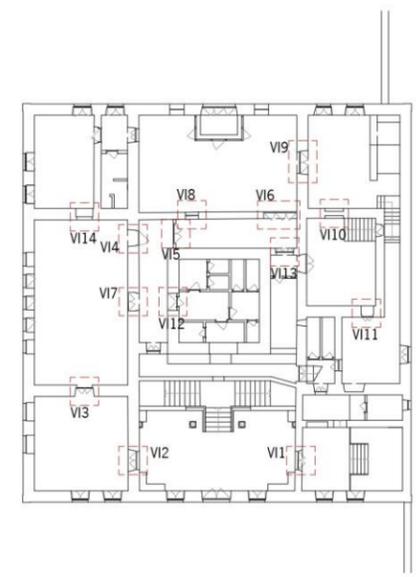
Planta

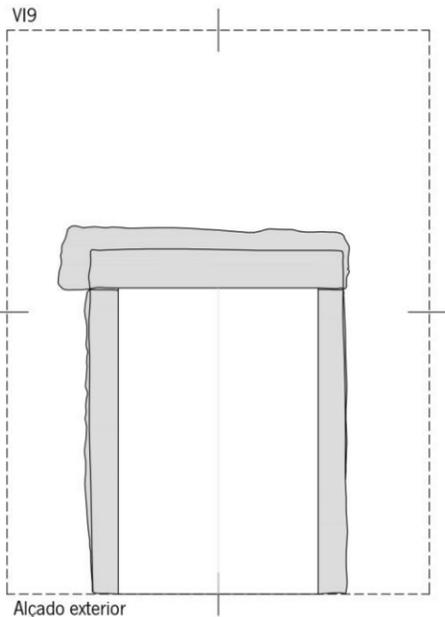
Mapa de Vãos Interiores Piso 0



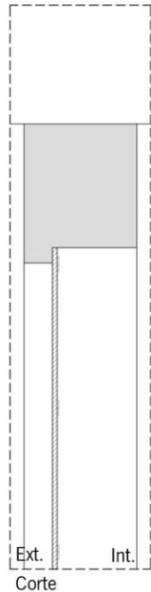


Mapa de Vãos Interiores Piso 0

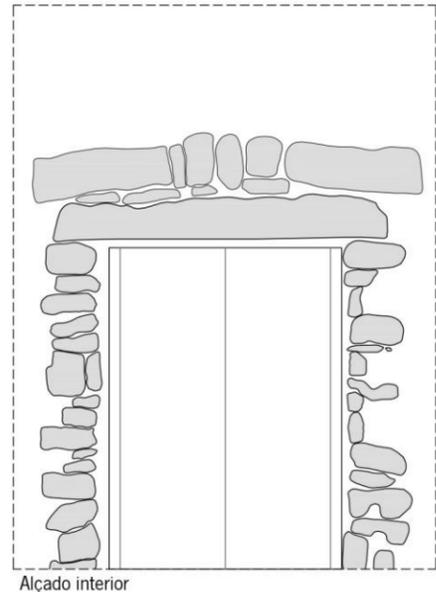




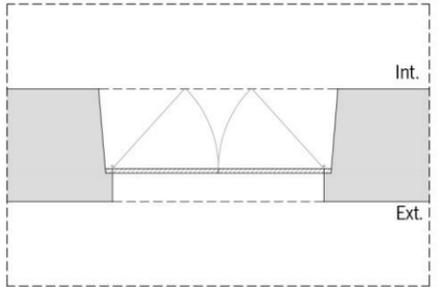
Alçado exterior



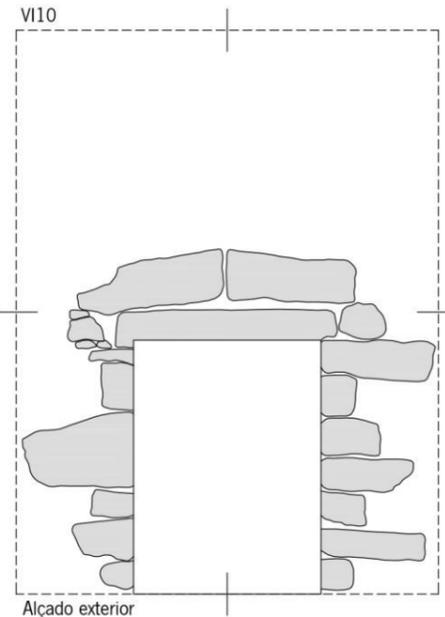
Ext. Int.  
Corte



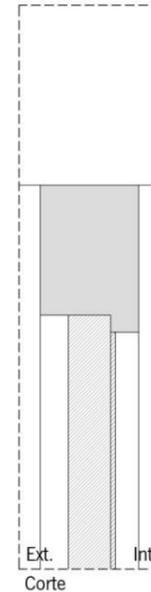
Alçado interior



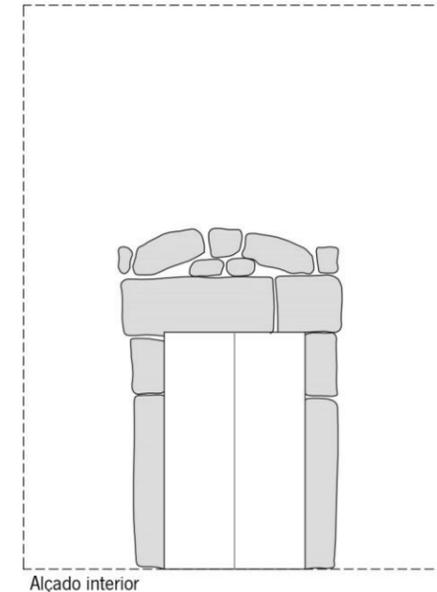
Planta



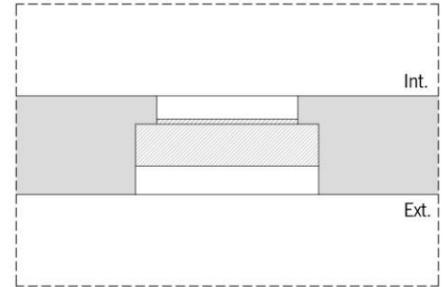
Alçado exterior



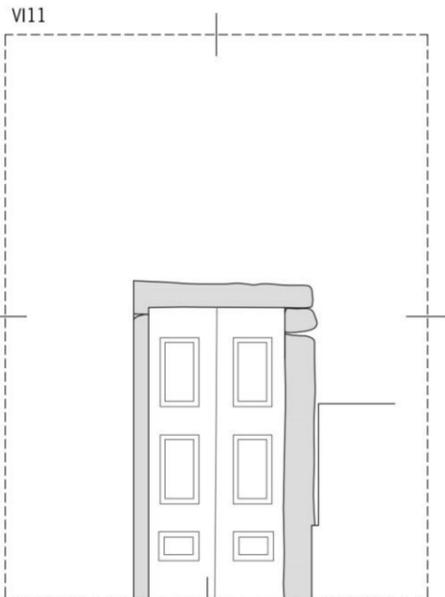
Ext. Int.  
Corte



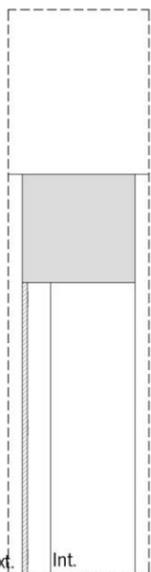
Alçado interior



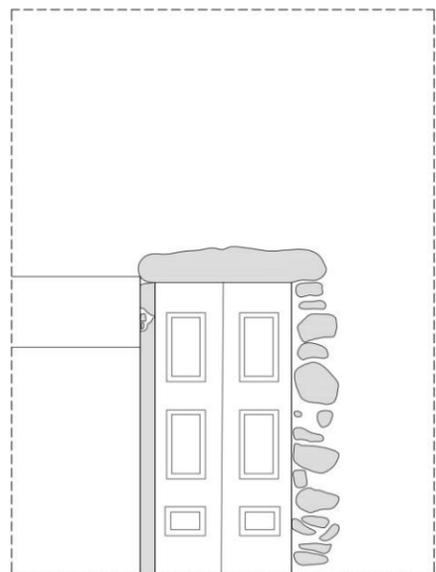
Planta



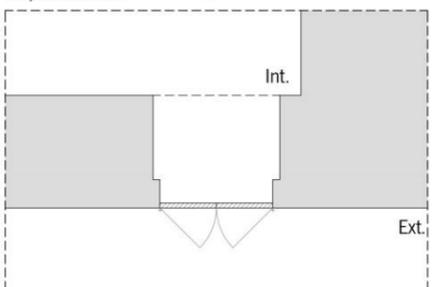
Alçado exterior



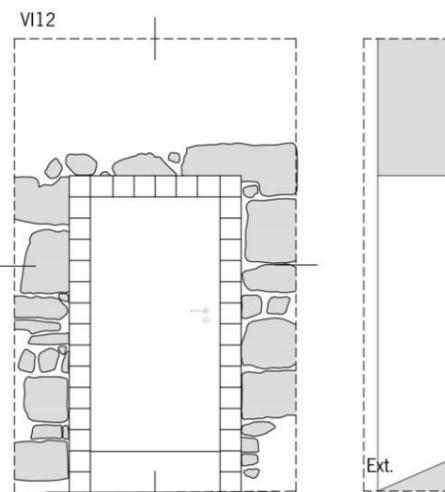
Ext. Int.  
Corte



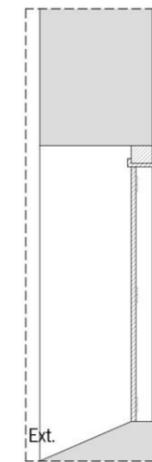
Alçado interior



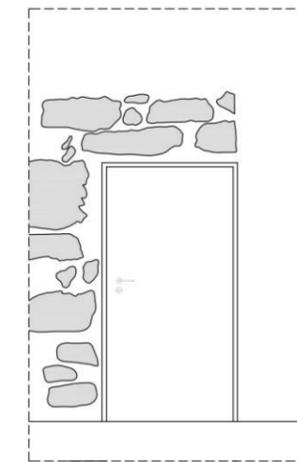
Planta



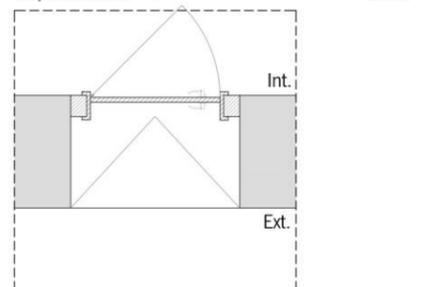
Alçado exterior



Ext. Int.  
Corte

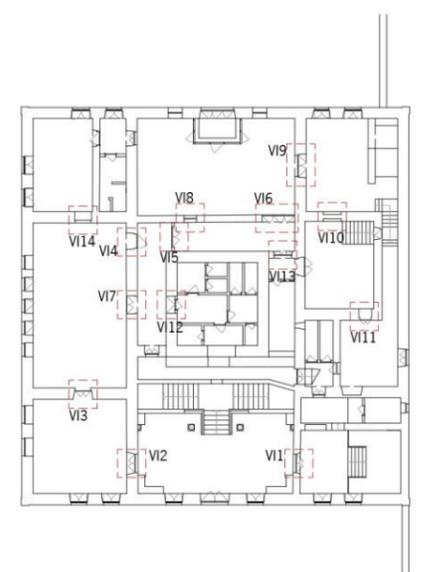


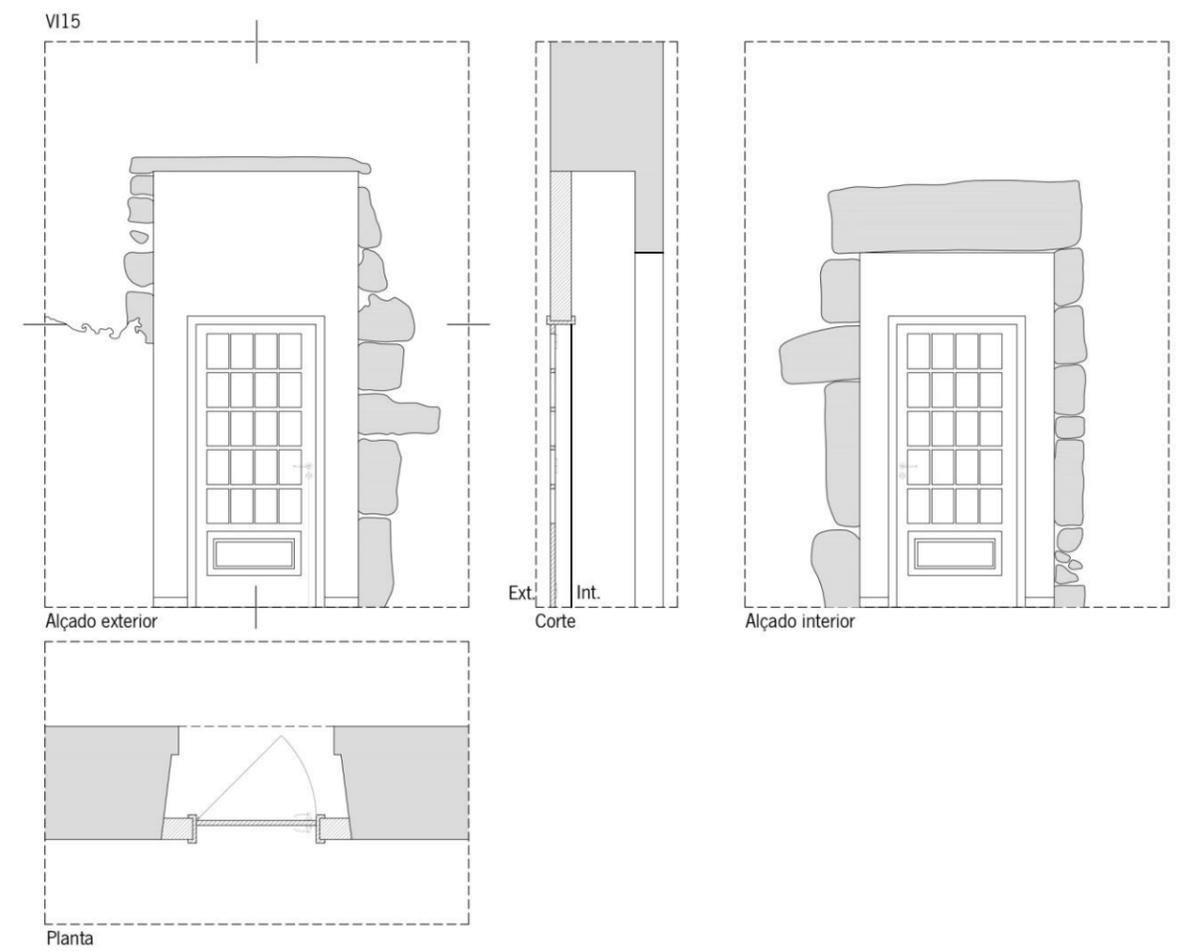
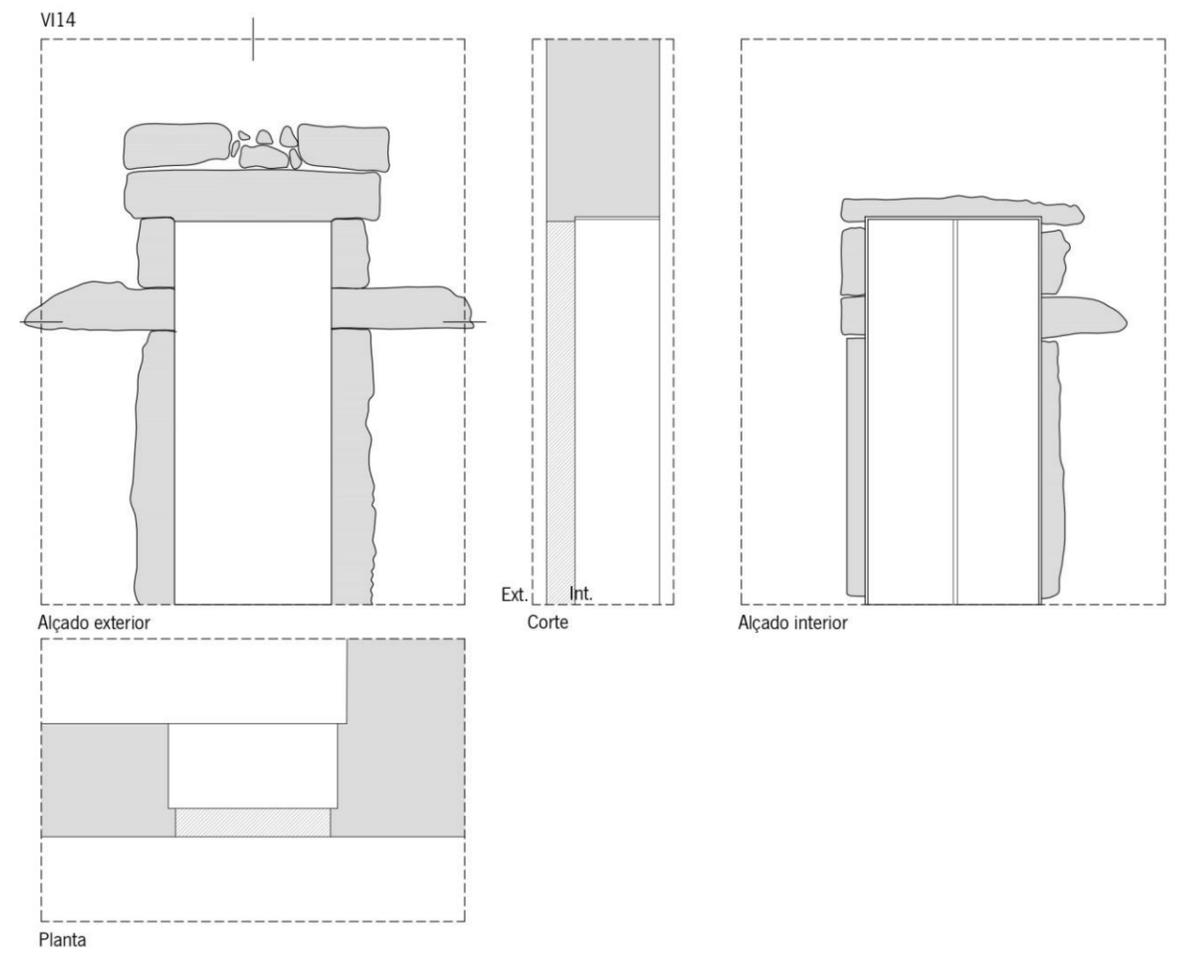
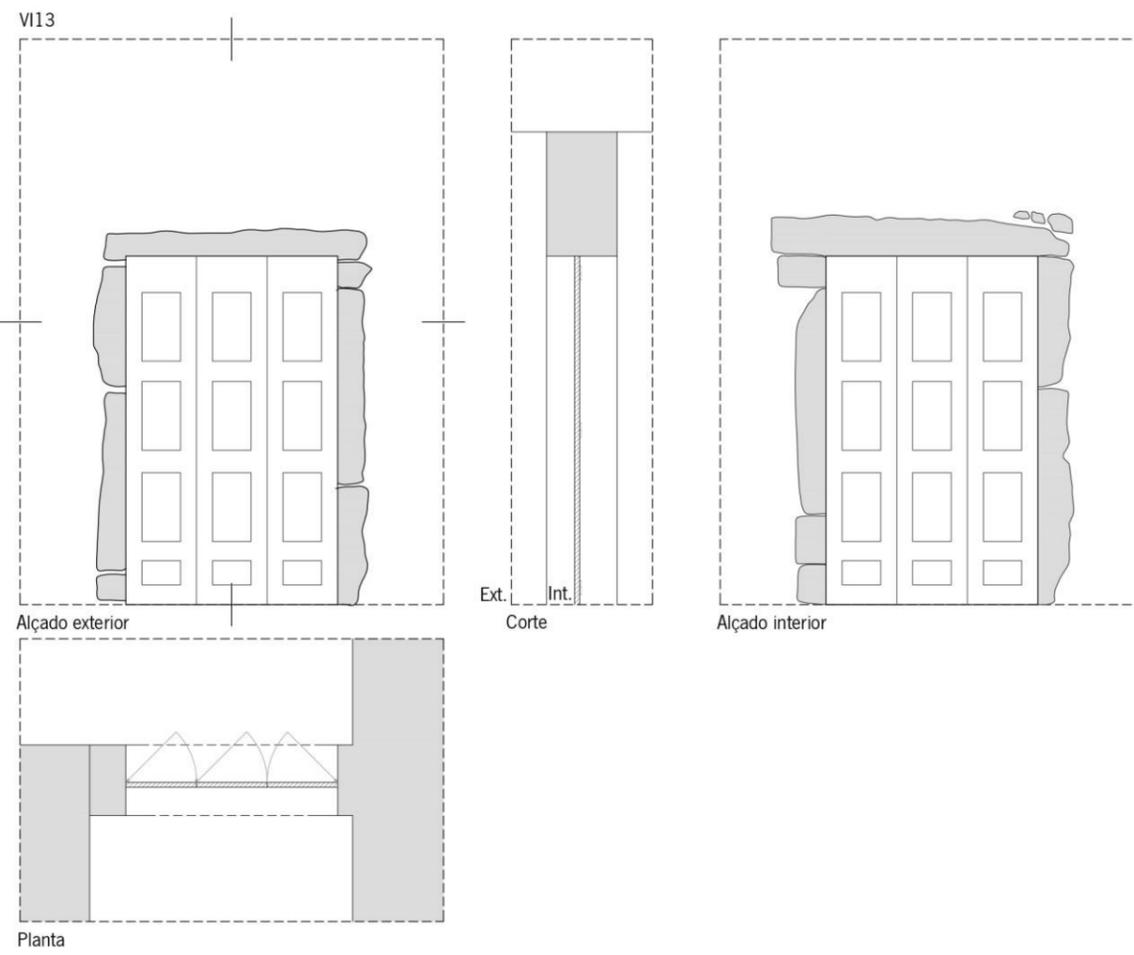
Alçado interior



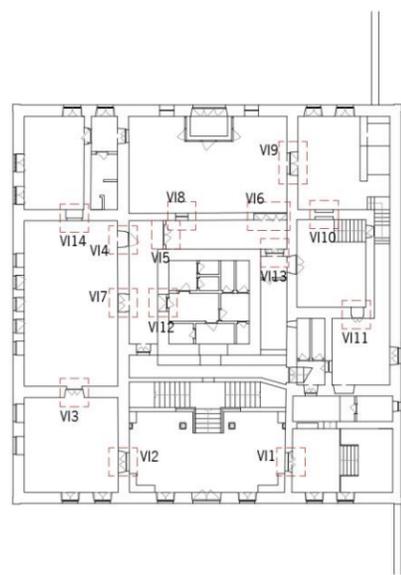
Planta

Mapa de Vãos Interiores Piso 0

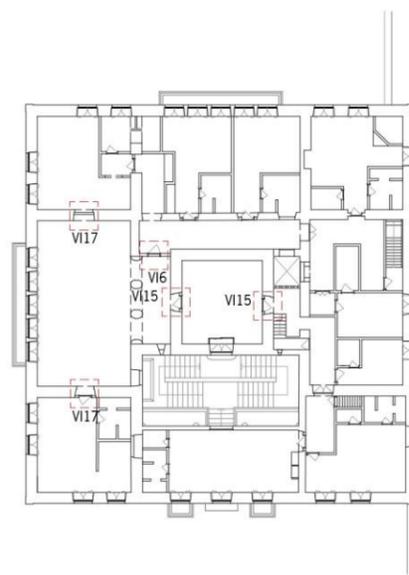


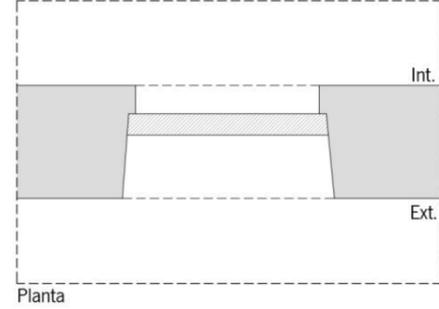
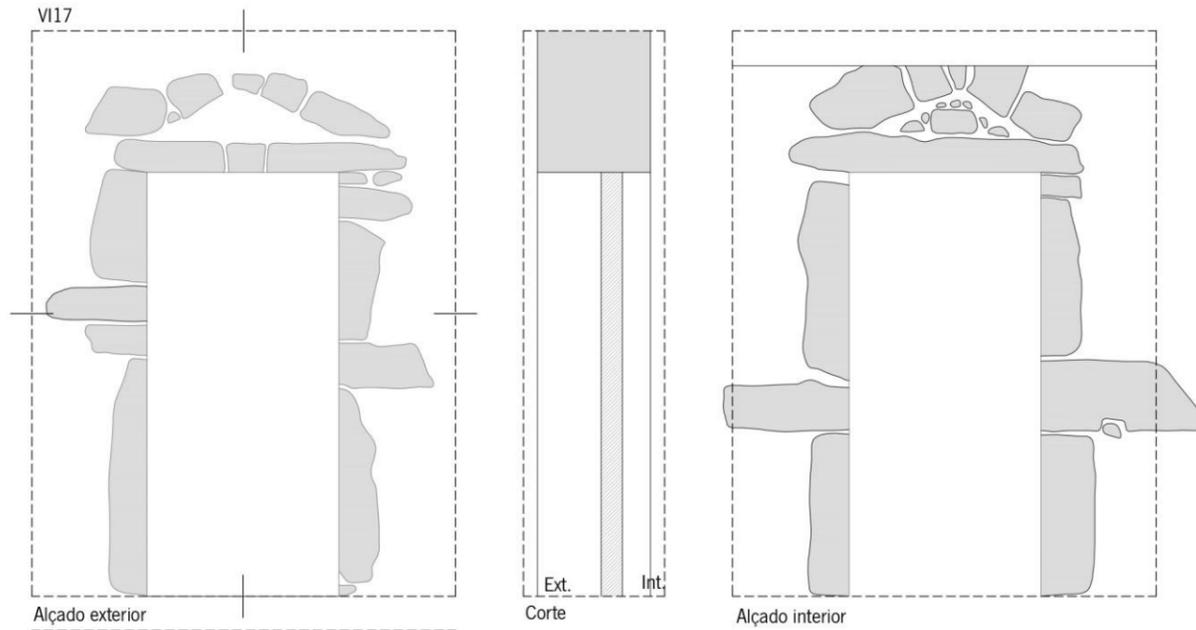
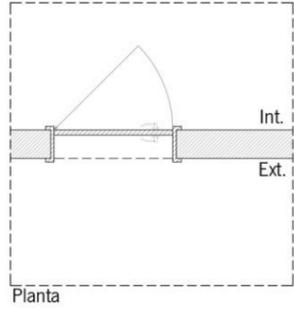
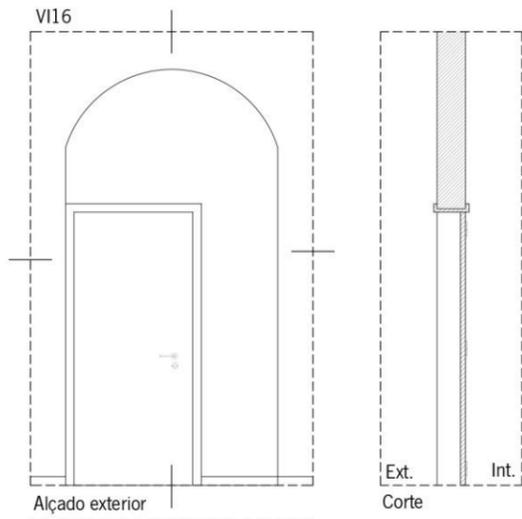


Mapa de Vãos Interiores Piso 0

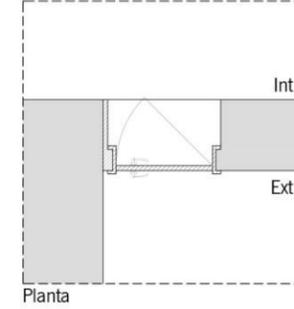
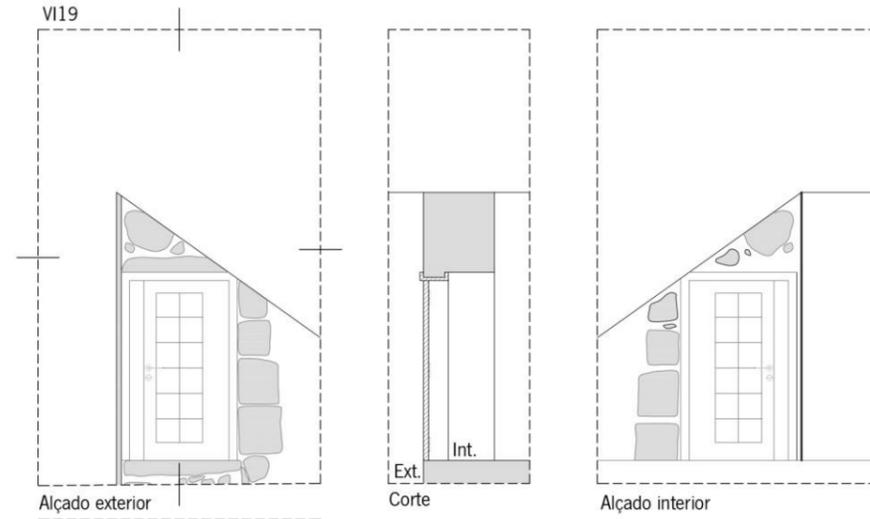
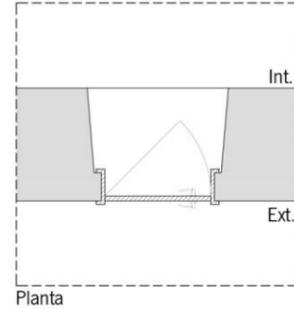
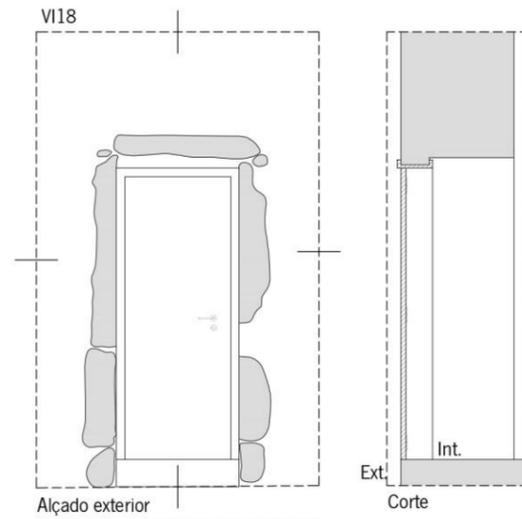
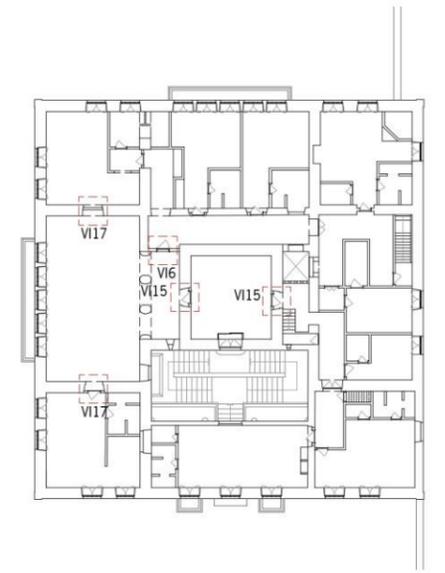


Mapa de Vãos Interiores Piso 1

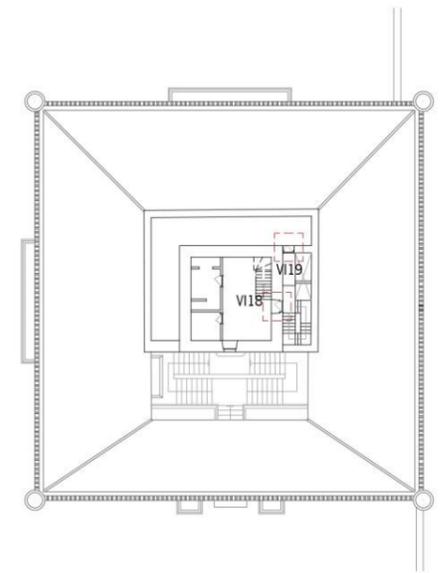




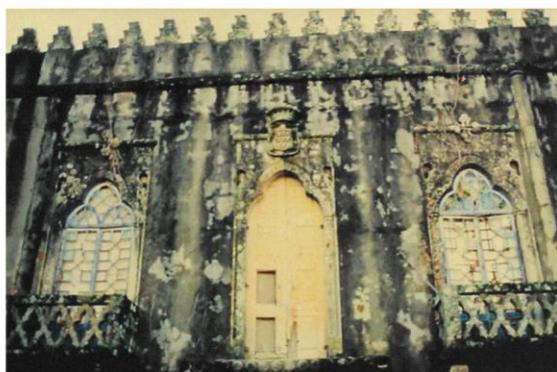
Mapa de Vãos Interiores Piso 1



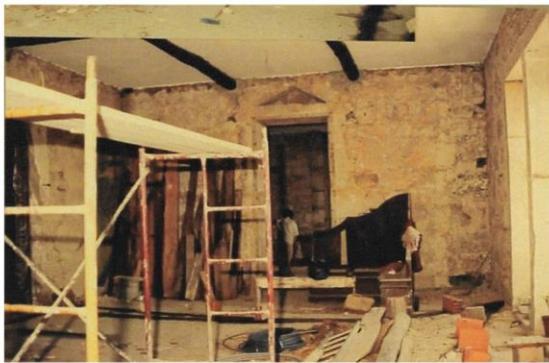
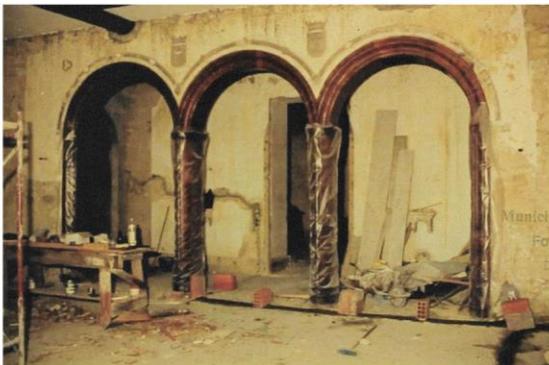
Mapa de Vãos Interiores Piso 2

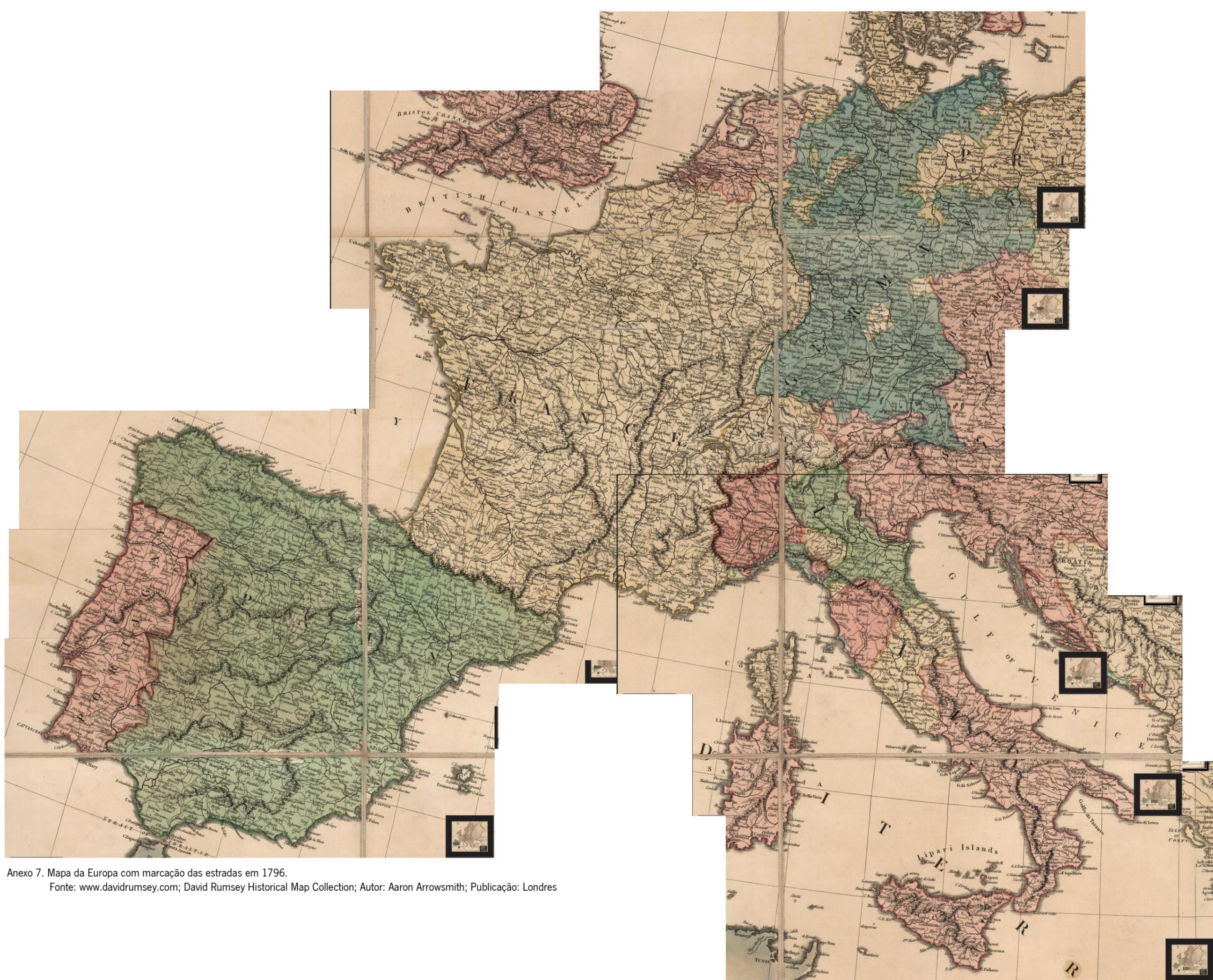






Anexo 6. Fotografias antes da intervenção de 1990 e nos dias de hoje  
Fonte: Peças fotográficas do “Processo Castelo Souto da Silva”, nos arquivos da Câmara de Viana do Castelo





Anexo 7. Mapa da Europa com marcação das estradas em 1796.

Fonte: [www.davidrumsey.com](http://www.davidrumsey.com); David Rumsey Historical Map Collection; Autor: Aaron Arrowsmith; Publicação: Londres



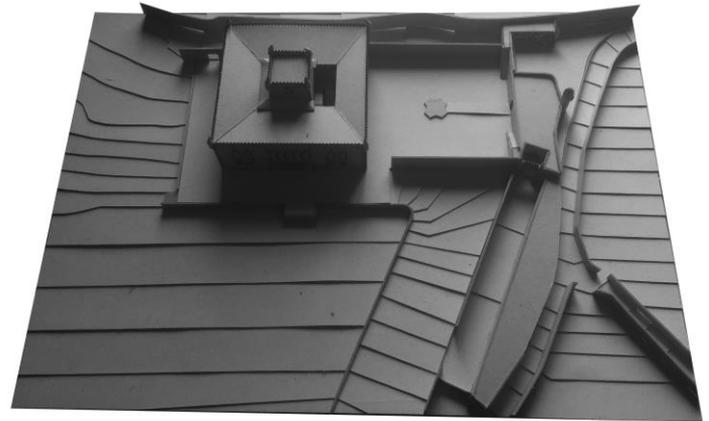
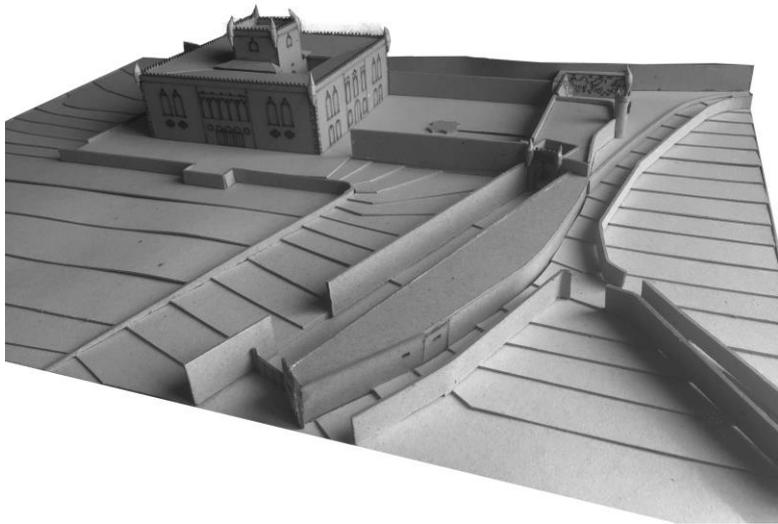
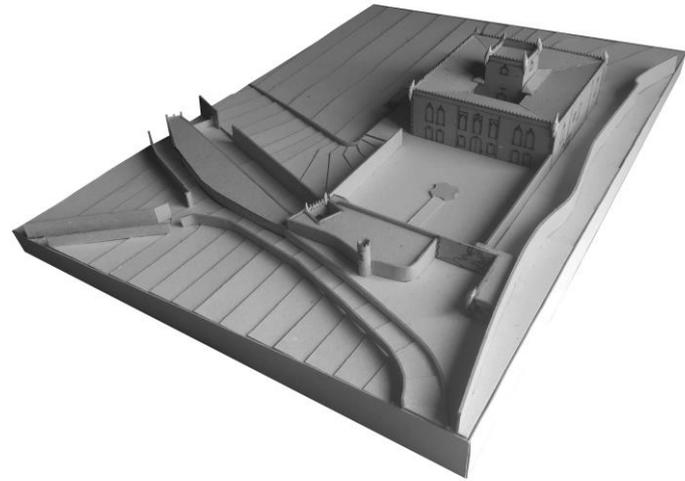
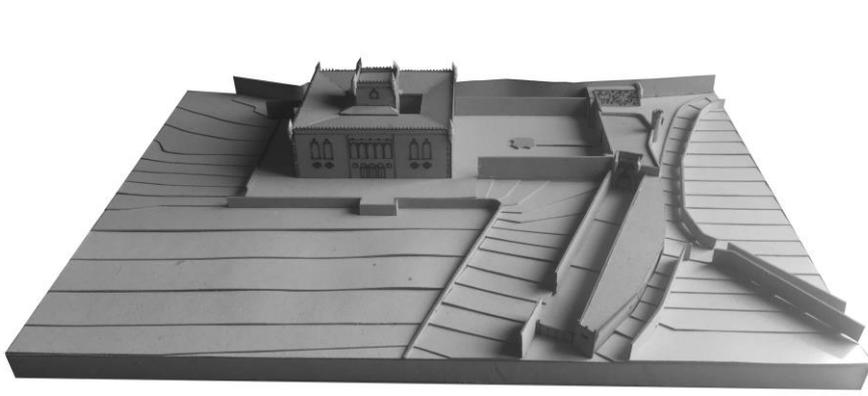
Casas Senhoriais em Viana do Castelo				
Designação	Data de Construção	Data de Reabilitação	Autor do projeto	Mandado edificar por:
Casa dos Melo Alvim	1509-1510	finais do séc. XVI		Almoxarife Pedro Pinto
Casa dos Costa Barros Casa Matriz	séc. XVI			Pitas de Caminha
Casa dos Lunas	séc. XVI		Arq. João Lopes	Jácome Roiz
Casa dos Sá Souto- Maior	séc. XVI	1866; séc. XX	Arq. João Lopes	Rui de Sá Soutomaior
Casa da Carreira	séc. XVI			
Casa dos Alpuim	1553			
Casa da Vedoria	séc. XVII			
Casa Barbosa Maciel	1724-1726	1993 (ampliação)	Arq. Manuel Fernandes da Silva	Cónego António Felgueira Lima
Casa dos Barretos				
Casa do Mirante				
Casa dos Barros Lima				
Casa dos Rego Barreto				
Casa dos Malheiros Reimão	segunda metade do séc. XVIII	1823 (acrescentado o mirante)	Arq. André Soares	Gaspar Malheiro Reimão
Casa dos Monfalim	séc. XVII/ XVIII			
Casa dos Agorretas	séc. XVII/XVIII	1884 (fachada atual)		
Casa dos Werneck	1840			Gaspar da Rocha Pais de Barros Cação Faria Alpuim do Rego Castro

Anexo 8. Tabela Casas Senhoriais de Viana do Castelo

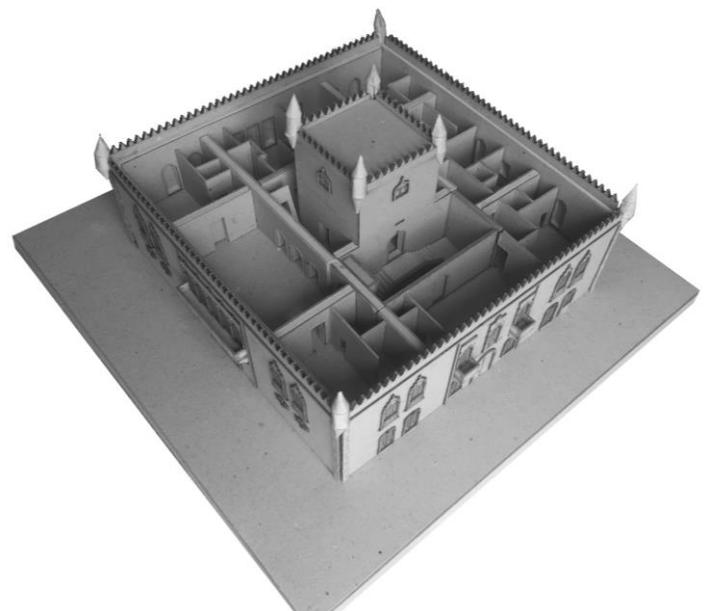
Edifícios Acastelados Revivalistas Nacionais					
Designação	Localização	Data de Construção	Data de Reabilitação	Autor do projeto	Mandado edificar por:
Castelo de Portuzelo	Viana do castelo	1853	1990		António Pereira da Cunha
Casa acastelada dos Oliveira Maya	Porto	1855-1858			Domingos Oliveira Maya
Palácio de santa Gertrudes	Lisboa	c.1870		Giuseppe Cinatti	José Eugénio de Almeida
Castelinho do visconde de Juromenha	Lisboa	2ª metade séc. XIX			João António Pereira de Lacerda
Quinta da Torrinha	Lisboa	1892	1914-1916		José Simões Ferreira Machado
Casa do castelo de Sistelo	Arcos de Valdevez	finais do séc. XIX			Manuel António Gonçalves Roque
Castelo Engenheiro Silva	Figueira da Foz	finais do séc. XIX	1920		Francisco Maria Pereira da Silva
Castelo de Alvega	Alvega, Abrantes	finais do séc. XIX			José Ferreira Santana
Palácio do Conde de Azarujinha	Azarujinha, perto de Évora	2ª metade do séc. XIX			António Augusto Dias de Freitas
Torre da Marquesa	Alferrarede, perto de Abrantes	1891			Carlos do Amaral Pereira e Meneses
Castelo da Boa Vista	Albergaria-a-Velha	1896-1900		Joaquim António Vieira	João Patrício Álvares Ferreira
Palacete Barros	São João do Estoril	1896		Cesare lanz	João Martins de Barros
Palacete O'Neil	Cascais	1897-1904		Luigi Manini; Francisco Vilaça; Karl Albrecht Haupt	Jorge Torlades O'Neil
Palácio Foz /Quinta do Marquês	Torres Novas	1901-1907		Luigi Manini; António Gameiro Serrão	Tristão Guedes Correia de Queiroz
Castelo dos Trigueiros	Fundão	1908		Januário Martins de Almeida	José Trigueiros Martel
Castelo D. Chica/ Castelo de Palmeira	Braga	1915		Ernesto Korrodi	Francisca Peixoto Rego
Casa acastelada da Peninha	Serra de Sintra	1918		Júlio Fonseca	António Augusto de Carvalho Monteiro

Anexo 9. Tabela Casas Acasteladas em Portugal

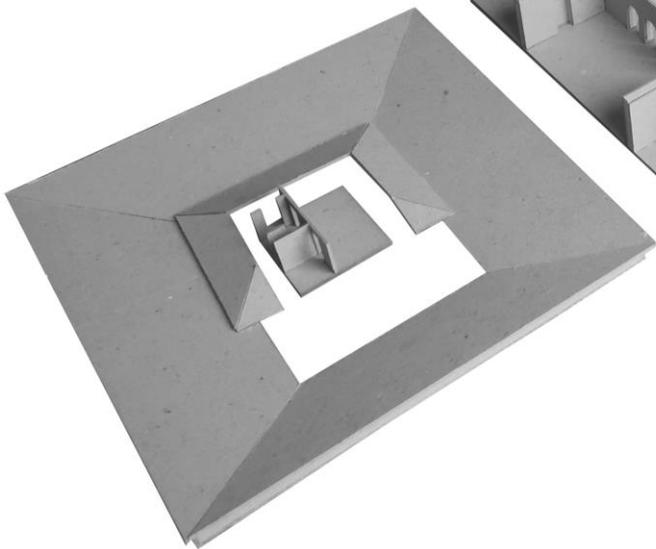
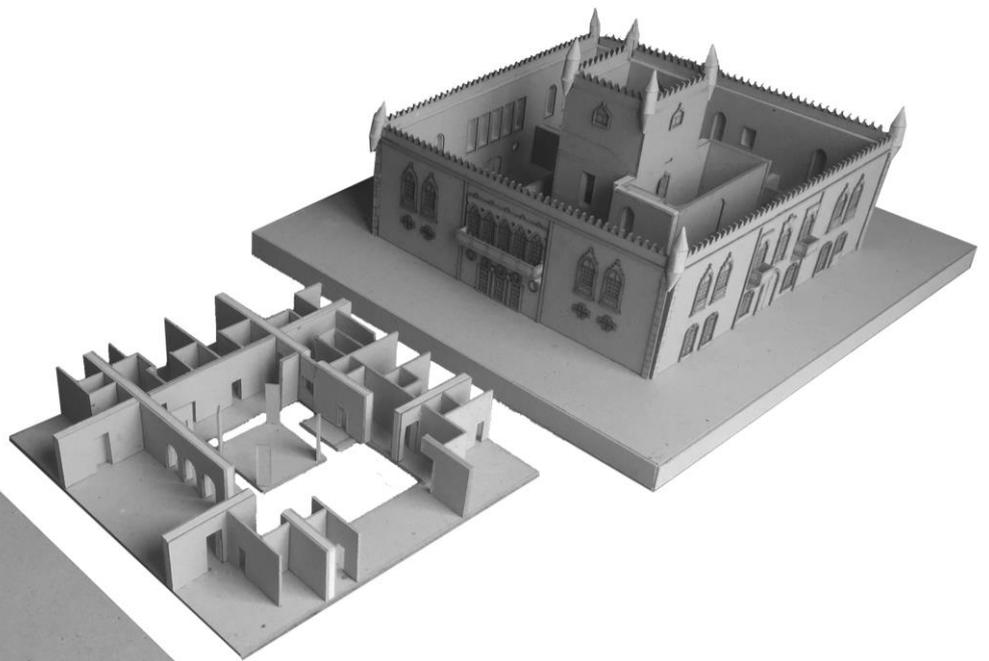
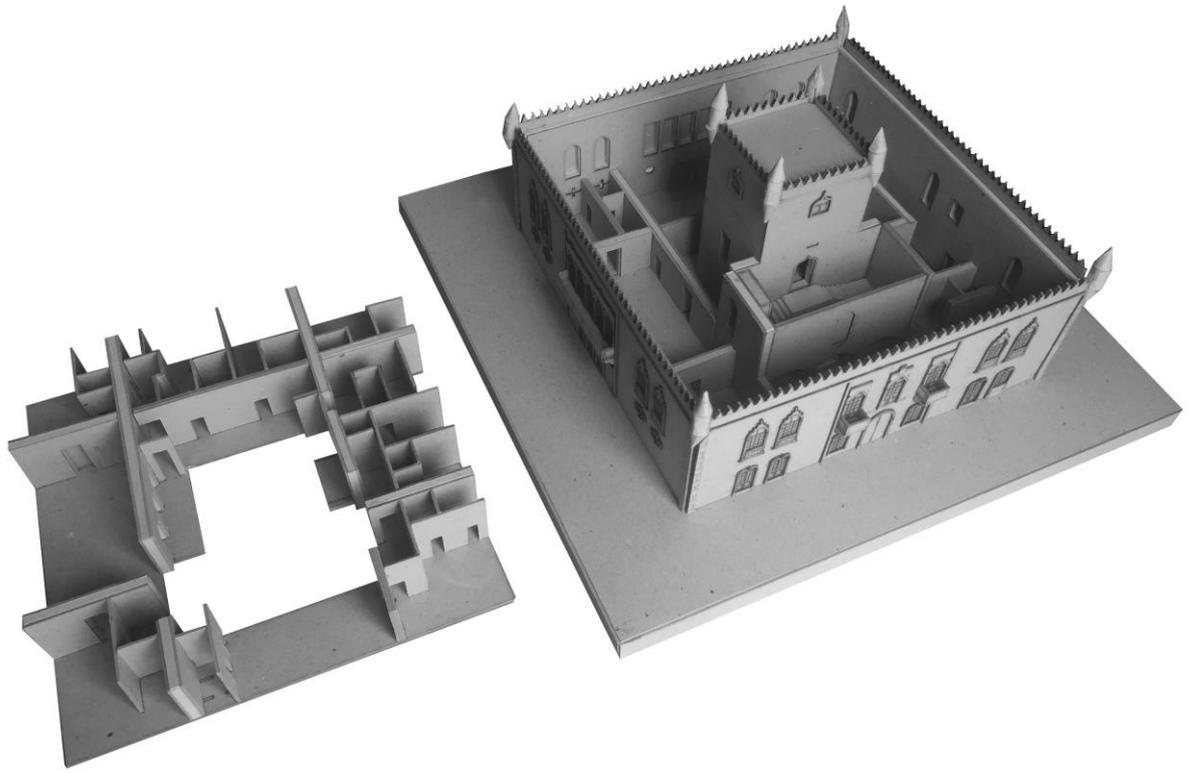
Anexo 10. Fotografias das Maquetes



Fotografias maquete | 1:200



Fotografias maquete | 1:100



Fotografias maquete | 1:100

